



Class 121

Book 123





# REVISTA GERAL

DE

## HISTORIA ANTIGA E MODERNA

COM REFLEXÕES SOBRE AS CAUSAS E CONSEQUENCIAS D'AQUELLES  
ACONTECIMENTOS QUE TÊM PRODUZIDO MUDANÇAS NOTAVEIS  
NO ESTADO GERAL DA HUMANIDADE

### EM UMA SERIE DE CARTAS

PELO AUTHOR DA REVISTA GEOGRAPHICA E HISTORICA DO MUNDO;  
DAS CARTAS SOBRE O ESTUDO POLITICO DA EUROPA;  
DA HISTORIA NATURAL, ETC. ETC.

VERSÃO DE

**GUILHERME BEAD CABRAL**

Membro correspondente da Academia Philomatica  
do Rio de Janeiro

---

PONTA DELGADA

35 — TYP. DE MANOEL CORRÊA BOTELHO, RUA DA ESPERANÇA — 35

1874

387270

29

AMR 20 N. 38

D21  
TP43

3782  
5657

## **PREFACIO**

191

Sendo universalmente reconhecida a utilidade d'informações historicas, uma tentativa que facilite a sua aquisição não deixará por certo de ser bem aceito do publico. Não será, porém, fóra de proposito apresentar um esboço do plano.

Compreender a historia do mundo, em tão resumida obra como esta, parecerá pertencioso; e contudo, tanto quanto merece archivar-se na memoria poderá, talvez, reduzir-se a um pequeno ambito. Narrativas de batalhas e cêrcos, de desolação e carnificina, despidas inteiramente de interesse, mil vezes repetidas, com longo cortejo de circunstancias mal authenticadas e muitas vezes ficticias, poderão agradar ao espirito rude, mas poucô entretenimento offerece ao leitor intelligente, cujas idéas forem mais esclarecidas, e que desejar circunscrever as suas observações.

O espirito investigador, desejando tirar da historia um quadro verdadeiro da existencia humana, contempla a origem e progresso das sciencias e artes, dos systemas e opiniões, e da civilisação e commercio; de toda a massa, em summa, dos melhoramentos do homem, e adiantamento progressivo da sociedade.

Os detalhes d'estes importantes negocios; ou são inteiramente falhos nos registos das idades passadas, ou escassos e incertos; e não podemos d'elles obter mais que idéas geraes.

O leitor que compulsar a historia com vistas de a converter em fonte de informação geral, ou de prompta referencia a acontecimentos Moraes, com as suas causas e consequencias, ou ao estado politico, religioso e social do genero humano nos differentes periodos de tempo, precisa fixar as idéas sobre os factos de mais vulto, sobre os traços e cursos magistraes dos seus negocios, sobre os acontecimentos naturaes que teem, de um modo singular, mudado o aspecto do mundo, determinado as opiniões, ou fixado o destino do homem.

Facilitar a aquisição e reminiscencia da parte mais importante, interessante, e de facto a unica essencial de conhecimentos historicos, é o intuito da seguinte serie de cartas.

Um summario dos factos principaes da historia antiga e moderna é apresentado em ordem chronologica, dividido em dez periodos distinctos, dos quaes o primeiro abrange todo o espaço de tempo desde que ha memoria até á subversão do imperio Babylonico; o segundo contem o praso entre a fundação do imperio Persa por Cyro, e a sua derrubação por Alexandre; o tereceiro abraça o tempo que passa desde o reinado de Alexandre até á vinda de Christo; e o quarto começa na era christã e acaba na elevação de Constantino á soberania do imperio Romano; o reinado d'aquelle principe, em razão da sua importancia singular e effeitos conspicios, é considerado distinctamente no quarto periodo; o sexto começa pela morte de Constantino e finda com a subversão do imperio: d'ahi até ao reinado de Carlos Magno constitue assumpto do septimo; o oitavo data da morte de Carlos Magno e continúa até ao decimo quinto seculo, especialmente caracterizado pelo renascimento das letras, invenção da arte typographica, descobrimento da America e incremento do commercio etc; o nono comprehende aquella idade de empresas e especulações que, começando pelo meado do decimo quarto, continúa até quasi fins do decimo sexto seculo; e o decimo periodo data d'aquella importante éra, e apresenta uma revista geral dos tempos modernos.

A base historica da obra estriba-se na authoridade dos

mais notaveis historiadores; entre os modernos, os doutores Russel e Robertson, o Albade Raynal, Gibbon, Messance, Du Cange, e Montesquieu, além de muitos outros que foram consultados, e coisa alguma se avança de natureza menos authentica.

A obra acaha-se mais construida sobre reflexões, do que sobre factos detalhados, o summario historico servindo simplesmente como base necessaria para observaões. O intuito do author tem sido tornal-a um meio facil para aquelles que pouco conhecimento tem d'este genero de leitura, por falta de tempo ou vocação para compulsarem os numerosos e prolixos tratados que constituem a massa de informações historicas, uma reminiscencia em summa para os homens versados em historia, e que possuem conhecimentos minuciosos de tudo quanto aqui é tratado em globo. O designio inteiro é concentrar a optica da historia do humem, e delinear o estado do espirito humano em todas as suas differentes modificações, nascidas de causas externas e fortuitas. Este trabalho, todavia, não é facil. A narração deve ser concisa e eloquente, a exposição ajustada e pittoresca, a investigação exacta e clara, as observaões acertadas e persuasivas, as reflexões justas e apropriadas.

A sua utilidade é inquestionavel: o publico decidirá do merito da execução.



## CARTA PRIMEIRA

Annuido ao vosso pedido, tomo a liberdade de vos apresentar algumas observações sobre o uso e importancia do conhecimento de historia, acompanhadas de varias reflexões sobre o modo porque a devemos considerar, a fim de a converter em fonte instructiva e agradável de informação geral.

A vossa queda natural conduz-vos ao estudo de historia. Desejaes adquirir um conhecimento geral da humanidade, e esta leitura é o unico meio efficaz que se vos offerece.

Para vos prestar aquelle auxilio, que a mediocridade das minhas forças me permite, aqui vos apresento diversas reflexões e observações sobre as causas e consequencias dos acontecimentos mais notaveis na historia do mundo; com a mira em esboçar a condição geral do homem em cada periodo saliente.

A curiosidade é inherente ao homem, e, até certo ponto, acompanha cada gráo da comprehensão humana, e cada modificação do entendimento. Desde o philosopho até ao camponez, quasi ninguem se encontra que não careça de informação sobre um ou outro objecto; porém, esta curiosidade dirige-se a differentes pontos, em differentes intelligencias, na proporção da sna elevação, ou extensão dos seus melhoramentos previos. Aquelle colosso de litteratura e philosophia moral, o doutor Johnson, diz: «A curiosidade é um dos ca-

racteres mais seguros de uma intelligencia vigorosa, e ainda mais: «A curiosidade é, em grandes e generosos entendimentos, a primeira e derradeira paixão; e, talvez, sempre a predominante em proporção ás forças das faculdades mentaes.» Estes são os encomios que aquelle grande observador do espirito humano despensa a esta paixão; porém, com toda a deferencia a tão respeitavel auctoridade, o louvor é, talvez, antes devido ao curso que toma, que á paixão em si; porque podêmos dirigir a curiosidade aos objectos mais insignificantes como aos da maior importancia. O inculto camponez limita as suas indagações á esphera da sua freguezia, em quanto que o homem de mais elevada intelligencia, fita a attenção nos negocios do mundo em grande, e apetece informações em tudo quanto interessa o homem em geral; os planos politicos, os estratagemas da guerra, as fluctuações do commercio, e o progresso das artes, sciencia e litteratura.

Esta activa curiosidade do homem pôde satisfazer-se de diferentes modos, mas nunca em toda a sua plenitude. O viajante, ao subir uma eminencia, entretem o espirito na expectativa da vista que vae gosar da sua summidade; mas, em chegando a este ponto, tão longe está a sua curiosidade satisfeita, que ella opera com dobrada força, e excita-lhe o desejo de contemplar o panorama que lhe fica fóra do alcance da vista, e que elle espera será diversa e mais agradável á proporção que fôr progredindo.

Do mesmo modo, o homem de intelligencia cultivada, em quanto investiga as maravilhas da arte, ou os phenomenos da natureza, traz a curiosidade continuamente alimentada por objectos novos; e a bisbillhoteira da aldêa, que não dá outro curso aos seus pensamentos que não seja ao dos negocios domesticos dos visinhos, mantem a curiosidade tão forte como incessantemente excitada pelo segredar do escandalo, e frivolidades da visinhança, como pôde o philosopho, quando se entrega á investigação dos mais interessantes phenomenos do mundo physico, moral, ou intellectual.

Segue-se que a curiosidade é uma paixão inherente ao

homem em todas as condições, desde o dourado palacio até á choça de colmo, e opéra com incessante actividade em toda a escala da comprehensão humana; é um objecto de summa utilidade e importancia nos seus devidos termos, porque dirige as operações do espirito no campo do aproveitamento, e dá-nos conhecimentos do genero humano, vasta sociedade, de que cada individuo é um membro. Para isto precisâmos recorrer á leitura. O espirito alimenta se, melhora e aperfeiçoa-se com a leitura e instrucção. O entendimento é um claro, que se póde encher com varias qualidades de materia, e seja elle em que escala fôr, é necessario lêr e reflectir para o robustecer: E por que ella falta, muitos Platãos, Aristoteles, Ciceros, muitos Lockes e Newtons trabalham d'arado.

A leitura e a conversação são os dois grandes conductores d'informação, mas sem que se cultive a primeira, a segunda é inefficaz. O homem que não tiver formado o espirito por meio da leitura não pode dirigir uma conversação, nem colher muita instrucção por aquelle canal.

Tem sido frequente e judiciosamente observado, que a leitura só por si não é sufficiente para nos dar um completo conhecimento da especie humana. Admittindo a justiça d'esta observação, devemos, todavia, considerar a leitura como base de toda a acquisição intellectual, que nos instrue na theoria, do mesmo modo que os incidentes reaes da vida e a conversação nos ensina a parte practica a que chamâmos conhecimentos do mundo, ou do homem.

Para se obter este genero de conhecimentos, a historia é a leitura mais necessaria, e a que mais conduz, sem comparação, a este fim.

Ha livros para todas as capacidades e inclinações, porém, podêmos, sem hesitação, dar a preferencia á historia como vehiculo d'informação geral, e diz Cicero, que a nossa educação começa no berço, e acaba na sepultura, comprehendendo os variados generos d'informação que o espirito embebe durante a vida, por todos os meios tendentes á acquisição de conhecimentos.

A poesia presta-se para entreter a phantasia, para exaltar a imaginação, e agitar as paixões, mais do que a instruir o espirito.

O poeta cria, na sua mente, e procura formar na dos outros, um mundo ideal, quasi sempre mui differente do mundo real. Seus caracteres e descripções são ficticios. E, como a poesia, o romance não é mais que uma effusão da imaginação.

Elle descreve em varias côres as obras, os soffrimentos. ou os successos de imaginarios personagens. A historia, pelo contrario, relata as acções dos homens que realmente existiram, e mostra o que soffreram e o que fizeram. O romance descreve o homem tal como podia ou devia sêr. A historia representa-o como é ou fôra. A primeira, semelhante á poesia, pede os seus traços á imaginação, a segunda recebe-os da natureza.

A historia é a exposição do homem e da vida humana, e a base de conhecimentos geraes. Irradia as idéas, alarga o espirito, e extirpa os prejuizos mesquinhos e menos liberaes, que obscurecem e viciam o entendimento. Desenvolvendo as causas que influenciam e dirigem as opiniões e o comportamento do homem, nas differentes idades, nos differentes paizes, e nas differentes condições da vida, e sob differentes governos politicos e religiosos, a historia tende a inspirar sentimentos liberaes com um espirito de tolerancia e benevolencia universal.

Em quanto contemplâmos os phenomenos do mundo moral, e as scenas infinitamente diversas e complicadas da acção humana, a historia expõe em ordem successiva, como em quadro vivo, todas as differentes gerações. Ella demonstra os effeitos dos systemas politicos e religiosos sobre as nações e sobre os individuos, e aponta a elevação e a queda d'imperios, reinos, e estados, com as causas da sua prosperidade e declinação.

Meditando a historia das nações, temos ensejo para investigar as circumstancias que deram origem á sua existencia, que promoveram o seu engrandecimento, que os precipitaram

do seu apogeu, ou effectuaram a sua final subversão.

Infelizmente os annacs de todos os paizes desenvolvem um tal tecido de fraude e violencia, uma tal serie de guerras, batalhas, traições e estratagemas, que muitos ha que tem denominado a historia um catalogo de crimes e miserias da humanidade. Estas cousas, porem, não devem passar desapercibidas, porque mostram de que modo as paixões humanas operam nas diferentes posições e circumstancias da vida, e as consequencias da sua operação, a extrema instabilidade de todas as cousas sublunares, e a natureza incerta de todas as expectativas humanas; porem, estão longe de constituir a parte mais agradável, ou valiosa da historia. O entretenimento mais racional, como tambem a instrucção mais solida, ministrados pelo estudo d' historia, nascem do ensejo que offerece para contemplarmos o progressivo melhoramento do espirito, a origem, adiantamento e influencia das artes e sciencias, litteratura e commercio, dos systemas e opiniões, o estado geral do homem nas diferentes idades e diferentes paizes, e o seu adiantamento, desde a vida selvagem nos mattos e bosques, até chegar á sumidade de civilisação e conhecimentos que se encontram nas cidades, collegios, côrtes, e senados. São objectos estes que fornecem uma fonte inexgotavel de passatempo racional e interessante informação para um espirito investigador e philosophico; e é por esta razão que cada leitor de historia deve muito attentamente reparar n'aquelles importantes acontecimentos, que constituem epochas na vida social, que operam mudanças permanentes nas condições do genero humano, e que parece ter originado uma nova ordem de cousas.

Estes, como interessantes acontecimentos, devem ser bem investigados.

Estudando d'este modo a historia, um novo campo se nos abre ao nosso exame. Veremos como os homens, estimulados pela necessidade, inventaram primeiramente as artes mais necessarias ás suas commodidades e bem estar; como, do necessario, passaram aos objectos do commercio, e progressivamente aos do

luxo, caminhando de grau em grau d'apuramento desde o avental da folha de figueira até o manto de purpura e capa de arminhos. Um espirito investigador descobrirá os effeitos que que aquellas artes de necessidade, conveniencia e luxo, teem produzido sobre as condições da especie humana, dando vida ao commercio e a toda essa infinita variedade de officios tão intimamente ligados, a ponto de serem essencial e reciprocamente necessarios, e que não contribuem pouco para cimentar o edificio da sociedade, tornando os homens mutuamente dependentes uns dos outros. Observaremos que os homens, mal começaram a assentar e a multiplicar, conheceram a necessidade de se unirem em sociedade, de definirem as suas respectivas posições, e segurarem a posse da propriedade; de estabelecerem uma subordinação regular na sociedade, de reifrearem desejos desordenados por leis salutaes, e de se sujeitarem a uma forma regular de governo; e veremos como aquelles governos, estabelecidos para o bem commum, depressa degeneraram em tyrannia; e como, por continuadas usurpações, guerras e conquistas, uns absorvendo outros, se uniram, formando extensos e poderosos imperios.

Se os historiadores, mormente aquelles de remotas éras, tivessem dado a esses interessantes pontos toda a attenção que lhes cumpria, em vez d'encherem volumes com pouco mais que descripções de guerras, batalhas, sitios, assassínios, usurpações e massacres, teriamos tido uma muito mais exacta e mais interessante historia do mundo do que hoje possuímos, ou esperamos nunca possuir; mas infelizmente os antigos escriptores prestaram pouca attenção áquelles objectos, em quanto dão nos detalhados annaes de mortandade e dessolação com a maior minuciozidade, como se tivessem as scenas de morte e sangue como unico assumpto digno da attenção da posteridade, e que podesse recriar o leitor. Se elles tivessem dado ás suas sanguinolentas paginas uma côr mais mimosoza, animando-as com descripções commerciaes, scientificas e litterarias, a historia seria muito mais instructiva, deleitoza, e aproveitavel.

## CARTA SEGUNDA

Como sabeis, tem sido observado por muitos e competentes juizes, e até mesmo asseverado por alguns que fallam por experiencia propria, que a leitura de historia contribue poderosamente para o desenvolvimento d'idéas marciaes e para dirigir o gosto da mocidade inexperiente para a vida militar. Relatam alguns historiadores, que, quando os godos foram convertidos ao christianismo, e que a escriptura sagrada foi vertida para o seu idioma, julgou-se prudente omittir n'aquella traducção os livros dos reis, por cauza das frequentes narrações de guerra e carnificina, e com receio que aquelle exemplo estimulasse seu animo guerreiro e selvagem a actos de violencia, para os quaes tinham uma natural tendencia; e que, por uma interpretação fatal, pensassem que a guerra, conquista, e rapina, eram sancionados pela religião que tinham abraçado. Se isto é exacto, claramente se vê a opinião que os homens esclarecidos d'aquelle tempo entretinham da influencia que tem as descrições d'empresas militares sobre o espirito inculto. Todavia, esta influencia não se attribue inteiramente ao systema de narração adoptado geralmente pelos historiadores; mas tambem a errada intelligencia da parte do leitor, ou á sua falta de reflexão.

O espirito juvenil pode ser facilmente mal encaninhado por um louvor imprudente, tributado áquelles cujos talentos militares os tornaram felizes em campanha, até mesmo quando aquelles talentos se empregavam na usurpação de thronos a que não tinham direito, ou na conquista de paizes cuja soberania não podiam reclamar. Mas o leitor de si mesmo se deve queixar, se se deixar seduzir por idéas romanticas, ou se tirar concluzões erradas, por menos justas e appropriadas reflexões sobre as acções e acontecimentos da vida humana e suas consequencias. Uma reflexão qualquer, não só lhe daria uma idéa clara dos crimes de muitos vultos da historia, como tambem o convenceria da extrema incerteza da fama militar.

Devemos admittir, sem restricção, o valor intrinseco e incontestavel respeitabilidade das qualidades militares quando bem dirigidas: O abuzo d'ellas é que tão sómente se faz condemnavel.

A classe militar é, e deve ser respeitada; porém a necessidade da sua existencia é que é um mal moral; e o folgar em guerras é culpavel. A verdadeira coragem consiste em resistir ao infortunio, ou á aggressão, em quanto for possivel, em soffrer a adversidade com magnanimidade e inabalavel fortaleza; a indole de maltratar o nosso semelhante não é caracteristico de valor, mas sim d'uma ferocidade selvagem. Não podemos demasiadamente elogiar aquelles que, chamados em defeza da patria, se distinguem pela sua coragem e bravura em campanha. A pericia militar, e o sangue frio, entre os horrores e os perigos da guerra, juntos ao amor da paz, caracterizam o verdadeiro heroe; em quanto que o deleite sanguinario na carnificina é o signal inequivoco do barbaro, e proprio d'um Atila, d'um Bajazeto, ou d'um Tamerlão.

Se aquelles que se deleitam em compulsar a historia de feitos militares entendessem, ou quizessem reflectir sobre a natureza da guerra, verião sobre que infinidade de cauzas imprevistas e aparentemente triviaes, depende o bom exito d'uma campanha, ou d'uma expedição militar, e descobririam que aos exforços combinados d'uma multidão de combatentes subordinados, desde o chefe de divizão, até ao soldado raso, está dependente o resultado d'uma acção e a gloria do commandante. Se entrarmos n'uma justa apreciação das acções humanas, acharemos que a maior parte dos heroes da historia mereceram antes o titulo de saltadores e assassinos do que o de conquistadores; mas a loucura dos homens sobrecarrega muitas vezes de pompozo louvor, aquelles caracteres dignos do seu desprezo, e em vez d'occuparem um logar nos annaes da posteridade devião

«Jazer esquecidos a par dos tyrannos,  
E em pó desfazer-se as estatuas e nomes»:

Arrepiamos nos com a idéa dos sacrificios humanos dos Phinicios e Carthagezes e outras nações da antiguidade; dos Mexicanos, ha apenas tres seculos, e ainda hoje entre muitos povos dispersos nas ilhas do mar pacifico, e recentemente descobertas pelos nossos modernos navegadores; e não podemos deixar de olhar com uma mixtura de dó, desprezo etedio, gentes que offerecem taes holocaustos:

Porque estranha illuzão—é que, quando acontece ver-se um homem, sobre cujo altar de ambição e avareza, mais victimas foram imoladas em um dia, que as referidas nações sacrificaram em meio seculo, nos prostramos e adoramos o ensanguentado idolo?—Se, em summa, esse heroe, tivesse, pelo só poder de seu braço, ceifado as fileiras inimigas e reduzido centenas e milhares de creaturas a pó, poderíamos, talvez, respeitá-lo como um ente superior, com quanto malevolo, e, pelo terror de seu nome, cair aos pés do grande destruidor. Porém, infelizmente, vemos no poderozo conquistador muito apenas um homem fraco e enfermo como nós, inferior, talvez, em coragem e forças, a muitos soldados do seu exercito; e que não possui dotes phisicos ou moraes, pelos quaes, em igualdade de circumstancias, podesse sobresair a muitos individuos entre a multidão deseonhecida que segue o seu estandarte.

Se os historiadores teem offuscado a posteridade com as deslumbrantes côres com que nos pintam os feitos dos seus celebres destruidores do genero humano, o leitor perde-se por não reflectir devidamente nas circumstancias que acompanham aquelles acontecimentos.

Lendo as façanhas d'Alexandre, Scipião, Hannibal e Cezar, ou d'outros modernos cabos de guerra, seguimos attentamente o chefe, admiramos a sua pericia militar, e sentimo nos interessados na sua sorte, sem ao menos pensarmos um momento na multidão d'inferiores que caem a seu lado, e no immenso numero de victimas sacrificadas, antes que o idolo resplendente se eleve ao seu altar. Se cada um, cuja imaginação se escandece d'enthusiasmo militar, tivesse a certeza d'alcançar

toda a fama e gloria que deseja, a ambição teria alguma desculpa, mas aquelles que desejam obter nomeada, dessolando o mundo, e destruindo os seus semelhantes, deveriam considerar que gloria e fama não podem ser a partilha de todos; e que nas legiões romanas houve só um Cezar, e um só Alexandre no exercito que conquistou a Persia. De todos os officiaes subordinados que serviram sob as ordens d'aquelles celebres conquistadores, quam poucos se acham enlistados nos annaes da gloria militar ! Quam poucos transmittiram seus nomes á posteridade ! E, contudo, muitos d'aquelles heroes secundarios eram iguaes em coragem e destreza ao commandante em chefe. Os Commandantes de destacamentos e devizões, com quanto o resultado do plano geral d'operações dependa principalmente do seu merecimento, raras vezes teem a fortuna de verem seus nomes baixar á posteridade, em quanto que aquelle do general sobresaie nos annaes da historia.

O olhar fixa-se sempre sobre o commandante em chefe. Com quanto Cezar, nos seus commentarios, se não recuza a reconhecer o merito, e a deserever os feitos dos seus officiaes, pouco sabemos do seu caracter e talento. Do perigo e fadiga da guerra da gallia partilharam elles; a gloria da conquista porém é toda de Cezar.

Os grandes chefes, que serviram com Alexandre, com quanto fossem homens de habilidade militar consummada, soldados de provado merecimento e coragem, disciplinados sob os marciaes pendões, e instruidos por Philippe de Macedonia, teriam passado desaperecebidos, se não tivessem apoderado e dividido entre si, os dominios do seu victorioso senhor, exterminado a sua familia, e tingido as eans no sangue uns dos outros, fazendo-se mais conspicuos pelo crime do que por seus talentos politicos e militares.

Se estudassemos historia philosophicamente, deveriamos, lendo a descripção d'uma campanha, em vez de prestar a attenção inteiramente á sorte do general, contemplar igualmente as privações soffridas pelos bravos soldados que compõe o seu exercito, e a cujo valor e esforços elle deve o seu triumpho

e gloria. Se pensassemos no infinito numero de combatentes que dizima, não só a espada, mas tambem a fome, a epidemia e a fadiga, inseperaveis da guerra, e que baixão á valla, desconhecidos e sem distincção, achar-nos-biamos habilitados a formar melhor juizo dos horrores das batalhas e descobririamos que aquelles brillantes feitos d'armas que resplandecem com um brilho seductor nas paginas da historia, com quanto não passem de farças recreativas para os leitores, são tragedias reaes para um grande numero dos que representam n'ellas, como tambem para milhares d'outros que se acham involvidos nas suas consequencias.

Fosse a historia estudada como cumpria, as mais tragicas descripções que mancham as suas ensanguentadas paginas poderiam aproveitar á nossa instrucção, subordinadas á boa razão.

Se ao menos attendessemos ás lagrimas da viuva e do orphão, se podessemos escutar os gemidos dos feridos e moribundos, e se nos figurasse a apparencia esplendida e bellica d'um exercito ao entrar em campo, comparada com o espectaculo dolorozo dos seus restos despedaçados, depois de renhida peleja ou sanguinolenta campanha, ficaríamos attonitos, e contemplariamos horrorizados os terriveis effeitos das paixões humanas. Uma cabeça bem organizada, deduziria d'estas considerações instrucção e entretenimento; entretenimento tragico de certo, porém que, fazendo brotar emoções de dó, dá prazer á alma sensivel e compadecida.

Para se tirar o verdadeiro partido da historia, o leitor precisa examinar, reflectir, e comparar; e precisa igualmente ter um coração dotado de sentimento. O homem incapaz de sentir os males alheios, insusceptivel dese impressionar, olhando a infelicidade do seu semelhante, sem poder collocar-se no seu lugar, a fim de pensar, sentir e obrar em identicas circumstancias, não tem a precisa disposição para o estudo de historia; porque do modo por que escreveram os antigos, e ainda hoje escrevem os modernos historiadores, cada pagina é um drama.

Quando tiverdes ponderado estas reflexões, e examinado a sua justiça e propriedade, não duvido que merecerão a vossa aprovação. No entanto, vamos entrar n'um campo mais aprazível.

## CARTA TERCEIRA

Apresenta-se-nos agora um objecto interessante e digno da nossa apreciação, em que uma meditação judicioza d'historia contribue eminentemente para desenvolver a natureza do entendimento, e para corrigir as nossas idéas e opiniões.

Em quanto o philosopho contempla a quasi interminavel variedade d'estabelecimentos politicos e religiosos existentes no mundo, e o curso das idéas do homem em differentes épochas, e em differentes paizes, a historia, vem poderosamente em seu apoio; e dilatando-lhe a vista e as idéas, extingue aquelles prejuizos menos liberaes que estreitam o espirito, que embotam os sentidos, e obscurecem o entendimento. O erro e o prejuizo teem uma quasi influencia universal sobre o homem; e é só em proporção ao derramamento de luz sobre o espirito, que esta influencia diminue ou se aniquila. Certas preocupações se assenhoreão de nós e dominam a nossa razão desde a infancia, desde o primeiro raiar da intelligencia: São inspiradas por habitos systematicos embebidos com o leite, por opiniões correntes, e pela conversação e authoridade d'aquelles que nos cercam, que nos são mais queridos, e que exercem sobre nós maior influencia. Cada nação, cada seita religiosa, cada classe da sociedade, tem prejuizos particulares que se fortificam por circumstancias diversas; adquirem raiz mais profunda conforme os livros que se estuda, conforme o paiz em que se vive, a condição social, e milhares d'outros incidentes. Se pegassemos em certo numero de creanças, cujas capacidades fossem approximadamente as mesmas, se a todas dessemos igual educação, e as collocassemos no mesmo mister, qualquer ligeira differença que se notasse no seu aproveita-

mento, devido aos seus diferentes graós de applicação e intelligencia, ou outras circumstancias accidentaes, sempre encontraríamos em todas, mais ou menos, o mesmo pensar, os mesmos prejuizos, as mesmas idéas e opiniões. Porém se, do contrario, tiverem sido educadas cada uma a seu modo, seguindo diferentes caminhos — se de um fizermos soldado, — d'outra um marinheiro, — d'outra um lavrador, — d'outra um negociante, — se outra for educada em um convento, entrando em uma das ordens religiosas da igreja Romana, — outra ministro da igreja protestante, — outra enviada a um paiz mahometano, e, depois d'uma educação propria, vier a ser mufti da religião musulmana; — se outra for educada entre os Bhramanes da India, — e outra entre os Tartaros, ou entre os discipulos de Confucio, ou adoradores de Foe, na China ou no Japão, viriamos nos seus diferentes prejuizos, opiniões e idéas geraes, toda a força e influencia das circumstancias externas e eventuaes sobre os homens: O prejuizo por mil diferentes formas actua, mais ou menos, sobre cada individuo da especie humana; mas especialmente sobre o homem rude e analfabeto, sobre os escravos de habitos systematicos, e das modas; e a sua influencia é prejudicial á cultura do espirito bem como á verdadeira religião e caridade christã. Creando a ignorancia e o orgulho, o prejuizo tende a enfraquecer, ou a destruir a philantropia universal, tão recommendada pelo Author da religião christã.

Nada contribue tanto para exterminar prejuizos mesquinhos como são os conhecimentos geraes d'aquellas circumstancias e acontecimentos que em diferentes idades, teem tido logar no mundo, e que teem, d'um modo decidido, determinado a condição e opiniões da humanidade; e estes conhecimentos proveem do judicioso estudo da historia antiga e moderna.

D'aqui nascem idéas claras e grandiosas, com as quaes se não casa o espirito de perseguição e intolerancia.

Em quanto o fanatico protestante, condemna, talvez, sem apreciação alguma, o que elle denomina os absurdos da igre-

ja catholica, o catholico fanatico escommunga o protestante que nega obediencia áquella que elle reputa, igreja infallivel; em quanto o calvinista condemna o armenio e o armenio ao calvinista, porque raciocinam differentemente sobre o mysterioso plano da redempção, e dos decretos divinos; em quanto os fanaticos de cada crença se condemnam e perseguem mutuamente; o philosopho esclarecido, qualquer que seja a sua crença, vê em cada homem um irmão; e considera a massa collectiva da humanidade como uma familia, filhos de um Pae commum. Em quanto o fanatico não respira senão intolerancia e perseguição, o christianismo illustrado e benevolo considera as differentes nações do mundo como vivendo sob diverso regimen, e os entrega todos nas mãos d'um Ente Divino, que rege e dispõe de tudo como julga conveniente, e d'uma maneira que a nossa fraca razão não alcança.

## CARTA QUARTA

Colheamos mais vantagens d'um estudo judicioso e methodico de historia do que se pode enumerar; porém, para seguirmos este ramo de modo que possamos haver instrucção e informações authenticas, devemos estar em guarda contra os erros e imperfeições dos historiadores.

A historia é uma parte util e nobre, mas muito defeituosa, da litteratura. Se considerarmos a difficuldade que se encontra em apurar a verdade no tocante a factos acontecidos nos nossos dias, em que a arte da imprensa concorre poderosamente para o derramamento de conhecimentos, e franqueia os canaes da informação, tornando tanto a revelação da verdade, como o descobrimento da falsidade de mais facil e rapido alcance do que nos tempos passados, não podêmos rasoavelmente ter plena confiança nas narrações de circumstancias particulares que acompanharam os acontecimentos da antiguidade. Se fôra possivel aos historiadores transmittir-nos as intrigas secretas das côrtes e gabinetes, e explorar as verda-

deiras causas das acções humanas, a historia seria muito mais valiosa, porque apresentaria um quadro mais exacto da humanidade, demonstrando com mais clareza as causas secretas dos grandes acontecimentos. Não podemos, porém, presumir que elles obtivessem informações seguras sobre materias que geralmente se ajustam com o maior segredo; e por tanto devemos acautelarnos contra o que nos dizem aquelles historiadores, que, para realçar os seus escriptos, recorrem á imaginação, e fazem supprir pela conjectura o logar que só devia occupar a informação authentica. Taes escriptores, não podendo dizer-nos como as suas personagens fallaram e procederam em certas occasiões, obrigam-nos a fallar e a proceder como elles proprios, em identicas circumstancias, farião. As eloquentes orações que apparecem em Tito Livio, Jozephus, Salustio e outros historiadores antigos embellezam as suas obras, agradam ao leitor e provam vantajosamente os talentos do escriptor, mas devem na maior parte ser considerados como discursos do author, e não dos individuos a quem são attribuidos. Alguns escriptores tem o arrojo de nos dar um detalhe dos debates dos concelhos privados, das máis secretas conversações e intrigas palacianas, com a precisão de quem fôra ministro d'estado de principes que viveram nos tempos a que se referem, e que nada se passára sem o seu conhecimento; nem tão pouco escrupulisam entreter-nos com narrações circumstanciadas d'uma batalha, ou d'um cerco, ou mesmo das operações d'uma campanha inteira, feitas com tão pretenciosa fidelidade, como se elles em pessoa entrassem em campo com o exercito, e acompanhassem cada destacamento empregado nos differentes serviços durante toda a contenda. Taes descripções devem ser recebidas com reserva, e, geralmente fallando, inteiramente despresadas. Dizia o doutor Johnson: « Fallamos em historia, mas, não consideramos quão pouca historia, realmente verdadeira, temos.

Não se questiona se estes e aquelles reis reinaram, se taes batalhas se deram, se taes praças foram tomadas, e taes paizes con-

quistados, como se nos conta; mas convem notar que todo o colorido de historia é mera ficção.»

Tão somente os grandes traços, os mais importantes factos que tem dado origem a effeitos notaveis, devem attrair a nossa attenção, excitar a nossa reflexão e occupar logar na nossa reminiscencia. Este meio d'estudar historia, fará, não ha duvida, circunscrever os seus limites, e trazel-a a um circulo mais limitado, mas hade realçar o seu valor, porque rejeita erros e tudo que é superfluo, aproveitando as informações genuinas que offerece. No que respeita a detalhes historicos, toda a vez que o escriptor os offerece ao exame do leitor, deve, sob pena de pôr a sua reputação em risco, provar, como, e d'onde obteve as informações que apresenta, aliás tem de perdoar a incredulidade dos vindouros, se não derem inteiro credito aos seus escriptos.

As conjecturas engenhosas e racionais sobre as causas, consequencias e circumstancias, são certamente admissiveis, é até em muitos casos desejaveis em historia, porque tendem a auxiliar as reflexões do leitor, suggerindo-lhe idéas que lhe não teriam facilmente occorrido, mas devem ser dadas como taes, e não como factos.

As observações e deducções d'um historiador sagaz e philosophico podem apresentar o objecto debaixo d'um ponto de vista mais luminoso do que se constasse d'uma simples relação do facto; mas o leitor cauteloso deve sempre considerar as suas observações como meras conjecturas, se as probabilidades não forem tão fortes que lhes estampem o cunho e valor d'uma authenticidade inquestionavel. Muitos historidores escreveram seculos depois dos acontecimentos que descrevem, e por consequencia basearam as suas obras sobre recordações avulsas e fragmentos d'outros escriptos, de cuja veracidade não poderam conhecer, nem tão pouco descobrir por que meios aquella noticia fôra adquirida e a influencia estranha que os dominaram. Nós sabemos sob que auspicios escreveu Voltaire varios traços historicos, e ninguem ignora

que Josephus descreveu as guerras dos judeus sob a influencia dos romanos.

Muitos tem cuidadosamente dado aos seus escriptos uma forma adequada a agradar aos seus protectores, e a attrahir amigos entre uma classe particular. Outros temem-se do sentimento d'homens collocados no poder, e sobre outros actua a honra do seu paiz, ou o amor de partido.

O que sabemos dos acontecimentos dos gregos e romanos vem d'escriptores d'essas nações: por consequencia, devemos suppor parcialidade nas suas relações, com esta differença, que, sendo a Grecia dividida em muitos estados independentes, rivalisando em gloria, reputação, e prosperidade; e sendo numerosos os escriptores entre elles, eram, de certo modo fiscaes uns dos outros, o que os obrigava a serem conscienciosos, e isto não aconteceu entre os romanos, que estando unidos em um vasto corpo politico, e animados por fortes prejuizos nacionaes, estavam á vontade para escreverem a gosto.

Comtudo, se o amôr patrio dos gregos não teve tantas largas como gozaram os romanos, a viveza da sua imaginação, e a sua natural propensão para a idealidade, forneceram ampla materia para o engendramento de narrações poeticas, e de facto, as primeiras historias gregas não se podem ter na conta senão de fabulosas. Muitas observações d'estas sobre a historia grega e romana podem applicar-se, em larga escala, á generalidade de historiadores d'outras nações e d'outras idades.

De todas as variedades d'assumptos historicos, a historia ecclesiastica seria a mais valiosa, se podessemos confiar na sua authenticidade; porem, infelizmente, por um estranho desvio do verdadeiro curso das cousas, aquillo que devia ser melhor, é pelo contrario o peor; porque, aqui, alem da má informação, e outros defeitos inherentes á historia em geral, os prejuizos religiosos influem poderosamente. Os annaes da igreja, são, na maior parte escriptos por ecclesiasticos, fortemente ligados a este ou áquelle ponto theologico, que elles

consideram um dever religioso sustentar, e um meio para a salvação eterna. Não podemos, portanto, esperar uma historia authentica e imparcial da igreja christã sahida das mãos d'um fanatico catholico ou protestante. Se, hoje, um author se pozesse a escrevel-a, os documentos que lhe servissem de base, seriam tão repassados de prejuizo e espirito de seita, que em breve tempo se perderia no intrincado labyrintho de contendias religiosas, e acharia a verdade tão corrompida pelas contradicções cavilosas d'escriptores theologicos, a ponto d'apresentar obstaculos invenciveis á execução do seu designio. O mal agora é por consequencia irremediavel. Elle póde comtudo attenuar-se pelo bom senso e penetração do leitor, observando restrictamente esta regra, que na estimação do valor intrinseco das obras dos historiadores, estadistas, e theologos, mas particularmente nas d'estes ultimos, devemos, em primeiro lugar, procurar descobrir a influencia de prejuizos, paixões, ou interesses, sob os quaes se lançou mão da penna para escrever, para então dar o devido desconto aos effeitos que taes influencias lhes devião necessariamente produzir nos animos. Este é o fio que nos deve guiar atravez o labyrintho de asserções contradictorias, opiniões bruscas, e differentes representações das mesmas acções e circumstancias, que nos deve dirigir na apreciação do merito dos authores, e determinar até que ponto podemos acreditar o seu testemunho, e a deferencia devida á sua opinião. Sem este exercicio das faculdades, os livros podem tanto desencaminhar-nos como instruir-nos. Avaliando a authenticidade de relações historicas, tres são as regras principaes a observar; a probabilidade ou incerteza dos factos recordados, a natureza da prova que os confirma, e até que gráo são corroboradas ou contradictas pelas circumstancias geraes do mundo ao tempo em que tiveram logar. Sobre estes principios deverá o leitor exercer o poder descrecionista de acreditar ou suspender o seu juizo; evitando todavia cuidadosamente, os dous extremos do scepticismo e da credulidade, que são igualmente adversos ao melhoramento da instrucção.

## CARTA QUINTA

Outra consideração d'igual peso, e ainda mais evidente importancia, brota espontaneamente no espirito do leitor.

Um perfeito conhecimento de geographia e de chronologia torna-se indispensavel ao estudo de historia.

Estas são as duas grandes luzes, sem as quaes seria a historia um chaos, e sem a devida attenção ás circumstancias de tempo e logar, narração alguma seria intelligivel, nem poderiamos investigar as causas e consequencias dos acontecimentos. A geographia é uma sciencia instructiva, e o seu estudo extremamente deleitoso; porém, á semelhança da historia, está sujeita a uma infinidade d'erros e defeitos, menos difficeis, comtudo, a corrigir do que aquelles da historia. A distancia de mil leguas, como o decurso de mil annos, dá margem ao erro, e logar ao abuso de credulidade dos leitores, apresentando descripções ficticias; mas estes erros, ou absurdos, d'escriptores geographos, estão sujeitos á censura e correccão de cada viajante; e só esta consideração basta para afastar o escriptor, que preza a sua reputação, de empregar a falsidade.

Respeitante á correccão d'erros e defeitos, uma circumstancia notavel e particular desérmina as obras dos geographos d'aquellas dos historiadores. A geographia presta-se á correição e aperfeiçoamento, em quanto que as transacções e acontecimentos da historia, pertencendo ao passado, de dia para dia vão caindo em obscuridade.

A verdade geographica pode ser satisfactoriamente levada á evidencia, ou a sua menos veracidade descoberta por ulterior inquirição; porém os factos historicos apenas existem nos annaes do tempo e memoria da posteridade. Um paiz póde ser revisitado, mas as cousas passadas não podem ser invocadas e apresentadas novamente ao nosso exame.

Os geographos podem ás vezes, com a mira no volume da obra, ou para entreter o leitor, entregar-se um pouco á fic-

ção nas suas descripções de paizes pouco conhecidos, ou raramente visitados; mas isto não acontece em relação aos paizes mais explorados, sob pena de serem apanhados em flagrante mentira; e todas aquellas partes do mundo que tem sido o theatro dos feitos d'antiga e moderna historia, são tão bem conhecidas, e tantas vezes teem sido descriptas, que nenhum erro importante deve receiar-se. O estudo de geographia é extremamente recreativo, e o conhecimento d'aquella sciencia é de tão facil acquisição, que o ignoral-a é imperdoavel a quem aspira aos foros d'uma educação litteraria. E' igualmente tão transcendentemente util, e tão universalmente interessante, que a cada individuo interessa mais ou menos.

Qualquer jornal torna-se inintelligivel a quem não tiver conhecimento de geographia.

Em quanto á parte chronologica de historia, vem muito mais para o caso fixar a idéa sobre um plano bem conhecido de caracteres, ou acontecimentos contemporaneos, do que sobrecarregar a memoria d'aridos e trabalhosos cathologos de datas. Quem se dér convenientemente á leitura de historia, chamando á lembrança qualquer caracter natural, circumstancia, ou periodo de tempo, recorda-se immediatamente de todos os factos memoraveis contemporaneos. Reflectindo sobre qualquer periodo notavel na historia de qualquer nação, as circumstancias politicas, religiosas e civis, não só d'aquella, mas das circumvizinhas, se lhe apresentarão logo á vista.

Estará apto em todos os tempos e occasiões, a desenrolar mentalmente um quadro do mundo moral, e n'um golpe de vista, observar distinctamente as circumstancias e condições geraes da humanidade em differentes idades. D'igual modo, quem tiver extensos conhecimentos de geographia, achará facil delinear na mente, como se fora sobre um mappa, toda a superficie conhecida do orbe terraquiuo, suas divizões naturaes e politicas, seus mares, rios e montanhas etc. como tambem as cidades de maior consideração. Não será fóra de proposito observar que, o que muito facilita a acquisição de conhecimentos geographicos, é acostumar-mo-nos a conservar na

memoria os logares collocados debaixo do mesmo meridiano. Isto contribue muito para o arranjo methodico d'idéas geographicas, e ajuda a fixar na idéa uma verdadeira representação da superficie da terra.

Poderá ser objectado, que um tal arranjo methodico de conhecimentos historicos e geographicos é uma tarefa laborioza. E', porém o contrario. A sua aquisição é perfeitamente facil, e só requer um pouco de methodo na reflexão, e exame d'aquelles livros que tratam d'estes objectos. A execução facil e expedita d'um trabalho, seja de que natureza fór, depende mormente do meio que se procura para se conseguir o fim. Lançados os alicerces, a mais construção é facil. Quer estudemos arithmetica ou geometria; mathematica ou os classicos; qualquer que seja a sciencia a que nos dediquemos, se não for methodicamente, pouco mais fazemos que accumular idéas confuzas e mal digeridas, que nunca se podem converter em sciencia. Muitos ha que leem muito e aproveitam pouco, porque não o tem feito com methodo e reflexão; esquecem-se do que leram tão depressa fecham o livro, e queixam-se da sua falta de memoria, ou multiplicidade d'affazeres; mas a cauza está mais na falta de systema do que na organização, porque é incontestavel, que se estudarmos com methodo, se contemplarmos as couzas sob todos os pontos de vista, se as considerarmos com todas as suas combinações, connexões e dependencias, possuimo-nos d'ellas por tal forma, que nenhuma multiplicidade ou variedade d'occupações, nenhum decurso de tempo, ou outra qualquer circumstancia, as pode apagar, salvo nos cazos de defeito phisico d'espírito ou imbecilidade. E' forçoza, porém confessar que uma multiplicidade d'affazeres, conjuntamente com o decurso do tempo e abandono do estudo, apagam da memoria grande copia de circumstancias minuciozas, mas a combinação das couzas, permanecem; tanto, que, se alguém ao principio se achar perplexo, qualquer recordação chamará, e retocará na memoria as idéas, obscuras e dispersas sim, mas não de todo obliteradas. Uma bem combinada e vincula a serie d'idéas, póde ser comparada a uma cadéa, da

qual, quebrado um só fuzil, os demais seguem todos apoz. Tudo quanto estiver profundamente impresso no espirito, jamais se apaga inteiramente da memoria.

Cada negocio, cada transacção, das quaes temos tido perfeito conhecimento em todas as suas particularidades, sempre nos lembra; e, comquanto auzentes da imaginação, depressa lhe affluem, em quanto que, couzas pouco notadas, das quaes pouco conhecimento tomamos, e que por consequencia pouca impressão produziram, escapam facilmente, por haver deixado tão sómente fracos e obscuros traços, que depressa se gastam, e que difficilmente se reorganizam.

## CARTA SEXTA

Não obstante os erros e defeitos a que a historia está sujeita, o seu estudo é indispensavel a todo e qualquer individuo que aspire ao conhecimento das sciencias geraes, acima do commun.

E tanto isto é reconhecido, que jámais houve vulto politico ou litterario que não enthesourasse conhecimentos historicos, como tambem geographicos; tanto, quanto, na idade em que viveu, aquellas sciencias se achavam cultivadas, e hoje em dia, em todo o paiz aonde as sciencias e a litteratura florescem, ninguem, destinado ás lettras, ou á vida publica, se deixa ignorante d'aquellas sciencias que constituem parte essencial d'uma educação liberal.

As varias imperfeições da historia, muitas das quaes proveem de causas absolutamente inevitaveis, depreciam o seu valor, sem todavia supplantar a necessidade que temos d'ella. O orador, o poeta, o moralista, e o theologo, alludem frequentemente a objectos historicos para solemnisar acontecimentos notaveis, instituições, costumes ou habitos em differentes idades e paizes. Portanto, quem desconhecer este estudo, não póde entender bem as composições rhetoricas e poeticas; ou as obras do moralista e do theologo.

Não podemos, porém, admittir a necessidade da retenção de toda essa massa de circumstancias, pouco interessantes e menos authenticas com que os historiadores tem insuflado os seus volumes, na maior parte imaginarias; mas quando as tivéssemos por verdadeiras, quasi que não mereciam esse trabalho. Os traços salientes de historia, os factos de primeira ordem, authenticidade inquestionavel, corroborados por consequencias evidentes e circumstancias comprovativas; grandes e importantes acontecimentos, que tem deixado decidida e visivel influencia sobre o aspecto geral dos negocios humanos; caracteres distinctos que tem sido agentes principaes em transacções notaveis; a origem e influencia d'associações politicas civis e religiosas; a condição geral da humanidade em diferentes epochas, estes são os topicos que reclamam a attenção do leitor, e que não lhe devem escapar.

Os caracteres distinctos e os acontecimentos memoraveis são as balizas historicas a que nos podemos soccorrer, e pelas quaes a ordem chronologica d'um grande numero de circumstancias subordinadas e dependentes pode sér dirigida e recordada.

Uma revizão geral e comprehensivel da historia da humanidade, bazcada n'este perfil, seria igualmente instructiva e recreativa. Apresentaria á vista contemplativa um quadro das couzas, e um aspecto moral do mundo, em periodos successivos, e concentrando as partes mais apreciaveis d'informação historica, tornar-se-hia um summario util e conveniente, depois de compulsados os volumozos livros da historia antiga e moderna.

## CARTA SETIMA

Olhando o grande perfil da historia, os acontecimentos memoraveis e importantes que tem determinado as condições da humanidade, e tornado o aspecto moral e intellectual do mundo tal qual o vemos na actualidade, descobriremos am-

pla materia para uma detida reflexão, e em muitos casos sere-mos obrigados a recorrer á conjectura, fundada sobre diferentes pontos de probabilidade, em muitos casos tão corroborada por circumstancias geraes existentes, que se podem quasi reputar certos.

Do estado primordial da humanidade, pouco sabemos por informação historica, e só por meio de conjecturas, fundadas na natureza das cousas, podemos alargar a esphera das nossas idéas. E' muito de suppor que o homem tivesse existido muito antes que começasse a escrever a historia do que em redor d'elle se passava. Ao principio, toda a sua attenção se deveria circumscrever ao estudo dos meios para a subsistencia propria, e em tornar a vida, até certo ponto, commoda.

N'aquelle estado de simplicidade, difficilmente pensariam em transmittir os seus actos á posteridade, nem mesmo teriam cousa digna de recordação.

E' aqui que o conhecimento que temos do homem e das suas necessidades, deverão supprir a deficiencia da historia.

Da propria experiencia poderemos imaginar a qualidade das casas, ou ao menos cabanas, que elles construíam para se resguardarem da acção do tempo. A agricultura mereceria alguma attenção, em ordem a que a terra produzisse o necessario para a alimentação do homem; os animaes seriam domesticados e subordinados á sua vontade; e as artes mais essenciaes á commodidade do homem, inventaram-se antes que fôsem cultivadas as lettras, e consignado á escripta o pensamento.

D'estas circumstancias todas, poderemos rasoavelmente concluir que os primeiros traços historicos consistiram nas tradições transmittidas de pae a filho, atravez de successivas gerações, e de facto, constituem ellas a base das primeiras recordações historicas. Taes são as narrações fabulosas dos primeiros historiadores entre os gregos. Tinham elles as legendas historicas dos padres egypcios que

acobertaram a religião e a sciencia com o mysterioso véo allegorico; e os gregos, em muitos casos, interpretando mal os primeiros periodos da historia, presentearam-nos com um tecido monstruoso e absurdo de narrativas fabulosas de reis que jamais reinaram, e de heroes de descendencia celeste. Sendo a superstição natural ao homem, antes que a philosophia illuminasse a sua razão, não é de admirar que os primeiros historiadores enchessem as suas obras com contos da communicação dos deuses e semi-deuses com os homens, e da frequente interferencia d'agentes sobrenaturaes nos negocios humanos. A viva imaginação dos escriptores gregos das primeiras idades, exaltada pela superstição, deu largas aos mais absurdos contos. Por esta razão o periodo que decorre, desde a fundação da sociedade politica e civil na Grecia, até á guerra de Troia, pôde-se apropriadamente denominar a éra fabulosa; e, de facto, a maior parte do que se nos conta concernente áquella guerra, tem evidentemente o cunho da inverosimilhança; por isso que, tudo quanto sabemos d'ella funda-se nos rsagos poeticos da imaginação creadora de Homero. Em rigor, não ha nada que possa reclamar o titulo d'uma historia dos negocios gregos, anterior ás guerras persas. Em quanto á historia das outras nações pagãs, não era menos fabulosa e absurda que a dos gregos; e, de facto, tudo que d'ellas sabemos tem-nos sido transmittido pelos authores gregos.

Quando consideramos o estado geral do mundo, nas primitivas idades, em relação ao seu adiantamento politico, commercial e litterario; com quanto nos recreamos com a sua leitura, cifra-se ordinariamente em romance historico;— até que os gregos, esses celebres improvisadores, ou pelo menos aperfeiçoadores das artes e sciencias, cujos esforços litterarios foram os canaes de transmissão de conhecimentos, tinham attingido consideravel altura e civilização; e até que as artes mais necessarias, chegassem a um soffrivel gráo de perfeição, aquellas de conveniencia, luxo e elegancia, come-

çaram a florir entre elles; periodo que se não pode fixar muito antes da primeira guerra persa, que tivéra logar quinhentos e tres annos antes de Christo.

Esta é a epocha em que começa a historia profana; tudo quanto fôr preciso colligir concernente ao estado da humanidade, e aos acontecimentos que tiveram logar no mundo, anterior áquelle periodo, temos de procurar por informação nos escriptos sacros dos judeos. Esta consideração naturalmente conduz-nos a voltar a nossa attenção para os annaes da nação hebraica, tidos como sagrados por aquelle povo, e cuja authenticidade tem sido reconhecida pela parte mais consideravel e illustrada da sociedade. Seria, até, imperdoavel n'um exame de historia antiga, não tentar uma justa intimação d'aquellas celebres recordações que tanto tem attrahido a veneration dos christãos e excitado o ridiculo dos inficis. N'estes escriptos achamos a unica informação aceitavel da creação do mundo, e do principio das cousas; da dispersão da especie humana, e origem d'antigas nações, e, imparcialmente, devemos confessar, que a narração d'estes acontecimentos, independente da authoridade elevada que a sanciona, traz um cunho intrinseco de probabilidade. A narração sacra é incomparavelmente mais rasoavel que as cosmogonias dos gregos; e quando analysada apparece, não só provavel, mas estritamente philosophica. A narração sacra da creação, representa a separação d'essas particulas volateis da materia que constituem claridade, d'aquellas mais carregadas e opacas, como é a primeira obra do Creator; ou, em outros termos, a primeira operação da natureza, depois que a vontade do Ente Supremo pozéra em movimento o vasto chaos de materia informe, que fluctuava na immensidade do espaço.

O segundo periodo se nos representa como aquelle em que as aguas, separando-se, construíram um firmamento, dividindo-se as aguas das aguas; expressão esta, que, até hoje, se nos figura obscura e quasi inintelligivel; mas cujo sentido parece ser, que havendo mergulhado as particulas

terreas, formando corpos solidos, as partes aquosas, sendo mais leves, boiaram ao de cima, cobrindo toda a superficie da terra; e que, transbordando as aguas, os planetas foram separados pela expansão do ar, chamado firmamento. O primeiro processo da criação foi a descida das aguas para os valles, ou partes mais invazadas do globo, por cujo processo se formaram os mares e a terra; e a terra ficando encluta, adquirio a sua força vegetativa e começou a produzir. O quarto periodo é descripto como aquelle em que as particulas volateis da claridade se formaram em corpos compactos, constituindo o sol e os astros fixos, que são diferentes soes illuminando diferentes systems. O quinto e sexto periodos distinguem-se pela criação da vida animal; e por ultimo, o homem, chefe d obra da natureza, foi formado; e isto não podia ter logar em quanto a terra não tivesse chegado á perfeição da sua força vegetativa, em ordem a produzir o necessario para a alimentação d'homens e animaes.

Esta hypothese de philosophia natural, e das propriedades da materia, é precisamente a que o philosopho poderia suppor que fosse o processo gradual da natureza, quando o Poderoso Fiat deu ás varias partes da materia suas propriedades differentes, e poz em movimento os innumeraveis atomos, que constituem o universo, longos ou curtos que fôssen os differentes periodos d'este trabalho.

Existem duvidas se aquelles periodos eram dias naturaes, determinados pela rotação do globo sobre o seu eixo; porquanto, durante os primeiros tres periodos, ou dias, a luz se nos representa como destacada da escuridão, ou as particulas luminosas das opacas, e boiando ao acaso no infinito: e o sol, e outros globos luminosos, não tendo sido formados até o quarto periodo, não podiam a noite e o dia, até esse tempo, discriminar-se pela apparição e desaparecimento dos orbes celestes.

Quanto ao mais que se segue concernente aos jardins do Eden, se não fór uma narração de factos positivos, tambem

nada contem d'impossivel. Sobre a longevidade dos anti diluvianos, se não temos provas collateraes, e circumstancias conecorrentes, que corroborem os sacros escriptos, é claro que as não podiamos esperar, e nenhuma evidencia contradictoria temos para invalidar a sua authenticidade; e fôra, incontestavelmente, tão facil ao Soberano Distribuidor de todas as cousas, formar a constituição do corpo humano, para resistir novecentos annos, como a noventa.

O livro do GENESIS, escripto ou não por Moisés, o que é muito provavel, porque tem, quasi inteira relação com os factos acontecidos antes da existencia de toda e qual-quer historia escripta, foi sem duvida communicado ao author, quem quer que fôsse, ou por tradição, ou por revelação; e a reputal-a tradição, era muito facil introduzir-se-lhe uma leve variedade de nomes e datas, sem todavia affectar a sua authenticidade. Dos subseqüentes escriptos de Moisés, o livro do EXODO, em parte, é historico, e em parte legislativo; e o LEVITICO é totalmente d'esta natureza. Os NUMEROS é na maior parte historico; e o DEUTERONOMIO consiste na repetição de muitas leis promulgadas nos livros antecedentes, com outras adicionaes, intermediadas d'exhortações eloquentes á obediencia; mas contem pouca materia historica, fora a morte de Moisés, addicionada por algum subseqüente escriptor. Em todos estes livros, declara Moisés positivamente, que as leis e ordenanças por elle dadas ao povo, são ordens do Ente Supremo, a elle expressa e inequivocadamente reveladas; mas, em quanto a factos historicos, appella algumas vezes para os seus proprios conhecimentos, e outras para as tradições recebidas de seus antepassados.

O livro de Josué contem a narrativa da conquista de Canaan pelos Israelitas, e provavelmente fôra escripto pelo proprio Josué, ou sob sua direcção; porém, ignora-se por quem fosseelaborado o livro de JUIZES; attribuindo-se a differentes individuos em differentes idades; pois parece

uma collecção de peças avulsas de historia nas quaes se não observa a ordem chronologica, e em alguns logares pouco fa-  
ceis d'ajustar. Estas descripções pertencem a um periodo tumultuoso e effervescente; um periodo de barbarismo, igno-  
rancia e anarchia, no qual os Israelitas incommodados conti-  
nuamente por commoções intestinas, molestados por inimigos  
estrangeiros, ou empregados em repellir as suas aggressões,  
pouco vagar tinham para attender á exactidão dos annaes  
do seu paiz. Quando chegamos aos livros de Samuel, acla-  
ra-se um pouco o horizonte. Os negocios dos Israelitas princi-  
piaram sob a administração d'aquelle juiz e propheta a tomar  
um aspecto mais tranquillo; e os historiadores sacros escrevem  
com mais acerto. O livro dos REIS apresenta exactidão em  
quanto á ordem chronologica e outros requisitos essenciaes  
d' historia, que lhes dão, a este respeito, uma decidida  
superioridade sobre todos os outros apontamentos da anti-  
guidade. A idade de cada um dos reis de Judá, ao tem-  
po da sua ascensão ao throno, e a duração do seu reinado, são  
claramente desenvolvidos, tanto que não só o termo de  
vida de cada um, mas toda a duração da monarchia Ju-  
daica, desde David até ao captiveiro babilonico, facilmente se  
pódem calcular. Todos os traços e factos salientes são descri-  
tos com tanta clareza, e firmemente corroborados, por evi-  
dencia collateral, pela observancia perpetua de solemnida-  
des religiosas, instituidas em commemoração d'acontecimen-  
tos importantes, e pela sua afinidade com as circumstancias  
contemporaneas d'outras nações (particularmente dos E-  
gyptios e Babilonios,) que, consideradas como descripção  
d'occorrencias politicas, as recordações judaicas teem o cunho  
da authenticidade, infinitamente superior áquelle que se pode  
conceder, n'esse respeito, a outra qualquer historia do mes-  
mo tempo. A historia da nação Israelita, durante o periodo  
da sua existencia, ao principio como um, e depois, como  
dividido em dous reinos separados, é clara, concisa e chro-  
nologicamente coherente; e, á excepção de poucas datas e  
numeros, que facilmente se podem attribuir a erros de.

transladação, traz signaes de veracidade, em quanto descreve os acontecimentos de um periodo em que os gregos assomavam apenas d'um estado de barbarismo; e durante o qual a sua historia consistia inteiramente em legendas absurdas de deuses e heroes, e contos ficticios de soberanos que nunca reinaram, e de individuos que nunca existiram.

Tem-se notado que os historiadores judaicos frequentemente imputam as suas calamidades nacionaes aos vicios dos seus monarchas. Se, todavia, attendermos ás medonhas accusações dos prophetas contra os nobres, habitantes opulentos, e mormente contra os sacerdotes, poderemos concluir que as calamidades attribuidas por alguns historiadores aos crimes dos seus principes, podiam, com igual propriedade, attribuir-se á vingança divina contra os peccados dos padres e do povo. A imputação, todavia, não é incompativel com a bôa moral. Diz-nos a razão, e confirma-o a experiencia, que os erros dos chefes são sempre prejudiciaes á nação em geral pelas suas consequencias moraes. A mesma observação pôde fazer-se em quanto á predicção de calamidades aos filhos, pelos vicios dos paes. Isto é o mesmo que dizer a um homem em bôas circumstancias, cuja despeza excede a sua receita.—« Vós provavelmente nunca experimentareis faltas, mas fareis incorrer em pobreza a vossa posteridade.» Alguns reis d'Israel e de Judá, como muitos mais principes, alienaram, com os seus vicios moraes, ou politicos, o espirito dos seus subditos, e conjuraram uma serie de circumstancias desfavoraveis, que no fim se tornaram fataes á posteridade; e é desnecessario alargar muito a esphera das nossas observações para conhecer que isto tem acontecido a muita gente na vida privada e publica. Alem de que, por uma expressão figurativa, os vicios da nação, podem em alguns casos, chamar-se os vicios do rei, seu representante e chefe; ou esta imagem pôde algumas vezes empregar-se para designar os vicios predominantes do reinado, e não os vicios pessoais do príncipe.

## CARTA OUTAVA

O reinado de David é illustre e interessante; apresenta-nos um homem d'obscura posição elevado ao throno d'Israel, depois d'experimentar os cambiantes da fortuna; e, quando collocado em authoridade, engrandecendo o seu poder por meio da força militar, estendendo os seus dominios pela conquista, e enriquecendo-se a si e aos seus subditos com os espolios do inimigo. Ao leitor que preferir contemplar a prosperidade d'um povo, a traçar as pégadas sanguinolentas d'um conquistador, este reinado não deixará de ser interessante. Expõe á nossa vista a consolidação d'uma monarchia até ali tremida e precaria; a instituição de regulamentos e ordenanças religiosas e civis, e o progresso rapido no caminho da tranquillidade e opulencia d'um povo, apenas sahido da obscuridade e anarchia.

O reinado immediato de Salomão, apresenta-nos uma brilhante perspectiva do reino d'Israel, no zenith da sua opulencia, felicidade e esplendor; e gozando todas as delicias da tranquillidade, de maneira tal, e por tanto tempo, como nunca aquella nação experimentára, não só desde o estabelecimento do governo monarchico, mas mesmo em tempo algum anterior áquelle periodo.

O reino d'Israel pesava então na balança politica das nações. Dava as leis a todos os pequenos dominios entre o Euphrates e o Levante, chamado na Escriptura Sagrada o grande mar; e conservou o fiel entre as poderosas monarchias do Egypto e da Assyria.

Os canaes do commercio abriram-se, e os seus recursos explorados, de tal modo, que deve parecer extraordinario, em tão remota idade. As esquadras d'Israel, dirigidas por marinheiros tyrios, negociavam para as terras d'Ophir; que muitos conjecturam fôsem na Costa da India, ou alguma das Ilhas orientaes, em quanto outros as fazem existir nas costas orientaes d'Africa. N'estas viagens lucrativas, augmentou-se a opulencia da nação que David já havia creado

com os expolios da guerra. Esta brilhante perspectiva, não continua todavia, muito tempo. Salomão, infatuado, segundo parece, por uma não interrompida prosperidade, não põe limites ao seu luxo e magnificencia, e tributa pesadamente o seu povo, para poder sustentar tão enormes despezas. Estas duras contribuições crearam desaffeições entre os seus subditos; e para o fim do seu reinado, deram origem a uma facção perigosa e forte, que, por occasião da successão do filho manifestou-se em rebellião, e terminou na completa revolta das dez tribus que sacudiam o seu feudo á casa de David.

As tribus revoltosas, tendo eleito rei a Jeroboam, a monarchia dividiu-se nos reinos d'Israel e Judá. A alta politica do novo rei d'Israel produzio uma separação religiosa tambem, porque Jeroboam, temendo que em quanto os reis de Judá fôsem senhores do templo onde se offereciam os sacrificios, e aonde todo o povo era obrigado a recorrer em dias determinados, teriam sempre ascendencia sobre o reino d'Israel, e sendo os sacerdotes e os levitas affeiçãoados á casa de David, fez construir um novo templo, instituiu nova comunidade ecclesiastica, produzindo assim o scisma entre os observadores da lei mosaica, que nunca mais se extinguiu. A religião das dez tribus, pouco depois d'esta separação, desviando-se mais e mais da instituição original da lei, tornou-se em breve um mixto de judaismo e idolatria pagã, e assim tem continuado.

Depois d'esta memoravel epocha da historia Israelita, pouco mais se encontra nos annaes d'aquella nação, alem das trasacções e acontecimentos, que são ordinariamente o objecto das recordações politicas. A historia dos reinos de Israel e Judá, semelhante á de todas as nações antigas, apresenta-nos uma continuada scena de guerras sem interesse, assassínios, rebelliões e usurpações, as quaes eram muito frequentes no reino d'Israel, em quanto que o de Judá adheria com inalteravel affeição aos legitimos descendentes de David. A historia, em summa, d'ambas as nações, desde o periodo da

sua separação, é um catalogo de crimes e calamidades d'um povo em declinação, até que vemos a total extincção do reino das dez tribus, que foram transportados para a Assyria e dispersas por diferentes partes d'aquelle paiz, d'onde nunca mais regressaram; e o povo rude deixado no paiz, cruzou-se com gentes extranhas, de que nasceram diferentes nações, mais tarde conhecidas pelo nome de Samaritanos. Isto aconteceu 720 annos antes de Jezus Christo. O tremido reino de Judá ainda continua a gosar uma existencia precaria, invadido varias vezes pelos babilonios, tomado tributario, e por fim inteiramente subjugado; a sua metropole e templo arrasados até os alicerces por Nabuchadonosor, 587 annos antes de Christo, e todas as principaes familias e gente util conduzidas para Babylonia.

Considerando os costumes barbaros do tempo, e o modo sanguinario de fazer a guerra, vemos que o rei de Babylonia procedeu n'esta conquista com quanta moderação se poderia esperar, depois das repetidas provocações que recebêra de Zedekiah.

Nabocodonozor tinha collocado a corôa sobre a cabeça d'aquelle principe, depois de haver deposto seu sobrinho Jecomah. Elle não lhe impozêra condição alguma pesada. Elle não exigira mudança alguma na religião estabelecida, ou nas leis patrias. Elle não o obrigára a receber em Jeruzalem uma guarnição babilonica, nem em fortaleza alguma de Judá. Elle não o privára da administração da receita e depeza publica, nem da direcção dos negocios do estado. Sob estas suas condiciones de tributo e alliança, havia Zedekiah recebido das mãos do monarcha babilonico um sceptro, que sem o seu favor e poderosa protecção, nunca poderia ter sustentado; e não obstante tão assignalado favor, renunciou á amizade d'aquelle principe, e, entrando em alliança com o Egypto, inimigo declarado e rival da grandeza babilonica, manifestou a mais determinada e rancorosa hostilidade contra o generoso bemfeitor, de quem recebêra a corôa e o reino, e a quem jurára fidelidade em nome do Deus d'Israel, aggravando

assim a sua falta, juntando o perjúrio á traição.

Não é por tanto d'admirar, que um conquistador ambicioso e forte dêsse ao mundo um exemplo terrível da sua vingança, contra um príncipe perfido, cuja consciencia se não ligava pelo juramento, cuja fidelidade favor algum podia segurar, e de quem recebêra tamanha ingratição.

Comtudo, não obstante as provocações que Nabocodonozor recebêra da nação judaica e do seu rei, não parece que elle procurasse vingar-se d'aquelle povo.

O monarcha culpado soffreu como exemplo de justiça Divina e humana, pelos detestaveis crimes de perjúrio e ingratição; e a pena de morte foi immediatamente applicada a todos os principaes officiaes da sua côrte e exercito que tinham sido seus conselheiros na revolta: mas ao crime d'aquelles homens, expiado com o seu sangue, seguiu-se a moderação. Os principaes cidadãos e os mais abalisados artistas, em todos os ramos, foram removidos para Babylonia, aonde gosaram consideraveis privilegios; e aos lavradores e povo, foram-lhes adjudicados terrenos, posto ignorarmos as condições do seu arrendamento.

Alguns acontecimentos notaveis, que tiveram logar durante o captiveiro, vem transcriptos no livro de Daniel; particularmente a crecção da estatua de Belo, nas campinas de Dura, ou nas immediações de Babylonia, ou dentro da cidade; e o acontecido a Sidrach, Misach, e Abdenago, por occasião de se recuzarem á adoração dos idolos.

Merece aqui dizer-se, que, com quanto milhares de judeus, então residentes em Babylonia, não partilhassem a idolatria, nem por isso eram perseguidos, e parece que estes tres homens, sendo pessoas de distincção, empregados do rei, cuja graça possuíam, foram apontados por conselheiros intrigantes e accusados de desobediencia ás ordens reaes.

A liberdade de culto era livre aos judeus em Babylonia, e sendo este o unico caso conhecido em que fossem compellidos a outras formas de religião, ha toda a razão para acreditar que o edicto do rei fôra manejo de cortezãos, que

queriam envolver na sua generalidade certos individuos a quem não eram affeições.

A insania de Nabocodonozor é outra notavel circumstancia, e conta-se em termos tão figurados, que tem embarçado muitos leitores menos versados na phraseologia biblica. Não ha, porem, fundamento para questionar a sua veracidade. Será, talvez, uma tentativa vã, querer conciliar os calculos contradictorios dos chronologistas, sobre uma grande parte das occorrencias de remotas epochas.—Conquistou-se Jerusalem no decimo nono anno do reinado de Nabocodonozor, e o captiveiro durou setenta annos;—porem não é possível averiguar a duração d'este reinado; e não menos é possível descobrir exactamente em que tempo foram coordenados os livros da escriptura sagrada; com quanto seja bem sabido que isto teve logar pouco depois do regresso dos Judeos do captiveiro. Infe-re-se, portanto, d'aqui que esta extraordinaria historia foi escripta cerca de cincoenta annos depois da emancipação dos Judeos. Nabocodonozor foi o maior monarcha, como tambem o character politico e militar mais distincto do seu tempo, e a todos os respeitoos a personagem mais conspicua que até ahi figurara no mundo. Alguns Judeos que voltaram do captiveiro, e mesmo os habitantes idozos de Babylonia, poderiam, talvez, quando estes factos foram escriptos, recordar-se do seu reinado e as circumstancias da sua insania. Tão notavel facto, na historia d'um homem tão cunspicuo e celebre, deveria ser conhecido de todos e publicamente fallado, tanto entre os Judeos como entre os Babylonios, e qual-quer falsidade immediatamente refutada.

Os historiadores sacros contam, que Nabocodonozor passeando nos jardins de seu palacio, e absorvido na contemplação da sua grandeza e poder, esquecido d'Aquelle a quem tudo devia, ficou instantaneamente privado de rasão.

Não ha nisto improbabilidade alguma phisica.—Milhares de casos semelhantes encontram-se nos annaes da medicina. Depois, dizem-nos que fora transformado em animal, expressão figurada de que se serviram para exprimir a sua destituição

de rasão, característico maior da natureza humana, que discrimina o homem do bruto. Pela descripção do cabello crescer-lhe como as penas da aguia, e as unhas como as garras d'um passaro, aquella deformidade exterior, consequencia natural do estado d'insania, não é mais que uma hyperbole.

Em quanto a correr pelos campos como os animaes, é provavel que o infeliz maniaco passasse a maior parte do tempo percorrendo os jardins e os bosques do palacio debaixo da inspecção de pessoas a cujo cargo estava a sua conservação.

Parece que, durante a molestia do monarcha, Evilmerodach, seu filho e successor, governara o reino na qualidade de regente. Nabocodonozor, pelos seus talentos politicos e militares, suas extensas conquistas e obras sumptuosas, tanto em Babylonia como nos campos adjacentes, tinha indubitavelmente adquirido poderosa ascendencia sobre os animos dos seus subditos; e quando se lhe restaurou a intelligencia, foi lhe o poder entregue inviolavel. O monarcha, recuperada a rasão, reflectindo segundo parece, em seus crimes e soffrimentos, concebeu uma idéa clara da fraqueza e insufficiencia humana, por mais elevada que seja a posição do homem; da instabilidade do seu poder e grandeza, e da sujeição absoluta dos maiores monarchas á vontade do Ente Supremo, que, segundo os direitos imprescriptiveis da sua providencia dispõe de tudo como lhe apraz.

Estamos agora chegados áquelle periodo interessante da história dos Judeos que se torna notavel pela restauração d'aquelle povo á liberdade, ao seu paiz e natural existencia, mediante o favor dos monarchas persas, que, com a maior liberalidade e munificencia abriram o real erario, a fim de lhes fornêcer os meios pecuniarios de que precisassem para a reconstrucção do templo e da cidade.

Na subjugação dos Judeos e destruição de Jerusalem, por Nabocodonozor, comparada com a restauração por Cyro e seguintes reis da Persia, temos uma exposição luminosa da maneira maravilhosa porque a Divina Providencia dirige e governa os negocios humanos.

Nabocodonozor é constantemente apresentado, pelos historiadores sagrados, e pelos prophetas, como ministro escolhido da ira de Deos contra um povo criminozo, e Cyro é igualmente apontado como instrumento da sua misericordia: porem não devemos imaginar que semelhantes considerações influissem directamente, na politica dos Gabinetes de Babylonia e da Persia. Nabocodonozor, na sua conquista da Judéa, como em todas as suas emprezas, era estimulado pela ambição e pela avareza, contribuindo tambem a vingança, contra um principe que o tratára com a maior ingratição, dando-lhe portanto um pretexto plausivel para engrandecer o seu poder, pela total subjugação d'aquelle paiz, e para se apropriar das riquezas da metropole e do templo. Iguaes motivos, sem duvida, influiram em Cyro na guerra contra os Babylonios e na subversão da sua monarchia. Aquelle principe, bem como os seus successores, fôra, segundo parece, favoravel á religião Hebraica, por isso que os Persas detestavam a idolatria dos Babylonios.

Achariam, provavelmente, certa afinidade entre aquella religião e a sua propria, em razão dos sacerdotes Judaicos conservarem sempre vivo o fogo sagrado, elemento tido pelos Persas como symbolo da Divindade.

Pode-se, porem, allegar com bom fundamento, que os reis Persas olhavam com rivalidade o poder e população da Babylonia, e a aversão de seus habitantes ao governo Persa, que mais tarde rebentou n'uma perigoza e obstinada revolta, no reinado de David Hystaspes; e a partida de tão grande numero de Judeos, que, depois de tão prolongada residencia, quasi se tinham naturalizado em Babylonia, podia ser considerado como um dos meios mais efficazes para enfraquecer e reduzir gradualmente aquella cidade ao estado de decadencia. Isto parece ter sido sempre uma das maximas politicas da corte Persa.

Assim vemos que, tanto Nabocodonozor como Cyro, foram levados tão somente por motivos politicos, mas tudo isto andava subordinado a uma direcção invizivel, e é assim

que a Providencia dirige as acções dos homens tornando-as instrumento da sua vontade absoluta, regulando os negocios do mundo conforme o vasto e complicado plano de causas e effeitos existentes desde seculos sem fim, na presciencia eterna de Deos, sem com tudo constringer a liberdade do homem.

Esta serie de causas moraes e phisicas, e a continuada successão d'acontecimentos, são desde o principio das couzas, presentes á intelligencia Divina; porém todos os effeitos são regulados por uma combinação de circumstancias, tão estreitamente ligadas, que umas sem as outras não podem subsistir. A historia do mundo é nada menos que a historia da providencia eterna de Deos; e com quanto algumas das suas paginas sejam superiores á nossa comprehensão, é todavia um dever nosso estudar este grande mysterio.

## CARTA NONA

De tudo quanto a historia nos apresenta de curioso e interessante, o adiantamento progressivo do espirito humano, no que respeita á perfeição das suas faculdades, é o que mais agrada.

As emprezas destruidoras de conquistadores, podem fascinar por momentos, mas as fadigas modestas do estudante e do artista, do architecto e do lavrador, que aformoseam a terra e a convertem em um paraizo terrestre, com quantos não brilhem com tanto esplendor, amenizam o quadro com côres mais suaves e sombras mais amenas.

As artes e as sciencias embellezam o mundo, e a investigação da sua origem e do seu progresso seria a mais brilhante pagina da historia. E' pois muito de lamentar que os antigos escriptores tenham quasi inteiramente desprezado tão grande e bello assumpto, e que tudo quanto sabemos d'estas cousas seja colhido de fragmentos e apontamentos dispersos, difficilmente desentranhados d'uma massa confuza de factos sem

importancia alguma. Está, todavia, da parte do leitor deli-  
genciar enthesourar noções geraes da historia do homem e da  
sociedade civilizada.

Lancemos um golpe de vista, e bem passageiro que elle é,  
sobre o periodo que acabamos d'atrasar, e que se descreve  
nos escriptos sacros, periodo que abrange o tempo que vae  
da criação do mundo até a subversão da monarchia babylo-  
nica. Durante esta longa serie d'annos, havia-se formado  
uma grande variedade d'instituições politicas, civis e religio-  
zas; estabeleceram-se os rudimentos de diversas artes e sci-  
encias; o espirito humano tinha, em muitos paizes, melhora-  
do; e a terra cultivára-se e grandes cidades e magnificos  
edificios a embelleceram: d'estes interessantes factos, pouco  
se nos transmittio, a não ser o que respeita as leis e instituições  
judaicas, algumas idéas vagas do commercio antigo, e algumas  
excellentes amostras d'estylo eloquente nos Prophetas e nos  
Psalms. N'aquelles venerandos monumentos d'antiguidade,  
seguimos os Israelitas, desde as idades patriarchaes, atravez  
os tempos turbulentos d'ignorancia barbara, até chegarem a  
um grau maito subido de civilisação e apuro. Das suas  
instituições civis e religiozas, temos uma conta clara e explici-  
ta; mas em quanto á sua perfeição nas artes e nas sciencias,  
pouca informação possuímos, nem facto algum existe que nos  
dê uma idéa muito lizongeira d'ella. Não parece que os Ju-  
deos fossem nunca uma nação scientifica ou philosophica. Infe-  
rimos que foram dextros em todas as artes de necessidade e  
conveniencia, mas não que tivessem feito notavel progresso  
n'aquellas de luxo e ornamento. Da sua litteratura podemos  
formar uma idéa mais exacta.

Nas partes historicas da Biblia encontra-se um estylo no-  
tavelmente claro e conciso, e nas partes didacticas uma ma-  
ravelhoza perspicacia. Os escriptos dos Prophetas são, na maior  
parte, compostos em estylo poetico, porem diferentes uns  
dos outros, e todos elles originaes. A maior parte d'elles abun-  
dam d'idéas e sentimentos elevadissimos, repassados d'ener-  
gia, e embellezados com os mais brilhantes rasgos d'ima-

ginação oriental. Isaias, sobre todos, á viveza d'imaginação e esplendor d'idéas, junta um estylo tão energico e tão docemente harmonioso e eloquente, que muitas vezes tem sido appellidado o Demosthenes dos Hebreus; e só os seus escriptos bastarão para nos dar uma elevada opinião da litteratura Hebraica. Quanto ao commercio d'aquelles remotos tempos, temos apenas idéas muito imperfeitas, e assim mesmo, precisamos recorrer a circumstancias geraes, a citações ao acaso, e a conjecturas. — Deve-se, comtudo, notar que mesmo nas idades patriarchaes, o commercio era tão conhecido, que o ouro e a prata serviam como meio para o regular, e que as artes ornamentaes, tanto eram cultivadas em alguns paizes, que pulseiras, aneis e outros artigos de vestuario, estavam já em uzo. Aonde essas joias se fabricavam, ignoramos; mas provavelmente eram de manufactura egypcia; por quanto, da antiga e numerosa população d'aquelle paiz, e por outras circumstancias collateraes, podemos rasoavelmente suppor, que entre as suas obras engenhozas, muitas das artes mais secundarias que deleitam a vida foram cultivados pelos Egypcios em remotas eras; e a historia sagrada nos informa que os Ismaelitas e Medianitas, entretinham trafico com o Egypto, primeiro commercio estrangeiro, talvez, conhecido entre os homens.

Nos tempos tumultuosos que se succederam á idade patriarchal, poucas informações existem concernentes ao estado do commercio. N'um exame geral, porem, percebe-se que as artes mechanicas, e varios generos de manufactura, tinham feito em alguns paizes consideravel progresso, nos tempos de remota antiguidade. Isto conhece-se pelos materiaes curiosos e ricos do tabernaculo e paramentos do gram sacerdote. E' fora de duvida que os Israelitas trouxeram consigo do Egypto muitos conhecimentos das artes, sciencias e letras. O Egypto de tempo immemorial, adiantara-se, progressivamente nas sciencias e na litteratura; e durante a maior parte do tempo que estamos agora contemplando, tornou-se celebre pela sua judicioza politica legislativa e civil, como tambem pela vasta extensão da sua população e cidades, pela magnificencia

de seus edificios, e estado florescente da sua agricultura.

A todos estes respeitos distinguia-se das nações contemporaneas, não exceptuando a propria Babylonia. Porem, o Egypto nunca foi uma nação guerreira; tanto que, estando raras vezes em hostilidade com os vizinhos, a sua historia politica pouco se enlaça com a d'ellas. Sesostris é o unico dos conquistadores Egypcios d'alguma nomeada nos annaes da historia, e não obstante as ficticias, ou ao menos incertas relações, d'alguns escriptores, pouco sabemos dos seus feitos, ou o alongamento das suas conquistas; e a descripção que d'ellas encontramos em alguns livros devem ter-se na conta de romances historicos. A verdade é, que a historia de Sesostris, como tão bem dos mais Reis Egypcios é tão confusa, tão invertida e exagerada, que poucos são os factos authenticos que podemos achar nos annaes dos seus reinados, ou mesmo na historia geral d'aquelle paiz, e que não passa d'um tecido de contos allegoricos e legendas improvizadas pela astucia de seus sacerdotes, regulados por uma chronologia ficticia da sua propria invenção e que nos foram transmittidos pelos gregos, que sendo naturalmente apaixonados do maravilhoso, e admiradores da philozophia e historia Egypcia, adoptaram a sua chronologia ideal. Os antigos tão frequentemente suppriam a falta d'informações authenticas, em relação ás transacções de remota antiguidade, chamando em seu auxilio a mythologia fabulosa, que quanto mais estivermos convencidos da utilidade e valor da historia, mais nos devemos pôr em guarda contra as legendas dos sacerdotes e dos politicos, que escreveram com o fim de miêlhor dominar os animos da população.

Era monarchico o governo do Egypto.

A longa dynastia de Reis que reinaram anterior á subversão da monarchia pelos Babylonios, denomina-se alinha dos Pharaós. Deve-se notar, que Pharaó não era nome proprio, mas sim titulo entre os Egypcios, equivalente ao de Rei entre nós; assim, os appellidos de Pharaó Necko, Pharaó Hophani, significam Rei Necko, Rei Hophani, etc. Parece que nunca

fora absoluta a forma do governo Egypcio; mas até que ponto se subordinava a regulamentos positivos, não possuímos documentos sufficientemente authenticos para o determinar, mas, avaliando por circumstancias geraes, podemos rasoavelmente concluir que Rei e povo estavam directa, ou indirectamente sob o dominio absoluto dos sacerdotes, e que estes ministros da religião eram de facto os soberanos do Egypto. D'isto é prova que quando os Reis, e pessoas do povo, falleciam, syndicava se do seu comportamento em vida, e da sentença do respectivo tribunal dependia serem enterrados com pompas funebres, ou privados d'essas honras. Este extraordinario tribunal funcionava acto continuo á morte do individuo; o escrutinio era rigoroso, e como fosse objecto da maior importancia entre os Egypcios, assim como entre a maior parte dos povos antigos, pode-se bem presumir que fôra instituido pelos sacerdotes para sujeitar monarchia e povo á sua authoridade; e facil é suppor qual seria a sorte do principe que tivesse o infortunio de cair no seu desagrado; porque cumpre notar que a denegação d'honras funebres, entre os Egypcios, importava a exclusão do Paraizo, aonde as almas dos justos atravessam seculos eternos d'indiscriptivel felicidade.

O estado antigo de tão celebre paiz como o Egypto, se fosse possivel profundal-o, constituiria uma feição pronunciada na historia geral do mundo: é, por tanto, uma grande pena que tão pouco se tenha sabido, a não aceitarmos como verdadeiro a mythologia allegorica e fabulozas legendas de seus padres. Temos, todavia, informações mais authenticas das suas leis e politica, que da historia das suas instituições ou d'outros acontecimentos, occorridos n'aquelle reino. E com quanto não esteja no nosso programma tratar esta questão minuciosamente, todavia não podemos deixar de fallar na divisão do povo em seitas distinctas, que não permittia ao filho seguir senão aquella que seguisse o pae. Este systema não se encontra em outro qualquer paiz notavel, antigo ou moderno, á excepção da India, que tem levado muitos a suppor que os seus habitantes foram originariamente uma colonia

egypcia, ou que os egypcios foram colonia da Índia.

A origem das nações, na maior parte, acha-se perdida na noite dos tempos, e as emigrações e encruzamento da especie humana são tão numerosas e diversas, que é impossivel seguir-lhes o rasto atravez tão differentes ramificações. O celebre costume de dividir o povo em classes distinctas, tem sido; todavia, muito applaudido por alguns escriptores e condemnado por outros.—Por muitos é julgado altamente conducente á perfeição das artes e sciencias, fazendo convergir para um ponto a experiencia accumulada de successivas gerações. Se, todavia, fosse um motor favoravel aos resultados da experiencia, era um obstaculo invencivel aos esforços do genio, restringindo-lhe o vôo.

Alem de reprimir o genio, tinha outro mal. Esta distincção continha em si o principio da desunião, que, segundo as nossas idéas modernas, podia ter sido extremamente perigosa e causa de internas commoções, á semelhança da não menos odiosa e notavel distincção, entre os patricios e plebeus de Roma nos ultimos tempos.

E' notavel que nunca ouvíssemos fallar das rixas intestinas, ou das révoltas dos povos, quer do Egypto, quer da India; mas ha a tomar em consideração, que as divisões e sub-divisões do povo, sendo tantas, se contrabalançaram, evitando que se tornassem perigosas aos governos.

Outra circumstancia importante nos occupa agora. Estas distincções foram sancionadas pela religião, e especialmente introduzidas no Egypto e na India.

N'este ponto os sacerdotes egypcios, e os bramanes da India, estão ambos d'acordo, encontrando-se no mesmo campo e em iguaes circumstancias.

Se procurássemos este systema politico na sua origem e principio fundamental, acreditamos que não passaria d'um artificio dos sacerdotes para segurarem o poder e influencia, para desanimar todo o esforço aspirativo do genio, e extinguir toda a idéa ambiciosa emprehendedora n'aquelles que elles procuravam sujeitar; como tambem divi-

dir a grande massa da população em muitas classes distintas, contrariando-se mutuamente, obstando pelos dogmas da religião á formação de coalisões, de modo que fossem o menos possível perigosas as suas authoridades clericas, as quaes, cumpre notar, haviam concedido que a ordem militar partilhasse seus privilegios, porque elles bem sabiam que nem semelhante systema de governo, nem outro qualquer, podia tolerar-se sem a força armada; e a ascendencia que a religião lhes deu sobre um povo naturalmente supersticioso, forneceu-lhes os meios de subordinar os militares á sua direcção.

Se foi a Assyria ou o Egypto o paiz em que primeiro se cultivaram as sciencias e artes, é uma questão difficil; e perdida como está na noite dos tempos, impossivel até de determinar.

Comtudo, se as apparencias merecem alguma consideração; a conjectura mais rasoavel seria, talvez, a favor do Egypto. A regularidade da sua administração civil; os vastos diques do Nilo; os numerosos canaes e outros trabalhos admiraveis para o melhoramento da agricultura; as ruinas magnificas da architectura egypcia, que, ainda hoje, têm resistido á acção do tempo; especialmente as pyramides, aquelles estuendos monumentos da tosca magnificencia das eras primitivas; e as soberbas ruinas de Thebas, restos mais notaveis de esplendor antigo, de que nenhum outro paiz se pode vangloriar, e da mais remota antiguidade, fóra mesmo do alcance de recordação historica; com muitas outras couzas que excitam a admiração dos modernos viajantes, como acontecia aos philosophos gregos que visitaram aquelle paiz ha mais de dous mil annos, todos apontam o Egypto como o paiz aonde grandes empresas foram primeiramente concebidas, e aonde primeiramente o homem fez progressos na civilisação.

O Egypto, pela sua situação central, presta-se admiravelmente aos effeitos de commercio e navegação.

O Nilo, correndo em todo o comprimento do paiz, facilitou os meios de trafico interno, pela facil condução de mercadorias d'um para outro ponto, e não podia deixar de suscitar aos

egyptios idéas vantajozas de navegação; e provavelmente foram elles o primeiro povo que pensou n'isto, posto que fossem depois supplantados pelos Phinicios. Os Tyrios, circunscriptos em uma ilha de pequenas dimensões e possuindo pouco na terra firme, estavam na necessidade de supprirem os defeitos de localidade, tão desfavoraveis á agricultura, aproveitando a sua posição em beneficio do commercio, e a opulencia que por este meio adquiriram os tornou poderozos. Os Egyptios, possuindo um terreno da maior fertilidade, não fizeram do commercio sua principal industria, á maneira dos Tyrios. Entre estes, o commercio era objecto de primeira ordem; entre aquelles era secundario; consequentemente não é para admirar que os Tyrios sobresaíssem no que era objecto principal da sua industria, a fonte da sua opulencia e poder, e para o qual o espirito nacional pendia fortemente por circumstancias locais. Em epocha tão remota como o reinado de David, rei d'Israel, cerca de 145 annos depois da guerra de Troia, e perto de 1048 annos antes de Jezus Christo, immensas quantidades d'ouro e de prata tinham sido introduzidas nos paizes por elle conquistados, situados todos entre o Euphrates e o Levante.

Resta pouca duvida que aquelles metaes tivessem sido importados nestes paizes, grande abundancia tal, pelos canaes do commercio Egyptianno e Tyrio, mas principalmente por estes ultimos.

Os Tyrios commerciavam por differentes caminhos para a India, e, sem duvida, para a costa d'Africa, por meio do mar vermelho, que, com o Golpho Persico, formavam os dous grandes caminhos pelos quaes se fazia o commercio para a India e para Africa. D'esta, subindo o Euphrates e o Tigris, podiam supprir a Babylonia e a Assyria dos seus variados productos; e do Euphrates, como tambem do mar vermelho, as mercadorias do Oriente eram transportadas por terra para o Tyro, e d'ahi novamente dissiminadas por differentes paizes. Deste modo as producções de differentes climas eram amontoadas, permutadas e enviadas por differentes vias, por mercadores Tyrios.

O periodo mais florescente deste commercio foi aquelle do tempo do reinado de Judah. A descripção da variedade e extensão d'este trafico, e que se vê no capitulo 27 d'Exequiel, é o mais curiozo documento d'esta especie que se pôde encontrar nos escriptos da antiguidade, pela razão que apresenta um detalhe claro e minuciozo dos negocios commerciaes do povo mercantil mais celebre d'aquelle tempo, e d'onde podemos formar uma idéa mais clara e justa da natureza e extensão do commercio comprehendido no velho mundo, que d'outro documento qualquer de moderna data. O Tyro, depois d'um cerco retardado, pela sua posição favoravel, por espaço de 13 annos, cahio sob o dominio de Nabucodonozor, um anno apenas anterior á tomada e destruição de Jeruzalem; e cerca d'um anno depois d'aquella memoravel epocha, o Egypto foi preza do mesmo conquistador feliz.

Isto foi o golpe fatal que poz termo ao esplendor e opulencia dos dous antigos e celebres reinos do Egypto e do Tyro, tão famosos nos annaes da sciencia, civilisação e commercio.

Depois d'este periodo, os espolios das nações e as riquezas do mundo centralizaram-se na Babylonia; e depois da conquista d'aquella monarchia por Cyro, os dominios da Persia ficaram sendo o theatro do commercio, da opulencia, e do luxo; o Egypto, o Tyro e a Babylonia ficaram comprehendidos dentro dos limites d'aquelle extenso e poderoso imperio.

Lançando um golpe de vista retrospectiva sobre um periodo de tão remota antiguidade, e do qual restam tão poucos monumentos historicos, vemos a historia do Egypto d'envolta com a fabula, sua philosophia e theologia atravez um véo d'obscuridade hieroglyfica, e muitas de suas instituições politicas e civis perdidas no esquecimento.

Dos Assyrios nada sabemos, e muito pouco dos Babylonios, em relação ao seu viver civil e social, e aos seus costumes nacionaes e populares. A sua forma de governo era monarchica, e parece ter sido dispotica; seu modo de viver, apparentemente magnifico e luxuozo; o seu espirito em geral dado á superstição, e a religião um systema da mais crassa.

idolatria: podemos mesmo suppor, que a idéa d'um ente supremo, preexistente e eterno, author da existencia de todas as cousas, fôra o principio original e fundamental da religião dos Babylonios, como tambem de todas as outras nações; mas ellas parecem, como outras muitas, haver perdido, com o andar do tempo, quasi de todo a idéa primordial.

A original adoração d'um ente supremo degenerara para o Zabaismo, ou adoração dos corpos celestes.

A humanidade, em todas as idades, tem sido tão sensível á sua propria fraqueza e nenhum merecimento para se aproximar ao throno do soberano regulador dos destinos, que vio a necessidade d'um mediador entre si e o Todo Poderoso, a quem imaginavam tão superiormente collocado que não podia attender ás suas preces, ou dar attenção aos seus negocios. Estas suposições e a difficuldade que elles encontraram para satisfatoriamente explicar certos factos em opposição a outros, e a mescla do bem e do mal, sob o governo immediato de semelhante Ser, levou-os a adoptar a hypothese da existencia de diversas deidades subordinadas, governando o mundo sob a direcção d'um Ente supremo. Como os pagãos não tivessem os deuses subalternos na conta d'entes sumamente perfectos, as suas vontades oppostas e violentas paixões, segundo as idéas do paganismo, explicaram de certo modo as desordens do mundo. Os Babylonios imaginaram ver nos corpos celestes aquellas divindades medianeiras; suppunham cada um dos astros a habitação d'um ser intelligente e poderoso, delegado do ente supremo e creador de todas as cousas, para inspecionar e dirigir os negocios humanos. Os sacerdotes eram astrónomos; elles observavam activamente as revoluções e os movimentos dos astros, attribuiam-lhes o governo e influencia sob determinados dias conforme a sua rotação, e queriam pelas suas diversas posições e configurações, predizer o futuro. D'este modo nasceu a falsa sciencia da astrologia judicial, da corrupção da astronomia exercida pela classe sacerdotal. A Babilonia foi o berço da astrologia, d'onde passou para o Egypto. Muitos querem que ella se tivesse an-

tes originado n'este ultimo paiz, passando então para a Chaldaea. Qual d'estas duas supposições seja a verdadeira, é uma questão que se não resolve. A primeira opinião, porém, é a mais seguida.

E' certo, porém, que ella existia n'um periodo remoto em ambos os paizes; e não é pouco extraordinario, que tão falsa sciencia se fizesse quasi universal em todo o mundo, e que chamasse tanto a attenção, e influenciasse tão poderosamente sobre as esperanças e receios da humanidade em quasi todas as idades e paizes, sob quasi todos os regimens politicos e religiosos, com quanto reprovada e condemnada pelas doutrinas christãs.

Até mesmo hoje, grande parte do vulgo em todos os paizes da europa, crê fortemente na predicção do futuro pelo estudo dos planetas.—Este factó só se explica pela investigadora curiosidade do homem, sempre desejoso de profundar o destino. Ultimamente, a phylosophia solida, e as idéas apropriadas a assumptos astronomicos teem repellido os absurdos e as inconsistencias da astrologia; e mesmo assim ha quem de bom grado faria reviver aquella pertendida sciencia, e restaurar-lhe seu antigo credito, attribuindo aos planetas uma influencia sobre os acontecimentos physicos e moraes, pela cooperação de causas naturaes.

Porém a phylosophia e a experiencia concorrem para demonstrar, que no systema da natureza todas as cousas são dirigidas por causas, até certo ponto, proximas, e não por causas excessivamente remotas; e a astronomia certifica-nos que é tal a distancia dos corpos celestes, que não ha margem a suppor que elles possam ter consideravel influencia sobre a ordem physica, e muito menos sobre a moral do nosso globo, quer em relação a nações, quer a individuos. Admittindo a realidade d'uma influencia planetaria sobre os negocios de nações e comunidades, seria necessario, a fim de precisar a sua natureza e extensão, que tivessesmos uma correcta e bem authentica historia astrologica do mundo; mas obra alguma d'esta natureza se encontra; e quando mesmo os

effeitos d'esta influencia sobre os negocios de nações e corpos collectivos se podesse precizar, ainda assim seria impossivel determinar de que modo actuava ella sobre os individuos. Considerando os efeitos terriveis de calamidades publicas, de pestes, de terremotos, ou a destruição da especie humana em batalhas e assaltos, aonde milhares d'homens caem n'um só dia, grande seria a nossa credulidade, pouco em harmonia com a phylosopha ou com a boa razão, para admittir que tantos individuos de differentes idades, vindos de differentes paizes, e envolvidos em uma infelicidade geral, tivessem nascido sob a mesma influencia planetaria, e que a sua sorte fosse determinada pela mesma disposição dos corpos celestes. Uma pertendida sagacidade n'esta imaginaria sciencia tem sido, não obstante a sua incompatibilidade com os dictames da razão, e os principios de verdadeira phylosophia, um instrumento util nas mãos dos impostores em todas as idades, e em todos os paizes, para o effeito de converter em vantagem propria a ignorancia e credulidade do vulgo; como acontecia entre os sacerdotes da Babylonia, cuja religião, á feição da dos Egyptcios, parece ter sido um jogo complicado e mysterioso, calculado para a aquisição de riquezas e poder; e para se assenhorearem do espirito do povo.

A historia da humanidade não offerece uma mais evidente prova dos extensos e douradores effeitos de systemas estabelecidos e opiniões geralmente recebidas, em relação á intelligencia humana, como a predisposição notavel, pela astrologia judicial, que, provavelmente, nunca seria lembrada, se não tivesse sido creada pelos sacerdotes da Babylonia, com cujo systema theologico estava essencialmente entrelaçado, e por cuja sanção e authoridade foi acreditada por um povo credulo e supersticioso, com cujas idéas philosophicas e religiosas estava de perfeito accordo.

E' desde periodo remoto que a astrologia se estendera da Babylonia aos paizes orientaes, e com o andar do tempo por todo o mundo civilizado. O apparecimento da christandade diminuiu-lhe o credito, mas não a exterminou á mancira

d'outras numerosas superstições do paganismo.

Com quanto a religião christã condemnasse o estudo d'esta falsa e ideal sciencia; de tal modo ganhára terreno, que por fim foi tida em tanta estimação entre christãos, como fôra entre pagãos; e hoje mesmo muita gente da plebe dos paizes christãos cre piamente que o destino do homem pode ser predicto pelo estudo da astrologia judiciosa. Que uma sciencia chimerica, nascida de hypotheses errôneas e absurdas, inventada por sacerdotes Babilonios, adquirisse tamanha aurea e uma influencia tão universal sobre o espirito da humanidade, é uma circumstancia notavel na historia.

A religião Zabiana ou Babilonica, que, segundo o Doutor Russell, e outros investigadores acreditados da antiguidade, consistia principalmente na adoração dos orbes celestes, como deidades invisiveis, que, como imaginavam os idolatras, regiam o mundo, subordinados ao poder soberano d'um espirito eterno, infinito e omnipotente, degenerou gradualmente na adoração d'imagens, erguidas como symbolos e representantes d'aquellas divindades celestes.

Todavia, S. Jeronymo, e outros, suppõem que a idolatria, teve a sua origem na elevação de estatuas em honra a reis e heroes, que, no decurso do tempo, vieram a ser objectos d'esta adoração; e asseveram que a estatua de Belo, o successor de Nemrod, e rei de Babilonia, fôra o primeiro objecto d'esta qualidade d'adoração. Talvez que estas circumstancias ambas concorressem para produzir este effeito. Cousas, porém, de tão remota antiguidade não se podem profunder.

Desde o tempo da fundação de Babilonia e de Nive, a historia deixa-nos quasi tanto nas trevas em relação aos acontecimentos politicos que tiveram logar no antigo imperio dos Assyrios, como acontece a respeito das suas leis, instituições, e costumes até a extincção do imperio pela revolta dos governadores da Media e de Babilonia, e morte de Sardanapolo.

Tudo que se nos de Belo, de Nino e de Simirimis, vem tão mal garantido, que nada que se pareça com a verdade pôde-se asseverar; e mesmo depois d'aquelles acontecimen-

tos, a historia das nações é tão confusa, que não podemos ter n'ella confiança.

Seria tarefa ardua e desnecessaria, procurar conciliar as contradicções entre historiadores e chronologistas sobre a ordem de successão e reinados dos reis de Babylonia, antes e depois de Nabucodonozar. Cada escriptor tem estabelecido uma hypothese sua, esforçando-se por a sustentar, e chronologistas modernos tem frequentemente empregado meios trabalhiosos a fim de descortinar a verdade atravez as sombras da contradicção. Comtudo, attendendo ao que nos dizem os antigos, e ás descobertas dos modernos, muito apenas sabemos, que depois da morte de Sardanapalo, o imperio dos Assyrios e dos Babylonios que se reputa tudo e a mesma cousa, estivera algumas vezes unido, e outras dividido, até que a cidade de Nive, por motivo da sua revolta foi completamente destruida. Isto acha-se patheticamente descripto pelo phrofeta Nahum. De este acontecimento não ha particularidades na historia, e por consequencia nenhuma outra idea podemos d'elle formar que não seja a que nos fornece o phrofeta no seu vivo e colorido quadro. Do reinado victorioso e esplendido de Nobocodonozor não possuímos noticias succintas e coherentes; logo somos obrigados a reunir os factos d'entre os fragmentos da historia sacra e profana, e assim mesmo, de todos os reis de Babylonia, é elle o unico de quem temos algum conhecimento digno de credito.

Do genio e costumes nacionaes dos Babylonios, podemos, talvez, formar alguma idéa soffrivelmente justa pela combinação de circumstancias bem conhecidas.

Elles não tinham certamente feito consideravel progresso nas sciencias; mas o seu entendimento era prejudicado na maior escala pela superstição que a sua religião tendia a inspirar e a nutrir. D'isto, a sua cultura da astrologia, e de todas as outras artes d'adevinhação, com uma assiduidade e devoção, de que se não encontra exemplo na historia das outras nações da antiguidade, é uma prova incontestavel.

Os seus astrónomos haviam feito consideravel pro-

gresso nesta sciencia e tinhão descoberto e precizado a rotação dos orbes celestes, tanto quanto os habilitava a prognosticar os eclipses. Alguns dos primeiros philosophos gregos dirigiram se a Babylonia a colher informações sobre astronomia e outros ramos scientificos; e a este respeito, Babylonia reclama um quinhão com o Egypto nas honras de haver instruído a Grecia. A planice igual e extensa em que era situada Babylonia, e a pureza da sua atmospherã durante uma grande parte do anno, eram vantagens consideraveis para os astrônomos chaldeos. Os Egypteos possuíam tambem as mesmas vantagens d'um céo sem nuvens; mas os planos do Egypto não sendo em todas as direcções tão extensas como os da Chaldea, não offereciam tão dilatado horizonte; nem tinham os Egypteos, nem mesmo outra qualquer nação antiga ou moderna, um observatorio de tão estupenda altura como a grande torre do templo de Belo. Dizem-nos alguns escriptores que a linha perpendicular d'esta prodigiosa construcção não era inferior a uma milha; mas quem ha que o acredite? Aquelle elegante e erudito escriptor o doutor Russell (que reunira e examinara acertadamente a descripção feita por aquelles authores antigos, que a viram, e municiozamente se informaram das suas dimensões) diz que o templo formava um completo quadrado, tendo cada uma das faces 1:200 pés. D'esta descripção devemos inferir que o templo era de forma cubica, mas a falta de declaração da sna altura torna tudo duvidoso. Do centro d'este edificio nascia a torre de 600 pés em quadro e outros tantos de altura. Sobre o alto d'esta torre que segundo as combinações melhores, se elevava á enorme altura de 1:800 pés, assentava o celebre observatorio de Babylonia, aonde os sacerdotes faziam suas observações astronomicas.

D'esta extraordinaria altura o astrôno mo via a terra e os ceos expostos a uma larga e não interrompida prespectiva, que, segundo os calculos mathematicos, dando desconto á curvatura da superficie do globo, não podia alcançar uma distancia inferior, sobre aquelle paiz plano, que de 50 millas

em todas as direcções, e por tanto abrangiam consideravelmente maior extensão que todo o terreno comprehendido entre os diferentes braços do Euphrates e do Tigris. Por cima e por baixo a vasta extensão apresentava uma perspectiva magestosa, apropriada a encher a mente do expectador d'uma idea pavorosa e elevada da grandeza do universo, em quanto que proporcionava aos astrónomos Babylonios occasião para observar os movimentos dos corpos celestes, por longo tempo, durante a sua apparente passagem, desde a linha do nascente até á extremidade occidental de tão extenso horizonte. A prodigiosa altura d'esta torre, com quanto certificada por todos os historiadores e antigos viajantes, quasi que abala a credulidade dos tempos modernos; e se não attingia a altura descripta por authores antigos, devia necessariamente ser extraordinaria para poder authorisar exagerações tão audaciosas; porque viajante algum se abalançaria a dar tão incrível elevação se não fóra realmente objecto d'admiração.

O genio dos Babylonios, tanto quanto podemos julgar de acontecimentos conhecidos, pendia para as construcções de grande apparatus e suprema magnificencia em architectura, como podemos conjecturar, não só pela construcção do templo de Belo, como tambem pela extensão do palacio real, da vasta cerca, e do massiço dos muros da cidade. O plano, as fortificações e embellezamentos de Babylonia, fazem honra aos seus authores, quaesquer que fossem, e dão nos uma idea elevada do poder e grandeza d'um povo que executou trabalhos de tal magnitude.

Não deixa d'admirar, quanto os escriptores que nos transmittiram a descripção d'esta antiga e affamada cidade, desharmonizam entre si no que respeita a extensão e altura das suas muralhas, e as suas noticias sobre aquella particularidade attestam evidentemente quanto é incerto a historia em relação a detalhes circunstanciados. Diodoro Siculo diz-nos que os muros de Babylonia tinham 45 milhas em circunferencia. Clitarcho descreve os como tendo 365 pés d'alto, fortificados com 150 torres. Strabão diz-nos que tinham 48

milhas de circumferencia. Quinto Curcio descreve a sua altura como sendo de 150 pés, 32 de largura e a circumferencia em 46 milhas. Herodoto assevera que a sua altura era de 300 pés—grossura 75, e a sua circumferencia de 60 milhas; e com quanto este ultimo seja universalmente accusado d'exagerador, pendendo para a ficção, não só na descripção, mas em muitas outras circumstancias, o engenhoso Doutor Russell tende muito a dar-lhe a preferencia; por isso que de todos quantos escreveram acerca de Babylonia, fora elle o unico que a vio no ange do seu esplendor e magnificencia. E', todavia impossivel conciliar estas noticias contradictorias, posto que d'ellas, collectivamente tomadas, podemos inferir que a cidade era d'uma extensão immensa, e as suas muralhas d'espantosas dimensões. Em quanto ás differentes noções que d'ellas temos, devemos ter em vista que Dario Hystaspes as reduzira á metade do que antigamente tinham sido em consequencia da revolta da cidade contra o governo persa, de modo que a descripção feita por aquelles que conheceram Babylonia anterior áquelle acontecimento, comparada com aquella dada por quem a visitou depois deve, necessariamente, differir muito. Mr. d'Anville denominado por muitos, especialmente por mr. Gibbon, o principe dos geographos, diz que quando for assentado em que devam ficar as antigas tradições sobre a extensão de Babylonia e de Thebas, no Egypto, deduzida a parte exaggerativa, e reconhecidas as medidas, achar se-ha que aquellas famozas cidades occupavam o grande mas não inervel espaço de 25 ou 30 milhas, hypothese esta muito differente do que geralmente se acredita. (Mémde l'academie, &c.) Assim, do concurso testemunhal de todos os historiadores antigos, e dos seus commentadores modernos, com quanto discordem largamente em particularidades, podemos concluir que Babylonia ultrapassou em area as nossas maiores cidades europeas; e como fosse quadrada a sua forma, igual a duas juntas em quanto a extensão; mas em razão das enzas não serem contiguas, e as ruas muito largas e distantes, formando nas suas confluentes grandes largos ajardinados e uso.

terrenos cultivados, não se pode suppor que egualasse em população as cidades de Londres ou Paris. O plano, quer fosse effeito da premeditação, ou de capricho, era grandioso, lindo e util, combinando em segurança, recreio e salubridade.

Os Monarchas Babylonicos querendo tornar a sua capital inexpugnavel a toda a sorte d'assalto, conhecida n'aquelles tempos, a cercaram d'altos e grossos muros, e de fossos d'uma largura e profundidade proporcionaes, cheios com as aguas do rio Euphrates que corra pelo centro da cidade. As ruas eram dispostas em linhas rectas em todo o comprimento e largura da cidade, cruzando-se em angulos agudos; de modo que de cada encruzilhada, podiam ver-se quatro portas da cidade, formando cada rua uma vista magnifica, inteiramente differente das ruas estreitas e tortuosas das nossas cidades europeas.

A vasta extensão comprehendida entre os muros proporcionava a cada casa o seu quintal e admittia a cultura de cereaes, ficando a cidade livre dos reccios da fome no caso de careo, quasi inadmissivel em presença de seus meios de defeza. — Uma outra circumstancia d'extraordinaria utilidade, e que geralmente têm passado desaperecebida, encontra-se n'este plano: consistia no modo particular porque souberam harmonizar as condições locais á natureza do clima; pois se uma cidade como Babylonia cercada de muros de tão prodigiosa altura sob a influencia d'uma temperatura ardente e um solo humido, edificada n'um paiz baixo e plano, tivesse sido fechada em um pequeno espaço como as nossas cidades modernas, fora um poço de peste contagioza. A altura das muralhas evitaria a circulação do ar, e tornaria a atmospherá da cidade em extremo insalubre e fatal para os seus habitantes; e a todos estes effeitos perniciosos se obsteu pelo plano franco e rural que presidio á sua construção, combinando se admiravel e judiciosamente a magnificencia, segurança e condições hygienicas; circumstancia digna d'attenção considerando a epécha remota em que se deu.

Nabucodonozor, esperando sem duvida estabelecer uma

monarchia tão estavel como o proprio mundo, deu complemento ás fortificações e embelezamentos da cidade. Todos os seus vastos planos, contudo, foram cedo reduzidos a nada por aquella providencia que tudo dirige e governa, e que pode a todo o tempo confundir as ideas dos mais sabios, dispondo com uma presciencia incomprehensivel, uma ordem ininterrompida de causas e effeitos que determinam o resultado de todos os projectos humanos. A opulencia e o poder dos Babylonios produziram depressa a negligencia, junto ao mais extravagante luxo. Senhores da maior parte do mundo, os reis da Babilonia, successores do grande Nabucodonozor, longe de seguirem o seu exemplo e medidas vigorosas, entregaram-se á indolencia e afeminação. Desprezaram os negocios politicos e militares, e uma completa relaxação de disciplina se introduzio no exercito. As tropas Babilonias que, no tempo de Nabucodonozor, pareciam invenciveis, estavam tão degeneradas que na guerra contra os Medas e Persas, não poderam encerrar o inimigo; e soffreram uma continuada serie de revezes. A historia offerece poucas noções que mereçam confiança sobre as causas immediatas e particularidades d'aquella guerra. Tudo que podemos colligir a esse respeito é que os Babylonios, quasi constantemente batidos, presenciando a subjugação de seus vastos dominios, foram finalmente obrigados a se encerrarem na sua capital, aonde, estando concentrada toda a remanescente força do imperio, fiaram-se na altura e segurança dos muros para os proteger dos assaltos do inimigo, em quanto seus vastos celleiros, ajudados pelos recursos dos terrenos inter muros os pozesse ao abrigo das privações. A corte, embalada com estas ideas de segurança, e immersa na sensualidade, pouco cuidava dos meios de defeza.

A rainha Mãe administrava o reino, e o rei Balthazar era estranho aos negocios publicos.

Estando as cousas n'estas circumstancias, Cyro foi informado que n'uma certa festa proxima, toda a cidade se acharia mergulhada no maior estado de deboche e embriaguez.

Recebendo estas noticias, formou o projecto de cortar

os diques do Euphrates, um pouco a cima da cidade, e despejar as suas correntes para dentro dos vastos reservatorios feitos por Nabocodonozor para receberem as cheias d'aquelle rio, e que, formando-se na Medea e Armenia, costumavam inundar o paiz e ás vezes a propria cidade. Dando execução a este plano na vespera da festa, seccando o rio, fez marchar as suas tropas pelo leito, e, ou porque encontrasse os bronzeos portões abertos, ou porque os forçasse, entrou na cidade sem oppozição, e encontrou habitantes, soldadesca e toda a côrte entregues aos prazeres da intemperança e libertinagem. Dirigindo se então ao palacio real, forçou a sua entrada, e rei e cortezãos foram passados á espada no meio da sua orgia.

Assim caiu Babylonia, a mais celebre cidade da antiguidade, 538 annos antes de Jesus Christo no reinado de Servio Tullio, rei de Roma: acontecimento este que constitue a primeira grande revolução e transferencia de poder e de propriedade entre a humanidade; por isso que os monarchas d'Assyria e Babylonia sempre se reputam uma e a mesma, sendo a ultima muito apenas uma continuação da primeira, sob uma dynastia differente de principes.

Durante o periodo de tempo em que as margens do Nilo, do Tyro e do Euphrates foram o grande theatro das façanhas humanas, e que os paizes aonde a civilisação, as sciencias e o luxo mais dominavam, toda a Europa, á excepção da Grecia achava-se na mais selvagem ignorancia, sem o mais leve e conhecimento de quaesquer das artes ou das commodidades da sociedade civilizada. De todos os Europeos os Gregos foram o unico povo que começava a sair das trevas. Tão cedo como a era de Moizes, os Gregos tinham estabelecido os rudimentos de um governo e economia politica, e durante o periodo que decorre desde a saida dos Israelitas do Egypto e o estabelecimento da monarchia na caza de David, os seus differentes reinos e estados tinham tomado uma face regular e systematica, e d'ahi até a era assignalada pelo reinado de Nabucodonozor, tinham feito progresso nas sciencias e na civilisação.

Não foi, porém, senão quasi no começo do reinado de Nabocodonozor, que os philosophos gregos, viajando no Egypto e na Chaldea, principiarão a importar para o seu paiz as sciencias das outras nações: a epocha da philosophia grega data d'este tempo.

Esta memoravel éra distingue-se por uma tão brihante constellação de grandes e illustres caracteres, como nenhum outro tempo apresenta; porque Nabocodonozor, que com toda a razão, pode ser considerado o fundador da monarchia babilonica, e, a quem, inquestionavelmente, ella deveu a sua grandeza, foi contemporaneo de Cyro que derribou aquelle esplendido edificio politico, e que sobre as suas ruinas fundou o imperio persa; tendo nascido, segundo a chronologia mais acreditada, no quarto anno do reinado de Nabocodonozor, 600 annos antes da vinda de Christo. N'este tempo reinava Periandro em Corintho e Pesistrato em Athenas; Solon, Daniel, como tambem Anaximandro e Pythagoras, foram coevos com os mencionados personagens, conspicuamente politicos. Em quanto a Grecia fazia grandes adiantamentos nas sciencias e na legislação, formava-se uma nação na Italia, designada pela Providencia para dominar toda a humanidade civilisada.

Roma, a predestinada senhora do mundo, foi fundada por Romulo, no reinado de Ahas, ou Ahas, rei de Judea 752 annos antes de Christo, e 148 anterior ao começo d'aquelle de Nabocodonozor, segundo os mais seguros apontamentos chronologicos. Não podemos comtudo suppor que esta computação de tempo, em relação aos acontecimentos de uma epocha remota é obscura, se possa bem definir; podemos apenas consideral-a aproximada da verdade; mas o anachronismo de poucos annos é de fraca importancia sob um ponto de vista geral de historia antiga, em que os proprios historiadores e chronologistas, apoz trabalho de infructifera tarefa, não veem a um accordo.

A cidade de Roma, quando ainda recentemente edificada sobre o Monte Palatino, continha cêrca de mil casas ou cho-

ças, construídas de terra e cobertas de colmo; e o palacio de seus reis compunha-se dos mesmos materiaes: O numero de seus habitantes capazes de pegar em armas, orçava por tres mil, e todo o territorio romano teria apenas oito milhas em diametro. Os habitantes compunhão-se de vagabundos, proscriptos, endividados e malfeitores, reunidos por seu selvagem fundador; e para bem de augmentar o numero de cidadães, foi refugio de todos os individuos de semelhante laia. De tão vil fonte procedeo o maior e mais poderoso imperio que jamais existio.

Entre os cidadães da joven Roma, não podemos, comtudo deixar de notar uma indole grande e prudente, como tambem um genio guerreiro e emprehendedor. Promulgaram se leis sabias e regulamentos salutaes adequadas a um estado de recente data, no reinado de Romulo. Numa-Pompilio, segundo rei de Roma, amava a paz; e no seu reinado longo e tranquillo coordenou, com minuciosa attenção e exactidão, as instituições civis e religiosas dos Romanos; e pode ser considerado o author das suas leis e religião. Romulo foi o David, e Numa o Salomão dos Romanos.

O aspecto geral do mundo nos fins do periodo que acabamos de percorrer, é este; o imperio persa fundado sobre as ruinas da grandeza babilonica, reunindo as partes mais ricas, mais populosas e mais bem cultivadas do mundo sob o seu dominio; as republicas gregas consideravelmente adiantadas em materias legislativas, administração e na arte da guerra; Roma no seu começo, sob um governo absoluto, mas apenas emancipada do barbarismo, pouco conhecida, e não occupando posição distincta na ordem das nações; e todo o resto da Europa n'um estado semelhante áquelle das tribus selvagens da America, quando primeiro descobertos pelos hespanhoes.

Este obscuro periodo pode ser apropriadamente chamada a infancia da sciencia e da civilização.

Estamos agora na apreciação d'um periodo mais cheio d'interesse e mais esclarecido, que abrange a existencia do impe-

rio persa e dá ampla margem ás considerações do investigador estudioso.

## CARTA DECIMA

A Persia, reino insignificante e dependente, apoiando-se sobre as ruínas do imperio Babylónico attinge o mais elevado gráo d'opulencia, poder e esplendor, mas cedo começou a desviar-se do rigoroso plano de administração do grande Cyro. Os seus monarchas occupando o supra summum da grandeza humana, degeneraram nas virtudes que elevaram seus victoriosos antepassados ao throno e adoptaram a pompa, ostentação e luxo effeminado da corte dos monarchas Babylónicos, causa da sua queda, subversão do seu poder, e extincção da sua raça. Esta severissima lição não actuára sobre os reis Persas.

A Persia, mantendo o seu esplendor, decahiu do poder. A administração se fez corrupta, o governo fraco e impotente, e a disciplina militar cahiu em desmazelo e abandono: o monarcha geralmente, fallando, estranho aos negocios publicos, e a monarchia descançando mais sobre a sua antiga fama do que sobre o seu poder d'então, em quanto que os gregos, seus rivaes, aperfeiçoando-se diariamente nas artes e na guerra, começaram a desafiar o poder do grande rei e de seus numerosos mas indisciplinados exercitos. Alguns dos monarchas persas, é verdade, pareceram acordar do lethargo e a desenvolver um espirito emprehendedor, que, por um momento, prometteu fazer-lhes reviver a gloria e restabelecer-lhes seu poder decadente; mas estes exforços eram vãos, effeitos apenas d'um poder que declinava.

Dario Hystaspes foi o primeiro monarcha da Persia que emprehendeu uma guerra contra os gregos; mas os ensanguentados campos de Marathon fez-lhe apreciar a coragem, disciplina e tacto militar dos seus inimigos europeos; e depois do fim desgraçado d'uma guerra caracterizada pela derrota por parte dos persas, aquelle principe, legou juntamente com a

coroa, ao seu successor, Xerxes, a sua animosidade contra a Grecia, e o seu desejo de lavar a affronta da Persia. Xerxes, fez soar a trombeta da guerra em todas as provincias de seus vastos dominios, e depois d'extraordinarios preparativos, atacou a Grecia 481 annos antes de Jesus Christo com o mais formidavel exercito de que ha memoria.

Herodoto calcula a força de Xerxes em um milhão e sete centos mil homens d'infanteria, e oitenta mil de cavallaria. Trogus dá só um milhão de pé e oitenta mil de cavallo. O numero de galleões orçava por duas mil duzentas e oito, e os navios de transporte em tres mil.—Os historiadores divergem, porem, muito em relação ao numero das tropas persas, como sobre todos os assumptos, quando nos querem dar uma conta exacta de numeros e d'outras particularidades minuciosas, que na maior parte, bazeam nas versões populares, em lugar de as procurar na fonte verdadeira. A sua discordancia respeitante a esta grande e importante transacção é apenas semelhante a outros innumeraveis factos d'incerteza historica, em relação a circumstancias miudas, das quas é quasi moralmente impossivel que o historiador tenha perfeito conhecimento; e cumpre não ser demaziado credulo quando virmos que nos querem convencer d'aquillo que elles proprios ignoram.

Não obstante estes erros inevitaveis e discordancias palpaveis não existe, todavia, razão para duvidar que estes preparativos bellicos foram os maiores de que ha conhecimento; e prova-se, até á evidencia, quanto foram vastos os recursos do imperio persa, e irresistivel seu poder, se aquelles poderosos meios tivessem sido bem applicados, mas o numero não podia triumphar da coragem, da disciplina militar, e do patriotismo. A Grecia, áquelle tempo, formava um grupo d'estados independentes e ás vezes hostis; porem a invasão estrangeira os obrigou a adoptar medidas decisivas em commun. Os gregos, pondo de lado todos os assumptos de descontentamento e animosidade interna fizeram, por interesse proprio, causa commun. A' excepção dos thebanos, todos os mais estados que eram inteiramente ligados aos interesses persas

entraram n'uma confederação fundada no commum interesse de repellir uma invazão estrangeira que ameaçava nada menos que a conquista e escravidão da Grecia.

A historia não só nos quer dar em detalhe as particularidades desta grande contenda, mas procura deleitar-nos com noticias circunstanciadas dos debates que houve nos conselhos que se reuniram, tanto entre os gregos como entre os persas; as opiniões de Mardonio, sobrinho de Xerxes, e comandante do exercito, de Artabazo e do proprio Xerxes, e os argumentos produzidos por elles a favor e contra esta grande empreza; com muitas outras minuciozidades que poderemos considerar mais como embellezamento historico, que noticia verdadeira de factos, já que seus authores nos não dizem por que meios vieram no conhecimento do que se passou n'aquellas reuniões militares dos chefes gregos e persas.

Conservando, comtudo, os detalhes circunstanciados como mera ornamentação historica o que ha de verdadeiro a respeito d'esta memoravel expedição, merece em elevado grau a attenção da posteridade. O rei da Persia com a sua multidão sem conta, passou o Hellesponto da Azia para a Europa. Os gregos foram compellidos a retirar em presença d'um exercito aparentemente irresistivel; mas a heroica e incomparavel defeza dos Thermopilas, estreita garganta nas montanhas da Thessalia, offerecida por Leonidas e os seus espartanos foi para os persas uma amostra do valor e disciplina dos gregos. Vencido o rei de Sparta com o seu valente destacamento, pelo numero, n'aquelle sempre memoravel combate, os persas obtiveram uma entrada sem obstaculo no interior da Grecia; e os athenienses, na impossibilidade de defender a sua cidade refugiaram-se nos navios. Xerxes avançando com o seu enorme exercito, saqueou e devastou o paiz sem piedade, arrazou os templos dos deuzes da Grecia, e incendiou Athenas á vista de seus horrorizados habitantes, que, de bordo dos navios, eram espectadores indignados das chammas que reduziram a cinzas a sua capital, envolvendo a sua propriedade e os seus templos n'uma conflagração geral.

Ao mesmo tempo avançára a esquadra persa, mas foi completamente derrotada pelos gregos, que depois se aventuraram a atacar os persas em terra. Mudou-se então a fortuna da guerra. Os persas batidos, perseguidos e desanimados, começaram a retirar. Por esta occasião os gregos, concertaram um plano digno de lição para todas as nações em casos semelhantes. Em vez de cortarem a retirada do inimigo terrorizado, o que lhes teria sido facil, proporcionaram-lhe todos os meios d'invasão. Consideraram prudentemente que uma tão numerosa hoste d'inimigos armados, agglomerada no seu paiz, sem possibilidade de retirada, podia, levada do desespero, lançar mão de medidas energicas; e certamente, antes que se podesse subjugar tamanho numero, o paiz offereceria um espectáculo horroroso de mortandade e desolação. Ainda mesmo que se entregassem prisioneiros, o numero bastava para produzir a fome n'um paiz tão circumscripito como a Grecia. Sob este ponto de vista os gregos muito de proposito fizeram constar no campo inimigo que elles tinham resolvido destruir a ponte de barcos que os persas haviam construido sobre o Hellesponto, medida esta que estavam longe de tomarem. Até se diz que Themistocles, commandante da armada grega, a titulo d'amizade, informou o rei Persa desta resolução.

A consequencia, porem, foi, que Xerxes, possuido de terror panico, immediatamente retirou; e tendo deixado um exercito de 400:000 homens, sob o commando de Mardonio, passou com o resto das forças o Hellesponto em regresso á Azia. Mardonio na campanha proxima foi completamente derrotado, morto, e o seu numerozo exercito, sufficiente para conquistar a Grecia inteira, completamente aniquilado. Deste modo o mais poderoso exercito levantado por nação alguma até hoje, não experimentou mais que a derrota e infelicidade. Esta memoravel expedição constitue merecidamente um marco notavel na historia e é digno d'especial menção. Elle apresenta um povo bellicozo e patriotico repellindo a invasão formidavel d'um inimigo cujo numero e recursos eram dez vezes maiores que os seus, e apresenta um notavel contraste

entre o patriotismo e disciplina militar d'um lado, e o luxo, effeminação e má direcção do outro. As campanhas subsequentes entre a Grecia e a Persia foram acompanhadas de diversos resultados; mas no todo, com vantagem da parte dos gregos. Os persas depressa reconheceram n'elles um inimigo terrivel e perigoso que aspirava a rivalizar com elles em poder. Os monarchas persas, procuraram então intrigar as republicas gregas entre si, comprando os chefes mais activos e individuos de maior poder e influencia, e o seu ouro, por muito tempo, agitou a Grecia com a guerra civil.

Chegou a final um periodo, em que os negocios da Grecia tomaram um rumo tão fatal ás liberdades d'aquelle paiz, como á existencia da monarchia persa. Philippe, rei de Macedonia, um pequeno, e até então quazi desconhecido reino, fôra na sua mocidade refens dos Thebanos e educado conforme a sua jerarchia.

Tinha estudado philosophia e rhetorica com os melhores mestres, e na carreira das armas foi dirigido pelo grande Epaminondas. Naturalmente emprehendedor e dotado de razão clara, soube aproveitar-se vantajosamente da instrucção que recebera de tão eminentes homens; e subindo ao throno de Macedonea com estes auspicios, começou por formar planos gigantescos para se tornar poderoso. Por uma serie de medidas politicas habilmente concertadas, fez-se reconhecer membro do conselho amphytionico, ou assembléa geral dos gregos, semelhante, segundo parece, ás dietas do imperio Germanico. Conseguido isto, pelas armas e pela intriga, cedo adquirio uma ascendencia decidida sobre os differentes estados gregos, e comprando os principaes chefes, e empregando todos os meios de força e fraude, subjugou-os completamente, tanto, que com quanto conservassem o titulo de republica, Philippe era, na realidade, soberano da Grecia. O reinado de Philippe é notavel, e os acontecimentos que nelle occorram são curiosos e interessantes; mas, por muito esplendidos que pareçam ser seus talentos militares e politicos, a sua moral é detestavel. Vemos neste principe a mais luzida habili-

dade aproveitada para o mal. Não era somente philosopho, mas um consummado orador; e, fóra de toda a duvida, um dos maiores estadistas e generaes que o mundo tem produzido. Todas estas brilhantes qualidades empregou elle no engrandecimento do seu poder, á custa da liberdade de seus visinhos; e a sua carreira toda é um quadro de politica sem consciencia e conducta sem principios. A parte mais louvavel do character de Philippe era o seu amor das bellas artes; e a mais recommendavel acção da sua vida o grande cuidado que lhe mereceu a educação de seu filho Alexandre. Escolheu um elegante palacio, em logar retirado, como o mais apropriado para esse effeito, e contratou o celebre Aristoteles para seu preceptor em philosophia e litteratura, em quanto elle proprio o exercitou nas armas sob os seus invenciveis estandartes. Se a vida de Philippe é digna da attenção do estudante, a sua morte é nada menos interessante e notavel. Offerece-nos ella uma prova clarissima da instabilidade da grandeza humana e da incerteza de todos os seus projectos. Philippe resolvera invadir o imperio persa, com todas as forças confederativas da Grecia e da Macedonia; medida altamente popular entre os gregos, que se enthusiasmavam na esperança de fazer recair sobre aquelle imperio os males que elles haviam soffrido com a invasão de Xerxes. Para isto convocou o conselho geral dos estados gregos. A quota com que deveria contribuir cada um estado fora estabelecida, e Philippe, sendo proclamado generalissimo da confederação grega, empregou uma extraordinaria actividade no preparativo de formidaveis aprestes para esta grande expedição. O seu exercito inteiro estava já prompto para passar o Hellesponto, no mais perfeito estado de disciplina e organização militar, e apparentemente nada se oppunha ao começo d'uma contenda que deveria decidir da sorte da Grecia e da Persia. Nesta promettedora conjunctura, tão lisongeira á sua ambição, Philippe resolveu-se ostentar a sua pompa e grandeza perante os gregos celebrando as nupcias de sua filha: mas quanto não é voluvel o destino? No meio do spectaculo

mais brilhante jámais presenciado na Grecia, cercado dos seus guardas e primeiros officiaes dos estados gregos, que pouco faltavam para lhe renderem honras divinas, Philippe foi apunhalado mortalmente por um assassino desesperado, e immediatamente expirou, levando para o tumulo todas essas vistas lisongeiras d'uma monarchia universal, deixando a seu filho e successor Alexandre a execução da sua grande empreza contra o imperio persa. Assim terminou o importante reinado de Philippe, rei de Macedonia, cujos planos gigantescos, juntos ao seu extraordinario tacto no gabinete e no campo de batalha, produziram a maior mudança nos negocios do mundo até ali conhecido. Os seus projectos foram levados a effeito por Alexandre, do modo que todos sabem.

Este principe em cerca de doze annos, tinha conquistado o imperio persa e aberto aquelle celebre caminho para a India, tão fallado na historia, e depois do seu regresso d'aquella famosa expedição, morreu em Babylonia aos trinta e tres ou trinta e quatro annos d'idade, 324 antes de Jesus Christo. A fortuna e victorias d'Alexandre tinhão sido das mais brilhantes de quantas a historia recorda, e o seu reinado constitue uma muito notavel epocha nos negocios humanos, apresentando uma nova ordem de couzas e produzindo uma mudança extraordinaria e importante no aspecto politico do mundo. A subjugação do imperio persa por Alexandre e seus gregos desenvolvem uma serie de causas e effeitos altamente dignos da attenção do historiador, do estadista e do philosopho. As guerras entre a Grecia e a Persia são d'uma natureza mais interessante que quaesquer outras anteriores. Durante todo o periodo, que decorrerá entre a primeira invasão da Grecia por Dario Hystaspes, e a extincção da monarchia persa, que teve logar por occasião da derrota e morte de Dario Codomano 330 annos antes de Jesus Christo, vemos o contraste entre um povo que se eleva e um povo decadente; entre uma nação fraca de recursos, mas bellicosa, activa, e emprehedora, e outra numerosa e opulenta, possuindo recursos vastos, mas luxuosa e effeminada; cujo poder era mais ficti-

cio que verdadeiro, cujos numerosos exercitos sustentaram um falso renome de bravura, e de cuja côrte a ostentação ofuscava a vista das nações visinhas com uma falsa demonstração de poder.

O objecto d'aquellas guerras era na maior parte d'importante interesse. Até então fôra a Azia o theatro de todos os grandes acontecimentos; e, juntamente com o Egypto, tinha sido a séde das artes e sciencias, da litteratura e commercio, e a unica parte do globo aonde se havia traçado profundos planos politicos e estabelecido reinos poderosos. A Europa até então passára despercebida, mas começava já a emancipar se do barbarismo. A Grecia recebera do Egypto e da Babylonia os rudimentos da civilisação, adquirindo alguns conhecimentos das sciencias.

O seu povo, activo, engenhoso e apprehendedor tinha estabelecido colonias na Italia, na Hespanha, e sobre as costas meridionaes da Gallia, como tambem nas ilhas do Mediterraneo, e começado a estender-se commercialmente, como tambem a adiantar-se na philosophia e na litteratura. Os gregos tinham, pelo seu genio activo, aproveitado estas circumstancias em seu proprio interesse a ponto que depressa se tornaram rivaes d'aquelle imperio potente que dominára todas as partes então conhecidas da Azia. As guerras entre os gregos e os persas tinham de decidir a grande questão, se á Azia ou á Europa competia a supremacia. Apoz longa contenda a balança pendeu para o lado da Europa, que então ganhou uma superioridade sobre a Azia, e tem-na mantido até hoje. Nenhum acontecimento precedente envolvera consequencias de tanta magnitude sob o ponto de vista moral ou politico. A expedição d'Alexandre contra a Persia é a empreza militar mais celebre na historia, e o seu resultado o mais brilhante. Ella effectuou a segunda grande revolução de poderes que constitue um marco notavel na historia da humanidade, e deu a Alexandre o titulo do maior e mais feliz conquistador do mundo—porem se elle pode reclamar a fama de consumado estadista e general, é um tanto duvidozo. A sua habilidade a este

respeito tem sido, não obstante o brilho da sua feliz carreira e qua tanto tem assombrado a posteridade, avaliado por diferentes modos. Uns o applidam temerario, outros heroe. Uns admiram a sua magnanimidade e heroismo, e o consideram o primeiro entre os guerreiros, em quanto que outros o representam como um espoliador de nações e açoite da humanidade. Na apreciação do seu character convem, porem, guardar o meio termo. Na sua invasão da Azia elle certamente tinha um pretexto melhor que a generalidade d'aquelles que, em diferentes periodos, teem aggreddido os seus visinhos. Considerando o negocio sob o ponto de vista de patriotismo, foi certamente a empreza mais popular que se podia tentar, como coincidia perfeitamente com os sentimentos de resentimento nutridos pelos gregos pelos insultos e injurias que repetidamente tinham soffrido dos persas.

No que respeita ás circumstancias especiaes d'Alexandre, era-lhe imposta esta empreza como uma necessidade, sob pena de perder a estima da confederação dos gregos e macedonios, seus subditos. Seu pae intentára a empreza e tinha feito todos os preparativos para a levar a effeito. Elle organisára um exercito superior em tactica e disciplina militar a tudo quanto se conhecêra; e Alexandre tinha muito apenas de se collocar á sua frente e guial-o á victoria e á conquista. Nesta conjunctura estava na absoluta necessidade de acabar o que Philippe começára e que teria levado ávante se a morte não viesse frustrar seus planos ambiciosos. Nestas circumstancias não era dado a Alexandre desistir d'uma empreza sem se mostrar pusillanime perante o seu e vindouros seculos, e consequentemente na sua invasão da Persia, elle deve estar justificado, ou pelo menos desculpado, perante os que reflexionam, visto que não fizera mais que qualquer outro homem em circumstancias semelhantes se veria obrigado a fazer. A sua subsequente conducta, em diversas occasiões, tanto durante o curso d'aquella guerra, como d'outras emprezas foi, porem, tal, que a não podemos considerar subordinada a outros principios que não fossem a ambição e enthusiastico

amor de gloria e que a posteridade classificaria de temerario arrojoso se um resultado feliz não viesse imprimir-lhe o cunho da magnanimidade. As circumstancias, porem, que impozeram a Alexandre o dever de conquistador tendem muito a diminuir, ou pelo menos a obscurecer, a sua reputação como general aos olhos do leitor intelligente.

Philippe concertára tão habilmente seus planos, organisára tal exercito, e fizera taes preparativos que o bom resultado era quasi infallivel. Alguns escriptores d'aquelle tempo, dizem que cada praça d'aquelle exercito tinha as qualidades precisas para official, e que cada official possuia sufficiente tactica militar para o habilitar para o commando em chefe. Em asserções d'esta natureza convem dar algum desconto, era habitual aos gregos exagerar; mas é fóra de duvida que a grande maioria do exercito d'Alexandre se compunha de veteranos, exercitados nas armas por aquelle grande mestre de tactica militar, Philippe, que formára a phalange macedoniana por tal modo impenetravel, que era quasi impossivel romper o compacto das suas fileiras. O seu successo, por tanto, não é para admirar, conduzindo tal exercito contra um inimigo tão pouco guerreiro; cujas forças, com quanto numerosas, eram mal dirigidas e sem disciplina. Se Alexandre não estivesse á frente d'esse exercito, se não fosse ajudado pelos conselhos e esforços de generaes como Parmenio, Sysimacho, Antigono, Perdicas, Cratero, Ptolemeu, e outros; ou se elle tivera voltado as suas armas para o ponente contra os aguerridos romanos em lugar de atacar os effeminados persas, os seus negocios terião provavelmente tomado um differente aspecto, e elle teria talvez brilhado escassamente, como conquistador invencivel, nas paginas da historia. Mas a todos é visivel, que nesta guerra, as circumstancias das duas nações belligerantes e o estado dos seus exercitos era tal que qualquer general d'habilidade mediocre no logar d'Alexandre, não teria podido falhar. Possuindo todas as vantagens d'uma excellente educação litteraria e militar, e dotado por natureza de coragem, magnanimidade, e genio, Alexandre parece talhado

para grandes acomettimentos; mas podemos tão sómente avaliar o seu character politico e militar pelo que effectivamente operou, e nesta estimativa devemos admittir que cada circumstancia devidamente pesada, os feitos d'Alexandre importaram um trabalho menos arduo que os de muitos outros guerreiros, cujo successo tem sido muito menos brilhante e cujos nomes tem um esplendor inferior.

E' forçozo, porem, confessar, que muitos dos planos d'Alexandre revelam não só espirito guerreiro mas tambem tacto politico e commercial, e tendem mais a dar-lhe honra do que a attribuir-lhe um desordenado amor de conquista. A sua fundação da cidade d'Alexandria, n'uma posição tão extremamente vantajosa para o commercio, parece inculcar idéas felizes das vantagens provenientes d'este trafico; e o florescente estado d'aquella cidade em quanto continuou a ser capital d'um reino independente, como, mais tarde, sob os imperios romanos e byzantano, prova a boa razão da sua escolha de tão favoravel posição para uma grande cidade mercantil.

O facto d'elle mandar Nearchos explorar as costas da Persia e da India mostra tambem que actuava n'elle um espirito investigador, a fora a avidez de conquista; e, se tivesse attingido idade avançada, que não teria feito, quando, subjugada a melhor parte do mundo, a conquista já não podesse offerecer-lhe as mesmas tentações?

A historia dá-nos noticias contradictorias sobre a morte deste conquistador. Muitos a attribuem aos effeitos d'envenenamento, opinião que, se considerarmos as suas arbitrariedades, a tantos respeitos anthipaticos aos gregos e macedonios, e sobre tudo as ambições desmedidas de seus generaes, não é nada improvavel; mas ella resente-se egualmente de muita poesia como se pode ver em Plutarcho e outros authores. Opinam outros que elle morrera de doença originada por excessos e embriaguez, porem, tudo quanto podemos colligir d'essas contradicções é que elle falleceu em Babylonia de febre, cerca de 324 annos antes de Christo, e 215 depois da

conquista d'aquella cidade, e fundação do imperio persa por Cyro.

Levados pela natureza do assumpto a fazer algumas observações geraes sobre uma guerra a mais importante, corôada pelos mais esplendidos resultados até então registados nos annaes militares, como tambem sobre a indole e condições do mais celebre dos conquistadores, passemos a analysar o progresso das artes, das sciencias e da litteratura durante o periodo de duzentos e quinze annos que decorreram desde a existencia do imperio persa, desde a sua fundação sobre as ruinas de Babylonia 540 annos antes de Christo, até á sua final subjugação pelos gregos sob o commando de Alexandre, 330 annos antes da era do Senhor. Voltando os olhos sobre a Grecia durante este interessante periodo, apresenta-se nos uma grande e magnifica perspectiva do progresso rapido da intelligencia humana em todos os campos da sciencia e litteratura. Os rudimentos da philosophia e administração civil, e de quasi todas as artes e sciencias que a Grecia recebeu do Egypto, tinham sido tão proveitosamente cultivados e melhorados pelo genio activo e penetrante de seu povo, que no espaço de menos tres seculos, desde os primeiros ensaios na civilização da sociedade, os gregos haviam progredido por tal forma na architectura, na pintura, em estatuaria e em outras artes d'ornato, bem como em toda a sorte de composições litterarias, que jámais foram excedidos. Seus trabalhos em todos estes generos teem sido considerados modêlos; e os seu escriptos, em todos os differentes ramos, são ainda hoje tidos como typo de perfeição litteraria. Em sublimidade de idéas e clareza de raciocinio, os seus philosophos prendem a nossa admiração; e os seu poetas e oradores, se alguma vez teem sido egualados, nunca foram certamente excedidos nem em tempos antigos nem modernos. No tempo de Alexandre, ou antes de seu pae, Philippe, e na idade immediatamente anterior, a Grecia apresenta um quadro interessante do estado cultivadissimo da intelligencia humana. A educação da mocidade era um dos pontos principaes entre as clas-

ses ricas, sem o que ninguem podia aspirar aos cargos civis ou militares, bastante numerosos em rasão dos differentes estados em que se devia a Grecia. Estas condições erão forte estímulo de industria e emulação. As frequentes guerras que os gregos declaravam uns aos outros, como egualmente contra seu potente adversario, o monarcha persa, obrigaram-nos a entregar-se ao estudo da tactica militar e exercicio das armas: de modo que as artes e as armas, a litteratura e a diplomacia erão cultivadas simultaneamente, e franqueavam caminho ás diversas dignidades e honras. Na idade que precedeu o reinado de Philippe de Macedonia, a Grecia apresenta-se-nos como um paiz offerendo todos os estimulos imaginaveis ao exercicio de todas as facultades, e d'um povo esforçando-se para levar a intelligencia do homem ao supremo grau de perfeição. Contemplando, porem, o aspecto do mundo na generalidade, vemos que a Grecia, muito apenas, nos offerece tão lisonjeiro quadro; o resto do mundo immerso em luxuozza effeminação, ou selvatica ignorancia, apresentava um deploravel e hediondo contraste. A Persia enchafurdando-se em luxo e riquezas, ostentando, unicamente magnificencia e esplendor, perdeu de seu poder e grandeza primitiva á proporção que a Grecia attingia o zenith da sua gloria. O Egypto perdêra seu antigo esplendor, e estava sugeito á Persia. N'aquelles paizes as sciencias, sem duvida, estavam sendo cultivadas; na Persia pelos magos, e no Egypto pelo clero; mas aonde o genio e a illustração não são meios indispensaveis ao engrandecimento, geralmente florecem muito quando o gosto nacional toma um curso differente. Sob a influencia d'um governo dispotico as sciencias poucas vezes tomam incremento a não ser que um principe intelligente occupe o throno, e saiba apreciar e galardoar o genio e a illustração. Se, comtudo, aos egypcios e aos persas ainda tivesse ficado algum conhecimento e gosto pelas artes e sciencias, não podiam competir com os gregos, muito superiores nas artes e nas armas. Basta notar que a elevação da Grecia effectuando a queda da Persia, todos os nossos monumentos d'antiga

sciencia nos vieram da primeira. Nenhuma das obras dos magos da Persia ou dos padres do Egypto ou da Babylonia da antiguidade nos foram transmittidos. O tempo e as revoluções destruidoras que tantas vezes teem mudado a face do universo foram o naufragio universal de toda a sabedoria antiga que existia anterior á era da litteratura grega. Qualquer que fosse o estado das sciencias entre os babilonios, egypcios, e persas, nenhum dos seus monumentos litterarios baixaram até nós. Todas as noticias que temos d'aquellas nações, da sua historia, do seu estado politico, da sua religião, dos seus conhecimentos scientificos e litterarios e costumes, á excepção d'aquellas luzes que nos proporciona a historia sacra, tem-nos vindo por meio dos escriptores gregos. Os gregos espoliavam os thesouros da litteratura de todas as nações, e qualquer sciencia que lá achavam, faziam-na sua. Assim, não temos por onde aferir o progresso litterario d'outras nações; e da grande massa da sabedoria grega é impossivel determinar quanta é da sua lavra, e quanta foi importada de fora. De todas as nações da remota antiguidade, os judeus são o unico povo cujas obras litterarias teem, por uma combinação extraordinaria e providencial, chegado aos tempos modernos.

Não obstante a universal aniquilação das obras litterarias da Babylonia, do Egypto e da Persia, parece por circunstancias geraes, que aquellas nações não tinham feito grande progresso n'aquelle ramo. A sabedoria dos Babilonios e dos egypcios é frequentemente mencionada na escriptura sagrada. Tão remotamente como a idade de Moizés os conhecimentos scientificos dos ultimos são citados, e o legislador hebraico fôra, segundo se nos diz, instruido nas sciencias dos egypcios. E o propheta Jeremias dirigindo-se á Babylonia, diz: «A tua sabedoria e a tua illustração te hão pervertido.» Estes e muitos outros trechos, que se encontram nos escriptos hebraicos estão-nos dizendo que o povo da Babylonia era estudioso e amante dos melhoramentos intellectuaes, com quanto dado á superstição, e confundido no erro, como todos os antigos pagãos, cuja religião se não subordinára á luz da divina reve-

lação, e cuja philosophia se fundára inteiramente sobre conjecturas, e não na experiencia. Em quanto ao egypcio, os proprios gregos não se envergonham de lhe tributar os maiores elogios pelos seus conhecimentos e philosophia. As magnificas ruinas de Thebas não menos attestam o antigo esplendor do Egypto, e aquelles de Persepolis provam que a Persia fôra já a séde das artes e d'uma elegante magnificencia, e se as producções litterarias dos persas, á maneira das dos gregos, nos tivessem vindo ás mãos, é provavel que a nossa idéa a seu respeito fosse ainda mais favoravel. O fatal resultado porrem da sua derradeira contenda com a Grecia, dando mesmo desconto á parcialidade grega e seus prejuizos nacionaes, provam evidentemente o pessimo estado da sua administração civil e militar. Um dos grandes erros no systema de governo da Persia era a divisão do seu imperio em um numero de departamentos desligados e quasi independentes, cujos governadores cuidavam tão somente da administração interna, sem se julgarem obrigados a tomar quaesquer medidas a bem da segurança geral do imperio como nos dizem as noticias que temos das suas convenções com os gregos, e todas as suas operações militares na guerra contra Alexandre evidenciam a maior falta de tactica, a par da maior relaxação de disciplina. Os seus numerosos exercitos marchavam mais para uma revista do que para a batalha, e todo o seu material de guerra era mais vistoso e rico do que util.

Saindo do campo em que temos estado e lançando a vista sobre os judeus e romanos, sem transposição de tempo, vemos os primeiros um povo tributario á monarchia persa no goso de suas leis e religião, e vivendo pacificamente sob a sua protecção; e os ultimos uma nação guerreira, e patriótica no seu principio. Os romanos tinham vivido sob um governo monarchico durante o espaço de 245 annos, a contar da fundação da sua cidade, e durante este tempo tinham successivamente reinado sete soberanos; mas a monarchia romana parece ter tido sempre um poder limitado e que o senado e o povo partilhavam da administração. Tendo expulso o ul-

timo de seus reis Lucio Tarquinio, por appellido o Soberbo, em consequencia do rapto de Lucretia, senhora romana, por seu filho e d'outros actos diversos de despotismo e oppressão, constituiram uma forma republicana de governo, cerca de 508 annos antes de Jesus Christo, e 27 antes da invazão da Grecia por Xerxes, e 178 antes da subjugação do imperio Persa por Alexandre. Os romanos tinham já começado o seu engrandecimento por meio da guerra e conquista, mas as suas conquistas eram ainda de pequena importancia, e passou-se muito tempo antes que estendessem os seus dominios longe das circumvallações entrincheiradas da sua cidade. Ao tempo que Alexandre conquistou o imperio Persa, o territorio romano não constituia uma porção maior da Itália que a actual campanha de Roma; e Roma, mais tarde, senhora do mundo, não pezava então na balança politica das nações. Os romanos áquelle tempo nenhum progresso tinham feito nas artes e na litteratura. Falla-se de seus oradores e dos seus discursos, mas a sua eloquencia vinha d'uma intelligencia clara e vigorosa mas inculta, sem aquella argumentação e estylo, sem aquella eloquencia estudada chamada rhetorica, tão cultivada e tida em apreço entre os Gregos. Em quanto aos Judeus, nunca foram considerados como povo scientifico; mas durante este periodo entregaram-se ao estudo da philosophia sufficientemente para continuar as opiniões dos philosophos do oriente com os seus preceitos religiosos. D'aqui nasceram as duas seitas rivaes dos phariseos e sadduceos desconhecidas durante a existencia da monarchia judaica, anterior ao captivo de Babylonia. D'estas duas seitas celebres a dos sadduceos seguio rigorosamente a lei de Moises, em quanto que os phariseos adoptaram, além de varias tradições judaicas, as opiniões que haviam adquirido nas suas relações com os babilonicos e persas nos tempos do captivo. A terceira seita, chamada dos Essenes appareceu igualmente entre os judeus. O celebre historiador Flavio Josephus dá-nos um detalhe circumstanciado dos preceitos religiosos d'aquellas seitas.

Depois d'este esboço politico, moral e intellectual relativo

aos persas, judeos, gregos e romanos no periodo decorrido entre os reinados d'aquelles celebres conquistadores, Cyro e Alexandre, e que abrangeu a existencia do imperio Persa, faz-se-nos preciso voltar a attenção para o estado geral dos paizes mais notaveis do mundo moderno durante este interessante periodo da antiguidade. A Europa inteira, á excepção da Grecia, e uma diminuta parte da Italia, era então desconhecida. Os paizes hoje tão florescentes nas artes e nas armas, aonde todas as sciencias uteis e ornamentaes chegaram a tão elevado grau de perfeição, aonde cada ramo de litteratura se cultivava tão esmeradamente, aonde todos os canaes de commercio se exploram com tanta industria, aonde se encontra toda a elegante commodidade da vida social, aonde o luxo reina em todas as suas variadas formas, aonde abundam grandes e populosas cidades, e aonde são tão numerosas e prosperas as universidades e academias: esses paizes que hoje envião suas frotas para recolherem os productos de cada differente clima, e estabelecer colonias nas mais longinquas plagas do globo, estavam ainda immersas na obscuridade do barbarismo, e tão pouco conhecidos para o então mundo civilizado como são para nós ainda os desertos da Arabia e da Tartaria, ou o interior d'Africa. Era este o estado dos paizes de maior nomeada da actualidade ao tempo em que a Grecia chegára ao zenith de seu esplendor e quando sua engenhosa população tanto progredira nos variados ramos da sciencia humana. Quando Athenas era a sede das sciencias e da litteratura, abundando em seminarios, e repleta de philosophos, oradores, legisladores e de heroes, Londres e Paris, hoje os centros de tudo quanto é grande e elegante não eram mais que pantanos. Mudança espantosa! Nos tempos de Philippe e Alexandre, a Italia, a Hespanha e a França eram para a Grecia, o que são hoje para nós os sertões da America, e todo o resto da Europa, a excepção, talvez, da costa do sul da Grã-Bretanha.

A Allemanha, a Polonia, a Russia, a Dinamarca e a Suecia não eram mais que vastos terrenos de mattas e charnecas,

intransitaveis pantanos, desertos sem trilhão, habitados por animaes ou por homens no mais selvagem estado, inferiores aos mais civilizados tribus da Nova Zelândia e d'outras ilhas do mar do sul quando descobertas. E o Egypto, quem tal diria, berço das artes e sciencias, aonde a philosophia começou e se desenvolveu o genio do homem em toda a sua variedade, e a Grecia aonde a sabedoria do Egypto se melhorou, e aonde todas as artes e sciencias que podem embelezar uma nação foram levadas a um grau de perfeição que causou a admiração da posteridade, passaram ao estado da mais crassa ignorancia, e de seus magnificos edificios apenas restam as ruinas.

A propria posição d'algumas das mais celebres cidades do antigo mundo, não se pode hoje determinar. Nineve, tanto tempo a capital do imperio Assyrio, e Babylonia a gloria das nações e o enlevo dos Chaldeos anniquilaram-se por tal forma que ninguem nos diz hoje aonde existiam, e em quanto á memoravel cidade de Memphis, muito tempo a metropoli do Egypto, e residencia real dos Pharaós, bem que tenhamos inquestionaveis provas da sua extensão que uns dizem ser de 17 e outros 19 milhas em circunferencia, como tambem da sua magnificência, os mais curiosos geographos e antiquarios não puderam descobrir o logar aonde fora fundada. Poucas circumstancias da geographia antiga tem sido tão discutidas como a posição d'esta famosa cidade. Viajantes modernos como o dr. Pocock, o capitão Norden, mr. Savary e outros muitos tem procurado resolver este problema, e cada um tem dado razões plausiveis a favor da sua hypothese, mas discordam entre si.

As testemunhas de todos os authores antigos que tem feito menção de Memphis levam-nos a crer que assentava sobre a margem esquerda do Nilo; mas em quanto que uns a collocam aonde hoje está Gize defronte do Cairo, outros a fazem 15 e 17 milhas mais ao sul, e o capitão Norden opina que a maior das pyramides existia entre seus muros. O anniquilamento total de Nineve, de Babylonia e de Memphis são provas em summa da instabilidade das cousas humanas.

## UN DECIMA CARTA

Depois da vista retrospectiva que acabamos de lançar sobre um interessante periodo da historia do mundo, passaremos á consideração d'outro, mais importante ainda, por isso que nos aproxima dos tempos modernos.

O periodo em que entramos é aquelle que começa pela morte d'Alexandre e finda no nascimento de Christo. Ao principio vemos todas as partes conhecidas da Azia, que haviam formado em primeiro lugar os imperios da Assyria e da Babilonia, e depois o imperio Persa, como tambem a Grecia, unico paiz civilisado e scientifico da Europa, sob o regimen absoluto d'uma força militar grega; Roma, estado nascente e guerreiro, e o resto da Europa como são hoje os sertões da America para nós.

Um novo scenario vae agora desenvolver-se. Começa a predominar o poder romano; e ás victorias de Roma se deve a civilisação e a instrucção de toda aquella parte da Europa que fica ao sul do Danubio e ao oeste do Rheno. A' medida que nos afastamos das sombras da antiguidade o quadro illumina-se. As convulsões que abalaram o mundo com as ambições desenfreadas dos successores d'Alexandre, tem de sobresair nestas paginas. Durante a maior parte deste periodo os acontecimentos politicos do mundo constituem dous dramas distinctos e importantes, cuja representação teve lugar em dous differentes theatros. No Oriente as incessantes guerras dos generaes d'Alexandre e de seus successores entre si, fizeram tremer toda a Grecia e os paizes occidentaes da Azia, em quanto que no occidente a ambição insaciavel e emprehendedora de Roma trazia agitada a maior parte da Europa, principalmente na sua longa e desesperada contenda com a republica de carthago sua grande rival. As reciprocas hostilidades, os interesses oppostos, as irreconciliaveis animozidades, e inumeraveis crimes dos generaes Macedonios e dos successores da sua usurpação, são sufficientemente desenvol-

vidos pelos historiadores. Um só golpe de vista sobre a conducta e destino dos principaes d'aquelles usurpadores basta para despertar reflexões sem as quaes a leitura simples de historia é trabalho ocioso e perdido.

Tão depressa fechou Alexandre os olhos, os principaes chefes se consultaram sobre os negocios publicos. Ptolomeu votou pelo governo d'um concelho supremo de generaes, e que tudo que dissesse respeito á parte administrativa fosse resolvida por maioridade d'aquelle concelho; em quanto outros proponham que Perdicas fosse eleito rei. Neste violento estado de cousas, Arhideu, filho de Philippe, mas não de Olympias, e por consequencia irmão d'Alexandre só pelo lado paterno, foi aclamado rei pelo exercito, e os generaes tiveram de confirmar esta eleição. Perdicas e Leonato sahiram então de Babylonia, e fizeram matar Meleagro pela parte activa que tomára na eleição d'Arhideu. Reuniram então o exercito nas immedições de Babylonia e apossaram-se do rei. Novo concelho de generaes teve então logar na qual dividiram entre si o imperio, deixando a Arrhideu o titulo apenas de rei, e deram a Perdicas superioridade sobre elle com a denominação de Protector. Antipater, a quem o concelho fizera governador da Macedonia, subjugou a Grecia, que se lhe havia revoltado, guarneceu militarmente Athenas, abolio a forma democratica do seu governo e meteu a administração nas mãos de cerca de nove mil pessoas de distincção e meios, estabelecendo deste modo uma aristocracia em substituição do systema precedente.

Destituiu o povo de todos os direitos de suffragio, e fez passar uma consideravel parte para a Thracia. Antipater tentou a morte do celebre orador Demosthenes. Vendo este grande homem eminente a sua morte pediu licença d'alguns momentos a sós para escrever, e aproveitando a occasião envenenou-se, para o que andava já preparado.

A ambição desenquieta dos generaes, não tardou, porem, a produzir os mais mortiferos effeitos e a trazer em agitação o imperio todo. Ptolomeu, Antipater, e Crater declararam guer-

ra a Perdiceas, o qual invadio o Egypto, provincia governada por Ptolomeu, e foi morto por seus proprios soldados.

Foi elle o primeiro dos generaes macedonios sacrificado n'aquellas guerras civis, e á sua morte seguiu-se a de Cratera, morto na batalha contra Eumenes. Antipater, depois da morte de Perdiceas foi feito Protector, e levou o rei e a rainha para Macedonia, deixando Antigono na qualidade de governador, ou tenente, da parte aziatica do imperio. Antipater faleceu na idade de oitenta annos: era homem de letras e fora estudante d'Aristoteles. Polysperchon foi então escolhido para Protector; mas Cassandro, filho d'Antipater, immediatamente se revolucionou contra elle. Polysperchon restaurou o governo democratico d'Athenas e das outras cidades da Grecia, e fez morrer a maior parte do partido aristocratico. Deste modo foi a Grecia alternativamente victima da oppressão da aristocracia ou da licensa popular, sob a tyrannia dos usurpadores macedoneos do imperio d'Alexandre. A immediata commoção intestina foi uma guerra entre Antigono e Eumenes, na qual Eumenes, depois dos actos mais heroicos no campo de batalha, onde desenvolveu um talento de general consummado, foi trahido pelo regimento dos Argyraspides, ou escudos de prata, e entregue nas mãos d'Antigono, que o fez morrer. Durante estes acontecimentos, Olympias, mãe d'Alexandre magno, apossandese do rei Arrhideu e de Eurydice sua rainha, os fez matar, e nomeou o joven Alexandre, filho de Alexandre, e de Roxena, herdeiro do imperio. Cassandro imprehendeu então uma expedição contra Olympias, que, com Roxena, seu joven filho Alexandre, e toda a corte, encerraram-se em Pydisa. Olympias foi obrigada a entregar-se a Cassandro, e a instancias deste foi julgada e condemnada, em grande conselho de officiaes macedonios, á morte; justo castigo dos seus muitos crimes d'ambição e crueldade. Assim cahio pela mão do executor, a mulher de Philippe de Macedonia, e mãe d'Alexandre magno.

Tendo Antigono, pela traição dos Argyraspides, conseguido anniquillar Eumenes seu prudente e corajoso rival, asse-

nhoreou-se de toda a Medea e Persia, matou Pithon, e correu com Seleuco para fora de Babylonia; mas a sua repentina e extraordinaria elevação levantou contra elle uma forte confederação dos outros generaes. Ptolomeu, Cassandro, e Seleuco fizeram causa commum para abater o exorbitante poder de Antigono, que por este tempo assumira o titulo de rei, no que foi imitado por Ptolomeu, Seleuco e Sysmacho; foi deste modo que o imperio grego ou Macedonio, que existio apenas durante a vida d'Alexandre, perdeu logo depois da sua morte até mesmo a sua existencia nominal e dividio-se em varios reinos iudependentes e hostis.

Esta confederação, porem, foi fatal para Antigono. Seleuco readquirio Babylonia e os paizes da Azia superior: Tendo-se Antigono apoderado de Cleopatra, irmã d'Alexandre Magno que estava esposada a Ptolomeu, fel-a matar, para que Ptolomeu não podesse aproveitar uma alliança com a familia d'Alexandre, cuja memoria era cara aos soldados da Macedonea. Assim procuraram aquelles usurpadores exterminar a familia inteira de seu victorioso senhor. Levando os principes confederados por diante a guerra contra Antigono, Sysmacho entrou tambem na confederação, e Antigono foi morto na batalha d'Issus, perto da cidade d'Ephezo que elle deu contra as forças alliadas de Seleuco e Sysmacho. D'este modo cahio este ambicioso e desenquieto usurpador, com oitenta annos d'idade. Morrendo Cassandro em Macedonia, seu filho Alexandre foi mandado matar por Demetrio Poliorcetes, filho d'Atigono; e seu outro filho Autipater, foi igualmente morto por ordem de Sysmacho, cuja filha elle despozára: Depois d'isto fez Sysmacho matar seu proprio filho Agathocles, cuja mulher e filhos procuraram a protecção de Seleuco, e o levaram a declarar guerra a Sysmacho. Nesta guerra morreu Sysmacho e seus quinze filhos todos por differente modo, Sysmacho, na idade de setenta e quatro annos cahio em batalha.

Depois da morte e derrota de Sysmacho, Seleuco passou á Europa a fim de se apossar de Macedonia, aonde foi traiçoei-

ramente assassinado, contando então setenta e quatro, ou setenta e cinco annos de idade.

Assim cahio, por assassinio, Seleuco o derradeiro dos generaes da eschola de Philippe de Macedonia, e que tinham acompanhado Alexandre na sua brilhante e extraordinaria carreira de conquistas. Ptolomeu morreu no Egypto pouco antes da morte de Seleuco. Não só era um principe guerreiro, mas humano e generoso, e de todos os generaes d'Alexandre foi o unico que resistio ás tempestades que se incendiaram incessantemente no horisonte politico d'aquelles tempos agitados; porque Antipater morreu de velho, justamente no começo d'aquellas commoções internas, e por conseguinte pouco experimentou de seus horrores.

Quasi periodo algum da historia da humanidade apresenta um quadro tão horroroso dos terriveis effeitos das paixões humanas como aquelle que seguiu a morte d'Alexandre. Os generaes que serviram com elle, e que depois usurparam o seu imperio, com quanto fossem os dominios de cada um sufficientemente extensos e ricos, para serem todos grandes e poderosos, monarchas, eram elles tão ambiciosos, que sacrificaram a um espirito turbulento e insaciavel toda a tranquillidade e ventura da vida, convertendo todos os paizes situados dentro dos limites da sua jurisdicção, em vasto theatro de sangue e de crimes. Não só exterminaram a familia inteira de Philippe e d'Alexandre; mas diligencaram, e por fim conseguiram, já á viva força, já á traição, a sua mutua destruição.

Drama algum tenha talvez havido no theatro moral do mundo mais notavel e interessante como aquelle que nos apresentam os generaes que se apossaram dos dominios d'Alexandre. Tinham sido disciplinados por Philippe e visto a Macedonia, até então um reino desconhecido, sair d'um estado abjecto, tomar uma parte activa na politica do mundo, e ganhar uma preponderancia decidida sobre a Grecia. Tinham partilhado os trabalhos de Philippe e esperavam partilhar da sua gloria na conquista da Persia. Tinham testemunhado a

prematura quédá de seu guerreiro e politico mestre, e presenciado a execução de seus vastos projectos por seu filho. Tinham sido os principaes actores na conquista do imperio persa e, seguindo seu victorioso estandarte, tinham penetrado na Bactria e na India, paizes até então desconhecidos para os gregos. Tinham assistido á prematura morte de seu chefe conquistador, e ao termo de todos os seus ambiciosos projectos. Tinham visto cair nas suas proprias mãos as suas vastas conquistas, e, de pobres officiaes macedonios, que tinham sido, vieram a ser principes soberanos, e cada um talhou para si um reino mais rico e extenso que aquelle de Macedonia. Tinham-se lançado n'um novo mundo, e a sua fortuna excedêra as suas mais lisongeiras ambições, mas não lhes assegurou, no fim de suas vidas, aquella tranquillidade e repouso, que a idade, e uma longa vida de continuados trabalhos pedem. As suas mutuas animosidades e hostilidades interminaveis envenenaram-lhes seus ultimos dias; e depois de tão brilhante esteira de conquistas, passaram á velhice no meio de pezares, de desordens e carnificina; e poucos d'elles baixaram á terra em paz, apresentando á posteridade um exemplo memoravel dos terriveis effeitos d'uma ambição illegal e insaciavel.

Quando reflectimos sobre a grande empreza d'Alexandre, e a sua brilhante conquista da Persia, não podemos deixar de notar, que pouco menos desastrosa foi para os vencedores do que para os vencidos, quer considerada pelo lado das conveniencias nacionaes, quer pelo dos seus effeitos, em relação aos individuos mais interessados n'ella. Sob o ponto de vista de nacionalidade, a prematura morte d'Alexandre; o desmembramento e divisão do seu imperio pelos generaes macedonios, e as suas incessantes guerras, agitaram aquelles paizes incessantemente, acarretando immensos males aos seus habitantes. Os gregos, principalmente, sendo compellidos a seguir o destino d'aquelles usurpadores rivaes, conforme exigiam as diferentes circumstancias que imperavam, estavam, mais que quaesquer outros expostos aos horrores da guerra, e á constante tyrannia e oppressão de seus differentes senhores; foram

menos victimas de seus patricios do que teriam sido dos persas se elles tivessem conquistado a Grecia. Reflectindo sobre as consequencias d'estas memoraveis conquistas no que respeita aos individuos que as fizeram, vêmos que foram factaes á sua tranquillidade d'espírito. Alguns dos principaes chefes, satisfizeram, é verdade, a sua ambição apoderando-se do poder soberano e dos titulos de realeza; mas as suas corôas foram corôas d'espinhos. Atormentados por continuas e sanguinolentas guerras entre si, privados do repouso que exige o fim d'uma vida gasta nas lides das batalhas, a maior parte foi victima da guerra ou da traição, e baixaram á sepultura com as cans tintas de sangue. Aquelle invencivel exercito de bravos veteranos, educado por Philippe e conduzido por Alexandre á Azia, gastou-se em hostilidades infructiferas, e poucos dos valentes soldados que conquistaram a Persia regressaram á sua terra natal.

A subsequente historia dos reinos nos quaes se dividio o imperio dos gregos na Europa e na Azia, apresenta a mais hedionda scena de hostilidades e traições, d'infelicidade e de crimes, até que successivamente caíram em poder dos romanos. De todos elles, o Egypto, fundado por Ptolomeu Sagus, que na partilha geral do imperio d'Alexandre, se apossou d'aquelle paiz, foi o unico que floresceu n'um estado de estabilidade permanente. Sob o reinado dos Ptolomens, o Egypto reconquistou seu antigo esplendor e aquella celebridade que adquirira no tempo dos Pharaohs, seus principes naturaes; Alexandria veio a ser o que tinham já sido Thebas e Memphis, e até rivalisava com Athenas no numero e fama das suas escolas de philosophia e litteratura. No reinado de Ptolomeu Philadelpho, o segundo principe da dynastia grega, a escriptura sagrada dos judeos appareceu pela primeira vez traduzida em lingua estrangeira. O illustre protector das sciencias, deseioso de archivar a massa inteira de conhecimentos humanos, empregou homens intelligentes e sabios, para procurarem livros de toda a parte onde fosse possivel acharem-se; e a seu particular pedido 72 judeos d'instrução foram enviados

282 annos antes de Jesus Christo, de Jerusalem, para traduzirem as escripturas para o grego, lingua que se fallava na Alexandria, sendo a lingua egypteica fallada tão somente pelo povo rude. As particularidades que dizem respeito a esta celebre traducção acham-se detalhadamente mencionadas por Flavio Josephus, que, pertencendo á ordem dos sacerdotes, e sendo pessoa de qualidade e distincção, tinha, sem duvida entrada nos archivos da nação hebraica; e estava por consequencia no caso d'estar ao facto d'este negocio que devia necessariamente constar dos annaes d'aquella nação em Jerusalem, como tambem dos archivos d'Alexandria.

Esta traducção chama-se a Septuagente e foi sempre tida em grande conta entre os primeiros mestres, como entre muitos modernos theologos e criticos. Ptolomeu Philadelpho merece a celebridade de ter sido um dos maiores protectores da litteratura antiga e na perseguição de tão louvaveis esforços colleheu elle mais louros que os que dá a sanguinolenta carreira das conquistas. Assevera-se que chegou a formar uma bibliotheca de 500:000 volumes; e o seu reinado é memoravel nos annaes da litteratura.

Se voltarmos a attenção do Egypto para as Indias, veremos que os negocios d'aquella nação offerecem assumptos de bastante interesse durante aquelle periodo. O livramento d'quelle povo da tyrannia e oppressão dos gregos pelo heroísmo patriotico de Judas Macchabeo e seus irmãos, é um facto tão glorioso como qualquer d'aquelles practicados pelos mais illustres heroes da Grecia e Roma. A sua origem assenta sobre justissimos motivos, e, todas as circumstancias consideradas, foi mais ardua esta empreza, e consequentemente mais gloriosa que não as conquistas da Persia por Alexandre, ou, talvez, que todas as proezas de Cezar. Aquelles conquistadores tiveram de combater inimigos, cujas forças, por muito numerosas, eram sem comparação inferiores ás suas em disciplina e tactica militar; porem Macchabeu e seus irmãos emprenderam uma lucta importantissima e perigosa, com um inimigo não só superior em numero, mas incomparavelmente supe-

rior em disciplina, e theoria ; e por meio d'uma coragem perseverante, que difficuldade alguma podia abater, conseguiu arrancar o seu paiz á oppressão politica e religiosa. Judas cahio nobremente, depois de conseguir o seu grande fim, e a sua familia continuando nas vantagens obtidas com uma perseverança incançavel firmou a independencia do seu paiz , e mudou a sua forma de governo, d'uma republica fraca e instavel que era, para uma monarchia vigorosa e cfloriente ; porque João Hyrcano, filho de Simão Macchabeo, reunindo em si as funcções de gran-sacerdote com as de generalissimo dos exercitos, e no seu espirito todos os talentos precisos para o exercicio de misteres clericas militares e de realeza, tendo sido victorioso sobre os inimigos do seu paiz, e firmado o seu governo, seus filhos, successivamente, assumiram não só o poder real mas o titulo derei, e o supremo sacerdocio ficou egualmente na familia, apesar de não estar reunida na pessoa do monarcha. Os descendentes de Hyrcano são conhecidos, na historia da nação hebraica pela denominação de=dynastia as-nioneana. As desintelligencias d'esta familia finalisaram pela tomada de Jerusalem por Pompeo e a sujeição da nação judaica aos romanos. Depois d'este acontecimento vemos novamente o restabelecimento da monarchia judaica, por favor e sob a protecção dos romanos, que collocaram sobre o throno de David, Herodes o Grande, filho de Antipater e de Idumea. Este principe demolio o velho templo de Jerusalem e o reconstruiu da maneira a mais magnifica e reinou com grande esplendor mas com uma quasi assignalada tyrania. Herodes foi um principe de talento transcendente mas sem consciencia nem sentimento, como prova a morte que mandou dar a sua formosa e querida esposa Marianna, e a seus dous filhos principes de primorosa educação e esperançosos talentos. Tinha egualmente condemnado á morte seu filho favorito Antipater, mas a sua propria morte suspendeu a execução da sentença. A narração das crueldades d'este principe lê-se detalhadamente nas obras de Josephus, que pinta, em vivissimas côres, as traições e intrigas da sua côrte, e descreve, em estylo robus-

to e elegante, o seu reinado turbulento cheio de crimes e de infelicidade domestica.

De facto, de todos os principes cujos nomes a historia recorda, nenhum n'esta ultima parte experimentou maiores dissabores. Pouco depois da morte de Herodes, tendo a Judea passado por differentes mudanças de forma de governo, ficou por fim reduzida a provincia romana, em cujo estado permaneceu até ao tempo de que estamos tratando.

Durante elle, isto é, desde a morte de Alexandre e a vinda de Christo, o rapido progresso dos romanos nas artes e nas armas, no engrandecimento do poder, na aquisição de riquezas e na extensão de dominio, constitue a feição mais conspiciua no aspecto politico do mundo e um assumpto importante e interessante da historia.

No tempo d'Alexandre vimos o territorio romano circumscripção a uma pequena parte da Italia, e requeria volumes para dar em detalhe a longa serie de guerras e conquistas que levaram Roma áquelle auge de poder e gloria a que ella depois chegou ; mas investigada a causa, vemos que abaixo de Deos deveram o seu engrandecimento ao rigor com que observavam a disciplina militar, seu estudo aturado da tactica, junto a medidas rigorosas e decisivas nos seus conselhos. A arte da guerra e de réthorica eram, por muito tempo as unicas cultivadas e tidas em consideração entre os romanos ; e durante o periodo inteiro da existencia da republica eram o principal objecto do seu estudo, por isso que constituíam o unico caminho para a honra e fama, unica ambição dos romanos. Ambição e não avareza, era a paixão dominante entre aquelle povo e consequentemente o commercio era pouco apreciado e seguido. A conquista era o fim, a guerra o meio. Todo o cidadão era soldado e o seu tempo de serviço dez annos. O seu modo de acampar, a regularidade da sua disciplina e o inteiro systema theorico que adoptaram, são objectos curiosos d'investigação.—Uma descripção de tudo isto encontra-se em escriptos antigos, e nenhum classico as pode ignorar.

Um dos caracteristicos particulares da republica romana

é, que os revezes e as derrotas, não poderam nunca prevalecer nos concilios. A coragem romana mostrava-se sempre superior ás difficuldades que tinha d'arrostar. D'isto, a sua grande contenda com a republica de Carthago, sua rival, uma das mais importantes e obstinadas, que nos recorda a historia, é evidente prova. Os romanos, com quanto reduzidos ao ultimo extremo, jamais desanimaram nem affrouxaram d'esforços. Quando apertados por todos os lados por Annibal, que os havia derrotado em successivas batalhas, e saqueado o seu territorio até mesmo ás portas de Roma, nenhuma medida de pusillanidade fora adoptada pelo senado; poz se em acção tudo quanto era possivel, e não lhes passou nunca pelo pensamento a acceitação d'uma paz ignominiosa.

Tem se geralmente como um erro grave da parte d'Annibal deixando d'assaltar Roma immediatamente em seguida á sua assignalada victoria de Cannas; e os echos da historia repercutindo-se, dizem-nos que Annibal sabia vencer mas não tirar partido das victorias. Todo o estudante conhece que sobre o character de um dos maiores generaes que tem existido em qualquer idade e em qualquer paiz, se tem lançado este stigma, mas não devemos precipitadamente censurar a conducta de tão distincto militar. O seu plano d'operações podia ser determinado por causas desconhecidas aos authores q' nos transmittiram a noticia d'aquelles acontecimentos. O bom resultado da guerra depende d'uma multidão de circumstancias, muitas das quaes poderão parecer de pouca importancia a quem não estiver perfeitamente ao facto das cousas; e consequentemente é impossivel formar um juiso seguro de circumstancias que actuaram no momento, passados muitos seculos. Tanto, quanto podemos julgar pelo que nos diz a historia, achamos-nos authorisados a repellir qualquer idéa de pusillanidade da parte de Annibal, desprezando o favoravel ensejo que lhe offerecia a victoria de Cannas. Depois d'essa batalha ganha sobre tropas como eram as legiões romanas, é decrer que o seu exercito, com quanto victorioso, deveria ter soffrido immenso. Pela horriavel mortandade do lado dos romanos, devemos

concluir que as perdas entre os cartaginезes teriam sido consideraveis. Roma, apesar de ser a esse tempo incomparavelmente inferior ao que depois veio a ser, era já uma grande, forte e populosa cidade, e os seus habitantes dispostos a morrer com as armas na mão. Aquelles, versados nos negocios militares, são os mais aptos para decidirem a questão, se teria sido mais prudente da parte de Annibal, assaltar, com os restos d'um exercito espedaçado uma cidade como Roma, defendida por gente como os romanos ; e se poderia dar o assalto, ou intentar um cerco com alguma probabilidade de bom successo, e comtudo, o facto de haver Annibal abandonado Roma, aquartelando as suas tropas em Capua durante o inverno, fossem quaes fossem os seus motivos, apresenta-se geralmente como origem dos males que depois vieram aos cartaginезes ; mas deve-se antes presumir que a verdadeira causa de seus desastres proveio das intrigas dos inimigos de Annibal no senado de Carthago, cujo odio áquelle illustre chefe foi superior ao amor da patria, e que preferiam antes seus exercitos derrotados a vel-os victoriosos sob os seus estandartes.

Se esta facção não tem adquirido uma influencia predominante no senado de Carthago ha toda a razão para crer que o poder romano, seria, n'aquella guerra, completamente aniquilado.

Não se podia esperar o contrario d'um general cuja coragem e prudencia o haviam coroado de louros ; cujos feitos brilhantes o tinham tornado senhor de quasi toda a Italia ; cuja carreira militar o fizera considerar o maior general da antiguidade ; e que jurára sobre um altar odio eterno a Roma.

A Divina Providencia, porem, não havia decretado o aniquilamento de Roma. Os inimigos de Annibal ganharam de dia em dia terreno e não obstante as suas repetidas exigencias, nenhum reforço lhe era enviado ; e por consequencia mudou a sorte da guerra. Os romanos, adoptando medidas energicas, invadiram a Africa ; e com quanto fão recentemente em perigo de serem atacados na sua propria capital, appareceram repentinamente em frente d'aquella do inimigo.

Annibal que pouco antes avançára até ás portas de Roma foi chamado para proteger os muros de Carthago, e batido por Scipião na celebre batalha de Lama 201 annos antes de Jesus Christo, que poz termo ao poder e grandeza da republica carthagenense ; por que sendo os carthagenezes obrigados a aceitar uma paz com condições desvantajosas, nunca mais puderam readquirir o seu poderio perdido. Assim terminou a segunda guerra punica. Todos sabem que o resultado da terceira foi fatal para Carthago. Aquella grande e florescente cidade foi totalmente destruida 146 annos antes de Christo e os seus dominios reduzidos a provincia romana.

Até essa epocha, Roma havia feito um progresso continuado mas lento. Ao principio todo o seu territorio não excedia 25 milhas em circunferencia ; e quando Alexandre conquistou a Persia, 422 annos depois da fundação de Roma, 179 annos depois da expulsão dos reis romanos, e cerca de 330 antes de Christo, o territorio de Roma, como já temos observado mal excedia os limites da actual campania, e não foi senão 262 annos antes de Christo e 490 depois da construcção de Roma, que os romanos levaram as armas alem dos confins da Italia.

Depois da subjugação de Carthago, na segunda guerra punica, deixou Roma de ter rival, e, victoriosa em toda a parte, levou tudo adiante de si. A Macedonia, a Grecia e os reinos Gregos na Asia, cahiram successivamente nas suas mãos e dilatou o seu imperio desde o Euphrates até o oceano atlantico, e desde o Rheno e o Danubio até os desertos da Arabia e da Africa, abrangendo no seu territorio todo o mundo então civilisado e conhecido e o seu aspecto mudou completamente. Os diferentes reinos e estados, que, durante uma longa serie de annos, estiveram entregues a continuadas revoluções, erguendo-se, cahindo, destruindo-se mutuamente, foram absorvidos constituindo todos um immenso e poderoso imperio. Mas Roma, já senhora do mundo, estava sendo espedaçada por commoções internas. A causa d'aquelles males parece coeva da mesma Roma, ou pelo menos da sua forma re-

publicana de governo. Era ella uma distincção odiosa que dividio os cidadãos romanos em duas corporações distinctas, os patricios e os plebeus, ou, como diriamos hoje, a classe aristocratica e a democratica. Romulo, male difficou Roma, organisou o senado, mas o povo gosava tambem seus privilegios e parece que estas regalias do senado e do povo, como tambem a prerogativa real, estavam claramente definidas, com quanto seja difficil, passado tanto tempo, descriminar com exactidão os direitos do rei, do senado, e do povo. Os escriptores romanos pertendem, é certo, possuir conhecimentos especiaes sobre aquelle ponto; porem é tanto ou quanto questionavel, se os historiadores, que viveram nas idades cultas de Roma podiam obter informações particulares sobre aquelle assumpto como elles pertendem

E' certo que os annaes de Roma, na sua primitiva, eram muito defeituosos, porque no principio os romanos eram um povo sem instrucção ; e o estudo das lettras foi, provavelmente, introduzido entre elles por Numa Pompilio, seu segundo rei. Os dados historicos não authorisam a conjecturar que Romulo, ou os seus subditos tivessem idéas de litteratura. Na expulsão de seus reis, e fundação do governo republicano, as duas classes de Patricios e Plebeos foram tão perfeitamente separadas, estabelecendo-se uma linha de demarcação tão pronunciada, que constituiram duas corporações distinctas, cujos interesses eram diametralmente oppostos. Todos os cargos da republica eram dados ás familias patricias, mas o povo tinha o direito d'eleição para aquelles cargos. Os plebeus, porem, viam-se excluidos não somente das honras, como tambem dos emolumentos da republica ; e eram considerados em estado de pobreza, em quanto os patricios tinham todas as largas para a acquisição de propriedade. Só elle e os seus intimos possuiam as terras adquiridas por meio de conquista, em quanto que os plebeos que combatiam e perdiam o seu sangue nas lutas eram excluidos nas partilhas. Pela natureza da constituição romana, parecia, que o que fosse conquistado pelos esforços reunidos dos cidadãos, devia ser dividido com equal-

dade entre elles, por isso que ninguem era escuso do serviço militar. O povo comprehendia perfeitamente que uma tal divisão era um direito indisputavelmente seu, e uma lei agraria era seu coustante e ambicionado alvo. Isto, porem, nunca se pode conseguir. Os patricios encontravam sempre algum pretexto para deferir a sua promulgação, e quanto mais se deferia, maiores difficuldades sobrevinham para as levar a effeito. E por certo, passado tempo, e apossados que fossem os homens ricos d'aquellas terras, não era possivel a existencia de uma lei agraria sem lançar o paiz n'um estado de confusão e anarchia. O partido plebeo, porem, fez repetidas tentativas para diminuir o exorbitante poder dos patricios. Appellou-se para uma lei chamada a lei liciniana, que prohibia a qualquer cidadão a posse de propriedade excedente a 500 geiras; mas uma lei tão favoravel ao povo, e tão contraria aos interesses dos poderosos, foi unanimamente combatida. A primeira vantagem d'importancia obtida pelo partido plebeu, foi a lei permittindo o enlace matrimonial entre patricios e plebeos que gradualmente aproximou as duas classes uma da outra.

Mas sobre tudo, a eleição de tribunos, para proteger os interesses do povo, foi o golpe mais severo na authoridade da ordem patricia.

Todos que tem estudado a historia antiga, conhecem as lutas que se deram entre os dois partidos.

A historia recorda-nos a retirada do povo para o Monte Sacro, a conspiração do Monte Arentino, os tumultos promovidos pelos gracchi, e outras commoções populares. Effectivamente a historia da republica quasi que não apresenta outra cousa que constantes guerras no estrangeiro, e contendias internas entre as duas classes adversas; e o resultado de cada lucta era quasi sempre favoravel ao partido popular, até que em fim, Caio Mario, um plebeo, foi eleito consul não obstante a maior opposição da parte da ordem patricia. Foi assim que a victoria, depois d'annos de perpetuas contendias se declarou finalmente pelo partido democratico. Todos teem lido

na historia os males que a ambição patricia e o licencioso furor popular successivamente acarretaram sobre a republica e que a final produziram o anniquilamento d'aquella forma de governo. As prescripções sanguinarias de Mario e de Sylla, aquelle do partido popular e este da classe patricia, são factos notorios. A contenda finalmente acabou, quando acabou a republica. Os patricios viram a perda, do que consideravam seu direito constitucional, com um desgosto igual á indignação com que o povo soffrêra a privação de seus privilegios. Em cada elcção de consul, ou em outras occasiões d'interesse publico, os velhos odios renasciam, e as duas facções oppostas redobravam d'esforços. Cada um se alistava sob suas differentes bandeiras, como melhor lhe convinha, e a graduação de posto cedia ante os interesses pecuniarios. Os patricios que ambicionavam o poder com o apoio popular espovavam a causa plebea, e apregoavam-se amigos do povo, em quanto que muitos plebeos, por iguaes motivos faziam causa commum com os patricios. Cezar, com quanto da classe patricia, era o homem do partido popular, em quanto que Pompeo era o idolo do senado, o grande advogado da causa patricia e o poderoso supporte de seus interesses. Ambos capitaneavam grandes exercitos; e Pompeo apesar de mais velho que Cezar, casára com a filha d'este; mas laço algum de parentesco pode modificar o espirito de partido, ou anniquilar o da ambição. Quem ignora o resultado d'aquellas contendas nada menos que o exterminio das liberdades romanas, se é que se póde chamar liberdade a um nunca interrompido estado de desordem, discordia, falta de segurança individual, e sujeição ao serviço militar; e comtudo a historia tem dado a tudo isto o pomposo nome de liberdade.

Apoz a derrota de Pompeo, nos campos de Pharsalia, Cezar, vendo-se á testa de quasi toda a força militar da republica, cedo achou meio de vencer toda a opposição, e foi declarado dictador perpetuo, 46 annos antes de Christo; cargo este que lhe conferio o poder e authoridade real, faltando-lhe apenas o titulo de rei. Os derradeiros esforços do par-

tido patriciano, foi o assassinato de Cezar no senado.

Seu sobrinho, Octavio, appellidado depois Augusto, e seu amigo, Marco Antonio, se constituiram vingadores da sua morte; e tendo derrotado os conspiradores em Philippi, associando a si Lepido, assim formaram o segundo triumvirado; e Lepido, Octavio, e Marco Antonio, conjunctamente governaram o imperio. A historia de Marco Antonio e de Cleopatra, a celebre rainha do Egypto, não menos famosa por seus vicios, que por sua formosura e brilhante talento, é conhecida de mais para ser aqui discutida, e menos ainda os acontecimentos da guerra civil entre Octavio, Cezar e Marco Antonio; que tendo terminado com o derrota e morte do ultimo, como tambem da linda e illustrada Cleopatra, ultima da dynastia dos Ptolomeos, e na subjugação do Egypto, que ficou sendo provincia romana, Octavio, sem collega, ou rival, reinou dignamente como imperador dos romanos.

A singular sagacidade e prudencia com que Augusto estabeleceu a sua soberania em Roma, póde servir de modêlo de tacto politico; e durante o seu longo e glorioso reinado mostrou ser um consummado politico. E talvez homem algum foi mais feliz na arte de governar.

Profundamente convencido da predilecção dos romanos pela forma republicana de governo, não procurou abolir os cargos e formulas da republica; mas combinou as cousas de modo que as reuniu em si, e professando a maior deferencia e respeito pelo senado, deixou-lhe apenas aquelle poder que julgou em harmonia com o seu.

De todas as suas medidas politicas, a de mais mestria foi aquella de limitar a sua administração por espaço de dez annos, no fim dos quaes fez publico que tencionava abdicar, e tendo sagazmente disposto as cousas, e assegurado uma grande maioria no senado, cedendo ás vehementes solicitações d'aquella corporação, e de todo o povo romano, condescendeu em reassumir as redeas do governo por um novo periodo de dez annos, e repetiu esta farça, até que viu consolidado o seu governo e removida toda a idéa d'opposição entre seus

subditos. Vimos pois como as discordias dos patricios e dos plebeos, depois de haver agitado a republica, acabaram em guerras civis que fizeram tremer seus vastos dominios e inundar Roma com o sangue de seus cidadãos; e que finalisaram com o aniquilamento do governo republicano, e a fundação da monarchia, que foi sem duvida a forma mais propria de governo para tão vasto imperio, composto de tantas differentes nações. Se a experiencia fundada em factos, for admittida como base para o raciocinio, a monarchia, quando o sceptro se acha nas mãos d'um principe prudente e bondoso, é preferivel ao governo republicana.

Roma fez a experiencia e não teve motivo para lamentar a mudança; porque sob o equitativo e pacifico reinado de Augusto, os seus cidadãos e todo o imperio disfructaram mais tranquillidade e segurança, mais felicidade politica e civil, que jamais haviam experimentado durante todo o periodo da existencia da republica. Apresenta-se agora um novo spectaculo, nunca antes presenciado; o mundo civilizado reunido em um vasto systema politico. A França, a Italia, a Hespanha e Portugal, a Suissa e a Belgica, a Grecia e os demais paizes que constituem o imperio Ottomano, tanto na Europa como na Azia, com o Egypto e toda a parte septentrional da Africa, que presentemente forma o imperio de Marrocos, e os estados Algerinos, Tunis, e Tripoli, tudo sob o dominio de Roma: todos aquelles extensos paizes reunidos em um vasto imperio, disfructando uma paz profunda sob a administração d'um imperador, prudente, justo e pacifico, que possuia o senso de conhecer que os seus interesses e os de seu povo, eram inseparaveis, apresentando uma perspectiva que o espirito humano se deleita em contemplar, e que formava um notavel contraste, comparada ao estado turbulento do orbe romano sob o governo republicano. Authores ha que discorrem amargamente sobre os tempos mais puros da republica, a liberdade de seus cidadãos e a sua perda com a usurpação, como elles o denominam, de Julio Cezar, do cargo de dictador e mais ainda quando a soberania se consolidou

em Augusto: mas perguntaremos nós em que consistia a republica de Roma. Seria no forçado recrutamento de todo o cidadão para o serviço militar, por espaço de dez annos, um periodo tão consideravel na curta duração da vida? Seria no risco continuo de ser chamado áquellas guerras sanguinolentas e destruidoras de que estão cheias as paginas da historia romana e na exposição a todos os perigos e inclemencias da vida militar? Seria nos tumultos, nas discordias civis e nas guerras de partido; ou seria no privilegio de perturbar a sua propria tranquillidade, e a do mundo inteiro que assentava a tão afamada liberdade do povo romano? Não nos deixemos illudir com as declamações eloquentes de historiadores. A verdade mascara-se de diversos modos; nem sempre é necessario substituil-a por falsidade declarada; uns ligeiros toques no sombreado do quadro desfiguram ás vezes a scena.

Uma pequena exaggeração, ou uma exposição artificiosa, pode, em muitos casos influir para a criação d'idéas falsas. Quaesquer que sejam as cores com que nos pintem a liberdade romana sob um governo republicano, é um facto incontra-verso que consistia principalmente na oppressão do rico sobre o pobre, privilegio este que tem merecido em outros paizes igualmente o nome de liberdade. D'este systema em que consistia o principal fim do Senado e da classe patricia, nasceram as continuas hostilidades em que os romanos andaram envolvidos; porque o Senado bem sabia, que em quanto o povo andava destraido em guerras estrangeiras, preocupava-se menos dos seus direitos e para lhe desviar a attenção de seus males, não tinham mais que declarar a guerra. O *Senatus Consultum*, ou decreto do Senado era apresentado ao povo, cujo privilegio era confirmar as propostas d'aquella corporação. Um orador eloquente, qualquer, subia á tribuna, haren-gava aos cidadãos, descrevendo-lhes em vivas côres o prejuizo que soffria a republica, e os insultos cospidos á dignidade do povo romano. Era bastante! Aquelle estylo guindado, a gloria da republica e a magestade do povo constituia o encanto politico e magica que operava irresistivelmente sobre

o espirito d'um povo valente e guerreiro, mas leviano, que inconsideradamente votava aquellas guerras, nas quaes era sempre a victima, em quanto os patricios seus senhores accumulavam riquezas, honras e poder. Assim, quando o poder supremo parecia estar no povo, era elle, em realidade, nada mais que uma machina nas mãos de seus denominadores, que, por suas intrigas eleitoraes, e magica persuasiva de seus oradores, o traziam completamente sujeito á sua vontade.

N'este notavel periodo, quando a constituição romana mudou da forma republicana para a monarchia: quando o imperio attingio o auge de seu engrandecimento e extensão; e quando o mundo repousava, tranquillo, sob a sua poderosa influencia, o espirito investigador deseja naturalmente entrar no conhecimento dos habitos dos romanos e no modo de vida social d'aquelles celebres senhores do mundo.

O estado social dos romanos era, a muitos respeitoes, extremamente differente do que vemos entre as nações da moderna Europa. N'estes paizes, todo o individuo que não possue propriedade, tem de prover pela sua subsistencia, entregando-se a qualquer industria, e tem de contribuir para a sustentação do governo que lhe estende protecção. Os tributos recaem, ou sobre a propriedade, ou sobre os differentes artigos de necessidade, conveniencia e luxo; de modo que cada um contribue para o estado na proporção de seus haveres ou das suas despezas. Assim acontecia até certo ponto, na administração financeira dos romanos em relação aos habitantes das provincias e paizes conquistados; mas era differente para aquelles que gosavam o privilegio de cidadãos romanos.

Na infancia de Roma, os cidadãos eram poucos em numero, e o seu territorio de pequena extensão, compondo-se tão sómente de seus sete montes, e os visinhos pantanos nas margens do Tybre: o estado devia forçosamente ser muito pobre.

Não podemos, n'esta era distante ajuizar perfeitamente de que modo se costeava a despeza publica, durante os

reïnados dos sete reis de Roma na primitiva da república.

Nenhum documento historico existe já, que nos diga com fidelidade quaes fôsem as instituições de fazenda d'aquelles remotos tempos.

Os romanos, contudo, vagarosamente ao principio, e depois pela mais rapida carreira de victorias e conquistas, dilataram os seus dominios do modo já exposto; e provincias e reinos vieram a ser tributarios da republica. Aquelles tributos pagavam-se, parte em moeda e parte em genero. A Sicilia produzia cereaes e viuhos: o Egypto fornecia milho; e todos os peizes conquistados ministravam a Roma uma parção de seus productos.

A lei agraria; tão desejada do povo romano, nunca se pôde levar a effeito; mas uma parte do menos, dos paizes subjogados, dividiu-se entre as classes mais pobres de Roma. Desde o tempo da derrota de Perseu, rei de Macedonia, até ao reinado d'Augusto Cezar, os cidadãos romanos eram completamente isentos de tributos.

Mr. Gibbon estima em vinte milhões de libras sterlingas, os tributos pagos pelas provincias annualmente; mas não nos diz se os cereaes, os vinhos, azeites e toucinhos entravam n'aquelle calculo, E', porém, a opinião de muitos historiadores que os tributos em genero não devem incluir-se n'esta conta e que as provincias pagavam umu somma superior aquella em especie. Quando Roma chegou ao maior auge do seu poder, e que todos os paizes desde o Euphrates até ao Atlantico, e desde o Danubio até aos desertos d'Africa, vssavam seus impostos para dentro de seus cofres, a distincção era tão copiosa que dava para a sustentação das classes inferiores dos cidadãos. Uma certa quantia de dinheiro, cereal, vinho, azeite, e toucinho, e outros generos, distribuam-se pelos cidadãos que por seus poucos meios tinham direito a recebê-los. Aquellas distribuições, por algum tempo, tinham logar periodicamente, aos trimestres, mensalmente etc conforme pediam as circunstancias; mas no decurso

de tempo passaram a fazer-se diariamente. Construíram-se fornos publicos, e em logar d'uma distribuição mensal ou semanal de cereaes, uma ração de pão e vinho etc. entregava-se diariamente áquelles cidadãos que a reclamavam legalmente; e assim ficavam suppridas as necessidades d'um povo soberbo, preguiçoso e imprevidente. Estas distribuições periodicas, foram, fóra de duvida, adoptadas pelo senado com o fim de contentar as massas, e desvanecer a idéa dos Plebeos sobre a lei agraria, e era effectivamente o meio mais efficaz de os conservar em dependencia absoluta dos grandes; em quanto que uma divisão igual dos terrenos da republica tenderia necessariamente para a sua independencia. Os demagogos que chegaram ao poder pelo favor popular, ou que a elle aspiravam, procuraram augmentar aquelles donativos, de modo que com o correr do tempo, os mais pobres não precisavam trabalhar; mas aquella reunião heterogenea que constitua a massa da população de Roma, como de qualquer outra grande metropole, estava em circumstancias differentes. Estes sustentavam-se á custa da sua industria, ou da propriedade que possuíam.

A labutação e o commercio de Roma eram feitos por escravos ou por estrangeiros; e os negociantes da provincia e mechanicos industriosos, que demandavam Roma, e formavam o grosso de seus habitantes, geralmente accumulavam immensas fortunas. Este systema de sustentação das classes pobres observava-se nas outras cidades do imperio; e com quanto este meio de recolher e distribuir os impostos de provincia deveria ser excessivamente incommodo, sujeito a muitas variantes, subsistio tanto quanto durou o imperio, ou ao menos durante o seu estado de florescencia.

Nos primeiros tempos da republica, o vestuario como tudo o mais adoptado em Roma, era excessivamente simples e uniforme. Uma simples toga era o vestuario universalmente uzado pelos plebeos, a toga da ordem equestre distinguia-se por uma estreita orla de purpura, e a dos patricios por uma mais larga da mesma côr, mas o manto dos com-

mandantes dos exercitos era todo elle de purpura. Poucos casos havião d'um desvio deste trajo no começo da republica ; mas á proporção que as riquezas augmentavam, a variedade na elegancia de trajar andava a par do luxo em outros ramos, até que por fim, mormente nos tempos do governo imperial, não tinha limites. Os grandes de Roma entretinham-se em tomar ar nos suburbios seguidos de numerozo e esplendido sequito, e em frequentar os theatros e outros logares publicos. Os banhos publicos eram os sitios predilectos das classes pobres. Os jogos publicos, e os espectaculos no circo eram o grande divertimento de todas as ordens sociaes, e proporcionavam amplos passatempos aos cidadãos indolentes. De facto não houve nunca outra cidade, tanto no mundo antigo ou moderno, que offerecesse tão brilhantes festas, nem governo algum tão solícito em proporcionar divertimentos a seus subditos. Era assim que os chefes mantinham o socego publico. A guerra no estrangeiro, a distracção recreativa no paiz, a magnificencia dos jogos e espectaculos publicos, e sobre tudo os soberbos triumphos de seus generaes e victoriosos exercitos, inspiravam o povo romano d'idéas exaltadissimas da grandeza da republica; e logo que o deslumbrasse a pompa e sumptuosidade de suas festas e divertimentos, a invencivel bravura do exercito, a gloria da republica, e a magestade da nação, deixava se governar á vontade de seus dominadores.

O Senado, porem, onde se achava investido constitucionalmente o governo, com quanto conservasse ostensivamente a sua authoridade, não podia, por aquelles meios manter verdadeiro poder. Appareceram caudilhos populares, que ganharam a confiança do povo, e uma ascendencia no proprio Senado.

Uma mudança de cousas produziu uma mudança de costumes que influio sobre o systema em geral. Depois que os espolios da Azia enriqueceram Roma, a exorbitante riqueza corrompeu a moral de seus cidadãos, e os romanos deixaram de ser o que d'antes eram. A corrupção não só reinou em todas as repartições da administração, mas sendo a riqueza a

fonte das commodidades da vida, tornou-se o alvo de todos. Os romanos deixaram de ser aquelles patriotas austeros, que, em todos os tempos, e em todas as occasiões, estavam promptos a sacrificar seus interesses particulares aos interesses geraes. A avareza corrompeu agora a sua moral, e mudou seus costumes; e o interesse pecuniario antepunha-se ao bem publico. Roma, aonde, durante os primeiros tempos, tudo era simples e ligeiro, aonde a ornamentação não tinha valor, mas aonde tudose reputava em relação ao seu uso e utilidade, tornou-se a séde do esplendor, da opulencia, e do luxo que de dia em dia augmentava, até que por fim subio a um ponto de que a historia não apresenta nada igual. O mixto do luxo aziatico, com a ambição romana deu incremento ás differentes facções de que se compunha a republica.

Muitos cidadãos romanos podiam hombrear com principes soberanos em opulencia e sumptuosidade e poderam exercer sobre o povo aquella influencia que o Senado, havia tanto tempo e com tanto successo, exercera; e as massas heterogeneas da população estavam sempre á disposição de qualquer chefe que as recrease com festejos, e que repartisse dinheiro ás mãos cheias pela multidão facciosa e indolente. A soldadesca romana prompta sempre a seguir o estandarte d'um Mario, ou d'um Scylla, d'um Cezar, ou d'um Pompeo, d'um Octavio, ou d'um Marco Antonio, tornaram-se mercenarios, e affeiçoando-se á causa de qualquer demagogo, esqueceram-se que eram cidadãos e soldados da republica. N'este estado demoralisador, não admira que a discordia dos bandos facciosos e adversos, que havião, já de muito, agitado a republica, produzisse um vulcão, que ameaçou o anniquilamento de Roma, e determinou positivamente a abolição da forma republicana de governo.

O poder romano, á excepção d'algumas insignificantes conquistas feitas pelos imperadores, chegára ao zenith da sua grandeza; e o imperio quasi que tomára as maximas proporções quando cahio a republica e se constituiu o governo monarchico; mas se a capital attingira o maior grau de popula-

ção, é algum tanto duvidoso. Nenhum documento estatístico ha que resolva esta incerteza, mas raciocinando em presença de circumstancias geraes, da experiencia constante de causas e effeitos moraes e politicos, e sobre esta baze, aventurarmos uma conjectura, devemos suppor que a cidade imperial não chegava ao maximo da sua extensão e população, mas não é improvavel que fosse esta a era da sua maior opulencia. Levou Roma 700 annos em subjugar e espoliar o mundo e concentrando em si a riqueza accumulada das mais opulentas nações chegára já ao termo das suas acquisições e achava-se nos primeiros tempos da sua dissolação.

A' excepção das provincias, os espolios das nações, tinham, em grande parte, deixado d'abastecer seus cofres, e os seus exercitos voltavam menos carregados de espolios. As guerras rarcaram, e faltavam já inimigos dignos de competição dos conquistadores. D'aqui infere-se que é esta a epocha em que Roma chegou a enthesourar a maior massa de seus cabedaes. Depois, quando as fontes destas riquezas se exauriram, e que as despezas desordenadas cresciam, grande parte da riqueza accumulada em Roma necessariamente refluio para as provincias que, por meio da sua industria contribuíram largamente para o luxo da metropole. O contrario acontece nas capitães da moderna Europa. Nestas o incremento do commercio e da riqueza augmentam na proporção do luxo. Roma não era commercial: a sua opulencia não lhe recorda commercio, mas sim a guerra e a conquista, a rapina e o saque; nem mesmo se pode presumir que ella fosse uma cidade mercantil mesmo nos seus tempos mais florescentes. Alexandria era o imperio do commercio romano. Plinio observa quanto o trafico da India, feito pela porta d'aquella cidade, absorveu a riqueza de Roma; e parece por uma multiplicidade de circumstancias que o commercio da cidade imperial era geralmente de natureza que tendia mais a diminuir que a augmentar a sua opulencia; de modo que com quanto Roma fosse embellezada, e, talvez alargada a sua area pelos imperadores, não parece provavel que a sua opu-

lencia fosse augmentada depois da dictadura de Julio Cezar, ou, pelo menos depois do reinado d'Augusto, e qualquer que fosse a condição da massa collectiva do povo de Roma, é fora de duvida, que não obstante a immensa riqueza d'algumas familias antigas, uma grande parte dos cidadãos romanos era pobre como claramente o provam os calculos que nos tem sido transmittidos do numero de cidadãos pobres, tanto na capital como em outras cidades do imperio que dependiam inteiramente dos donativos provenientes dos impostos.

A extincção de Carthago, 606 annos depois da fundação de Roma, 184 annos depois da conquista da Persia pelos macedonios, e perto de 146 annos antes da era christã, constitue a epocha memoravel de que data o poder colossal de Roma, e a origem da sua immensa opulencia, com quanto fosse verdadeiramente a conquista da Macedonia e da Syria que vasou nos seus cofres a enorme massa de riqueza que produzio uma mudança completa nos costumes de seus habitantes. Roma, pela destruição de Carthago, sua formidavel rival, subira acima de seus inimigos, e pouco mais tendo a fazer que voar de conquista em conquista, cedo se fez rica com os espolios das nações que havia subjogado.

A conquista da Macedonia e dos dominios gregos da Azia importou o luxo da Azia juntamente com os seus thesouros, e uma predilecção pelo faucto tornou-se geral em Roma.

Desde o tempo do primeiro triumvirato de Julio Cezar, Pompeo, e Marco Cresso, ou um pouco antes, os esplendidos e dispendiosos festejos dos romanos, suas equipagens pomposas, seus sequitos numerosos, a magnificencia dos seus espectaculos publicos, e o deslumbrante esplendor de seus triumphos excederão os limites da credulidade, se não fossem confirmados por historiadores fidedignos, cuja authenticidade se acha sustentada por milhares de coincidencias corroborativas, que lhes imprime um cunho de verdade, inquestionavel. Descripções fieis de todas estas cousas subsistem ainda, feitas por authores conhecedores de cada uma circunstantia. Os factos eram mesmo de muita publicidade para se desfigu-

rarem facilmente, e por consequencia aquelles que os descreviam não podiam incorrer em erro; nem podiam affoitamente apresentar ao mundo uma falsa exposição de cousas universalmente notorias. Desde o primeiro triunvirato até á queda do imperio, a historia de Roma é muito mais clara que a de outra nação alguma antiga, em rasão do estado florescente do paiz, da celebridade dos acontecimentos corroborados por diversas circumstancias, como tambem por causa de seus numerosos escriptores, não só historiadores, mas tambem poetas, oradores, e moralistas, que todos alludiam frequentemente ás circumstancias geraes, politicas e moraes do povo romano. Se o luxo, qual torrente, invadio Roma logo que accumulou em si a riqueza do mundo por meio da conquista e da rapina, devemos ao mesmo tempo admirar o progresso das artes, da sciencia, e da litteratura entre seus cidadãos. Se nos é forçoso condemnar a corrupção da sua moral, não podemos, ao mesmo tempo, deixar de applaudir seu melhoramento intellectual. A conquista da Grecia introduzio entre os romanos o gosto pelas artes d'aquelle paiz e a sabedoria e a elegancia grega, como tambem o luxo aziatico.

Todos os cidadãos de Roma que punham suas esperanças na vida publica, completavam seus estudos nas escholas de philosophia e rhetorica de Athenas, ou de outras cidades da Grecia. Romano algum, de posição ou meios deixava de ter uma educação esmerada; e Roma depressa rivalizou com Athenas nos differentes ramos de litteratura. Era a rhetorica o estudo predilecto dos romanos, e tinha mesmo sido, desde a fundação do governo republicano, a parte mais importante da educação. Como fossem elegiveis todos os cargos publicos, e como cada negocio publico, depois de discutido no Senado, era apresentado ao povo, cuja decisão não tinha appello nem agravo, o dom da palavra era essencialmente necessaria áquelles que aspiravam ás dignidades ou cargos do estado. Sobresair no Senado pelo brilho d'uma seductora eloquencia, e acordar as paixões e dispor do suffragio popular pela persuasão e energia do discurso, era o alvo principal

de seus esforços litterarios e a maxima perfeição entre os romanos. Depois que as flores da rhetorica grega se enxertaram na eloquencia energica e varonil romana, a oratoria chegou ao ne plus ultra da perfeição. Isto passava-se no tempo de Cicero que, com Julio Cezar, Marco Antonio e outros, formaram uma tão brilhante constellação d'oradores eloquentes como nunca fora vista no senado.

Grecia e Roma eram o solo nativo da eloquencia, aonde esta primeiro se cultivou, e aonde se aperfeçoou. A fôrma democratica de seu governo assim exigia. Os talentos militares e rhetoricos eram os degraus por onde se subia para as honras e riquezas tanto entre os gregos como entre os romanôs ; e é de notar, que com quanto a experiencia e recursos dos tempos modernos tenham feito grandes descobertas na physica, na mathematica e na mechanica, ninguem os excedeu ainda na elegancia de seus escriptos, e mesmo é duvidoso se os temos egualado na eloquencia verbal. Nos governos modernos, onde tudo é regulado por principios fixos, a rhetorica não é tão necessaria aos individuos que seguem a vida publica como sob os systemas populares da Grecia e Roma.

Considerando os poderosos effeitos da oratoria antiga, desperta-se nos naturalmente a curiosidade a examinar de que principios e circumstancias nasceu tão extraordinario motor das paixões, das resoluções e das acções dos homens. Devemos rasoavelmente suppor que os effeitos tanto da rethorica antiga como da antiga poesia nos são apresentados sob côres muito vivas e por uma forma exagerada; mas dando-lhe o devido desconto, é forçoso reconhecer que o dom da eloquencia exercia um poder sobre os antigos que não poderia, por muito poderoso que fosse, exercer hoje.

Quaesquer idéas que tenhamos do estado das sciencias entre os antigos, devemos entender que aquelles conhecimentos limitavam-se a um pequeno numero d'individuos de genio, posição e riqueza. Os philosophos, os poetas, e os oradores da Grecia e Roma brilharam nos annaes da litteratura, e a celebridade de seus nomes, junto á elegancia das suas compo-

sições litterarias, dão-nos, é verdade, uma idéa elevada mas ao mesmo tempo muito erronea da litteratura grega e romana. Muitos de seus homens de letras mereciam todo o applauso que os tempos vindouros lhes conferiram; mas é fóra de toda a duvida que a grande massa do povo era analfabeta.

Assim succedia forçosamente em todos os paizes anterior á arte typographica. Antes d'aquella era importante que figura tão conspicuamente na historia do progresso intellectual, fóra impossivel estender a educação ás classes indigentes. As obras em manuscripto, pelo tempo que levavam a fazer, sahiam carissimas e fóra do alcance da maior parte, fazendo com que ninguem quizesse escrever, ou ensinar sem uma retribuição avultada.

D'aqui podemos imaginar o estado litterario de todas as nações civilisadas da antiguidade e concluir que, não obstante a tão apregoada sabedoria dos gregos e romanos, aquelles afamados mestres da humanidade, as massas d'aquellas nações era incomparavelmente mais ignorantes que hoje são as classes mais abjectas da Europa moderna, porque em geral sabem ao menos ler; e aquelles que não gosam este bem adquirem conhecimentos pela conversação diaria com os que tem uma pequena idéa de litteratura; porque ella, como o commercio, uma vez desenvolvida, espalha-se por mil diversos modos e n'uma infinidade de direcções.

O estado intellectual do homem, entre as nações da antiguidade dava aos oradores d'aquelles tempos uma vantagem que não possuem os modernos, e contribuia, talvez, mais que outra circumstancia qualquer para o extraordinario effeito da sua eloquencia. Os oradores da Grecia e de Roma dirigiam-se nas suas assembléas populares, a um povo curioso e ávido de novidade, mas sem illustração alguma, dependentes inteiramente d'elles para informações sobre o estado das cousas. Hoje a circulação de noticias é tão activa que quasi ninguem ignora o que se passa. As gasetas correndo as povoações levam os acontecimentos do dia a toda a parte e quasi todos os leem, ou ouvem alguma cousa do seu contheudo, quando se debate

alguma medida d'importancia. Deste modo preparam-se as opiniões; os nossos estadistas não encontram a facilidade que encontraram os oradores gregos e romanos em accordar as paixões de seus auditorios, por isso que a materia não lhes é nova, sendo por tanto necessario fallar-lhes á rasão e ao entendimento. O povo d'hoje não decidiria tão apressadamente como entre os gregos e romanos; suspenderia o seu juizo até considerar maduramente o negocio, e diversos papeis e discursos circularião de parte a parte, antes que a opinião publica se pronunciasse, mas os cidadãos da Grecia e Roma carentes destes meios, só tinham conhecimento dos negocios politicos, quando e como lhes eram apresentados da tribuna, e pelo prisma da deslumbradora eloquencia dos oradores. O discurso cahia sobre os ouvintes como a claridade do relampago, as paixões acendiam-se; os ouvidos lisongeados, e a razão vencida com as pomposas phrases de, magestade do povo, gloria da republica, bem publico, e outras d'igual jaez de que os homens d'estado tem sempre abundante reserva, e de que os demagogos não deixam nunca d'empregar como meios mais adequados para conseguir os fins.

Depois destas observações sobre a celebre republica de Roma, desde a sua fundação até que tomou a forma monarchica; depois d'analysar os costumes, pobreza e simplicidade d'habitros nos primeiros tempos da republica, e o luxo, sumptuosidade e opulencia em tempos posteriores; não podemos deixar de fallar da condição d'uma classe numerosa e infeliz que abundava nos dominios de Roma, e inquirir a causa d'um viver que se não contempla sem horror.

A par do immenso poder e deslumbradora sumptuosidade dos estados romanos, existia no seu seio uma classe desgraçada d'individuos romanos que era excluida de todos os privilegios da sociedade, e de todos os gozos da vida. Mr. Gibbon orça em uma metade dos habitantes d'aquelle extenso imperio os escravos; e como os habitantes de todo o imperio romano não podiam ser em numero inferior áquelle da Europa dos nossos dias, que segundo um calculo aproximado

monta a 120,000,000, os escravos romanos deverião andar por sessenta milhões, facto que traduz evidentemente a tyrannia do homem sobre o seu semelhante. Aquelles desgraçados, á mercê do capricho de senhores absolutos, desprotegidos das leis, eram flagellados pelas mais leves transgressões. O governo, conscio do seu estado desesperado, considerava-os uma classe perigosa e por tanto procurava opprimil-os o mais possível. Estavam por tanto completamente á mercê de seus senhores, que podiam d'elles dispor a seu bello prazer. Cada proprietario d'escravos tinha sobre elles illimitada authoridade. Podia tortural-os, mutilal-os, ou fazel-os matar do modo que o seu capricho, ou crueldade dictasse. Não era responsavel perante as leis pelo tratamento que lhes desse; nada podia domar a sua tyrannia senão os seus sentimentos de humanidade, ou o proprio interesse da sua conservação. E' uma consideração melancholica que a escravidão existisse entre todas as nações da antiguidade de que temos conhecimento, originada por diversas causas. Uma d'ellas consistia no poder absoluto que em algumas nações tinham os paes sobre os filhos, que os authorisava a fazel-os perecer, vendel-os, ou dispor d'elles á vontade. Esta lei detestavel foi uma das primeiras instituições romanas, estabelecida por Romulo, logo depois da fundação de Roma. Durou consideravel tempo entre os romanos, e era quasi geral nos tempos antigos, á excepção dos judeos, que, por suas leis não podiam matar os filhos sem consentimento dos magistrados; nem era permittido vender um hebreu a qualquer povo estranho. O castigo de crimes era outra fonte d'escravatura como eram as quebras. Estas penas estavam subordinadas a differentes regulamentos em diversos paizes: entre os judeos, pelo jubileo dava-se perdão geral; em muitas outras nações a escravidão proveniente d'estas duas causas era perpetua e até mesmo as mulheres e filhos do criminoso, ou do devedor, eram complicados n'esta pena. Eram estas, até certo ponto, tantas outras causas de que nasceu o systema nefando de tornar um homem propriedade d'outro: mas a captura de prisioneiros, em tem-

po de guerra, era a fonte mais abundante da escravatura, principalmente entre os romanos. Em todo o tempo em que existia a republica romana, o estado, sempre desinquieta, estava envolvido em perpetua hostilidade com as nações vizinhas: cada victoria e cada conquista augmentava o numero d'escravos; e como a escravidão passava de geração para geração, não nos devemos admirar do extraordinario numero d'escravos em Roma e outras partes dos dominios da republica.

Nenhuns documentos existem de como fossem tratados os escravos entre os assirios e babilonios, persas e outras nações de remota antiguidade. Entre os judeos não estavam inteiramente á mercê de senhores crueis e arbitrarios; como seres humanos, com quanto escravos, estavam sob a protecção das leis, que recommendava benevolencia e misericordia para o escravo e para o estrangeiro.

Estas recommendações da lei mosaica faz sobresair a excellencia das suas doutrinas moraes comparadas com as instituições dos mais celebres legisladores pagãos, e offerece uma prova evidente da sua origem divina.

Comtudo, se ignoramos como eram tratados os escravos nas já mencionadas nações, são indisputaveis e melancholicas as provas do extremo rigor havido com esta desgraçada classe entre os gregos e romanos, mormente entre estes ultimos. E' uma horrivel mas, talvez, justa observação, corroborada por eminentes escriptores que as nações, que gosavam geralmente, a maxima liberdade, eram justamente aquellas que mais mal tratavam os seus escravos. A ser isto assim, o que é difficil determinar, custa attribuir a causa a um regimen constitucional, devendo antes suppor que tivessem origem em outros motivos.

As mudanças que tiveram logar nos negocios politicos e moraes de Roma produziram, comtudo, uma mudança material nas condições da escravidão; e em quanto não podemos deixar de lamentar que o engrandecimento progressivo de Roma, pelas victorias das suas armas, augmentassem constan-

temente o numero de seus escravos, temos ao mesmo tempo o prazer de notar, que o luxo e opulencia que as suas conquistas introduziram, melhoraram muito a sua sorte.

Nos primeiros tempos da republica em quanto os romanos eram pobres mas guerreiros, alheios ás grandezas, tendo mais em mira a aquisição que o goso, os escravos eram tratados com excessivo rigor, e empregados nos serviços mais trabalhosos, a que acrescia a maior dureza que pode envenenar a vida. No estado mais adiantado da civilisação, quando as victorias de Roma, e a sua conquista dos reinos Aziaticos até o Euphrates, tinha introduzido entre os cidadãos o gosto pelo luxo, á proporção que augmentavam em riqueza e que a philosophia e a litteratura tinham modificado a indole, começou o corpo d'escravos a sentir os beneficos effeitos d'essa opulencia de seus senhores. Em logar de trabalho violento e mau passadio, uma grande parte empregava-se como cosinheiros, confeiteiros, creados graves e outros misteres nas cazas das principaes familias e, como os domesticos da actualidade, passavam tambem como os amos. Havia exemplos de serem 300 e 400 os escravos sustentados em casas particulares de cidadãos opulentos.

A distribuição dos fundos publicos pelas classes desfavorecidas nos tempos florescentes da republica era de grande beneficio para a escravatura porque, sendo degradante a um cidadão romano servir seu concidadão, os grandes serviam-se com escravos, e a maior parte d'estes constituia a massa de seus familiares.

Outra causa não menos contribuia para modificar a sorte dos escravos.

A propagação d'esta classe devia necessariamente augmentar e tornar-se excessivamente numerosa com o andar do tempo.

Na idade primitiva de Roma os escravos aprisionados em batalha eram d'uma indole feroz e intractavel. Aquelles barbaros de character guerreiro, inferiores em disciplina militar, não o eram em coragem e atrevimento aos proprios romanos

e acostumados a um viver que todo elle eram emprezas militares e rapina, não era d'esperar d'elles uma sujeição passiva a uma vida laboriosa debaixo da oppressão de senhores tyrannicos; e por isso conservavam-se estes na maior sujeição e expostos a trabalhos duros. Mais tarde, a grande massa de escravos não consistia tanto em prisioneiros de guerra como nos filhos d'aquelles infelizes que tinham sido victimas d'aquella sorte; e os seus descendentes, estando de ha muito habituados aos romanos, familiarisando-se com os seus costumes, não tinham herdado o resentimento e disposição indomavel de seus antepassados, mas faziam-se, quando bem tratados, bons e fieis creados; circumstancia esta que não podia deixar de dispôr os amos em seu favor; e ha muitos exemplos da dedicação de escravos por seus senhores e da benevolencia e amizade d'estes para com elles. Nos ultimos tempos dava-se-lhes carta d'alforria em recompensa de bons serviços, mas este costume ia-se tornando tão geral que o Senado julgou necessario difficultar esta liberdade. Como o escravo não tinha patria sua, era tido como cidadão, depois de forro, do paiz a que pertencia seu senhor, e esta circumstancia podia provavelmente influir para que muitos libertassem seus escravos, a fim de ter ao seu dispor um numero de homens livres, que, por motivos de gratidão ou de interesse, geralmente se ligavam ao partido de seu antigo amo. Comtudo, como a alforria dava os fóros de cidadão, a republica promulgou leis que excluia aquelles escravos libertos e seus descendentes, até certa geração, dos cargos publicos do estado.

O melhoramento da condição dos escravos é uma das consequencias do augmento de riqueza em Roma, o que consideramos com praser, e mais ainda quando vemos que cidadãos illustres como Pomponeo Attico, Marco Crasso, e outros, faziam educar aquelles de seus escravos em quem percebiam talento e genio, e parece que Crasso deveu uma grande parte da sua fortuna em mandar dar uma boa educação a seus escravos, dispondo d'elles depois com grande vantagem; porque um escravo com habilidade era tido em grande conta. Em-

pregavam-se como mordomos e agentes de negocio, e a muitos se mandava ensinar grammatica e outros rudimentos das sciencias e litteratura. Mesmo muitos medicos e pharmaceuticos de Roma eram escravos; e a maior prova que pode apresentar-se do valor em que tinha os escravos, é que em casos de doença desesperada, os grandes de Roma, se entregavam frequentemente nas suas mãos. Não obstante o fausto e opulencia, o delicado gosto e aperfeiçoamento litterario dos romanos, encontramos certos traços, até mesmo nas mais cultas epochas, que não comportam a fama d'um povo civilisado. O prazer que elles tomavam nos combates dos gladiadores e escravos é repugnante á humanidade. Tal era, comtudo, o gosto geral do povo; e os mais esclarecidos e humanos entregavam-se, em preferencia a tudo, a estes divertimentos instituidos sem duvida com o intuito de preparar e incitar os animos para a guerra e mortandade; e o habito tornara lhes estas scenas agradaveis, constituindo parte essencial no seu systema politico. O cruel tratamento aos prisioneiros de guerra é uma nodoa nos annaes de Roma; mas esta barbaridade era commum a todas as nações da antiguidade com raras exepções, uma das quaes é a maneira honrosa porque Alexandre tratou os captivos persas. De todas as nações da antiguidade os civilisados e altamente polidos romanos eram talvez, n'este particular os mais barbaros. Poucos são os factos recordados pela historia d'um tratamento generoso aos prisioneiros, mormente nos tempos da republica. Os principes soberanos, os principaes chefes inimigos, que tinham a infelicidade de cair nas suas mãos, depois d'expostos publicamente, carregados de ferros, para abrilhantar os triumphos de seus vencedores, eram condemnados a uma morte cruel; em quanto que aquelles d'inferior posição eram compellidos a se destruirem mutuamente em duello, ou a luctar com animaes ferozes para recrear os barbaros espectadores, que se vangloriavam do nome de cidadãos romanos, ou então eram sentenciados a perpetua escravidão. Se um Europeo moderno tivesse presenciado a sumptuosidade d'um triumpho romano, por mais lison-

geira que fosse a idéa concebida do poder e grandeza da republica á vista da pompa militar de semelhante espectáculo, qual não seria o seu sentimento contemplando a desgraçada sorte de tantos guerreiros, não menos valerosos, com quanto menos infelizes, que os seus vencedores insultuosos? Quanto á barbaridade dos romanos para com a humanidade das nações civilizadas da Europa n'este particular, o contraste é claramente em favor d'estes, e apresenta-nos um quadro hediondo da inhumanidade dos antigos, especialmente dos romanos, esses cultos senhores do mundo antigo.

O esboço que damos do estado social e politico de Roma d'aquelles dias, é tão verdadeiro quanto os documentos historicos, ainda existentes, nos fornecem. Roma estava então no auge do seu poder e o mundo civilizado, apoz annos de guerra e sangue, revoluções e commoções politicas, gosava de paz profunda á sombra de seus victoriosos estandartes; tal era o estado das cousas quando o mundo estava nas vespersas d'uma revolução, de natureza muito diversa, e pela qual ainda não passára. Ia ter logar um acontecimento que deveria influir sobre a condição da humanidade, até á ultima geração.

Annunciava-se a era christã. Os erros mais crassos da religião envolviam então o mundo; e á excepção dos judeos, e talvez os persas, as massas da humanidade perdia-se no campo inintelligivel da mythologia e idolatria. Os persas, tanto quanto nos elucida a historia, nunca tinham adoptado outra forma d'adoração, nem admittido outra imagem do Ente Supremo, senão o sol, e o seu symbolo, o fogo; pelos quaes professavam o maior respeito, como emblema vivo d'aquelle que é o creador e fonte da luz. E, com quanto esta religião se tenha como idolatria, os persas não se podem reputar idolatras.

Seja qual for a interpretação que se dê a esta forma de veneração é um facto inquestionavel que os persas, á semelhança dos judeos, aonde quer que as suas armas triumphavam, aboliam a adoração de tudo quanto representava entes supremos feito pela mão do homem. Xerxes demolio os templos da Grecia, e destruiu as imagens de seus deuses; nem foi mais

indulgente com os babilônios, pois roubou e arrasou o templo de Belo, que Cyro, Cambyses e Dario Hytaspe, sem duvida por motivos politicos, pouparam. A religião dos persas inclinava-se mais para o deismo que para a idolatria; ou, seria talvez um mixto dos dois systemas. Os philosophos d'outras nações, especialmente os egypcios, gregos, e romanos, tinham estabelecido diferentes formas e adoptado outras opiniões. Muitos haviam concebido as mais elevadas idéas da essencia e attributos do Ente Supremo e universal, mas as massas de todas as nações, as massas da humanidade em summa, ignoravam completamente aquellas concepções e entretinham as idéas mais absurdas das cousas divinas. Desde que o homem começou a raciocinar, não obstante a debilidade d'uma rasão inexperiente, o mysterio da sua existencia não podia deixar de o surprehender. Deveria naturalmente reflectir sobre a sua situação, e diligenciar descobrir a origem da sua existencia, e a do mundo em que se achava, e não lhe deveria escapar a curta duração da vida. Depois que poderosas monarchias se estabeleceram, engrandecendo-se por meio de conquista, vindo mais tarde a ser victimas d'outros vencedores; depois que uma variedade de revoluções assombrára aquelles que observavam attentamente a mobilidade das causas humanas, e as numerosas e incessantes vicissitudes do mundo; depois que a experiencia trouxera a convicção da instabilidade do poder e grandeza dos homens, é de suppôr que devia crescer o desejo de descortinar o author da criação.

A inalteravel lei do destino lhe teria necessariamente traido a convicção que a vida tem um prazo fixo, estabelecido por um poder irresistivel que não respeitava testas coroadas nem as posições mais elevadas da humanidade, e estas considerações o levarião naturalmente a meditar se a morte era o anniquilamento total do homem, ou se era simplesmente uma mutação, depois da qual elle tinha d'existir com uma renovação de forças n'um estado qualquer futuro.

Em quanto a parte philosophica da humanidade forcejava descortinar aquelle mysterio, as capacidades mais apoucadas

não podião deixar de presentir a existencia d'um ente superior, origem de todas as cousas e que, com poder absoluto, rege e dispõe de tudo a seu bello prazer, e que por consequencia era interesse e dever seu prestar-lhe homenagem e culto qualquer.

A philosophia então em voga demonstra como a rasão desajudada pode progredir na sciencia divina, não obstante divergir em principios e forma de culto.

Temos já dito que o Zabaismo dos Chaldeus consistia em adorar os corpos celestes, systema este que se generalisára e foi recebido no Egypto e na maior parte da Asia. O homem em todas as idades, conscio de quam pouco valia para se aproximar do throno do ente supremo, sentio a necessidade d'um mediador; e os babylonios, cujo principal estudo era a astronomia, imaginaram que os astros serião divindades subalternas, funcionando como mediadores entre um ente perfeito e o homem, creatura sua; e consequentemente veio a ser parte essencial da sua religião, a invocação d'aquellas entidades por meio dos sacrificios e celebração de certos ritos. A religião dos egypcios era um tecido de representações allegoricas. Apresentavam os attributõs divinos, como tambem os phenomenos da natureza, sob o véo da allegoria, e isto deu origem ao culto de diferentes animaes, com especialidade o boi, o mais util da creação irracional. Hermes, o Egypcio, que se julga quasi contemporaneo de Moisés, como tambem do persa, Zoroastro, e entre os gregos, Orpheo, Anaximenes, Anaxagoras, Empedocles, Melisso, Pherecydes, Thales, Pythagoras, Platão, Aristoteles, e muitos outros, acharam invenciveis rasões para provar a existencia d'um ente eterno e infinito, author do universo. As opiniões de todos estes homens, diz Lactancio, cifram-se em existir uma Providencia, quer seja a luz, ou a razão, ou o entendimento ou o acaso; é tudo aquillo a que nós chamamos Deos.

Em quanto á origem do Universo, alguns suppõe que fôra uma emanção eterna da Divindade; desta opinião foi Aristoteles, senão o fundador, ao menos um dos principaes sus-

tentáculos; mas Platão, e a seita Platonica toda, suppunha que fôra creado em um determinado tempo conforme um architypo ou modelo d'eterna existencia na mente divina.

Anaxagoras o philosopho de Clazomena e preceptor de Pericles, o heroe Atheniense, sustentou a unidade do Ente Supremo, e era tido na Grecia na conta de atheu, porque negava aos astros attributos divinos. (Vide Platão, de leg. pag. 886) Anaxagoras insistia que as estrellas eram soes e que os planetas eram mundos habitados. Tão longe está o systema da pluralidade de mundos de ser d'origem moderna como muitos imaginam.

Por outro lado, Anaximandro, contemporaneo de Phythagoras e que viveu cerca de 600 annos antes de Christo, pelo tempo do captiveiro babilonico, foi o primeiro que, segundo consta, negasse a existencia d'um Ente Supremo, e pertendeu attribuir tudo á acção d'uma massa immensa tomando necessariamente toda a qualidade de formas. A sua doutrina foi abraçada por Leucippo, Democrito, Epicuro, Lucrecio etc. e combatida por Pythagoras, Anaxagoras, Platão, Socrates Aristoteles e muitos outros homens eminentes. Estas duas seitas, theistas e atheistas, por muito tempo dividiram a Grecia. Pyrrho formou então outra seita, cujo grande principio era duvidar de tudo. Levou-se esta doutrina ao maior auge de loucura, a ponto de sustentarem que tudo quanto vemos não passa d'uma illusão, á semelhança d'um sonho perpetuo. Zeno fundou depois a seita dos estoicos. Este dizia que o Ente Supremo era omnisciente e todo perfeito mas que a sua essencia era um puro ether, ou por outra que Deos não é um espirito.

Quanto a um estado futuro, a maior parte dos philosophos da antiguidade acreditavam na preexistencia da alma, e na sua perda, e ensinavam que as almas voltavão ao seu estado primitivo. Esta doutrina da preexistencia da alma foi sustentada por muitos dos antigos patriarchas e d'aqui provavelmente originou a idéa da transmigração das almas, generalizada entre os asiaticos, antiga e mesmo modernamente, em toda a

parte da Asia aonde a religião de Mahomed se não exerce.

Com quanto muitos philosophos d'entre os idolatras entretivessem idéas tanto ou quanto boas sobre a essencia e attributos do Ente Supremo, tinham geralmente formado uma opinião erronea no que respeita o modo porque elle dirigia as cousas do mundo, e, quasi sem excepção, admittiam um numero de divindades subordinadas aos quaes elle commettêra o governo das differentes parcellas do universo. Esta doutrina é ensinada por Aristoteles, que diz: «Devemos obediencia a um Ser primitivo e superior, e a diversos outros, governando sob a sua direcção; e esta (diz elle) é a doutrina genuina dos antigos. Plutareho um dos mais illustrados escriptores da antiguidade diz-nos: «Assim como o sol é um só para o mundo inteiro, apezar de ser conhecido por differentes nomes, nas diversas localidades, assim existe apenas um Ente Supremo, uma e a mesma Providencia que governa o mundo, com quanto o adorem sob differentes denominações, e que tinha nomeado diversos poderes inferiores como ministros.

Suppõe alguns que esta doutrina da existencia de divindades subalternas proveio da má interpretação que davam ao modo allegorico porque os Egypcios representavam os differentes attributos da Deidade; suppõe outros que originára da consequencia que tinham os homens da sua pequenez e necessidade d'advogado, ante o throno do grande Regulador de tudo, e que primeiro prevalecera em Babylonia aonde os sacerdotes pela continua contemplação dos astros, os consideraram mediadores entre Deos e a creatura. Entre outros o dr. Russell parece ser d'esta opinião, e diz, que a substancia d'esta doutrina, diversamente modelada, pode descobrir-se na maior parte dos systemas religiosos dos pagãos, e que os doze principaes deuzes dos gregos e romanos representam os sete planetas e os quatro elementos que regulavam tudo secundariamente conforme as crenças dos Chaldeos.

Em quanto a philosophia se perdia em conjecturas, as mas-

sas nem tinham vagar, nem tendencia, nem habilitações para aquellas cogitações. O polytheismo comtudo, adequava-se perfeitamente ao gosto depravado e entendimento do povo, incapaz de comprehender o poder e energia d'um Ente Supremo superintendendo tudo na criação, e talvez, apresentando-se a mesma difficuldade aos philosophos, podia, em não pequeno grau, influir para admittir a hypothese estabelecida, com a differença que para os homens iustruidos o polytheismo era subordinado ao theismo.

Os poetas aproveitaram o systema como campo fértil para espriar a imaginação e embellezar os seus poemas. Os deuses celestiaes, terrestres e os do inferno foram creados na imaginação ardente dos gregos; os penates, os deuses dos rios, das fontes, dos bosques e dos campos, eram admittidos n'este numero; e satyras e nymphas, em que habitavam as almas de heroes fallecidos, augmentavam esta monstruosa assembléa. D'este modo a mythologia pagã, mormente a dos gregos e romanos, tornou-se un complicado e ininteligivel systema de absurdos mysteriosos, compondo uma phantasmagoria celestial de entes ideaes.

Até que ponto e com que modificação as especulações dos philosophos e este variegado matiz de poesia estavam entrelaçados na religião popular de differentes povos pagãos, é impossivel determinar com exactidão, os estadistas divergem segundo as differentes circumstancias moraes e physicas das gentes que elles tinham a governar: e consequentemente os seus systemas eram tão variados, e tão desfiguradas as idéas, que, determinar-lhes a origem, seria tão impossivel como inutil. Mas, como as opiniões dos philosophos actuavam pouco sobre as massas, que as não podiam comprehender, e as ficções dos poetas não passavam d'uma exposição ideal, os legisladores e os inventores de systemas religiosos, entre os antigos, inventaram o meio d'instruir o povo fallando-lhe aos sentidos, e esta foi a origem da idolatria. Suppõe-se que as explicações emblematicas dos attributos do Ente Supremo, foram primeiramente adoptadas pelo clero egypcio, que mascava-

rava toda a sua sabedoria sob o véo da allegoria e exprimia as suas idéas philosophicas e theologicas por meio de hyroglificos, mas outros inclinam-se a que tiveram origem em Babylonia, e que a idolatria teve começo n'esta cidade. Quer tivesse origem entre os egypciios, quer entre os babylonios, o certo é, que os estadistas da antiguidade, considerando que a humanidade se impressiona mais facilmente por o que lhe fere os sentidos, fizeram erigir estatuas áquellas divindades subalternas: e a instituição de festividades solemnes com sacrificios e ceremonias pomposas em honra sua, inspirou no povo veneração pelas deidades ideaes e por seus symbolos materiaes, e d'este modo enraizou a idolatria e o polytheismo nos animos dos homens.

E no entanto a philosophia não esculpulsava cingir-se á religião das massas que ella considerava necessaria como instituição politica tendente a refrear as paixões. Os testemunhos de Eusebio, Lactancio, Santo Agostinho, e outros patriarchas da egreja primitiva o provam unanimemente.

Na epocha immediatamente anterior á vinda de Christo, a philosophia d'Epicuro ganhára preponderancia em Roma. Accommodava-se á libertinagem d'um tempo culto, mas immoral. A corrupção dos habitos, e o scepticismo religioso, estavam então no seu auge; e muitos dos homens mais illustrados vacillavam entre o deismo e o atheismo; entre os quaes conta-se o illustre Cicero, posto que se inclinasse mais para o primeiro systema.

Entregue asi, o homem perdeu-se no labyrintho de conjecturas, e a imaginação entregou-se ás maiores extravagancias de que é susceptivel a razão humana, quando não é convenientemente dirigida.

Um estado moral e espirital do mundo como fica descripto, e que ninguem averberá de desfigurado, claramente indica a necessidade da Revelação Divina, que, apoiando os esforços da razão humana, subordinasse os voos da imaginação, e nos orientasse ácerca da eternidade.

Este grande proposito tinha de ser cumprido pela Reve-

lação Christã, que tinha de instruir o homem e dirigir o seu juizo sobre os attributos e acção do Ente Supremo, dos meios d'obter perdão, e do modo mais aceitavel de lhe prestar culto. De todas as revoluções, esta era a mais importante e os seus effeitos, extraordinarios, illimitados e eternos. O engrandecimento e quêda dos imperios assyrio, persa, e grego, e o seu immenso augmento em Roma, eram acontecimentos mesquinhos e não soffriam o termo de comparação contrabalançados pelo christianismo, destinado a fundamentar uma revolução d'idéas, e a produzir uma mudança completa no estado moral do mundo.

Todos conhecem sufficientemente o evangelho, e portanto a sua citação seria aqui deslocada, e todos sabem que os seus primeiros propagadores, revestidos de coragem e perseverança, que nas suas circumstancias, nada d'este mundo podia inspirar, se dispersaram em direcções oppostas, para annunciar em diversos paizes a bem vinda nova da salvação. N'este accommetimento, grande em demazia para as forças humanas, encontraram todas as difficuldades e opposição que semelhante empreza poderia offerecer, nem menos era d'esperar. Pobres, desprezados e incultos, destituídos de todas as vantagens, encarregaram-se de propagar e estabelecer uma doutrina diametralmente opposta a toda e qualquer religião até ahi seguida, uma doutrina que combatia altamente as paixões e os prejuizos da humanidade; uma doutrina em summa subversiva de tudo quanto de tempos immemoriaes se havia respeitado. A religião christã pré-gou-se primeiro em Jeruzalem, theatro da paixão de Christo, como tambem dos principaes actos da sua vida.

Algumas conversões se fizeram, e uma joven egreja se estabelleceu na metrópoli da Judéa; mas o novo systema fôra regeitado pela grande maioria da nação judaica, como se deveria esperar. Em vista do tratamento cruel de seu Fundador, durante a sua vida, pouca probabilidade podia haver que, depois de morto, elles o reconhecessem por seu Rei e Salvador; especialmente, considerando quanto estavam possuidos da

idéa d'um Messias guerreiro e conquistador, sob cujos victoriosos estandartes, elles sacudirião o jugo romano, estabelecendo um imperio poderoso como o dos babilonios, persas, e mesmo de Roma n'aquelles dias; ou ao menos restituir-lhes o antigo esplendor e poderio dos tempos de David e Salomão. Era isto que esperavam os sacerdotes, os chefes e quasi toda a nação judaica, e por tanto era muito improvavel que elles quizessem reconhecer por Messias um individuo que elles tinham visto viver na mais humilde condição, e expirar no meio de tormentos como morriam os malfeitores, em virtude d'uma sentença por elles mesmo proferida, ou que tinham feito preparar contra elle.

Portanto, o evangelho, sendo regeitado pelos judeus, foi levado para entre os gentios. Fizeram-se conversões, edificaram-se egrejas, em quasi todas as cidades do imperio romano; na Antiochia, em Damasco, Philippi, Corintho, Athenas, Alexandria, Ephezo, na Thessalonia, e na propria Roma; aonde, segundo as melhores informações historicas, os apóstolos, Pedro e Paulo, soffreram o martyrio na primeira perseguição de Nero, primeiro romano que promulgou decretos sanguinarios contra os christãos; não por indisposição contra as suas doutrinas religiosas, mas como accusação d'elles haverem posto fogo á cidade, desejando afastar de si a imputação de tão horrivel attentado.

O christianismo continuou, porém, a fazer progressos rapidos, e alguns philosophos e homens de conhecimentos, viam bons motivos para abraçar a sua doutrina e seguir os seus preccitos. Esta religião cedo adquirio uma nova prova da sua divina origem, com a celebre destruição da cidade e templo de Jeruzalem, e a dispersão da nação judaica; acontecimento este circunstanciadamente predicto por Christo, cerca de 40 annos antes da sua realisação. Os promenores d'aquella scena de desolação e carnificina acham-se eloquentemente descriptos por Flavio Josephus, que, sendo primeiramente um dos chefes n'aquella guerra e depois prisioneiro dos romanos, estava bem ao facto, não só das occorrencias princi-

paes que n'ella tiveram logar, mas até mesmo dos segredos de gabinete a que deveu sua origem; como por muitas vezes havia assistido ás reuniões do grande conselho, em Jeruzalem, aonde a guerra fôra decretada e combinadas as medidas para a levar a effeito. Fôra igualmente espectador dos acontecimentos occorridos durante o ultimo cerco de Jeruzalem; e devemos confessar que elle mostra haver contado as cousas com verdade, e com bastante imparcialidade, com quanto não ignoramos que elle escreveu as suas famosas obras sob a influencia romana. A destruição do templo, e o inteiro arrasamento da cidade de Jeruzalem, offereceram um fortissimo argumento a favor do christianismo. Era visivel que o juizo de Deus caíra sobre aquelle povo, e que, segundo toda a probabilidade as suas esperanças de reganhar a sua nacionalidade, e de readquirir preponderancia na balança politica das nações, acabaram para sempre. Estas circumstancias combinadas com a notavel prophecia de Christo, e outros muitos factos contemporaneos não podiam deixar d'influir profundamente sobre o espirito do homem pensador e que sabia raciocinar sobre os acontecimentos moraes e suas causas; e como a dispersão dos judeus, e o aniquilamento das suas aspirações á soberania temporal pesavam muito a favor do christianismo, a singular continuação d'aquelle povo no mesmo estado fortificoude seculo em seculo aquella crença até aos nossos dias; e a sua permanencia como povo distincto, disperso por todas as nações, sem incorporação em nenhuma, apresenta um phenomeno moral de que não ha exemplo na historia.

## DUODECIMA CARTA

Chegados ao periodo em que fôra conhecida a revelação christã, e até certo modo propagada no mundo, aindaque em embrião, olhemos o estado do imperio romano que constitue a feição principal dos tempos que estâmos agora explorando.

Toda a serie de factos politicos e militares que teve seguimento sob o governo imperial está tão minuciosamente tratado pelos authores antigos que, ninguem versado em bellas letras, carece d'informações a este respeito. Cumpre observar que o imperio floresceu sem egual nos annaes historicos das nações, desde a sua fundação por Augusto Cezar, até á morte de Constantino; ou, até mesmo á morte de Theodosio e a fatal divisão do imperio entre seus dous filhos Arcadio e Honorio, periodo que abrange 430 annos. N'este longo espaço de tempo o imperio passou por vicissitudes provenientes de revoltas militares, de commoções intestinas, dos vicios e incapacidade d'alguns imperadores, e de depredações d'inimigos; mas o poder romano invulneravel a tudo, venceu todas as difficuldades e triumphou de todos os desastres. Durante o espaço de quasi 200 annos, desde Augusto até Antonino Pio, o poder romano, estacionou, conservando-se no maior auge do seu esplendor, e Roma gosou um estado de prosperidade politica e de felicidade que raramente é dado a nação alguma. Comprehendendo nos seus vastos dominios todas as nações versadas nas artes e nas armas, affamada pelo valor e disciplina de suas invenciveis legiões, possuidora d'immensos recursos, Roma, pelo terror de seu nome, fez tremer os povos barbaros; e era raro quando algum a desafiava a desfraldar suas aguias victoriosas. Quando a tanto se aventuravam, a contenda era de pouca dura; as victorias de Roma eram brilhantes, seus triumphos gloriosos, e a derrota de seus inimigos decisiva e fatal. O systema politico dos imperadores era, em geral, mais pacifico que o da republica nunca fora, e á excepção da guerra de Vespasiano e de Tito contra os judeos, e aquella de Trajano contra os Parthos, encontramos poucas scenas importantes de carnificina e devastação durante o periodo mencionado. Tres circumstancias desgraçadas apenas interromperam a felicidade de Roma, e são os vicios d'alguns imperadores, como Nero, Vitellio, e Domitiano; a escravatura, e a perseguição frequente dos christãos. Muito se tem escripto em desabono d'imperios vastos, mas ha tambem

muito bons argumentos a seu favor. A união d'uma massa enorme de gente sob um systema politico é uma das maiores seguranças contra a guerra, porque a divisão d'um paiz em differentes estados, é origem certa d'hostilidades, sangue, rapina e anarchia. Toda a vez que um paiz se divide, começam a apparecer tantos e tão oppostos interesses, e a desenvolver-se tantas ambições, que os conflictos são inevitaveis, arrasando no seu vertice todas as classes da sociedade. Era facil produzir immensos exemplos, mas basta citar o estado da Inglaterra no tempo da heptarchia para evidenciar esta verdade. N'uma grande monarchia ha apenas um interesse politico, e os alvos d'ambição, têmão o attractivo que tiverem, são menos, e consequentemente ao alcance de pequeno numero d'individuos; tudo converge para um centro em lugar de se desviar para as extremidades. Um interesse commum reúne a massa collectiva do povo, e as differentes provincias do imperio gosam as vantagens d'um commercio livre e nunca interrompido, beneficio incalculavel para toda a communidade.

Admittindo mesmo um governo despotico n'um vasto imperio, e que o proprio monarcha seja um tyranno sanguinario; assim mesmo, pela extenção de seus dominios, poucos individuos, que quasi todos por vontade propria se acham em contacto com elle, sentem os effeitos da sua crueldade e despotismo. Aquelles, que por motivos d'interesse se aproximam da sua pessoa, e que são instrumentos da sua tyrannia, são os que geralmente sentem a severidade do tyranno. As massas sentem menos a sua presença. Entre um e outros vae grande distancia, e os individuos confundem-se em multidão, o que não succede nos pequenos estados aonde o tyranno tem os olhos sobre cada um de seus subditos, e por tanto é incomparavelmente melhor tel-o a cem leguas longe do que á nossa porta. A historia universal fornece-nos abundantes provas de quanto os grandes estados concorrem para a tranquillidade do mundo e interesses geraes; e a historia de Roma abunda em argumentos convi-

centes da superioridade do governo monarchico sobre o republicano.

Alguns imperadores eram monstros em vicios e crueldade; mas mesmo assim, comparando a condição de Roma sob as duas formas do governo, o estado de desassocego e perseguição a que estavam sujeitos seus cidadãos no tempo da republica, o recenseamento militar obrigativo, os tumultos, as commoções intestinas e incessantes hostilidades com as nações vizinhas, e por outro lado o seu esplendor e tranquillidade sob o governo imperial, tudo devidamente apreciado, não hesitamos em declarar os romanos mais felizes sob o peor de seus imperadores, que sujeitos ao systema republicano. Ao menos, é incontroverso que disfructavam maior socego em certos reinados, como por exemplo n'aquelles de Augusto, de Tiberio, d'Arianno, e d'Antonino Pio, que jamais conheceram durante todo o tempo da republica. Muitos imperadores appellidados de tyrannos, não só foram bem quistos da soldadesca mas até mesmo do povo. O principal objecto de perseguição para os tyrannos era o Senado, corporação aristocratica e orgulhosa, que por tanto tempo opprimira o povo.

O periodo mais florescente e tranquillo do governo imperial acabou com o reinado de Antonino. No tempo de Marco Aurelio, seu successor, os Quadi, os Altermanni etc. que habitavam alguns pontos da Austria, Bavaria, e outros districtos da Alemanha, ao norte do Danubio, fizeram invazões terriveis no imperio, assim como depois fizeram os Dacios que occupavam a Moldavia, a Transylvania e a maior parte da Hungria ao norte d'aquelle rio. Depois d'estes os Godos tornaram-se inimigos terriveis do imperio romano. Esta nação, tão celebre na historia do imperio, e que tomou parte tão activa na sua queda, tinha primitivamente a sua séde na Scandinavia, hoje Suecia e Noruega, e d'ahi emigrou na era christã.

No tempo de Antonino, occupavam elles a Prussia e a Pomerania, nas immediações da foz do Vistula, e pelo mesmo tempo os vandalos habitavam o norte da Alemanha junto ás costas do Baltico, chegando até o Elba. Os Godos emigravam

novamente na direcção do sud-este e apossaram-se da Utrania, e progredindo mais ainda pelo sul dentro, subjugaram os Dacios, e estabeleceram-se na Dacia, d'onde inquietaram terrivelmente os romanos. Os dominios dos Godos estremavam-se a leste pelo mar Euxino, ao sul pelo Danubio, e dividiam-se em dous reinos, o reino oriental, ou ostrogodos; e o occidental, ou visigodos. Seus territorios comprehendiam a parte occidental da Hungria, mas até onde chegavam para o norte se não sabe, porque o imperio Godo, ora abrangia uma grande parte da Polonia e da Alemanha, ora se limitava a territorios de pouca extensão. Os Godos, tendo-se apossado da Dacia durante o reinado de Philippe o Arabe, passaram o Danubio no tempo de seu successor o imperador Decio, e pela primeira vez invadiram o imperio romano. Vindo aquelle imperador ás mãos com elles, foi derrotado e morto, sem que jámais lhe fôsse encontrado o corpo, e o seu successor, Gallo, celebrou um tratado de paz vergonhoso. Os Godos, emprehendedores e aventureiros, no reinado de Gallieno atravessaram o Enxino em tres grandes divisões, e saqueiaram a cidade de Nicomedeia, e toda a Asia Menor. Desceram até ao Hellesponto, tomaram Athenas, e expoliaram a Grecia toda, e as suas reiteradas invasões ameaçavam, nada menos, que a conquista, ou desolação das melhores provincias do imperio.

Para quem leu a historia de Roma é sufficiente um sumario dos acontecimentos, e por tanto bastará dizer que com quanto aquelles povos barbaros fossem a maior parte das vezes derrotados e frequentemente com grandes perdas de gente, não cessavam de renovar as suas invasões, e no reinado de Gallieno, eram estas tão numerosas e tão repetidos os seus ataques ás fronteiras romanas que o imperio parecia aproximar-se ao seu fim. Além das calamidades d'estas guerras varios chefes militares e governadores de provincias arvoraram o pendão da revolta, e o imperio romano veio a ser victima da anarchia, apresentando um quadro d'infelicidade politica, tão negro, quanto anteriormente fôra esplendido e prospero. O

reinado de Gallieno foi não sómente infeliz, como tambem de consequencias humilhantes para a dignidade do nome romano, porque o imperador Valeriano, pae de Galieno, estava sendo prisioneiro de Sapor, rei da Persia, que se diz o tratava indignamente, compellindo-o a curvar-se, fazendo do seu corpo, assim dobrado, escabello, quando o soberbo vencedor montava a cavallo. Diz-se que Sapor o mandára esfolar depois da sua morte, e alguns julgam que o fôra em vida, dependurando-se-lhe a pelle na sala das audiencias e ali conservada para attestar que os romanos não eram invenciveis.

Em todo o caso é fora de duvida que Valeriano jámais recuperou a liberdade; e a sua desgraçada sorte é uma das muitas provas que offerece a historia de quanto é variavel a fortuna. N'este infausto reinado, as guerras civis e externas que conflagravam o imperio romano produziram a fome seguida d'una tão devastadora peste, que por muito tempo morriam por dia cerca de cinco mil pessoas na cidade de Roma, e segundo os calculos d'alguns authores, apesar que os temos por exaggeradores, uma metade quasi da população do imperio foi victima da guerra, fome e peste.

O reinado de Gallieno foi para Roma a epocha mais calamitosa desde a guerra Punica até ao reinado de Honorio. Claudio, soldado de baixo nascimento, oriundo da Illyria, uma provincia ao sul do Danubio, confinando pelo norte e a leste com o mar Adriatico, sendo eleito imperador, fez quanto era possivel para, em tres annos apenas de reinado, restaurar a gloria do imperio, e os reinados militares e fortes que lhe succederam de Probo e Aureliano, ambos como Claudio, camponezes Illyrios de origem, a consolidaram.

As victorias de Probo egualavam aquellas dos maiores heroes da antiguidade; e o reino d'Aureliano foi uma serie continua de brillantes feitos d'armas. No seu tempo os Altemani passando o Danubio, chegaram a Milão, e achando cortada a retirada pelo imperador á frente d'um poderoso exercito, invadiram a Italia com tamanho arrojo que a propria cidade imperial esteve em perigo imminente de cair nas suas mãos.

N'essa difficil conjunctura, os habitantes de Roma, cercaram a cidade e parte de seus suburbios com a celebre muralha a que appellidaram, aureliana. Aquelle imperador, porem, tendo rechassado e quasi aniquilado o exercito invasor, foi assassinado, estando em marcha contra os persas.

Com quanto a gloria do imperio se recobrasse, e fossem os seus dominios restituídos ás suas antigas confrontações por aquelles illustres camponezes das margens do Danubio; não se imagine que Roma não soffresse os funestos effeitos da guerra e da anarchia. As nações da margem septentrional do Danubio desde a sua nascente até á confluencia com as aguas do Euxino, adquirindo informações sobre a riqueza do imperio romano, pairavam continuamente nas fronteiras; promptas a se aproveitarem do primeiro ensejo, para se lançarem, como uma torrente nas provincias.

Roma, porem, triumphou, e os dois inimigos tiveram de recuar ante o valor irresistivel e disciplina de suas legiões sob o commando de varios chefes, como Diocleciano, Maximiliano, Galerio, Constancio, Cloro, e outros que haviam sido adestrados sob aquelles valentes imperadores, Claudio, Aureliano e Probo; e que, de humilde posição, tinham, depois de subir os postos militares, passado a occupar o primeiro logar no imperio do mundo.

Pelo espaço de cem annos anteriores ao reinado de Constantino, o imperio romano apresentava um character politico extraordinario, pela rapida promoção, degradação e assassinio de imperadores, revolta de chefes e com quanto fôsse o theatro da anarchia e guerra civil, não deixava de fazer terrivel frente aos inimigos externos.

E, não obstante, é forçoso notar que o povo gozava uma paz e soccego que não conhecêra sob o regimen republicano, porque essas revoluções limitavam-se á classe militar. Era esta que obrava e soffria em todos os negocios, o povo nenhuma parte tomava n'elles, e as invasões dos barbaros eram calamidades eventuaes e de pouca duração: mas no governo da republica a guerra era um accessorio á sua constituição e qua-

si necessaria á sua existencia. Cada cidadão era soldado, e Roma semellhava-se a um acampamento. As hostilidades eram continuas; cada provincia apresentava scenas de rapina, até que, pela subjugação se pacificava. O systema adoptado pelo Senado era entreter o povo, conservando-o n'um estado perpetuo de guerra: aquelle dos imperadores era de adoçar a indole militar, e preferiam confiar a sua segurança pessoal, e a do imperio a exercitos permanentes, acostunados ao seu commando, affeiçoados a si, e recrutados d'entre as differentes classes, do que á conscripção de cidadãos orgulhosos e refractarios.

Durante o espaço de cincoenta e seis annos que decorreu entre a morte de Gallieno e a enthronisação de Constantino no indiviso imperio do mundo, uma serie d'imperadores guerreiros havia derrotado em toda a parte os barbaros e desafrentado o nome romano.

O imperio recuperára seu antigo esplendor e ostentava a grandeza dos primeiros tempos depois do reinado de Augusto; mas durante os ultimos trinta e sete annos d'este periodo, o poder imperial achava se dividido.

Tendo Diocleciano repartido com Maximiliano a soberania, estes imperadores dividiram o imperio, reinando o primeiro no Oriente e o segundo no Occidente. Este systema continuou e as sub-divisões succederam-lhe, a ponto que houve tempo em que o imperio era regido por seis imperadores, Constantino, Magnencio, e Maximiliano no Occidente, e Licinio, Maximino, e Galerio no Oriente. Com este singular systema cada imperador exercia authoridade soberana na sua respectiva parte, mas a sua authoridade unida extendia se a todo o imperio; e toda a legislação promulgava-se em nome de todos os imperadores. A divisão do imperio durou até que os imperadores se começaram a olhar como rivaes, tornando-se por fim inimigos declarados, e lançaram o imperio na guerra civil que só terminou com a proclamação de Constantino á soberania geral, 306 annos antes da vinda de Christo.

Este imperador tendo n'uma serie de campanhas successi-

vas, derrotado Magnencio e Licínio, fazendo-se senhor absoluto do territorio romano, voltou as suas armas victoriosas contra os inimigos de Roma. Passando o Danubio, entrou até mesmo o coração da Dacia, e reduziu os godos, e outros povos barbaros a tal extremidade, que durante a maior parte do seu reinado, inimigo algum pode attacar o imperio, que então experimentou as doçuras da paz, e o seu poder chegou a ser o que só fôra no reinado d'Antonino.

O regimen politico do governo imperial não tinha precedente: podia chamar-se o despotismo desfarçado pelas formulas republicanas que ficaram, não obstante existir o functionalismo do senado e consular. Os empregos d'Edis, de Pretor etc. ficaram como no tempo da republica, mas existiam apenas em nome, e Augusto teve a sagacidade de os assumir, o que demonstra que aquelle habil estadista conhecia bem a influencia que exercem certos titulos. O maior e mais sabio de seus successores seguiu o seu exemplo, e todos os imperadores que sabiam proteger os seus interesses, fingiam respeitar aquellas formas republicanas; e nos primeiros tempos do governo imperial, se o imperador não era eleito primeiro pelo Senado, a sua approvação ou sancção era indispensavel para validar o acto. Com o andar do tempo, o exercito julgou direito seu exclusivo de eleger o imperador, e fez-se arbitro supremo dos destinos do imperante. Os imperadores eram eleitos ou depostos sómente pelo exercito, e o senado, para não perder ao menos as apparencias d'authoridade apressava-se a confirmar aquellas eleições militares. A guarda Pretoriana foi a primeira que se arrogou este direito e o seu exemplo depressa foi seguido pelos legionarios. Esta forma d'eleição degenerou em corrupção aponto, que a guarda Pretoriana, tendo deposto e assassinado o imperador Pertinax, vendeu em hasta publica o cargo imperial, apresentando um facto de usurpação e licença militar sem parallelo na historia; a soberania do maior e mais poderoso imperio do mundo posto em leilão e entregue a quem mais lançasse! O preço porque foi vendido a Didio Juliano, segundo Mr. Gibbon foi de 6250

drachmas, cerca de um conto cento e vinte mil reis. A constituição de Roma era o despotismo militar puro. Depois que se aboliram as assembleas populares, no começo do reinado de Tiberio, a constituição ostensiva do imperio fazia eleger o imperador pelo senado como general em chefe dos exercitos do imperio, ou como dizião ainda os romanos, da republica, de modo que o senado era o corpo legislativo, mas o executivo estava todo nas mãos do imperador. Mas a constituição dos tempos de que fallamos fazia dependente os imperadores de eleição militar, o exercito reinava e o imperador era meramente seu agente; a peor forma de monarchia electiva, porque imperador algum, por grandes que fossem as suas virtudes e merecimento, podia sustentar-se sem cuidar de conciliar a graça do exercito. Revestidos do poder executivo e tendo á sua disposição toda a força militar do imperio, os imperadores desprezavam a authoridade legislativa do senado.

Até o reinado de Adrianno, os imperadores promulgavam leis na qualidade de magistrados romanos, com authorisação do senado; mas Adrianno concentrou em si a lei, e depois do seu reinado, não só a administração publica, como toda a jurisprudencia do imperio modelava-se pela vontade do imperador.

Temos já dito que os romanos nos ultimos tempos da republica, tinham-se afastado d'aquellas maximas que excluião do exercito individuos de classe inferior, e que Caio Mario fora o primeiro que as renovou, sendo este exemplo seguido por outros chefes ambiciosos. Custa mesmo a acreditar que um Sylla, um Cezar, ou um Pompeo excluíssem de seus exercitos quaesquer pessoas aptas para serviço activo, e consequentemente anterior á abolição do systema republicano, grande fora a mudança effectuada.

Depois do estabelecimento do governo imperial, os imperadores, preferindo exercitos permanentes, recrutados nas provincias, á conscripção militar de cidadãos, lião buscar os seus soldados entre as classes infimas, e admittião gente sem dis-

tineção nas legiões romanas, ficando desde logo gozando o foro de cidadãos, que, em consequencia da isenção d'impostos a que estavam sujeitos os provincianos e dos donativos publicos de dinheiro como já fica dito, erão immunidades grandes, tendo aquelles donativos antes augmentado que diminuido sob os imperadores. O soldo annual d'um legionario foi fixado por Domiciano em doze moedas d'ouro, somma esta equivalente a quasi 560\$000 rs. e no fim de 20 annos de serviço recebem 560\$000 rs. ou seu valor em terrenos.

O famoso corpo, intitulado a guarda Pretoriana foi organizado por Augusto para defeza propria e da capital. Tinão dobrados vencimentos em relação aos legionarios. Ao principio compunha-se de 10000 homens. Tres cohortes aquartelavam em Roma, e o resto nas suas immedições. Depois foram todos reunidos em Roma por Tiberio e acampados junto ás muralhas. Vitelli elevou o seu numero a quinze mil. A guarda Pretoriana recrutava-se d'entre a mocidade Italiana até ao reinado de Septimo Severo que a licenciou como castigo pelo assassinato do imperador Pertinax e pela venda do imperio em hasta publica.

Severo formou então um novo corpo de guardas Pretorianas em numero de 50000 composto dos melhores soldados, escolhidos d'entre as legiões. Aquelle imperador augmentou o soldo e gratificações sem exemplo até ahi, acostumando-os a extraordinarios donativos em todas as occasiões de festejos publicos. Dioclesiano e Maximiliano dissolveram o corpo pretoriano de seu antigo cargo de guarda de corpo, confiando-o a dois regimentos de Ihyricos a que chamavam Jovianos e Herculanos, tomando elles proprios os appellidos de Joviano e Herculano; querendo, segundo parece, fazer acreditar a seus subditos que elles hobreavam com os deuses, ou que ao menos eram de origem celeste. Constantino apoz sua victoria sobre Maxencio, receiando a manutenção de tão perigoso corpo dissolveu-o; e tendo, em consequencia da sua opposição, tomado á viva força o seu acampamento, os distribuiu entre as tropas das provincias. Assim se dissolveu aquelle celebre

corpo do exercito que tantas vezes dispozera do imperio do mundo.

Quando terminavamos as nossas observações no periodo do reinado d'Augusto, contemplamos Roma no zenith da sua gloria, senhora do mundo, centro do poder, riqueza e sciencias, como tambem do luxo e da dissipação; a sua riqueza e poder pouco mais poderião augmentar; mas o luxo subio sob o governo imperial. Os cidadãos não sonhavam já em conquistas e espoliações, pensavam só em gozar pacificamente o que já tinham ganho. As suas guerras rarearam depois d'expirar o regimen republicano, e quando se fazião era mais para defeza que para dilatação das fronteiras do imperio.

Esta mudança da guerra para a paz deveu-se em parte á indole pacifica de varios imperadores e á pouca importancia do senado, que já não exercia sobre o povo a antiga influencia levando-o a pegar em armas sob pretexto de gloria e conquista e, talvez, sobre tudo á razão que o imperio, nada tinha a ganhar, mas muito a perder hostilizando as nações visinhas cujo estado não despertava sentimento algum d'ambição ou cubiça. As magnificas representações no cerco eram de maior apparatus, e os jogos publicos tinham logar com mais pompa no tempo do imperio; e os triumphos de varios imperadores, com especialidade de Vespaciano, e de seu filho Tito, como tambem aquelles de Trajano, de Probo e d'Aureliano, appresentaram vistas d'uma magnificencia sem igual. Parece que fora a politica dos imperadores, como já tinha sido do senado, trazer os animos entretidos, proporcionando ao povo espectaculos grandiosos e fazendo-lhe donativos ricos, como tambem embellezar a cidade, que quasi todos os imperadores, cujo reinado fosse de duração, não deixavam de fazer, erigindo um ou outro edificio magestoso como padrão do seu governo e estima pelo povo romano. Os edificios de primeira ordem, e outros trabalhos estupendos, que tem chamado a attenção da posteridade e dos quaes as veneraveis ruinas ainda hoje attestam as aspirações do homem, foram obra dos impera-

dores; taes são o amphitheatro de Nero e Tito, os arcos triumphaes, a columna de Trajano, o mausoleo d'Adrianno, hoje castello de Santo Angelo, os banhos de Diocleciano e muitas outras que seria fastidioso enumerar.

Durante o imperio é indubitavel que a cidade fôra muito alargada e embellezada, e como acontece em todas as capitães ricas e luxuosas, devemos suppor que um grande numero d'artistas e negociantes, de todas as classes, terião concorrido a um logar que estava sendo a séde da prodigalidade.

Julga-se que nunca Roma foi tão populosa, nem mais extensa que no reinado d'Augusto. Isto, porem, é um ponto impossivel de precizar porque os historiadores desprezaram as particularidades importantes para nos contar por miudo, o que souberam, e que mesmo não souberam, de batalhas, cercos, revoluções, e usurpações; enchendo as suas paginas de narrações de mortandade e dissolação que deshonram a humanidade, em quanto que nos deixão advinhar qual fora o progresso das sciencias, do commercio e das artes.

A um author contemporaneo dos imperadores Constantino, Constancio e Juliano devemos a melhor descripção do luxo romano d'aquelles tempos. Os grandes de Roma, diz elle manifestaram a sua posição e riqueza pela sumptuosidade de seus carros, muitos dos quaes eram de prata massiça d'esquecito lavor, e os arreios dos cavalloes e muares ricamente embutidos de ouro, ostentando tambem espantosa magnificencia no vestuario. Seus compridos mantos de purpura fluctuando á mercê do vento, descobrião, uma vez por outra, ricas tunicas, bordadas a ouro com figuras d'animaes. O exemplo dos nobres era seguido pelas damas e pelos plebeos opulentos cujos carros se vião constantemente girando em volta da immensa cidade e seus suburbios. Em summa, o luxo, nos ultimos tempos do imperio foi excessivo. As muzas tinham emmudecido desde a abolição da republica. Sob o governo imperial foram substituidas por farças obscenas, musica effeminada e pela pantomima muito em voga, ultimamente, entre os romanos. Nos espaçozos e magnificos theatros de Roma, dançavam tres

mil bailarinas, tres mil cantoras alem dos regentes dos diferentes coros, mas o divertimento favorito do povo consistia nos jogos publicos e espectaculos no circo. Pode-se acrescentar a isto os banhos publicos a que pessoas de todas as jerearchias tinham acesso por um preço modico não excedente a tres reis do nosso dinheiro. Nenhuma cidade offerecia tantos e tão esplendidos passatempos, tão baratos, como Roma.

Mas a par do augmento do luxo declinavam as sciencias. Os ajuntamentos populares encontraram opposição no tempo de Augusto e foram totalmente prohibidos no reinado de Tiberio. A rhetorica perdeu a sua importancia e de pouco servia a quem a cultivava e ao publico. Quaesquer formas que ainda existissem, a constituição estava mudada completamente. Os animos no senado e as paixões populares não se acordavam já pela eloquencia. Despunha de tudo um chefe militar, engrandecido com o titulo de imperator ou general que nós traduzimos por imperador, e que entre os romanos, significava verdadeiramente generalissimo ou commandante em chefe de toda a força armada da republica, como impropriamente denominavam ainda o imperio romano. Perdido o gosto pela oratoria, a litteratura deixou de progredir como nos ultimos tempos da republica. Os mais distinctos escriptores dos tempos modernos não tem podido exceder as composições de Cicero e as da era Augustina. Durante o prospero e illustrado periodo que vae desde a fundação do governo imperial até o reinado de Marco Aurelio a declaração das letras é menos sensivel; porque posto haver a eloquencia do povo decahido muito, os imperadores animavam a litteratura com o seu exemplo, como homens de letras que erão, especialmente Augusto, Adrianno, Antonino e Marco Aurelio. Depois d'este periodo, as sciencias declinaram rapidamente. Muitos dos imperadores que lhes succederam eram homens rusticos, que, por diferentes circumstancias favoraveis, havião sahido das ultimas classes da sociedade e cingido a purpura imperial, tendo em pouca conta a litteratura. A philosophia dos chaldeos, dos egypcios, dos persas, gregos e romanos, consistia

principalmente nos preceitos moraes, ou nas sciencias abstrusas, em que a rasão, chegando até certo ponto, tinha de parar e perdia-se em conjecturas. A sua philosophia não se baseava na experiencia que modernamente tem resolvido tantos pontos duvidosos e feito tão importantes descobertas. Anterior ao reinado de Constantino todas as sciencias tinham decaído muito. O imperador, porem, protegeu os homens de genio, e com quanto lhe faltasse uma educação litteraria deligenciava, quanto podia, para fazer reviver o amor pela litteratura e bellas artes, mormente d'estas de que muito carecia para o embellezamento de Constantinopla; mas o estado de depreciação era já muito grande para melhorar em um só reinado, e aquelles que lhe succederam foram desfavoraveis á sua cultura. O reinado de Constantino, porem, produziu, ou já achou feitos alguns homens d'extraordinario talento e erudição entre os christãos, particularmente o eloquente Lactancio, e o famoso Eusebio, bispo de Cesarea, homem d'uma erudição rara, como provam os seus escriptos; e só em uma das suas obras, cita nada menos que quatro centos authores gregos. N'estes tempos, o estudo de theologia começou a prevalescer sobre os outros.

O melhoramento da sorte dos escravos mereceu a attenção do governo imperial e já nos ultimos tempos da republica as mudanças politicas e sociaes tinham concorrido para beneficiar esta classe, completando a sua acção sob o regimen dos imperadores; por isso que o luxo uma das causas mais favoraveis aos escravos, tomára ainda maior incremento; e o systema pacifico dos imperadores, desde o começo do imperio, até a invasão dos barbaros, fizera com que fosse pouco consideravel a importação d'escravos; de que resultava necessariamente que o seu valor crescia a par da sua escacez, fazendo com que fossem mais estimados.

Os principios republicanos, e a distribuição dos impostos entre as classes pobres da sociedade, excluio toda a tendencia entre os ricos e toda a necessidade entre os pobres de certos empregos que, modernamente, ninguem reputa deshonoroso

e todos aquelles cargos que nas cortes civilisadas só se dão aos subditos de superior gradação eram no tempo do imperio romano exercidos por escravos. E de facto os imperadores tinham boas razões para preferir os escravos aos cidadãos romanos para o seu serviço domestico. Imperadores houve que legislaram em beneficio d'esta infeliz classe. O imperador Adrianno, com especialidade, negou aos senhores poder arbitrario sobre seus escravos e de que estavam na posse desde a construcção de Roma, e collocou os escravos sob a protecção da lei. E' este exemplo, entre outros mil, que prova que o governo monarchico é geralmente mais favoravel ás classes infimas do que o republicanismo; porque em todos os tempos chamados da liberdade, nenhum regulamento se fez em favor d'aquella desgraçada raça, que em todo o tempo da republica estivera sempre sem o abrigo da lei.

Já temos notado que nos dias mais opulentos da republica a alforria aos escravos tornou-se moda, ou por generosidade, ou por interesse.

O senado decretou leis para a exclusão dos escravos e seus descendentes dos cargos publicos do estado. Estas leis porem caducaram no tempo do imperio quando o recenseamento para o exercito conferia os direitos de cidadão a pessoas de todas as jerarchias sem excepção. As distancias entre a escravidão e a liberdade diminuíram gradualmente, e Diocleciano, o filho d'um escravo liberto, e que se diz nascera antes da liberdade do pae, tendo sentado praça em uma das legiões romanas e subido os postos militares, cingio a purpura imperial, foi aclamado imperador pelo exercito, reconhecido pelo senado, e reinou com distincção sobre o orbe romano.

O que mais contribuiu para fazer passar o governo imperial aos olhos da posteridade como iniquo e tyranno e para estigmatizar muitos imperadores de sanguinarios foram as frequentes e crueis perseguições entre os christãos; mas se examinarmos bem o caso, muitos imperadores ficarão justificados; porque é de notar, que não obstante essas injustas perseguições, poucos erão maus por instincto. Muitos dos que

promulgavam decretos sanguinarios contra os christãos, não tinham, como é sabido, indisposição contra o christianismo ou aquelles que o professavam, e pelo contrario os nomeavam para empregos honorificos e lucrativos, até que eram seduzidos por maus conselheiros, que, ou tinham odio ás doutrinas christãs, ou ciume de certos individuos d'aquella religião. Isto dava-se com Valeriano que, no começo do seu reinado, era particularmente benigno para os christãos elevando-os aos mais altos e lucrativos cargos, até que por occasião da invasão das provincias romanas por Sapor rei da Persia, deixou-se convencer por cortezãos intrigantes e pelos sacerdotes que todas as calamidades que soffria e ameaçavam o imperio eram mandadas pelos deuses, pela protecção dada a uma raça de gente, inimiga capital do seu culto. Eram estes os laços de que se serviam para levar os imperadores a sancionar as perseguições de que elles eram os authores.

As perseguições aos christãos tiveram tres causas; os ciumes das pessoas no poder, ou d'aquelles que ao mesmo aspiravam; as intrigas dos sacerdotes pagãos e d'aquelles empenhados na sustentação do paganismo; e finalmente a superstição das massas.

Quem sabe o que é a corte e o que são os cortezãos, sabe o que são os zelos dos favoritos, dos candidatos ás graças e os meios empregados para indispôr aquelle de quem ha dependencia contra os seus rivaes. Quando taes individuos viram os christãos elevados aos cargos que elles ambicionavam, e que não encontravam contra elles fundamento para os accusar quer de traição, quer de mau proceder, lançavam mão do ultimo recurso, e accuzavam-nos d'impiedade, como inimigos e desprezadores dos deuses do imperio. Assim fizeram os cortezãos de babilonia em relação a Shadrach, Meshech e Abdenago, e os persas a Daniel. Quando os primeiros viram os referidos tres homens gozando a protecção de Nabucodonozor, accuzaram-nos áquelle Principe por não adorarem os deuses que elle adorava, e os ultimos por iguaes motivos, queixaram se de que Daniel desobedecia ás ordens do rei. Con-

cebe-se facilmente como os sacerdotes d'um culto, cujas ceremonias eram de grande pompa, tinham a peito a sustentação d'um principio d'onde lhes provinham honrarias, proveito e influencia. Os ministros do paganismo não padiam deixar de notar o progresso gradual das doutrinas christãs. Viam escacear o numero das offerτας, diminuir-lhes o credito e já presentiam os males que ameaçavam a sua religião declinante.

Os philosophos viam tambem abalados seus systemas, e em perigo a sua reputação. Os seus interesses coincidião com os dos padres, e ambas estas classes arrastavam consigo os artistas encarregados das obras e ornamento dos templos de que temos um exemplo frisante em Demetrio, ourives de Epheso. O paganismo era todo de pompas, e grandezas, proprias, não só para fanatisar as massas, mas mesmo para attrahir os homens cultos. A quantidade e magnificencia de seus templos, as soberbas estatuas de seus deuses, e os curiosos e ricos adornos de que se serviam nos sacrificios e ceremonias, empregavam grande numero de artistas, e as festividades frequentes e esplendidas recreavam o povo. De todo, empenhados em sustentar um systema de que colhião tantas vantagens, os sacerdotes formavam á vanguarda, e não perdiam occasião de promover a perseguição, quando qualquer calamidade, como a peste, a fome, ou uma guerra infeliz, affligiam ou ameaçavam o imperio. Attribuïam estes males aos christãos, e persuadiam aos imperadores que a ira dos deuses, só podia ser applicada com o sangue dos christãos. As representações dos padres, secundadas por outras classes interessadas, operavam sobre os imperadores, varios dos quaes tinham, de condição humilde, subido ao throno, pelos seus merecimentos militares, ou pela intriga, ou pela usurpação, e por tanto conheciam quanto era precaria a sua conservação. As idéas supersticiosas do povo, vinham em seu auxilio, e a furia popular obrigava em muitos casos os governadores de provincias a executar as leis decretadas contra os christãos com maior rigor do que, aliás, se observaria.

Vê-se pois que diferentes causas concorreram para encher os kalendarios de martyres, e povoar o céo de santos.

O Ente Supremo tinha, porem, resolvido que fôsse a crueldade dos homens que fizesse sobresair a coragem e a fé de seus servidores, e que demonstrasse que todo o poder e artificio, combinados contra o christianismo, provasse apenas quanto são inuteis os esforços da creatura, logo que estejam em opposição com a vontade Divina. O sangue dos martyres fôra como semente cahida em terreno fertil; e o numero de christãos cresceu rapidamente, não obstante o destroço que lhes faziam seus perseguidores. Nos fins do terceiro seculo a egreja descanzára longamente da perseguição, e durante este periodo de tranquillidade, tornou-se conspicua e opulenta. O clero aprendeu a arte de permutar os bens espirituaes pelas riquezas temporaes dos que tinham sob a sua direcção, e muitos prelados viviam muito faustosamente, como aconteceu a Paulo de Samosata. Os christãos viviam tranquilos, gosando todos os privilegios dos subditos romanos por espaço de 40 annos, e eram altamente protegidos pelo imperador Diocleciano, quando sobre elles rebentou uma tormenta, que parecia ameaçar o aniquilamento do christianismo. Os seus sequazes tinham augmentado tanto, e gosavam por tal forma o favor do imperador, que as massas pagãs temeram o incremento progressivo d'uma crença que os ameaçava de morte, e exigiram do imperador que fizesse sustar, pelo exterminio dos christãos, a vingança de seus deuses, prestes a cair sobre o imperio, pela tolerancia d'um culto contrario. O imperador, com quanto tivesse passado a vida nas campanhas, e fosse pouco versado em materias religiosas, mostrou-se ao principio decididamente adverso a medidas d'intolerancia.

Asseveram varios historiadores, que se passaram seis mezes antes que o podessem persuadir a sancionar com a sua authorisação o infernal projecto, resistindo com inabalavel firmeza ás importunações dos padres e seus sequazes, encarrando com horror as consequencia d'uma perseguição contra

tão consideravel numero d'inoffensivos subditos. Maximiliano, a quem elle fizéra seu collega no cargo imperial, havia já dado seu assentimento ás sollicitações dos inimigos do christianismo, e Diocleciano, finalmente, assignou de mau grado o sanguinario decreto. Não tardou muito que elle se executasse, e tudo quanto o infernal espirito da perseguição pode ideiar de barbaro se poz em pratica contra os adeptos d'aquella religião. Esta foi a perseguição mais rigorosa que a igreja nunca experimentou; e julga-se que o numero de martyres, foi maior do que em nenhuma outra. A Inglaterra foi a unica provincia do imperio, que se subtrahiu aos seus efeitos. N'este paiz os christãos encontraram protecção e socego sob o governo recto de Constancio Moro, pai de Constantino, o grande, que, com quanto fosse pagão, era decididamente avesso a toda a qualidade de intolerancia em materias religiosas, sendo para elle doutrina corrente, que attendendo á diversidade d'opiniões sobre o modo mais agradável ao Ente Supremo de lhe tributar homenagem, e sendo todos filhos d'um Pai commum, cada um estava no seu incontestavel direito de lh'a render como melhor entendesse. O espirito liberal d'este imperador protegeu os christãos n'aquella parte do imperio, sujeita á sua authoridade, até que Constantino, seu filho, appoderando-se do governo geral dos dominios do Occidente, de combinação com Licinio, seu collega no Oriente, promulgaram em Milão, seu famoso edicto de plena liberdade de consciencia, que immediatamente poz termo aos horrores da perseguição em todo o imperio.

Paremos n'este ponto da historia da igreja, a fim de prepararmos para a contemplação d'uma nova e extraordinaria revelação da Divina Providencia, do triumpho em favor do christianismo.

## DECIMA TERCEIRA

Olhando o novo e extraordinario aspecto dos negocios da humanidade n'esta melindrosa crise, não podemos deixar de

considerar o reinado de Constantino como um distincto e importante periodo tanto na historia do imperio romano, como da religião christã. Estabelece a linha de demarcação entre o paganismo e o christianismo, entre a predominação d'aquelle systema de polytheismo e idolatria, que, por tantos seculos envergonhou a humanidade, e o triumpho das idéas christãs, que d'ahi por diante illuminou com a sua benigna e radiante influencia a razão humana.

Póde asseverar-se, sem receio de contradicção, que o reinado de Constantino, pelo facto da consolidação do christianismo, adquiriu uma influencia mais duradoura sobre a condição moral da humanidade, que aquelle de qualquer outro monarcha que jámais appareceu no throno politico do mundo. O imperio romano, a que Constantino presidiu, quando no auge da sua grandeza, já não existe; e a cidade de Constantinopla, que elle edificou, a fim de perpetuar a gloria do seu reinado, existe hoje nas mãos d'um povo inimigo da religião, que elle com tanta assiduidade estabelecêra, e que, nos seus dias, era uma nação desconhecida; mas na consolidação do christianismo, levantou elle um monumento á sua memoria, mais duradouro que o bronze, ou que o marmore, um edificio que jámais cairá em ruinas, e que o tempo tem demonstrado ser inabalavel.

Sem entrarmos em detalhes fastidiosos, bastará notar n'uma breve exposição dos acontecimentos d'este importante reinado, que Constantino, recebendo a noticia da enfermidade de Constancio Chloro, partiu, ou antes evadiu-se de Nicomedia, onde então residia com Galerio, e viajando com extraordinaria rapidez, chegou a York, precisamente a tempo de receber o ultimo suspiro de seu moribundo pai, e suas derradeiras instrucções; nas quaes elle o aconselhára a governar com rectidão e clemencia, recommendando especialmente á sua protecção os mal tratados e opprimidos christãos. Morto Constancio, Constantino foi immediatamente proclamado imperador pelo exercito em York; onde, tendo cingido a purpura imperial, e feito as exequias e a apothose de seu

defunto pai, conforme o rito pagão, regressou á Gallia.

Não cabe na esphera da nossa obra detalhar miudamente as circumstancias que concorreram para tornar Constantino senhor absoluto do imperio romano. A historia deu conta da sua assignalada victoria, sobre Maxencio, junto á ponte Milviana fóra das portas de Roma; das duas guerras civis entre elle e Licinio; da grande batalha d'Adrianopla, onde se diz que Constantino obrára prodigios de valor, sem igual nos annaes dos feitos militares, e declarados quasi incriveis, pelos seus proprios inimigos; do cêrco de Bysantio, e da derrota final de Licinio na batalha de Chrysopolis, hoje Scutari, na costa da Asia menor, defronte de Constantinopla.

As razões que determinaram Constantino a abraçar o christianismo, depois de atravessar um mar de sangue, para conquistar a soberania do mundo, acham-se descriptas por differentes escriptores, de diversas formas, e merecem immittentemente a attenção do historiador e da philosophia moderna. E' hoje extremamente difficil descortinar os motivos que o levaram a dar tão importante passo; e com tudo, por differentes circumstancias, devidamente estudadas, poderemos, talvez, conjecturar com muitos vizes de probabilidade, esses motivos, sem nos affastarmos muito da realidade.

E', e foi sempre, opinião geral, que Constantino abraçára a religião christã, por convicção da sua verdade divina. Com tudo, Mr. Gibbon, e alguns outros escriptores d'etes ultimos tempos, suspeitam que motivos politicos o determinariam a dar este passo. Sem querer profundar os segredos d'um principe que reinou ha mais de 1400 annos, diversos factos nos levam a pôr em duvida o fundamento das supposições de Mr. Gibbon. Aquelle mimoso escriptor imagina que Constantino conhecendo o genio turbulento dos romanos, e quanto era precaria a conservação do poder imperial, vendo ao mesmo tempo os habitos pacificos dos christãos, podia ter calculado que, abraçando o christianismo, as sanguinolentas revoluções, que a tantos imperadores tinham sido fataes, ter-

minariam; e que chamando os christãos ao seu partido, poderia segurar, para si e para os seus descendentes, a soberania, invocando o direito divino á imitação dos reis de Judá, que d'aquelle modo haviam conservado na sua familia a successão no throno de David; em quanto que os reis d'Israel, que deviam a soberania á eleição popular, haviam partilhado a mesma sorte que coube aos imperadores romanos, cujo poder dependia da escolha do povo ou do exercito. Em apoio d'esta idéa discorre Mr. Gibbon, com a sua costumada fluidez d'estylo, e imaginação fértil, como quem tem a convicção do que avança; e suppõe que os oradores christãos, entre os quaes era Lactancio o mais eloquente, saudando Constantino, como o David dos romanos por direito divino, lançavam na sua familia os alicerces d'um imperio que deveria passar de geração em geração para sempre. A imparcialidade, porem, pede que se diga que nas circumstancias do imperio romano d'aquelles tempos, nada ha que authorise a opinião de que Constantino abraçára a religião christã por motivos politicos, ou d'interesse material; porque não obstante o raciocinio eloquente, mas poetico de Mr. Gibbon os contras de semelhante passo, debaixo do ponto de vista politico, eram superiores a todas as razões que se podem adduzir em seu favor.

Ao tempo que Constantino subiu ao throno, e durante todo o seu reinado, o paganismo era a religião da grande maioria do imperio, e a maior parte da força militar estava nos pagãos e não nos christãos. Segundo o calculo do proprio Mr. Gibbon, o numero d'estes não excedia uma vegesima parte da população pagã do imperio, calculo que dá pouca margem a suppor que o imperador seguira o christianismo com o fim de segurar o poder. E' até para admirar que esta apostasia não produzisse uma revolta entre os pagãos; e que expirante, tendo de seu lado a força material, não luctasse contra a sua queda iminente. E' um phenomeno que só encontra, abaixo da vontade de Deus, explicação satisfatoria na grande reputação militar do imperador, na affeição inviolavel

que lhe tributava o exercito em quanto vivo, e extraordinaria admiração depois da sua morte. A supposição de que Constantino estabeleccêra a religião christã, arrogando-se o direito divino, deve-se antes attribuir á sua fé na verdade d'aquella religião, em consequencia do que elle poderia esperar do céo aquelle auxilio, com que não poderia contar da parte de seus subditos pagãos.

Se a celebre visão de Constantino, que se diz elle tivêra na marcha contra Maxencio, e que, combinada com o seu sonho anterior, foi, como geralmente se crê, a causa principal da sua conversão; fôsse aquella visão um facto positivo, ou meramente uma ficção, aquella circumstancia só por si bastaria para resolver a questão, e silenciar todos os argumentos d'aquelles que querem insinuar que elle adoptára o christianismo por motivos d'interesse material.

Diz-se-nos que estando Constantino na Gallia, fôra convidado pelo senado e cidadãos de Roma a emprenhender a guerra contra Maxencio, que governava despoticamente capital e provincia, que constituia a sua parte do imperio.

Tão depressa Constantino recebeu este convite, que elle mesmo provavelmente solicitou, fez-se immediatamente em marcha para a capital do mundo.

As suas tropas compunham-se de soldados veteranos, mas eram incomparavelmente em numero inferior áquellas que elle sabia bem Maxencio trazia contra si. Elle marchava contra um inimigo de quem, no caso d'um revez, não poderia esperar misericórdia. A empreza em que embarcára era summamente perigosa, e o seu fim d'alta importancia e magnitude. O ponto a resolver era, se elle seria imperador do Ponente, ou se seria expulso d'aquella parte do imperio, já sob o seu dominio, e a ambição o levou a fazer a experiencia.

Um dos nossos historiadores ecclesiasticos quer, que fôsse n'esta conjuntura difficil, que Constantino meditára sériamente sobre a existencia d'um Ente Superior, e na intervenção d'um poder invisivel, mas regulador das cousas do mundo; raciocinando ao mesmo tempo sobre a sorte tragi-

ca da maior parte dos imperadores que haviam rendido culto a sem numero de deuses; e que seu pai, Constancio, á maneira dos philosophos, adorára sempre um só Ente Supremo e Soberano do Universo, a cujo auxilio e protecção devêra ser bem succedido em todas as suas emprezas. Como consequencia d'estas reflexões, diz o historiador, Constantino ficou extremamente perplexo sobre o verdadeiro objecto d'adoração, e o modo mais accetavel de culto. Elle então abriu o seu coração ao Senhor do Universo, pediu-lhe que visse a sua sinceridade, e que illuminasse o seu espirito no verdadeiro caminho que lhe cumpria seguir para invocar a sua protecção e auxilio, se, por intervenção de varias deidades, segundo o rito pagão, se, como um só e indiviso Deus, como ensinavam as doutrinas da religião christã. São estas as engenhosas supposições, mas só supposições.

No estado precario em que se achava Constantino na vespera d'uma contenda de tamanha magnitude, de cujo resultado dependia a sua vida e fortuna, é de crer que elle reflectisse sériamente sobre este assumpto; e como fôsse costume entre os pagãos, mais ainda do que entre os christãos, implorar o auxilio Divino, não é nada para admirar que Constantino, com quanto não convencido da verdade do christianismo, começasse, bem como muitos outros pagãos, a confiar pouco nos seus deuses e a suspeitar que o paganismo não passava d'uma impostura.

N'aquelles tempos criticos, quando a falsa religião principiava a declinar, e que o christianismo não estava ainda estabelecido, é muito de suppor que os animos andassem agitados em relação a materias religiosas. D'um lado viam um principio, que de tempos immemoriaes, merecera a veneração da humanidade, caindo em descredito, menos entre a classe sacerdotal e mais interessados. Viam que este systema não resolvia satisfactorimente o grande, o mais importante, o mais difficil, e ao mesmo tempo o mais interessante de todos os problemas, se a morte era a extincção completa da existencia, ou simplesmente a passagem para uma existencia

futura. D'outro lado, viam uma religião nascente diametralmente opposta á antiga; uma religião que apresentava idéas infinitamente mais luminosas e rasoaveis sobre a natureza e attributos d'um Ente Supremo e dos deveres moraes e religiosos do homem, do que nunca o Paganismo havia dado, e que, sobre tudo, resolvia o problema do futuro e final destino da humanidade, ensinando que a vida presente não é mais que uma provação, e que um futuro, incomparavelmente mais perfeito, aguarda o homem, e que todos sem excepção, teem de comparecer na presença do Juiz eterno a responder pelos seus actos n'este estado provisorio de existencia, e receber o premio das suas obras. Esta solução fez dissipar muitas outras duvidas que haviam fatigado o espirito e ludibriado os maiores philosophos de todos os seculos. A revelação christã aclarou este mysterio a que a philosophia não respondia satisfactoriamente. Os pagãos tinham presenciado a constancia, a fortaleza, e até mesmo o prazer com que os christãos soffriam cruelissimas torturas pela sua religião; que elles não podiam explicar, e que julgariam inacreditavel, se não fossem testemunhas oculares. A parte pensadora contemplava, admirada, tão extraordinario phenomeno moral, e começou a crer que no christianismo havia o que era de mysterioso. Não ha nos annaes da historia epocha mais interessante que o quarto seculo, durante o tempo que vae desde as primeiras perseguições de Diocleciano e Maximiliano, até á completa extincção do paganismo no reinado de Theodozio o Grande. Durante este tempo, mas sobre tudo no reinado de Constantino, o imperio Romano vacillava entre duas religiões diametralmente oppostas; porque, cumpre notar que, com quanto o christianismo fosse o culto seguido na corte, desde o tempo de Constantino, exceptuando o curto reinado de Juliano, a maioria do povo continuava sendo pagão, até ao reinado de Theodosio. É preciso tambem dizer-se que a questão que preoccupava os animos n'aquelles dias não era tanto em relação ás opiniões philosophicas, como aconteceu anteriormente, mas sobre as formas e ceremonias, doutrinas subalternas e outros objectos de pouca mon-

ta, como posteriormente tem levantado conflictos entre os theologos. A questão prendia com doutrinas e idéas essenciaes e fundamentaes.

N'este estado vago e indeciso da rasão humana sobre os negocios mais serios e interessantes, é naturalissimo que um homem d'intelligencia vigorosa como Constantino, apesar da sua educação philosophica, reflectisse sobre assumptos de tanta importancia, tanto sob o ponto de vista politico como moral. No momento critico em que elle se dispunha a conquistar o mundo, a magnitude da contenda o deveria levar a pensar as circumstancias e, influenciado pela sua combinação, devemos admittir a versão dos historiadores como tendo o cunho da probabilidade ácerca da maravilhosa visão que tivéra o imperador que, com quanto merecesse, geralmente, credito durante muitos seculos, tem sido ultimamente disputada por varios historiadores e criticos; mormente pelos inimigos do christianismo, com cujos dogmas se não harmonisa.

O facto alludido é-nos transmittido pela forma seguinte: Estando Constantino em marcha para Roma, e meditando sobre o arriscado da sua empreza, plenamente convencido do illimitado poder d'um Ente Superior, cujo nome elle não sabia invocar, e cuja protecção não sabia tambem pedir, figurou-se-lhe ver na atmospherá uma cruz resplandecente, com esta notavel legenda; «*In hoc signo vinces.*» Tanto, elle como o seu exercito ficaram attonitos; mas ignorando como interpretar o aviso celeste, e sem poder achar uma explicação satisfactoria, segundo as regras do paganismo, ainda vacillou entre a esperanza e o receio, entre a fé e a descrença. Accrescenta-se, porem, que na noite seguinte o proprio Christo appareceu ao imperador em sonho, mostrando-lhe o mesmo estandarte triumphante da cruz que elle vira na vespera, afiançando-lhe d'um modo iniquivoco a victoria sobre o seu antagonista, sob os seus auspicios: Constantino adoptou immediatamente a cruz como estandarte, e fez abrir aquelle emblema nos escudos dos soldados; e é certo que a cruz com o mysterioso monogram-

mo, significando o nome de Christo, circundada d'uma especie de corôa, e collocada na parte superior usou-se como guião imperial, tanto durante o reinado de Constantino, como de seus successores. Apoz esta milagrosa visão e sonho, Constantino marchou sobre Roma cheio de confiança, e ás portas d'aquella capital ganhou a Maxencio aquella assignalada victoria, que lançou por terra o tyranno e desembaraçou-o de toda a opposição. O triumpho de Constantino é veridico, com quanto seja posto em duvida o milagre que o precedeu.

Eusebio, bispo de Cezarea, historiador de grande celebridade e geralmente tido na conta de verdadeiro, homem de extraordinaria erudição, e intimo de Constantino, é o author d'esta narração; e assevera que o ouviu ao proprio imperador em conversação particular. Poucos acontecimentos historicos trazem tão authenticó cunho, porque poucas são as authoridades tão respeitaveis como esta.

Mas, considerando a questão por outro lado, é de notar que Eusebio só escrevesse isto depois da morte de Constantino, quando já elle nem podia confirmar, nem negar o facto. Esta circumstancia colloca a questão em terreno menos firme; pois seria muito d'admirar que o imperador não revelasse aquelle acontecimento a mais ninguem. Mas, estavam aquelles que põe em duvida o que nos relata Eusebio, certos que o publico ignorava a circumstancia da visão antes que o escriptor se encarregasse de a transmittir á posteridade? Não parecerá provavel que o facto fôsse conhecido antes da sua publicidade por Eusebio?

Diz-se-nos que a visão fôra presenciada por todo o exercito, composto de pagãos e christãos; e que Constantino consultára os sacerdotes e adivinhos do paganismo e bem assim os prophetas christãos sobre a significação d'aquella apparição. Diz-se-nos mais que tendo-lhe estes prometido a victoria sob as bandeiras invenciveis da cruz, elle fizera construir o lábaro ou guião romano, que adoptou como estandarte militar. **A ser isto veridico, era forçosamente do dominio pu-**

blies o mesmo salta aos olhos que, se não um facto fôsse notorio, Eusebio não imperia ao mundo um conto romantico, que o ridicularizaria aos olhos de pagãos e christãos intelligentes.

Tambem se nos diz que o lábaro não foi adoptado por Constantino senão muitos annos depois d'aquelle acontecimento, porque não tendo ainda assumido o governo universal do imperio, não julgava politico reformar os emblemas militares. Sem interferirmos n'este ponto da historia, devemos francamente convir que não é uma simples questão de tempo que póde influir sobre a veracidade do facto; e é natural que em quanto o governo do imperio se dividia entre varios imperadores, seria da parte de Constantino impolitico e talvez perigoso, adoptar a cruz por divisa militar n'uma parte do imperio, em quanto as aguias fluctuavam n'uma outra. A occasião mais propria seria sem duvida quando um christão se fizesse senhor absoluto dos dominios romanos.

## DECIMA QUARTA

Depois da investigação que fizemos para analysar os motivos que levaram Constantino a proteger o christianismo e sancional-o no imperio, aquelles que se deleitam em seguir passo a passo o progresso da humanidade, terão curiosidade de conhecer o estado da religião durante o resto deste reinado memoravel, e acharão no meio das suas inquirições abundante materia para a reflexão.

Durante os primeiros tres seculos do christianismo, no seu progresso gradual, como um principio que unia um grupo d'homens, sob certas regras e regimen, tinha soffrido varias mudanças, não obstante conservarem-se intactas suas doutrinas fundamentaes. Principios fundados na verdade eterna teem forçosamente de se conservar puras. Nem o decurso do tempo, nem qualquer mudança d'opinião pode mudar a na-

tureza da verdade. Ha formas, ceremonias e opiniões secundarias ligadas áquelles principios fixos que constituem a base da religião, e estas são mudaveis. Em todas as communidades, religiosas ou politicas, ha certas leis e regulamentos necessarios ao bem estar de seus membros. As leis e regulamentos das administrações politicas fazem-se conforme as circumstancias especiaes, physicas ou moraes, de cada comunidade, e variam em harmonia com as variações, e vicissitudes humanas : d'aqui nasce a differença dos systemas politicos.

Na religião, as ceremonias, com as suas instituições particulares estão sujeitas a modificações conforme as circumstancias dos tempos e das nações, e tem sido sempre consideradas por homens moderados e d'espírito liberal d'este modo sem prejuizo dos dogmas e doutrinas estabelecidos. E' isto que, em materia de religião, estabelece a demarcação entre o essencial e não essencial. No começo do christianismo, quando os seus adeptos eram poucos, e que interesses pessoaes e oppostos não perturbavam o socego da igreja, o systema ecclesiastico era como se pôde bem suppor, de natureza mais simples. A' proporção que crescia o numero de christãos, addicionavam-se novos regulamentos para a manutenção da ordem. Os dignitarios da igreja eram ao principio eleitos pelo suffragio combinado do clero e do povo, mas com o correr do tempo o tumulto e a desordem que se davam nas eleições populares, fez pôr de parte o suffragio do povo, e o clero só predominava na eleição de seus bispos ; porem, depois que Constantino sancionou e protegeu a religião christã, a educação dos prelados era dirigida directa ou indirectamente pelo imperador. Durante o reinado dos imperadores pagãos, os christãos tinham se tornado uma classe opulenta ; mas quando a sua religião recebeu a sancção imperial, uma nova época se offereceu á igreja sob os auspicios de Constantino. Esta foi a idade d'ouro dos ecclesiasticos : no periodo anterior algumas igrejas tinham sido liberalmente sustentadas pela devoção e zêlo das pessoas ricas ; mas ainda assim a posição do clero era precaria e desprezivel aos olhos dos pagãos. Mais tarde viveu

com fausto de príncipes, respeitado e estimado de todas as classes do imperio. D'antes esteve sumido nas trevas da obscuridade ; mas agora delectava-se aos raios vivificantes das honras, riquezas e protecção imperial. Começa agora uma era nova. O polytheismo e a idolatria, que, de tempos immemoriaes, pela pompa de suas ceremonias e esplendor das festividades, mereceram a veneração da humanidade, cahiram em descredito ; e o christianismo, que por tanto tempo fôra o objecto do desprezo universal, e frequentemente de cruéis perseguições triumphou finalmente de toda a opposição, e ficou sendo a religião do estado dos senhores do mundo. O imperio romano viu magnificas egrejas erigidas ao culto do Deos Crucificado, cujo nome fora desprezado por tanto tempo; e os ritos da religião christã, celebradas com pompa e solemnidades, eguaes, senão mesmo superiores, ao que apresentava o paganismo. Uma revolução completa estava tendo logar em materias religiosas. Que diria a isto um christão do tempo dos apóstolos, ou mesmo da idade immediata se tivesse resuscitado ? E que espectáculo para os que viveram no tempo das horriveis perseguições de Diocleciano, Maximiliano, e Galerio !

Mas para estes havia ainda um outro ponto não menos extraordinario. Olhariam com surpresa a recente opulencia e esplendor dos ministros da relegião. Veriam ecclesiasticos vivendo sumptuosamente e disfructando rendas de príncipes. Que diria o christão, cujas idéas foram modeladas pela simplicidade e desinteresse dos tempos primitivos, vendo os ministros do humilde Jesus, que não tivéra aonde abrigar a cabeça, ostentar a magnificencia de reis ! E quaes não seriam suas reflexões olhando os privilegios e proventos, instituidos pelos successores d'aquelle cuja vida fôra uma serie continuada de pobreza e privações, e cujas doutrinas respiravam completo desprezo pelas cousas d'este mundo.

No reinado de Constantino a egreja floresceu; mas é certo que o espirito de genuino christianismo, em grande parte, se extinguiu. O imperador estabeleceu grandes congruas ás diferentes dioceses; e os prelados e mais ecclesiasticos co-

meçavam a se esquecerem, não só da humildade e desprezo do mundo de que déra tão vivo exemplo o Author da religião, mas até mesmo da caridade e beneficencia que o chrtianismo tanto recommenda. A historia ecclesiastica, que até ahi apresentára paginas tão negras e sanguentas dos soffrimentos da egreja pelas perseguições pagãs, começou a desenvolver outras não menos hediondas de perseguição de christãos a christãos; e com uma crueldade pouco inferior á que haviam exercido os sectarios do paganismo.

Antes de finalizar a idade apostolica, levantaram-se conflitos entre os christãos sobre materias religiosas. Não é hoje nada facil descortinar as opiniões e crenças d'aquelles hereges da antiguidade, porque a maior parte dos escriptos foram destruidos ou perdidos; consequentemente o que d'ellas sabemos provem dos argumentos do partido orthodoxo; e a experiencia quotidiana bem demonstra quanto os escriptores tendem a inverter as doutrinas de seus adversarios. Contudo, algumas opiniões tem atravessado os seculos sem viciação e tem achado sectarios. Cerintho, herege, como o appellidavam, e que viveu nos fins do primeiro seculo, julgase ter sido o primeiro que violou a doutrina do millennio, fundando-se em alguma difficil e obscura passagem do Apocalypse. Esta opinião dura ainda hoje, e é sustentada por muita gente illustrada, respeitavel e piedosa. Os Manicheos, que ensinavam a existencia simultanea e eterna d'um principio bom e outro mau, eram, não menos, uma seita notavel nos tempos primitivos; e o scisma dos Donatistas por muito tempo dividiu a egreja em dous grupos oppostos. As differentes seitas do christianismo, que se tem estigmatizado com o nome de hereges, são demaziadamente numerosas para mencionarmos em detalhe; e muito menos podemos tratar de seus principios, porque sem duvida a sua ramificação é immensa.

Convem, todavia, notar que uma grande, e talvez principal causa da diversidade d'opinião entre os christãos foi a diligencia que se fez para entrelaçar os absurdos do paganismo, e os prejuizos das tradições judaicas, com as doutrinas

do christianismo; e não deve passar desapercibido, que todos os proselytos d'esta religião, tendo sido educados n'aquella dos judeus ou dos pagãos, muitos dos quaes eram já de avançada idade ao tempo da sua conversão, é naturalissimo que conservassem muitos de seus antigos prejuizos; e que muitas idéas judaicas e pagãs sobre assumptos metaphysicos se introduzissem no culto christão. Idéas arreigadas difficilmente se destroem: alem de que, quando differentes individuos argumentam sobre qualquer ponto duvidoso, é quasi impossivel concordarem todos. As nossas idéas e actos são subordinados a mil eventualidades, e vistas as cousas por differentes formas, a differença d'opinião em materias religiosas é inevitavel.

Durante o predominio do paganismo aquellas contendas entre os christãos subjugavam-se. Em quanto christãos, orthodoxos ou heterodoxos, sem distincção, viam a espada da perseguição desembainhada contra si, ou suspensa sobre a cabeça, o seu rancor abrandava, ou limitava se ao desabafo da penna, ou aos anathemas da intolerancia, mas tão depressa o christianismo triumphante sobre o inimigo commum, obtivera a sancção, e podia reclamar o apoio da authoridade imperial, as differentes seitas christãs começaram a manifestar, umas contra as outras, uma animosidade, quasi igual ao rancor da perseguição pagã.

A differença d'opinião sobre objectos theologicos, origem do scisma na egreja, que mais tempo durou e que avulta na chronica religiosa mais que nenhum outro anterior á revolução começada por Luthero, foi aquelle conhecido pelo nome de heresia ariana. De todos os philosophos da antiguidade, Platão déra largas ao seu genio sublime, procurando sondar a incomprehensivel natureza d'um Ente superior, causa primaria e author preexistente de tudo. Este philosopho atheneu tendo-se entregue á contemplação da Deidade, não podia comprehender a essencia divina senão sob a triplice modificação de, poder infinito, sabedoria perfeita, e bondade illimitada.

Esta concepção denominava elle «Primeira grande causa, ou origem de tudo,—Sabedoria eterna, a que chamava Logos—alma ou espirito, que percorre e anima o universo. A sua imaginação poetica personificou estas idéas abstractas; e no systema platonico estes tres originaes principios são representados como tres entidades distinctas de poder, sabedoria e bondade infinitos, co-iguaes e co-eternas, e indissolavelmente unidas, formando a mysteriosa trindade em uma unidade incomprehensivel.

Esta sublime e mysteriosa definição da Divindade denomina-se Trindade Platonica e aproxima-se mais das doutrinas fundamentaes da revelação do que se podia esperar dos esforços da razão desajudada. Santo Agostinho, com outros padres das primeiras idades, admirando a sublime concepção de Platão, diz, que com pequena differença, bem se podia ter aquelle grande philosopho na conta de christão, e os Platonicos asseveraram que o começo do evangelho de San-João, fôra uma reproducção fiel da sua doutrina.

A confirmação feita pela escriptura aos principios fundamentaes da theologia de Platão levou os christãos illustrados do segundo e terceiro seculo a estudarem os escriptos d'aquelle incomparavel philosopho; cujo genio penetrante, se dizia, anticipára as doutrinas da revelação, concebendo idéas sobre a essencia divina que o christianismo confirmou. As consequencias remotas e as illações possiveis das hypotheses de Platão foram investigadas em todas as suas ramificações; e suscitaram-se questões subtis e inexplicaveis em relação á natureza, egualdade, e distincção das Pessoas divinas da indivisa e mysteriosa Trindade; questões indubitavelmente superiores á comprehensão da mais elevada intelligencia humana, mas mesmo assim a irrequieta curiosidade dos philosophos os incitava a explorar os segredos do profundo abysmo: e o mesmo espirito de curiosidade influio sobre os theologos christãos, e philosophos do paganismo, nas escolas de Athenas e Alexandria.

Estas indagações, concernentes á incomprehensivel e mys-

reirosa natureza da Divindade, não passaram de meras conjecturas philosophicas entre os pagãos illustrados. Não aconteceu quando a mesma questão começou a chamar a attenção dos theologos christãos. Quando o eterno Logos, o verbo, ou o Filho de Deos foi revelado como objecto de fé e culto, e base das esperanças da humanidade, uma idéa clara, ou antes uma crença implicita d'estes insondaveis mysterios, teve-se como essencialmente necessario aos interesses espirituaes. Estas duvidas subteis tornaram-se geraes, agitando os espiritos dos christãos em toda a parte, e por fim lançou a egreja n'um estado de confusão e discordia. Os christãos duvidavam que opinião deviam seguir em relação á pessoa e natureza de Christo. Estes pontos não tinham sido determinados ainda pela authoridade da egreja universal e cada um modelou a sua opinião a seu modo.

A maioria adoptou o principio da natureza divina de Christo e perfeita egualdade das tres Pessoas da Santissima Trindade, em quanto que uma parte numerosa, tendo por chefe, Ario, um padre de Constantinopla, sustentava que o Filho é essencialmente differente do Pai, e subordinado a este; que é um Ente espontaneo e dependente, creado pela Suprema vontade do Pai, e gerado antes da creação dos mundos; que o Pai estampára n'elle os raios da sua gloria, envasando n'elle o seu espirito; que elle fôra o architecto do mundo e que elle governa o universo sujeito e subordinado á primeira Pessoa da Trindade, seu pai e Soberano. Taes eram as idéas abstrusas e questões intrincadas que agitaram o orbe christão, e que perturbaram a paz da egreja durante o longo periodo de quasi trezentos annos; mas especialmente no quarto seculo, quando os que adoravam o Deos de misericordia e amor, os pretendidos sequases do benevolo Redemptor, tendo adquirido o apoio do poder secular, dividiram-se em dous partidos oppostos e hostis, fulminando-se mutuamente em nome d'Aquelle, que, do céo, desceu á terra para a salvação da humanidade.

Concebe-se facilmente que Constantino, vendo aquelles que

professavam o christianismo divididos entre si, não poderiam, sem magoa, contemplar um scisma que dividia a egreja e deprimia uma religião que elle tivera tanto a peito estabelecer.

Com o intuito de por termo á discordia, e assentar um principio de fé christã, convocou o celebre concilio de Nice no anno 325, que se compoz de 378 bispos e outros ecclesiasticos em numero de 2048. Depois d'uma sessão de dous mezes a que o imperador assistia frequentemente, a opinião d'Ario foi condemnada, a egualdade das tres Pessoas da Santissima Trindade foi declarada dogma, e as resoluções do concilio, comprehendidas no credo Niceno, foram publicadas como credo obrigatorio e unico orthodoxo da igreja christã.

Antes que Constantino abraçasse o christianismo, estabelecera a liberdade de consciencia sobre bases liberalissimas; e não se vê que elle perseguisse os pagãos, nem seria essa medida de modo algum politico, por quanto, em todo o tempo do seu reinado compunham elles a grande maioria de seus subditos. Comtudo, pouco depois do concilio de Nice, começou a perseguir os arianos: banio Ario para a Illyria, e excluiu o clero ariano dos beneficios de que os catholicos gosavam largamente. Elle depois promulgou um edicto, prohibindo expressamente os ajuntamentos dos arianos, e d'outras seitas, sob pena de confisco de propriedade. Fôra este o primeiro caso de perseguição de christãos contra christãos servindo se do poder secular; mas o exemplo tem sido constantemente seguido. Não resta, porem, duvida alguma, que o procedimento do imperador a este respeito, fôsse influenciado pelo clero, cujos motivos particulares elle não podéra conhecer, e mais adestrado no commando e direcção d'exércitos, que não nos estratagemas das disputas theologicas, era facilmente arrastado, pelos seus conselhos, a medidas violentas e contradictorias mesmo. De facto, vemol-o, a instancias d'alguns bispos, revogar a deportação de Ario; e tão mal encaminhado fôra por falsas accusações que perseguio Athanasio, o campeão do concilio de Nice e strenuo defensor das suas doutrinas, que o

imperador zelosamente sustentára como orthodoxo da fé catholica.

O reinado de Constantino abunda em grandes e importantes acontecimentos ; entre os quaes se póde contar a construcção de Constantinopla sobre os alicerces da antiga Byzantio, e a transferencia da séde do imperio de Roma para aquella nova capital. A residencia da corte tinha sido de facto mudada trinta annos mais cedo. Os imperadores associados, Diocleciano e Maximiliano, não residiam em Roma : o primeiro residia na Necomedia, e o segundo geralmente em Milão, Galerio residia na Nicomedia, Constantino Cloro em York; e por espaço de trinta annos antes da fundação de Constantinopla, Roma pouco disfrutára a presença de seus imperadores.

A transferencia da residencia imperial de Roma para Constantinopla mereceu a censura de varios escriptores, attribuindo-se como causa principal da queda do imperio : comtudo difficilmente se poderá affirmal-o. Não se póde suppor que o desmembramento do imperio se não effectuaria subsistindo a séde do governo em Roma. As razões que levaram Constantino a preferir Bysantio a Roma são desconhecidas. Suppõe se que tendo Diocleciano e Maximiliano combinado um plano d'administração mais regular e systematicamente despotico que aquelle de quaesquer imperadores precedentes, e desejando abolir todas as formas republicanas ainda existentes, e a pôr de lado inteiramente a authoridade nominal que o senado ainda possuia, haviam fixado a sua residencia distante da antiga capital do imperio, a fim de se subtrahirem ás representações e queixas d'aquelle respeitavel corpo. E' provavel que motivos eguaes influissem sobre Constantino, porque a sua administração era mais despotica ainda que a de Diocleciano e Maximiliano, e seguia aquelle systema despotico que estes imperadores haviam começado. Anterior ao reinado dos já mencionados imperadores, era o senado geralmente consultado, pro-forma que fôsse, com quanto em nada alterasse o despotismo do governo ; porque o senado rarissimamente dei-

xava de se conformar com a vontade do imperador, em quanto que este estava á disposição da guarda pretoriana ou dos legionarios. Diocleciano, pouco depois de subir ao poder, adoptou o systema de governar sem a formalidade de consultar o senado; e depois que Constantino removêra a séde do imperio para Constantinopla, o poder do senado passou a ser honorario e quasi que se não podia reputar um poder do estado. Muitos attribuem a escolha feita por Constantino d'uma nova capital á indisposição que nutria contra Roma em razão da predilecção d'aquella cidade pelo paganismo. E' forçoso porem confessar que a posição de Constantinopla era, a todos os respeitos, quasi, infinitamente preferivel áquella de Roma; e considerando a extensão, localidade e circumstancias dos dominios romanos, Constantinopla e Milão eram indubitavelmente os pontos mais apropriados para estacionarem os chefes militares do imperio. Milão situado junto á fronteira septentrional da Italia, proporcionava-se admiravelmente para aquelle fim; porque ali estava o imperador sempre habilitado a repellir as aggressões das nações germanicas que, no reinado de Aureliano lançaram Roma n'um estado de alarme e consternação. Constantinopla era o ponto mais importante do imperio para deter os Persas, e como barreira contra as invasões dos godos, aquelles inimigos terriveis de Roma que, nas suas embarcações de vime, saindo a foz do Danubio, navegavam frequentemente no Bosphoro e Hellesponto, saqueando e devastando a Grecia e a Asia menor, e que no reinado de Galliano ameaçaram a devastação completa de todas as partes orientaes do imperio desde o Euphrates até ao Adriatico. Esta formidavel invasão não foi, sem grande difficuldade e prodigiosa mortandade, repellida pelo talento militar e energia do imperador Claudio; e no reinado de Phrobo, tendo os germanos invadido a Gallia foram expulsos por este imperador com enormes perdas. D'ahi por diante, os godos e germanos tornaram-se inimigos terriveis de Roma, e tendo saboreado as ricas prezas das suas provincias prevalesciam-se de todas as occasiões para invadir e roubar.

Por estes motivos a residencia dos imperadores, com o corpo principal das forças militares em Milão, ou em alguma outra estação das provincias orientaes, não muito distante do Danubio e do mar euxino, era mais necessaria e mais conducente á segurança do imperio, que não em Roma.

Considerando a posição geographica e topographica de Constantinopla com a sua linda e pittoresca disposição de terra e mar, facilmente comprehendemos a razão da sua preferencia a Roma. Ambas as cidades estão em clima temperado; ficando Roma em  $41^{\circ} 50'$  de latitude e Constantinopla em  $41^{\circ} 10'$ . Constantinopla assenta sobre um terreno elevado, suavemente accidentado, subindo em amphitheatro e sem aquelles valles profundos que separam os sete montes sobre os quaes se acha construida Roma; e que com os pantanos juntos ao Tybre tornam insalubre o ar. A cidade espraia-se em forma de triangulo, cujos lados são o porto, o Bosphoro e o Proponto ou mar de marmora. O porto, ao norte da cidade, é vasto e seguro, tendo a entrada cerca de quinhentos metros de largura desde o Bosphoro e correndo, terra dentro, sete milhas. Desde o mar negro até á ponta do serralho, o Bosphoro tem 18 milhas de comprido, variando entre milha e milha e meia de largo, serpenteando graciosamente. Navegando pelo Proponto em direcção a Constantinopla, as mais encantadoras vistas se offerecem ao viajante, que, de toda a parte d'aquelle mar descobre as terras altas da Thracia e da Bithynia, sem perder nunca de vista o Monte Olympo, até que por fim a cidade, subindo da beira mar, prende-lhe a attenção com a sua magnifica perspectiva.

Constantinopla pode, pela sua posição, dispôr do commercio das vastas regiões do norte pelo mar negro e pelos rios Don e Dnicper que no mesmo desaguam pelo Hellesponto que communica o Proponto com o Mediterraneo, como o Bosphoro dá passagem do mar negro para o Proponto, a sua posição favorece egualmente o commercio do sul e do ponente; e quando o Egypto lhe está subordinada, a sua localidade presta-se admiravelmente para o trafico da India e costas orientaes

d'Africa. Em summa, dizem-nos os geographos em geral que Constantinopla é o ponto commercial de mais importancia que pode haver; e quando lançamos os olhos sobre o mappa geographico assim parece. A sua posição tem porem um grande defeito, commercialmente fallando, e n'este sentido está muito inferior a Londres, a Lisboa e varios outros portos. O Hellesponto tem não menos que vinte leguas de comprido e a sua largura em geral não excede a uma legua, havendo partes em que ainda é mais estreito. Uma forte corrente estabelece-se no Bosphoro, no Proponto e no Hellesponto desde o mar negro até ao archipelago grego, e um vento rijo do norte sopra frequentemente n'aquellas paragens mezes successivos, que junto á corrente na mesma direcção, atravez um caual tão estreito, torna Constantinopla inacessivel aos navios procedentes do mediterraneo. Aquelles portos que demoram nas costas do oceano, ou nas margens dos grandes rios, tem vantagens que não possuem aquelles sitios em mares fechados, como são o mediterraneo, o mar negro, o Baltico etc. ou nos rios que n'elle desaguam, em razão das marés que facilitam a navegação nos casos de calmas ou ventos contrarios, em quanto que se não pôde sem grande difficuldade arrostar as forças combinadas do vento e das correntes. Estas circumstancias são altamente desfavoraveis ao commercio e navegação de Constantinopla: em compensação, talvez não tenha rival em belleza e amenidade de clima.

Com quanto alguns escriptores entendam que a transferencia da corte contribuiu para a quéda do imperio, é incontestavel que a occupação de Constantinopla poz ponto á passagem dos barbaros pelo Bosphoro, que jámais poderam forçar aquella invencivel barreira; e a Grecia, como tambem a Asia menor escaparam aos seus assaltos, até que Valens inadvertidamente deixou os godos passar o Danubio, e recebeu suas hostes armadas no coração do imperio. Tempos depois Constantinopla apresentou um obstaculo insuperavel ao progresso dos Persas sob o commando de Chosroes, e offereceu resistencia aos ataques dos arabes, dos godos, e outros

inimigos do norte. Durante a existencia do caliphado, aquella cidade foi o baluarte da Europa contra os sarracenos; e só cahio nas mãos dos turcos em 1453, mil e quarenta e tres annos depois que Roma foi tomadá e saqueada por Alarico e nove centos e setenta annos posteriores á inteira subversão do imperio occidental. De facto, rasão alguma plausivel ha para que se diga que o imperio não podia ser tambem defendido estando a séde do governo em Constantinopla; e não é nada improvavel que, se Roma fôsse sempre a capital, todas as partes orientaes do imperio teriam cahido em poder dos persas, d'um lado, e dos godos pelo outro, sem dilatar, consideravelmente, a existencia do imperio do occidente.

Entre outras considerações que naturalmente se nos apresentam ao contemplar um periodo tão importante e interessantissimo, como é o reinado de Constantino, ha a notar que, comquanto elle governasse o imperio romano com mais pericia que a mór parte de seus predecessores, e fôsse geralmente bem succedido tanto nas suas medidas politicas, como nas suas emprezas militares, a sua tranquillidade d'espírito foi consideravelmente abalada pelos conflictos dos theologos e pelas intrigas ecclesiasticas. A sua felicidade domestica perturbou-se egualmente, pela necessidade real ou imaginaria da sua parte em fazer morrer seu filho Crispo, principe de grandes esperanças; cuja intelligencia fôra cultivada pelo erudito e eloquente Lactancio que havia sido disciplinado na carreira das armas sob as victoriosas bandeiras de seu imperial pai, e que provára tão distinctamente o seu valor na memoravel passagem do Hellesponto na ultima e decisiva contenda entre Constantino e Licinio. As particularidades d'este desgraçado acontecimento contam-se de diversas formas; e o negocio todo tem um character tão mysterioso, que apenas sabemos com certeza da existencia do facto sem podermos descortinar nenhuma de suas peripecias e causas. Comtudo, é forçoso confessar que, ou Constantino commetteu um crime enorme, ou foi victima d'um grande infortunio. Impedernido deve ser o coração que condemna á morte um filho assim esperançoso sem plena

convicção de tão terrível passo; e grande fôra a desgraça se tal necessidade não existisse. F' um facto digno de menção que muitos homens notaveis, tanto da antiguidade como dos tempos modernos, tem sido extraordinariamente infelizes na vida privada.

A revolta d'Absalão contra David, seu pae, e seu tragico fim; o assassinato de Sennacherib no templo do deus Nisrich commettido por seus proprios filhos Adrammelick e Sharezar; a severidade que Augusto Cezar fôra obrigado a ter com sua filha unica, Julia, em razão do seu comportamento escandaloso; e o destroço que Herodes o Grande fez na sua familia, matando sua formosa e adorada mulher Mariamne, seus dous mais esperançosos filhos, e outros parentes mais proximos, podem apresentar-se como exemplo, entre outros muitos que se encontram na historia antiga que nem sempre nas altas regiões do poder e grandeza humana existe a felicidade domestica.

A estes factos ajuntaremos outros d'igual natureza, acontecidos em tempos mais modernos, entre os quaes sobresaem as tragicas catastrophes de D. Carlos, filho de Philippe 2.º de Hespanha e do Czarowitz, filho do immortal Pedro o Grande da Russia.

## CARTA DECIMA QUINTA

Conclui a minha ultima com algumas reflexões sobre a inconstancia do poder. O subsequente estado de Roma desde esta epocha da sua não igualada grandeza, apresenta um facto memoravel, de que a grandeza das nações, como tambem a dos individuos, está sujeita ás mais melancholicas vicissitudes; e que a prosperidade e ventura, tanto nacional como individual, são d'incerta duração.

Recaíndo as nossas observações sobre aquelle periodo em que Roma, não sendo já considerada como séde do imperio,

havia passado o zenith de seu esplendor, e via começar a diminuição da sua gloria; a nossa curiosidade leva-nos naturalmente a examinar aquella cidade celebre no auge da sua opulencia. Teria sido bom se algum dos antigos escriptores nos tivesse fornecido meios de estabelecermos um termo de comparação entre as mais notaveis cidades da antiguidade com aquellas dos tempos modernos, mormente no que respeita a população. E' esta uma lacuna na historia que se não pode remediar; e é particularmente extraordinario que nenhum dos historiadores romanos nos deixasse relação alguma sobre a população de Roma.

Não se póde presumir que os seus calculos fôsem exactos; mas deveriam ter encontrado documentos authenticos sufficientes para nos dar uma idéa aproximada do numero de habitantes d'aquella celebre metropole do mundo, e se os seus calculos não se apartassem muito da verdade, podiam servir para regular o nosso juizo a esse respeito. Os modernos que teem estudado este assumpto, e dado um resultado de suas investigações, divergem de tal modo entre si, que em logar de nos elucidar, tornam mais complicada a questão. Basta apontar alguns factos para demonstrar quão pouco credito merecem.

Mr. Martin, nas suas viagens, diz-nos que no reinado do primeiro Claudio, os habitantes de Roma subiam a 6,986.000; mas acrescenta que este calculo abrange os suburbios, e estes estendiam-se em distancia de 40 milhas em redor. O mesmo author diz que a cidade conta 13 milhas em circunferencia, e outros dizem que são 15.—Diz mais que Roma antes de Aureliano, tinha apenas nove milhas em circuito, e que pouco differia do tempo em que reinou Servio Tullio.

Na noticia que nos dá Mr. Martin da população de Roma, ou ha um erro crasso, ou elle conta como suburbios a maior parte das cidades e villas de Campania. Seu engano parece provir do recenseamento dos cidadãos romanos feito no reinado de Claudio, que succedeu a Caligula no imperio. Este recenseamento dava uma população de 6,945.000; mas cuni-

pre notar que este não era o numero de habitantes na cidade de Roma, mas sim dos cidadãos romanos dispersos por todo o imperio, e que como Mr. Gibbon assevera, podiam, com um numero proporcionado de mulheres e creanças montar a 20,000,000. Mr. Gibbon, descrevendo a cidade de Roma como existia, sob o regimen imperial, diz-nos «A circunferencia das muralhas foi medida com exactidão pelo mathematico Ammonio e achou ser de 21 milhas em forma quasi circular. O architecto Vitruvio, que viveu no tempo d'Augusto, diz que as innumeraveis habitações dos romanos se estenderiam muito alem dos limites da cidade, e que sendo o espaço comprehendido entre muros muito tomados pelos parques e jardins dos cidadãos opulentos, adoptou-se o expediente de levar as casas a uma extraordinaria altura, tanto que foi repetidamente legislado no tempo d'Augusto e Nero, que nenhum edificio particular excedesse a 70 pés d'alto, mas temos sobejas provas em Plinio e outros authores, que nos demonstram a inefficacia d'aquelles edictos, tendentes á demasiada altura dos edificios. Muitas familias se hospedavam em um edificio, como em Paris; cada familia occupava um andar. Alguns authores modernos escrevem que no reinado d'Augusto, Roma tinha 50 milhas de circunferencia e comportava 463,000 homens capazes de pegar em armas, que, com um numero proporcional de mulheres, creanças e velhos etc. deveria fazer subir a população de Roma a cerca de tres milhões d'almas.

Aquelle acreditado escriptor, Mr. de Messance, nos seus «Recherches sur la population» dá a Paris 23,565 casas, 71,124 familias, e 576,000 habitantes; e Mr. Gibbon escreve que se calcularmos o numero de habitantes d'antiga Roma, segundo os principios de Mr. de Messance, podemos estimal-os em 1,200,000, calculo nada improvavel; um numero nada excessivo para aquella metropole do mundo, com quanto excedente á população das maiores cidades da moderna Europa. Em presença de tão contradictorias noticias, nenhum calculo aproximado é possivel. Comtudo, o numero to-

tal de casas acha-se fielmente descripto n'uma descripção de Roma no reinado de Theodosio, cerca de 50 ou 60 annos depois da trasladação da séde do imperio para Constantinopla; e consequentemente em tempo, quando a antiga capital devia estar na declinação. N'aquella narração o numero de domicilios dos homens ricos era de 1780; e o das casas dos plebeos de 46,602. Na estimativa da população de Roma, a mais segura base que podemos tomar é a construcção particular adoptada em Roma, levando as casas a uma enorme altura, como já fica dito; a extensão da cidade e o numero de casas e ruas. Se a muralha Aureliana encerrava a vasta área de 21 milhas, era a cidade fóra de duvida de grande extensão; e dado o caso que fôsse circular a sua forma, como era quasi, deveria conter 38 milhas quadradas, uma área quasi duas vezes do tamanho da que occupa Londres. Uma tão grande superficie com casas d'enorme altura, indica uma vasta população; mas as ruas de Roma eram poucas, em numero não excedente a 424, circumstancia que faz acreditar que uma grande parte do terreno se compunha de quintas e outros pertences: comtudo o numero de casas de que ha uma conta exacta, tomada no tempo de Theodosio parece provar que não deveria haver muito terreno desocupado: segundo esta descripção Roma não occupava uma área duas vezes o tamanho de Paris, e comtudo os edificios n'aquella cidade excediam o dobro d'esta. De Ninive pouco ou nada sabemos a não ser o que se colhe do livro de Jonas, aonde se descreve como uma cidade excessivamente grande, de tres dias de jornada, provavelmente, para a contornear. Tambem se diz que ella continha cento e vinte mil pessoas, que não distinguiam a mão direita da esquerda, o que se deve subentender por adolescentes. Se o giro de Ninive se fazia em tres dias, devemos suppor que ella assentava sobre uma grande planicie como Babylonia, e talvez mais dispersos os edificios do que mesmo n'aquella cidade.—Isto mesmo se infere quando se nos diz que continha muito gado, o que authorisa a crer que encerrava campinas, e se o que se diz da sua população deve

ter sentido figurado, conforme o estylo oriental, cada um ajuizará como melhor entender.

De Babylonia sabemos tão pouco em relação aos seus habitantes e dos meios empregados para o seu sustento, como sabemos de Ninive, a menos que grandes porções de terreno nos encruzamentos das ruas serviam para as necessidades da vida, mas o plano d'aquella cidade é uma prova evidente que a sua população não estava em relação com o espaço que occupava segundo as idéas que nós temos das populações de grandes cidades, e que os seus habitantes proporcionalmente não excediam a metade dos de Londres ou Paris. Mas a julgar de Roma, da sua extensão e numero d'edifícios, os seus habitantes deveriam exceder os de Paris no dobro e consideravelmente a qualquer das populosas cidades do mundo; porque por muito exageradas que sejam as descripções que nos dão de Constantinopla, do Cairo e de Pekin, é certo que nenhuma d'estas cidades eguala a Londres em numero de habitantes. Dos documentos mais authenticos em que nos podemos basear, é claro que Constantinopla não pôde conter mais gente que Paris, e que nenhuma das duas contém tanta como Londres. Pekim é hoje indubitavelmente a maior cidade do mundo. Mr. Anderson, no seu relatorio da embaixada de Lord Maçartney na China, diz que é um quadrado de tres leguas em cada face, mas acrescenta que as ruas são de 140 pés de largura, e que todas as casas, á excepção das dos mandarins, são apenas d'um andar, d'onde se infere facilmente que não obstante a sua área, a sua população não pôde egualar a de Londres, e é muito singular a supposição de que nem Ninive, Babylonia ou Roma, tivessem sufficiente commercio para sustentar suas numerosas populações, quando dão a Pekim, pela sua posição no interior do paiz, com condições menos favoraveis, uma população duas vezes maior que a de Londres. Calcula-se geralmente as populações das grandes cidades sem base segura. Uns dão a Paris 800,000 e outros 600,000, mas o primeiro calculo parece ser o mais approximado á verdade.—A supposição de que Roma se susten-

tava á maneira de Londres, de seu commercio, é errônea: a riqueza d'esta cidade vem das suas relações commerciaes, mas Roma pelo contrario, vivia do roubo e da violencia—Londres é o imperio do commercio: Roma foi covil de ladrões e residencia dos devastadores do mundo. Se por um lado Londres se enriquece do commercio estrangeiro, não menos é rica de seu commercio interno, em rasão de ser a séde e residencia da côrte, nobreza e burguezia, e bastava ser a capital da Gran-Bretanha para ser uma grande e populosa cidade, independente de seu commercio externo. A capital d'um opulento imperio tem sempre um trafico activo e chama muita gente a quem emprega, ministrando as conveniencias da vida aos abastados favorecidos da fortuna.—E' principalmente o commercio interno que sustenta as numerosas hospedarias, lojas e estabelecimentos mechanicos. Paris é uma prova. Esta grande capital pela sua localidade não possui vantagens algumas commerciaes, mas mesmo assim excede em esplendor e luxo todas as cidades do mundo e só a Londres é inferior em população. Isto provem tão somente de ter sido de longa data, capital d'uma grande e florescente nação e residencia d'uma côrte brilhante e d'uma numerosa e opulenta nobreza, como tambem o recurso dos viajantes d'outros paizes. Todas estas vantagens tinha Roma. Esta cidade durante quasi sete centos annos de successivas guerras e rapina, accumulára a riqueza de todas as nações visinhas—Ninguem ignora as immensas riquezas e enorme dispendio de muitos de seus principaes cidadãos.—O luxo e esplendor com que viviam os grandes de Roma e nos suberbos edificios que construíram necessariamente empregaram grande numero d'artistas. Os paizes de que são capitães Paris e Londres são de pequena extensão e população comparativamente com o imperio romano. Londres é a metropole d'um paiz enriquecido pelo seu commercio, e os seus homens de negocio rivalisam em opulencia com a nobreza da maior parte dos paizes, mas é muito duvidoso se todos os seus opulentos negociantes egualam os opulentos cidadãos d'antiga Roma. O que é fóra

de duvida é, que haviam individuos que possuíam propriedades de muito maior extensão do que hoje se encontra em qualquer moderna capital.—Em quanto ao emprego e suprimento das classes pobres deve notar-se que nem só estas estavam isentas de contribuições, mas dependia quasi inteiramente de donativos; a opulencia dos ricos deveria fornecer trabalho a muita gente das provincias que, adquirindo fortuna, vinha por seu turno a hobrear com os grandes, como é frequente vêr-se nas grandes cidades. Estabelecidos estes principios apoiados em factos conhecidos e authorisados por evidentes provas historicas, é claro que nenhuma comparação, debaixo do ponto de vista commercial, pôde estabelecer-se entre Roma e Londres. Não ha a minima semelhança entre as suas circumstancias politicas ou sociaes, sua economia ou meios de se supprirem.—Londres prospera pelo commercio—Roma prosperava pela rapina de seus tempos primitivos: porem á semelhança de Londres, Paris e outras grandes capitaes deveria manter um commercio interno, bastante activo, mas, em que escala, não se pôde saber.

## CARTA DECIMA SEXTA

Procuramos delinear o aspecto do imperio romano, reunindo os fragmentos dispersos da historia, desde o começo do governo imperial no tempo d'Augusto, até os fins do brilhante e importante reinado de Constantino.

Passemos agora a revistar os acontecimentos que tiveram logar desde a morte d'aquelle imperador, a fim de seguir o rasto não só da historia politica do imperio, mas tambem da revolução das idéas humanas.

E' bem sabido que Constantino julgando que o imperio romano, pelas suas proporções, offerencia amplo patrimonio para todos os seus descendentes, dividiu seus vastos dominios entre seus tres filhos, Constancio, Constante e Constantino, no

que commetteu um erro fatal.

Tres annos não eram ainda passados depois da morte de seu pai e já Constante invadia os dominios de seu irmão Constantino que, victima da embuscada que este lhe preparára, o deixou senhor de dois terços do mundo romano; mas pouco depois, Magencio revoltando se contra Constante,prehendeu-o n'uma caçada e fel-o perecer. Por seu turno, Magencio, sendo derrotado por Constancio, suicidou-se; e d'este modo pela desastrada sorte de seus irmãos ficou Constancio imperador unico—353 annos depois de CHRISTO. Vem pouco a proposito descortinar aqui as causas que deram origem a estas guerras civis nem qual foi seu resultado, mas o que não podemos deixar de notar é que estas divisões fataes esgotaram as forças do imperio, e que o valor e a disciplina romana converteram-se contra si, em vez de se empregar contra os inimigos do estado.

Por morte de Constancio, 361 annos depois de Jesus Christo, Juliano, chamado o apostata, filho de Julio Constancio e sobrinho de Constantino, o Grande, assumiu o septro. O curto reinado d'este imperador, apresenta uma prova assignalada das maravilhosas disposições da Providencia a favor da religião christã, que merecem a consideração da posteridade.

Marchando contra os persas, deixou-se seduzir de tal modo pelas idéas de conquista, que fez destruir a ponte de barcos que tinha sobre o Tibre e imprudentemente internou-se n'um paiz inimigo, deixando-se attrair por espiões fingidos desertores do rei da Persia, e que o fizeram persuadir que este se não atrevia a dar-lhe batalha e fugia diante d'elle.

Esta farça foi mantida até que o exercito romano tendo se internado n'um paiz desconhecido, foi finalmente envolvido no meio de arcaes desertos e começou a sentir os effeitos da fome. N'esta critica conjunctura seus guias desapareceram subitamente e o monarcha persa se lhe apresentou então com todas as forças militares de seu reino. O imprevidente imperador conheceu então seu erro. A falta de viveres tornou

necessaria a retirada; entre esta medida ou morrer á mingua não havia meio termo. A retirada foi portanto resolvida, e em quanto se effectuava os romanos eram constantemente perseguidos pelos persas, que cuidadosamente evitavam um encontro sério. As legiões de pesada armadura nem estavam acostumadas, nem preparadas para este modo de combate e nenhum partido tiravam contra a cavallaria persa, que as encommodavam a cada passo, e que tão depressa dispersava como se encorporava, renovando o ataque. O exercito romano, que á sua entrada na Persia era o melhor que jámais o imperio equiparára, apresentava agora um desastroso espectáculo. N'estas lastimosas circumstancias os romanos ganharam finalmente as margens do Tigre que, por falta de ponte, mandada loucamente destruir por Julião, não puderam passar. A historia militar não recorda, nem a imaginação pôde bem conceber uma situação mais desgraçada do que aquella do exercito romano exausto de forças, morto de fome, com um rio fundo e caudaloso na frente e todo o poder armado da Persia na retaguarda. N'esta conjuntura o rei da Persia assaltou, durante a noite o acampamento romano. Seguiu-se uma scena de tumulto, confusão e carnificina, espantosa, até que a final o valor romano conseguiu repellir o inimigo; mas no meio dos horrores d'aquella noite o imperador foi mortalmente ferido, e em poucas horas teve de comparecer perante o tribunal d'aquelle Juiz, cujo rito elle abolira e cujo nome quiz apagar da memoria dos homens.

Diz-se que Julião, tomando então um punhado do seu proprio sangue o lançára ao alto, exclamando:—Viciste Galiloea, viciste!—Venceste oh Galileo, venceste; sendo Galileo o nome que por escarneo dava a Christo. Esta circumstancia, bem que tenha seu romance, casa-se com o caracter d'aquelle imperador, e não deixa de ter seus visos de probabilidade attenta a aversão que Julião professava á religião christã, mas por outro lado ha a considerar que n'uma conjuntura tão interessante para o imperio e sobretudo para o partido christão, não é para admirar que os escriptores exagerassem

ou se deixassem seduzir pelas noticias que de proposito fizessem circular. E comtudo, a morte do imperador Julião é um acontecimeto que merece particular attenção, por isso que, talvez, não influenciasse pouco sobre o actual estado religioso da Europa. Nenhuma duvida existe de que o seu intento era aniquilar o christianismo; e se a Providencia houvesse permitido que o seu reinado tivesse a duração do de Constantino e alguns outros imperadores, quem sabe a influencia que poderia ter tido; por que este imperador divergia muito de seus antecessores. Já notamos que de todos os imperadores pagãos, muito poucos, se algum mesmo houve, perseguio voluntariamente os christãos; em quanto que outros foram indifferentes, a ponto que só muito instigados pelo clero, prestavam attenção ao progresso do christianismo. Julião, pelo contrario, era seu inimigo declarado. Fôra educado no gremio christão e não só abjurou suas dontrinas, mas manifestou-lhes a mais profunda aversão, começando já a adoptar todos os meios para abolir a nova religião.

A morte d'um tal homem n'um momento tão critico pode por tanto ser considerada um dos elos d'aquella mysteriosa cadêa de causas e effectos que constituem o plano da Divina Providencia. Os possiveis effectos de causas moraes não se podem calcular com exactidão, mas se não fôra a influencia dos acontecimentos no reinado de Constantino, e a desastroza sorte de Juliano, poderiamos ainda hoje dobrar o joelho perante os deuses da Roma pagã, ou d'outros, horriveis idolos das nações septentrionaes.

Devemos observar que se Julião tivesse indicado, ou o exercito eleito, outro imperador de principios igualmente adversos ao christianismo, a sua morte não teria dissipado a tempestade que ameaçava o horisonte christão; mas Julião, naturalmente supersticioso, vendo na sua prematura morte um signal desapprovador dos deuses, temia incorrer mais ainda no seu desagrado, designando successor; e Juliano, official christão, foi eleito imperador, que na situação desesperada do exercito, foi obrigado a tratar uma paz desvantajosa.

com a Persia e comprar uma retirada segura com a cessão da Mesopotamia e a forte cidade de Nisibia etc.

Ninguem nos diz que os soldados de Julião impugnassem a sua crença religiosa, nem possuímos documento pelo qual possâmos saber se a maioria do exercito se compunha de christãos ou d'idolatrás. E' comtudo certo que grande numero de christãos serviam nas fileiras de Julião, inimigo jurado do christianismo, assim como era grande a massa de pagãos que seguiam o estandarte de Constantino, e se é para surprehender que nenhuma revolta pagã se desse no tempo de Constantino, não é menos extraordinario que os christãos nunca manifestassem disposições hostis ás medidas de Julião. Parece que christãos e pagãos accordaram n'aquelles tempos primitivos a respeitarem mutuamente suas crenças.

Morrendo Juliano pouco depois da sua eleição, e conclusão da paz com a Persia, Valentiniano, outro chefe militar christão, foi investido com a purpura e associou seu irmão Valens no poder, cedendo-lhe a parte oriental em quanto elle reinou no occidente. No reinado de Valens teve logar um acontecimento singular, que para muitos historiadores é considerado o primeiro passo para a queda do imperio.

Os Hunos, povo Tartaro, sendo expulsos de seu paiz pelos Sienipi, depois de successivas emigrações, vieram com irresistivel impeto sobre os godos ao norte do Danubio. Subjugado aquelle paiz, uma herda immensa de godos apresenta se nas margens d'aquelle rio, solicitando asylo nos dominios romanos, o que lhes foi concedido sob condição da entrega das armas e das creanças. Estas, ao menos as das classes elevadas, foram entregues como refens, mas por um acto impolitico dos governadores d'aquellas provincias, se lhes permittio conservar as armas. Calcula se em 200,000 o numero de godos armados que n'aquella occasião passaram o Danubio com suas mulheres e filhos. Então appareceu novo exercito nas margens do rio a pedir asylo, mas sendo-lhe negado, entrou sem licença, e achando-se faltos de viveres todos os godos unidos começaram uma guerra contra o impe-

rio; e depois de varios combates o imperador Valens, não obstante achar se o sobrinho em caminho para o soccorrer, e não querendo partilhar com outro a gloria, offereceu batalha aos godos nas campinas d'Adrianopola e foi completamente derrotado. A perda do lado dos romanos foi immensa, e esta derrota foi considerada a maior desde a batalha de Canas.—O imperador Valens nunca mais foi visto e suppõe-se que perecêra no incendio d'uma casa aonde se refugiára. Isto aconteceu no anno 378 da era christã.

Depois d'este terrivel desastre, Theodosio, natural das Hespanhas, foi feito imperador do Oriente e em quatro annos e meio poz termo á guerra, na qual desenvolveu consummada habilidade e prudencia. Os godos tinham terras que lhes foram doadas nas provincias romanas, e prestavam obediencia ao governo romano, mas dirigiam-se pelas suas leis, formando um imperio, no imperio.

Theodosio foi a todos os respeitoos um segundo Constantino.—Como elle, fez triumphar o imperio de seus inimigos, apasiguou as commoções internas e estabeleceu a orthodoxia christã sobre bases solidas; e finalmente, segundo seu exemplo, dividiu o imperio entre seus dois fillios Arcadio e Honorio, entregando ao primeiro o Oriente e ao segundo o Occidente.—Esta foi a ultima e fatal divisão do imperio romano, que d'este periodo em diante é geralmente considerado pelos historiadores como dois estados separados e independentes e esta parece ser a principal causa que apressou a sua quêda. As duas differentes monarchias em que Roma foi então dividida, se tornaram pouco a pouco estranhos e olhavam-se com rivalidade.

Quando o imperio do occidente se achou atacado de todos os lados pelos invasores do norte, o imperio oriental tornou-se insensivel ás suas calamidades, e nenhum esforço fez para impedir a eminente catastrophe. Esta alienação foi augmentando em cada reinado successivo; e depois d'uma longa serie d'infertunios, de que a historia nos fornece paginas ensanguentadas, Roma, a souhora do mundo, foi preza.

dos godos, em quanto que Constantinopla olhava, testemunhia impassivel, os acontecimentos. Antes que inimigos de fóra saqueassem a cidade imperial, o imperio do occidente havia muito que déra signaes de decadencia; mas mesmo assim a immensa mole cahio gradualmente e foi por muito tempo sustentada pelo valor e disciplina do exercito. As legiões romanas derrotaram muitas vezes os barbaros, mas á administração publica faltava inergia, e a côrte imperial, por pusillanidade, encerrou se em Ravanna, cidade inaccessivel de todos os lados por causa dos pantanos. N'esta vantajosa posição conservou-se algum tempo á sombra da grandeza imperial, mas todo o imperio apresentou uma scena deploravel d'anarchia, cahindo as provincias umas apoz outras em poder dos invasores do norte, que cahiam em enxames sobre o imperio e cujo numero nem a derrota nem a mortandade diminuiam.

Em quanto, até certo ponto, se ostentava em Ravanna o fausto do poder e que a côrte imperial, n'uma posição inaccessivel, cercada de pantanos, provia pela sua segurança, o resto da Italia estava sendo devastado pelo inimigo. Alarico, o chefe dos godos, tendo assignado a paz com o imperio oriental, sob condição de ser seu o dominio do oriente, foi immediatamente proclamado rei dos visigodos na era 395 e dois annos depois invadio a Italia, mas foi derrotado em Polencia por Stilicho, general romano. A Italia foi em seguida invadida por Ibadagasio, outro chefe septentrional, que cercou Florença e ameaçou a propria Roma.—Este invasor foi tambem derrotado e morto por Stilicho, e todo o seu exercito aniquilado no anno do Senhor de 406.

Deixa-se pois vêr que os restos da disciplina romana, quando a inergia não faltava ao governo, continha as hostes inimigas dos barbaros.—A côrte imperial, porem, apressava a sua quéda: Stilicho foi substituido por Honorio traçosiramente assassinado em 408.—Assim cahio aquelle grande general, enjos feitos d'armas rivalisaram com os dos maiores heroes que Roma, nos mais brilhantes tempos da sua gloria, havia

produzido e que fôra, havia muito, o esteio do imperio vacillante e o aujo tutelar da imperial cidade. Alarico renovou immediatamente a guerra e sitiou Roma. D'essa vez, porem, accitou um rasgate, recebendo 5000 libras de peso d'ouro, 30,000 de prata, 3000 peças de panno escarlata, 4000 mantas de seda (que n'aquelle tempo tinham grande valor, a seda valendo seu peso em ouro) e 3000 libras de pimenta que valia então 15 dinheiros, ou 2:800 réis do nosso dinheiro em libra. Alarico, porem, com pretexto desconhecido, voltou no anno seguinte, mas depois retirou.

Finalmente, á terceira vez sitiou Roma, tomou-a d'assalto e deu-lhe saque; levando a immensa riqueza que se accumulára n'uma longa serie de guerras felizes.—Assim Roma, a imperial, que por seculos levára a espoliar as nações e que reinára senhora absoluta do mundo, foi tomada e espoliada pelos godos no anno 410. cerca de mil cento e cincoenta e dois annos depois da sua fundação.

Alarico, pouco depois, morreu no vigor da vida, e seu irmão Adolfo, sendo eleito rei dos godos fez a paz com o imperio; e tendo evacuado a Italia e casado com Placida, irmã do imperador Honorio, marchou para a Gaulia, onde fundou o reino gótico de Tolouse, que comprehendia as provincias situadas entre o Loire e o Garonna e que depois foi annexado ao reino da França por Clovis primeiro rei christão d'aquelle paiz.

O imperio parecia agora sorrir-lhe a paz; mas a sua queda estava registada nos livros do destino.—Seu grande adversario godo era agora seu amigo e alliado, mas hordas inimigas continuavam a invadilo. O periodo que vai de 435 a 453 é memoravel pelo reinado d'Attila, rei dos hunos.—Este carrasco espalhára por toda a parte o horror e a desolação. Elle atacou o imperio do oriente e devastou as suas provincias, até mesmo ás portas de Constantinopla no anno do Senhor de 441.—Depois de assignar a paz com aquelle imperio, invadio a Gallia e sitiou Orleans.—Os planos de Chalons na Champagne se tornaram famosos pelo conflicto o mais san-

guñolento de que ha recordação na historia, onde o rei dos hunos foi completamente derrotado pelo exercito alliado romano e godo, commandado pelo general romano Aecio e Theodorico, rei godo de Toulonse. Com quanto os historiadores diffiram em particularidades, todos são concordes em que batalha alguma apresentou jámais uma mortandade egual. O calculo menor dá aos hunos uma perda de 130 mil homens, mas o geral dos escriptores dão uma cifra muito superior. Attila, cujo appellidode «Castigo de Deus» casára perfeitamente com o seu character, não obstante esta derrota, invadio pouco depois a Italia e levou a devastação até ás portas de Roma. Um anno depois morreu d'um aneurisma no anno 453—ficando o mundo livre d'um dos maiores inimigos da humanidade. Não é já possível determinar os limites dos dominios d'este chefe; mas suppõe-se que elles abrangiam a maior parte da Alemanha e da Polonia, como tambem da Hungria e a antiga Dacia, mas crê-se que o seu imperio, depois da sua morte, se dissolveu, porque nenhum de seus successores figura na historia.

N'estes tempos calamitosos, tanto os crimes como os infortunios dos romanos, ultrapassaram todos os limites. O imperador Valentiniano terceiro, apunhalou com a sua propria mão o patricio Aecio, a ultima columna do imperio e a quem se devia a sua prolongação. Valentiniano mesmo foi morto n'uma parada, um anno depois d'aquelle crime. Era o ultimo descendente de Theodosio o grande.

Aecio quebrára a força d'Attila na memoravel batalha dos campos de Chalons; mas os inimigos de Roma não estavam exterminados, nem pela derrota nem pela morte d'aquelle delapidador. Genserico, rei dos vandalos, tomou Roma e deu-lhe saque no anno 445. Desde a morte de Valentiniano em 455 até 476, o imperio ainda continuou a existir, mas já moribundo, sob nove diferentes imperadores, até que Odoacro, chefe dos herulos, sentou se no throno dos Cezares e com elle morreu o imperio do occidente.

Quem attender na serie de calamidades d'aquelles tem

pos e considerar na serie de circumstancias que originaram a quédá da mais maravilhosa obra politica do mundo, verá que a uma variedade de causas se deve o effeito. O luxo dos romanos e o despotismo do governo imperial abateram os animos do povo e o inhabilitou para as emprezãs militares. Isto é mais que supppsição; parece ter sido verdadeiramente a causal. Durante os ultimos tempos de Roma, a contar do reinado de Commodo, a força do imperio exhaurira-se, e muito de seu melhor sangue fôra derramado em contendás estereis entre os chefes.—Estas causas contribuíram indubitavelmente para a quédá do imperio; e uma variedade d'outras, demasiadamente numerosas para se poderem examinar detalhadamente, muitas talvez inteiramente desconhecidas, formam um conjuncto de circumstancias que decidiram a sorte do imperio, mas nenhuma certamente contribuiu tanto como foi a sua divisão em dois estados distinctos e, quem sabe, talvez systema algum politico, coragem ou disciplina militar, teria evitado a destruição d'este poder collossal. Uma causa externa havia que com com o tempo viria a vencer todos os obstaculos que se lhe podessem antepôr.

As nações do norte tinham sido, desde o tempo de Mario; inimigos formidaveis de Roma. A republica teve, então, com os Cimbro's uma das mais arriscadas guerras que jámaisprehendera e que não acabou sem immensa mortandade para o inimigo. Durante os tempos felizes do imperio, o nome romano era uma formidavel barreira, mas em cada occasião propicia elles recommçaram as suas delapidações nas fronteiras e com quanto fossem constantemente rechassados não desanimavam. Aquelles povos vivendo vida frugal, ignorantes das artes, alheias á civilisação que contribuem para a sustentação das associações; pouco conhecedores da agricultura e menos ainda do commercio e manufacturas, achavam fracos os meios de subsistencia e insufficiente o espaço para seu numero, sempre crescente, nas geladas regiões do norte. Dotados d'espírito aventureiro e emprehendedor estavam sempre despostos a emigrar para os climas mais ferteis e amenos do sul mas o

predomínio de Roma que se extendia desde o Euphrates até ao Atlantico, offerecia-lhes em toda a parte tão invencível barreira, que os detinha nos paizes ao norte do Rheno, do Danubio e do mar negro. Pela ordem natural das cousas aquellas nações deverião ter augmentado extraordinariamente e, no seu estado inculto, tiveram, com o andar do tempo, a procurar vasante para a parte superflua da população. Isto tem sempre acontecido em todos os paizes barbaros, e desde os mais remotos tempos a historia apresenta-nos repetidos factos da emigração dos povos do norte para os temperados climas do sul. Em cada paiz o solo não pôde sustentar senão um determinado numero de habitantes, e este numero é maior ou menor em proporção á sua natural fertilidade e conforme a temperatura do clima e o aperfeiçoamento da agricultura. Toda a vez que a população excede esta proporção, uma parte tem necessariamente de emigrar até que se descubra meio para a sustentação da parte superabundante; e isto só o pôde effectuar o commercio e a industria. O systema manufacturario é uma grande fonte de recursos para os povos, porque os differentes artigos d'industria são exportados para aquelles paizes que d'elles carecem, e cujos productos superabundantes revertem em beneficio das classes manufacturarias d'aquelles que os não possuem na quantidade precisa.

As nações não civilizadas não possuem estes recursos e consequentemente quando a sua população superabunda, a emigração é a consequencia necessaria. D'aqui devemos inferir que mais tarde ou mais cedo as nações septentrionaes invadirião o imperio Romano que, pela extensão de fronteira, se lhes oppunha em toda a parte, a não ser que aquelles povos abraçassem a civilização, ou que a quantidade superflua fôsse destruida nas guerras com os romanos. As circumstancias phisicas e moraes do caso não admittiam meio termo. Os vastos paizes que se extendem ao norte desde o Rheno, Danubio e o mar negro, comprehendendo a Allemanha, Polonia, Russia, Suecia, Dinamarca e Noroega,

eram, por assim dizer, um immenso viveiro da especie humana. As nações mais septentrionaes, avançando para o sul e subjugando as tribus meridionaes, assemelhavam-se a um diluvio, cujas ondas se impelliam mutua e successivamente, até que a grande massa de barbaros se accumulou sobre as fronteiras romanas, como succedeu com os godos e com os hunos no reinado do imperador Valente. Durante os ultimos annos do imperio aquellas invasões succediam-se umas apoz outras. Vêmos que no reinado de Galleno, o imperio, que parecia desabar, fôra ainda sustentado pela consummada prudencia e vigorosos esforços d'aquelles imperadores guerreiros, Claudio, Probo, e Aureliano; e a sua grandeza a muito custo mantida por Diocleciano, Maximiano, Galerio e outros. Constantino lhe restaurou a sua antiga grandeza e poder; e a sua grande fama militar, reunida a energia, real, ou apparente de seu governo, repellio as tentativas dos inimigos de Roma; mas no curto reinado de Valentiniano e de Valente, os godos e outras nações do norte, renovaram as suas invasões e durante quasi um seculo não cessaram seus ataques contra o imperio em todos os pontos da linha da sua fronteira septentrional desde a foz do Rheno até á foz do Danubio. Com a resistencia do imperio do oriente, o inimigo voltou as armas contra o imperio occidental, até que o poder romano succumbio aos seus reiterados ataques; e a propria cidade imperial cahio nas mãos dos invasores.

Para que o imperio romano podesse resistir a semelhantes hordas selvagens, deveria ter ficado indiviso, e que os seus imperadores fôsem um Claudio, um Probo, um Aureliano, ou um Constantino.

Vêmos a opulencia, o luxo e o esplendor, e procuramos estimar a extensão e população de Roma no zenith da sua grandeza. Do seu estado, n'aquelles tempos da sua declinação, é difficil formar idéa, e se ella começou entre o reinado de Theodosio o Grande, e a sua tomada por Alarico, é difficil de precisar. Comtudo, é natural que assim acontecesse e que a capital se resentisse do desmembramento do imperio. A per-

da das provincias, umas apoz outras e consequentemente dos respectivos tributos, não só produziria um desfalque nos rendimentos publicos, mas os cidadãos romanos, dos quaes as classes pobres dependiam dos donativos, deveriam ter experimentado grandes faltas. Muitos grandes de Roma perderão necessariamente as suas propriedades situadas nas provincias occupadas pelo inimigo; mas mesmo assim não vemos que o luxo diminuisse nos primeiros tempos. N'uma cidade onde se concentrára a principal riqueza do mundo, um grande desarranjo deveria dar-se na administração publica e uma grande diminuição na vida particular antes que um povo luxuoso apresentasse symptomas visiveis de pobreza. Alem de que é muito de suppôr que muitos individuos ricos das provincias se refugiassem na capital contra as depredações do inimigo, seguindo-se d'aqui que uma consideravel parte das riquezas do imperio se agglomeraram na cidade imperial que, por esta rasão, só mais tarde começou a declinar. O que parece, porem, certo é que a declinação de Roma começou depois de ser Constantinopla a séde do governo, com quanto contasse 48:802 edificios no reinado de Theodosio, sessenta annos depois da mudança da residencia imperial. Deve-se suppôr que certo numero de ricos e ambiciosos cidadãos de Roma abandonassem n'esta occasião a velha metrópoli e se mudassem para Constantinopla, muito mais que Constantino seduzia, com a concessão de grandes propriedades, aquelles que fixassem a sua residencia na nova capital. E considerando que Ravenna depois que a côrte do imperio do occidente se mudou para lá, começou a florescer com a affluencia dos grandes de Roma, é facil concluir que Roma deveria ter decaído muito de grandeza e esplendor, antes que fôsse victima da expoliação dos godos. Em quanto aos costumes em geral dos romanos, é de notar que degeneraram consideravelmente nos ultimos tempos do imperio. Encontram-se vestigios palpaveis no periodo que se seguiu ao reinado de Constantino. Raros factos de patriotismo apparecem nos reinados pos-

teriores, e o espirito publico parece haver-se extinto. A falta d'energia no governo, o luxo, a effeminação e uma depravação geral de costumes, começam a caracterisar o imperio romano.

Passemos agora a investigar o estado da religião durante os tempos que acabamos de percorrer.

## DECIMA SETIMA CARTA

A historia religiosa do imperio romano depois da morte de Constantino, merece attenção. A religião, verdadeira ou falsa, é uma importante feição na historia da humanidade. Tudo, por tanto, que diz respeito a um systema que até hoje exerce influencia politica e moral, que dá um curso particular ás idéas e que forma a base das nossas esperanças, deve interessar consideravelmente. Tão depressa faltou Constantino que o seu favorito concilio de Nicea começou a perder a sua influencia e authoridade e o arianismo triumphou. O partido orthodoxo vio se supplantado e quasi todas as grandes dignidades ecclesiasticas do imperio oriental foram conferidas aos arianos. Temos já notado a perigosa situação da christandade no reinado de Juliano e a sua providencial salvação com a morte d'aquelle imperador na guerra com a Persia. D'ahi para cá nenhum pagão cingio a purpura; mas Valente, o imperador do oriente, era fortemente partidario do arianismo e perseguia os orthodoxos.

Depois da desastrosa sorte de Valente na batalha de Adrianopla na guerra com os godos, foi eleito imperador, Theodosio o grande, no oriente. Elle esposára o dogma da Santissima Trindade e privou os arianos das suas preferencias ecclesiasticas, alem d'outros procedimentos rigorosos que adoptou contra elles; e se não extirpou, ao menos subjugou inteiramente aquella heresia, que nunca mais ergueu o collo no imperio. Este imperador, tornando-se unico senhor do

orbe romano, aboliu a idolatria em todo o imperio; e no seu reinado o senado romano abraçou o christianismo no anno de 388.

Durante um periodo de 40 annos, que vai da morte de Constantino ao triumpho da orthodoxia no tempo de Theodosio, Constantinopla fôra a séde do arianismo, e a crença dos imperadores, dos prelados e da população d'aquella metrópoli, foi regeitada nas aulas de theologia de Roma e Alexandria. O celebre Athanasio, bispo d'Alexandria, de quem o credo athanasiano deriva a sua denominação, foi o strenuo defensor da doutrina catholica da Trindade e soffreu por isso muitas perseguições.

A controversia era a ordem do dia e o assumpto favorito das multidões ociosas de Constantinopla; e não só os artistas, mas até mesmo os escravos eram profundos theologos, e pretendiam descortinar os mysterios da Santissima Trindade e a natureza incomprehensivel do Ente Supremo. A historia da igreja, a este tempo, apresentava as scenas degradantes da facção, perseguição e anarchia; bispos condemnando bispos, concilios fulminando concilios com toda a acrimonia do fanatismo.

A promoção de Gregorio Nazianzeno á sé archiepiscopal de Constantinopla no anno de 380 assignalou o triumpho do partido orthodoxo. O imperador Theodosio em pessoa acompanhou Gregorio, collocou-o sobre o throno archiepiscopal e os arianos foram expulsos das igrejas á viva força.

Tão depressa começou o arcebispo a prégar a doutrina da Santissima Trindade e a divindade de Christo, um bando de frades e vagabundos assaltaram a igreja, e não sem difficuldade foi obrigado a retirar. A fim d'acabar com todos os pretextos para duvidas e disputas sobre a natureza das Pessoas da Santissima Trindade, Theodosio convocou a Constantinopla um concilio de cento e cincoenta bispos, no qual foi debatido o systema theologico do concilio de Nicea e claramente definido; e a divindade do Espirito Santo, a respeito da qual se tinham levantado algumas duvidas, foi declarado

dogma de fé, e constitue parte essencial do credo do christianismo. O concilio de Constantinopla é considerado o segundo concilio geral, e completamente definiu e estabeleceu a fé sobre aquelles pontos. Nos reinados de Theodosio e Arcadio, seu filho, diversos grandes caracteres resplandeceram na igreja christã, especialmente San Gregorio e João Chrysostomo, ambos successivamente arcebispos de Constantinopla.

A corrupção da lingua é visivel em quasi todos os padres da igreja latina d'aquelle tempo; mas os exemplos de San Gregorio Nazeanzeno e San Chrysostomo são todos como modelos d'eloquencia; San Chrysostomo, especialmente, foi sempre reputado o mais elegante escriptor, como fôra o mais eloquente prégador de todos os padres dos primeiros tempos. Fôra originariamente sacerdote d'Anthiochia e depois de ser arcebispo de Constantinopla, foi perseguido e exilado pelo imperador Eudoxio, no anno de 404; não sem uma revolta popular em seu favor, que elle, não obstante, desaprovou e com difficuldade apasiguou.

Este grande homem morreu no desterro em 407 e os seus restos foram, com grande solemnidade, trasladados para Constantinopla pelo imperador Theodosio 2.<sup>o</sup> no anno do Senhor de 438.

Depois que Theodosio o grande effectuára a suppressão do arianismo, a fé orthodoxa passou a ser a religião de todo o imperio romano. Os godos e varias outras nações limitrophes tinham sido já em parte, ou no todo, convertidos ao christianismo, mas como tivessem embebido seus principios religiosos, na maior parte, dos arianos, expulsos pelo partido orthodoxo no reinado de Constantino, ou pelos missionarios de Constantinopla, durante os reinados dos imperadores arianos; a sua religião era o arianismo. Em consequencia da perseguição dos arianos sob Theodosio, e a expulsão dos bispos e outros clerigos, que se recusaram a reconhecer os artigos de fé dictados pelos concilios de Nicea e Constantinopla, um grande numero d'aquelles ecclesiasticos se refugiou entre os

godos, aonde as suas doutrinas eram todas semelhantes ás da igreja. Estes sacerdotes eram bem recebidos entre as nações barbaras, respeitadas como victimas da religião e foram extraordinariamente bem succedidos na propagação das suas doutrinas; tanto que o arianismo tornou-se a crença de todos os povos do norte, convertidos antes da subversão do imperio romano. Pondo de parte as diferentes seitas que de tempos a tempos appareciam, e que tem sido acoimadas de hereticas, será bastante notar que o orbe christão se dividia em dous grandes partidos, o dos orthodoxos e dos arianos, um que defendia a divindade de Christo como pessoa inseparavel da Santissima Trindade; e o outro ensinando a superioridade do Pae. Esta era a crença do imperio do oriente e aquella do occidente, desde o reinado de Constantinopla até Theodosio; e desde esse tempo a doutrina trinitaria passou a ser a religião de todo o orbe romano, e o arianismo a de todas as mais nações que abraçam o christianismo; até depois da queda do imperio, quando começaram umas apoz outras a seguir a religião catholica romana e adoptaram a doutrina da Santissima Trindade, conforme os decretos dos concilios de Nicea e Constantinopla.

Nas eras que agora esboçamos appareceram homens que figuraram no theatro politico e religioso do mundo, e cujas noções da Divindade formam uma feição distincta e notavel na historia da humanidade. N'aquelles tempos tenebrosos de perseguição, que começaram no reinado duplo de Diocleciano e Maximiliano, uma nova doutrina appareceu na igreja. Antonio e Paulo, dois eremitas egypcios, tinham abandonado o mundo, entregando se á vida contemplativa e á oração nos desertos de Thebaida. Varios outros, ou desejosos de se porem ao abrigo da perseguição, ou para fugirem ás seducções do mundo, ou talvez, por natural inclinação, apartaram-se da sociedade para melhor se entregarem ao serviço de Deos.—Antonio reunio alguns e os constituiu em communnidade regular no anno do Senhor de 305.

Numero consideravel de pessoas, dotadas d'espírito religio-

So dedicou-se a este modo de vida: muitos adoptaram regras excessivamente austeras, convictos que uma vida de mortificação voluntaria seria bem aceita de Deos. Descobrir a origem ou examinar as regras e instituições d'estas diferentes ordens religiosas, que foram, em diferentes tempos estabelecidos na igreja, excederia os limites apropriados a uma revista geral da historia da humanidade. Bastará dizer que no reinado de Constantino e de seus successores, a vida asctica tornou-se moda dominante, e Santo Hilario fundou conventos na Palestina em 328, pouco mais ou menos: em Roma em 341. San Basilio no Ponto no anno de 360; San Martinho na Gallia em 370; e em pouco tempo generalisaram-se em todas as partes do mundo christão. Estes religiosos, pela sua real ou apparente sanctidade, começaram a gosar de grande reputação. Eram tirados das suas solidões, apresentados nas grandes cidades e villas, e erigiam-se-lhes mosteiros suberbos para suas residências com magnificos templos para a celebração da missa.

Com o andar do tempo, a piedade e a superstição tambem doaram estes estabelecimentos de grandes rendimentos. D'este modo aquelles devotos, que haviam renunciado ao mundo e feito voto de pobreza tornaram-se senhores de grandes cabedades; e com quanto individualmente pobres, possuindo tudo em commum, formaram communitades opulentissimas.

Fallando d'uma classe d'individuos religiosos que constitue uma feição distincta de historia, seja-nos permitido antecipar a ordem das cousas e do tempo, para umas observações que pertencem a outro periodo, mas que por analogia do assumpto, tem melhor cabimento aqui. Não é difficil perceber, que por muito grande que fôsse a veneração pela vida monastica em tempos mais remotos, não se casa com o gosto moderno. Os povos que abraçaram a religião reformada abandonaram as instituições monasticas. Nos paizes catholicos romanos perderam geralmente seu antigo prestigio, e o seu numero tem diminuido consideravelmente. Na França

Outros paizes foram inteiramente abolidos, e figura-se-nos por tudo quanto vemos, que os conventos terão acabado de todo antes d'acabar o seculo presente. Em quanto ás vantagens d'estas instituições, muitas são as razões apresentadas contra a sua existencia, umas com bons fundamentos, outras que tem por base principios errados, e falsos preconceitos. O homem de bôa fé, porem, olhará, despido de paixão e prejuizo, as cousas, não pelo prisma d'espírito faccioso, mas á luz da verdade e formará seu juizo com imparcialidade.

Para bem ajuisar da utilidade das instituições monasticas, devemos consideral-as sob um ponto de vista tanto religioso como politico, visto prender com ellas a devoção e o interesse da sociedade. Em quanto á parte religiosa, parece materia indifferente. O Ente Supremo, que domina o universo e enche a immensidade com a sua presença, pôde ser adorado em todos os logares, dentro dos muros d'un convento, ou entre as turbas d'uma cidade; no meio do tumulto d'un acampamento, ou no meio do esplendor d'uma côrte. Nem o retiro do claustro, nem o bulicio da turba pôde facilitar ou impedir a accitação da sincera veneração da creatura. Se, portanto, um agregado de pessoas convem em se associar, a fim d'empregar o tempo na contemplação e na prece, debaixo d'aquellas regras e preceitos que entende apropriadas e conducentes á sua conveniencia mutua, taes associações não podem, por principio algum religioso, ser prohibidas, mais que quaesquer outras sociedades litterarias; mas não são a qualquer respeito essencialmente necessarias á religião e, talvez, dispensaveis mesmo.

As instituições monasticas, imparcialmente consideradas, sem a menor sombra de prejuizo, e julgadas como objecto secundario, sob o ponto de vista religioso, devem ser estudadas politicamente, a fim de se conhecer se são d'utilidade ou de prejuizo á sociedade, o que depende muito de differentes circumstancias, idades e paizes.

Tem-se apresentado as casas religiosas como asylos de

ociosidade, e os monges como individuos inuteis á sociedade. Este argumento póde parecer á primeira vista plausivel, mas cae por falta de base na generalidade. Admittindo, comtudo, ser verdadeiro, como em parte é, aquelle principio, é forçoso convir que os conventos não são as unicas guaridas de ociosidade. Quantos asylos d'estes não se encontram por ali, particulares ? A chusma de familiares que compõe o sequito dos grandes e opulentos de todos os paizes são de pouca utilidade publica, a não ser que na qualidade de consumidores, contribuam para a actividade da industria e commercio; mas as ordens religiosas são d'este modo uteis á sociedade. Em todos os paizes, e com todo o systema politico ha immensa gente que em nenhum trabalho util se emprega. Nem todos são obrigados a trabalhar. Aquelles que possuem propriedade sufficiente para a sua sustentação e que se lhes proporciona os meios de viverem com commodidade, raras vezes se occupam na cultura dos seus terrenos, ou em qualquer outra industria proveitosa á sociedade. D'aqui podemos igualmente argumentar, que se as cercas dos conventos não fôsem sustento dos frades, seriam d'outros individuos igualmente ociosos, e tanto esta propriedade como a de particulares, demandam cultura e por consequencia é o arrimo d'aquelles que a trabalham. O homem é demasiadamente susceptivel a deixar-se levar pelas primeiras impressões e não reflecte maduramente. Se tivéssemos a certeza que cada conventual, no estado secular se empregasse em beneficio commum, melhor fôra que o mosteiro não existisse; mas isto está longe d'acontecer: em todos os paizes ha muita gente, cujo tempo e talento são de menos proveito que os dos frades. Suppõe-se que, antes da revolução, o numero de religiosos d'ambos os sexos nos conventos de França, não era inferior a duzentos mil. Toda esta gente não se empregava em utilidade do estado; mas ao mesmo tempo havia n'aquelle paiz o dobro talvez d'aquelle numero do mesmo modo inutil á sociedade, e certamente mais perigosa. Era sem duvida grande o numero de casas religiosas

na França, mas se outros tantos francezes se tivessem entregue á vida mystica, não teria sido talvez, peor para si e para a Europa. Na Inglaterra mesmo ha indubitavelmente muitos milhares d'individuos que se empregariam melhor estando em conventos do que está acontecendo fóra.

Isto de representar os frades como uma classe ociosa e inutil, constitue uma falsa apreciação do character da instituição monastica. Que muitos são d'aquella indole é fóra de questão; mas outros ha d'uma classe muito differente. Os frades não só conservaram a sabedoria no meio do barbarismo dos godos, mas muitos d'elles foram authores das sciencias modernas, e instrumentos activos do renascimento das lettras, na dispersão das trevas da ignorancia e da barbarie que por tantos seculos envolveu a humanidade. Se não são os monges, tinha-se irremediavelmente perdido toda a litteratura antiga, e a historia dos tempos passados no naufragio geral. Faltar-nos-hião hoje as composições dos poetas e oradores da Grecia e Roma, e como conservadores d'aquellas brillhantes produções de genio e eloquencia, são creedores ao reconhecimento da posteridade.

A devassidão que reinava em algumas casas religiosas, é-nos descripta por alguns authores nas mais negras côres, e comtudo temos incontestaveis provas que muitos monges foram homens sabios e piedosos; e como taes ornamentos da idade em que viveram. Que muitos eram o opposto tambem é inquestionavel, mas isto acontece em todas as corporações. Um corpo militar não deve ser julgado pusilanime, porque conta meia duzia de cobardes no seu seio, nem uma nação inteira taxada d'immoral, porque alguns malfeitores morreram ás mãos do carrasco. A bôa razão não nos deixa suppôr devotos todos os frades, nem castas todas as freiras, é tambem igualmente desrasoavel e menos caritativo julgar a todos impios e incastos. O prejuizo não deve influir sobre nós a ponto de nos induzir a condemnar uma comunidade inteira, por causa dos crimes d'alguns de seus membros; e a nossa bôa razão não deve subordinar-se a fal-

essas argumentações. Cumpre-nos estudar maduramente uma questão qualquer por ambas as faces, antes de julgar o nosso semelhante, seja de que seita, partido ou denominação fôr. Finalmente, figura-se-nos que as instituições monasticas, não tendo por base preccito alguma divino, não constituem parte essencial da religião, e por tanto só podem ser consideradas como obra do homem, e, á semelhança d'outros estabelecimentos politicos e civis, a sua propriedade e merecimento devem ser apreciados conforme os fins para que foram estabelecidos e conforme as idades e paizes em que existem. No tempo dos godos e da idade media, quando todo o orbe christão, ou aquella parte ao menos, que se compunha da igreja latina luctava com a ignorancia e commoções perpetuas; quando os alarmes incessantes da guerra e o estado geral militar da Europa, privava seus habitantes de tempo, e mesmo de vontade, para a cultura das sciencias e d'aquelles estudos que illuminam e abrilhantam a intelligencia; quando eram estas as circumstancias dos paizes christãos, parece-nos altamente acertado que uma classe d'homens, estranhos ao bulicio do mundo e ao abrigo da violencia dos partidos, pela veneração publica que gosava, tratasse unicamente da parte intellectual, instruindo as multidões ignorantes e conservando os restos da litteratura antiga. O clero envolvia-se demasiadamente nos negocios publicos e commoções d'aquelles tempos turbulentos para cuidar convenientemente das lettras e artes, e instituição alguma se prestava tanto para este fim, como era a monastica; mas como esses tempos já não existem, aquelles estabelecimentos deixaram de ter a utilidade que tinham e provavelmente não tardará que acabem de todo.

## CARTA DECIMA OITAVA

As reflexões que passamos a fazer tem pouco d'agradáveis. Depois da queda do imperio romano, succede um pe-

riodo tenebroso, que forma como um abysmo na historia da humanidade. Desde aquella epocha memoravel, até ao reinado de Carlos Magno, os annaes da Europa por mais de tres seculos descrevem uma nunca interrompida serie de sangue e anarchia. As paginas da historia reproduzem as incessantes e sanguinolentas revoluções que tiveram logar nos reinos e nos estados que as nações do norte levantaram sobre as ruinas do imperio romano; e os escriptores que tratam d'aquelles tempos, enchem as suas narrativas de mal authenticadas descripções de batalhas, cercos, traições e assassinatos, que merecem apenas a attenção da posteridade, por nos darem uma idéa como se formaram os reinos e os estados da Europa moderna.

Os godos tinham estabelecido o seu reino na Hespanha, no anno de 472, e Clovis estabeleceu a monarchia franceza pelos fins do quinto seculo.

Os saxonios entraram na Inglaterra em 449 e o sexto seculo foi testemunha da heptarchia saxonica n'este paiz, a conquista da Borgonha e Aquitania pelos francezes, e o completo estabelecimento da monarchia franceza. O reino d'Odoacro na Italia foi conquistado por Theodorico, rei dos godos, que era subsidiado e commissionado pela côrte de Constantinopla, e reinou na Italia por sancção e authoridade do imperador do oriente, de quem se reconheceu vassallo. Theodorico é representado como principe de grandes qualidades diplomaticas, mas de tal modo ignorante que nem sabia fazer o seu nome. No entanto, a Italia flôresceu no seu reinado. Elle conservou os godos e os italianos como duas nações distinctas, reservando a primeira para a guerra e a segunda para a paz. A' morte de Theodorico o seu reino passou á sua formosa e instruida filha, Amalasontha, cujo exilio e morte, teve logar no anno do Senhor de 535.

Theodorico reinára com a confirmação da côrte imperial de Constantinopla, e com quanto rei da Italia, era alliado e vassallo e como tal se houve sempre para com o imperio do oriente; mas depois do exilio e morte da filha, os godos da

Italia recusaram-se a reconhecer a authoridade absoluta da côrte imperial, e quebraram todas as suas relações com o imperio. Então Justiniano reinou no oriente e mandou seu general, Belisario, para a Italia. Belisario entrou em Roma, onde foi sitiado pelos godos. A sua heroica e quasi incrível defeza d'esta cidade, apenas com 5000 veteranos, contra um numeroso exercito de godos, commandado por Vitiges, seu rei, durante um anno inteiro em 537, é considerada um dos mais assignalados feitos militares que recorda a historia; com quanto se deve suppôr que ella exagera um pouco, por quanto seu author Procopio era affecto a Belisario. Os feitos d'armas d'este grande general, são comtudo sufficientemente garantidos, para que seu nome se immortalisasse. Belisario fez varias sortidas arrojadas e felizes, e só n'uma d'ellas, se diz haver os godos perdido 30:000 homens. Foram obrigados a levantar o cerco á chegada de novas tropas de Constantinopla. Belisario, finalmente, subjugou o reino godo da Italia. Vitiges, seu rei, entregando-se com condições, foi enviado a Constantinopla, e Justiniano deu-lhe para sua manutenção uma lucrativa propriedade na Asia menor, e quando reconheceu o rito athanasiano, conferiu-lhe o grau de patricio e senador que ainda continuavam a ser titulos honorificos no imperio. Gulimer, rei dos vandalos, disfructava igualmente grande propriedade, mas não podia gosar de titulo algum honorifico por serem incompatíveis com o arianismo que elle professava. Os godos novamente se revoltaram com Tetila á sua frente, a quem haviam eleito rei, levando Belisario, pela segunda vez a entrar na Italia. Roma foi então tomada pelos godos no anno de 547 sendo Belisario mandado recolher, Roma foi de novo tomada pelo inimigo. O commando do exercito da Italia foi então confiado a Narses, eunucho, homem de consummada tactica militar e de extraordinaria coragem. Este general matou Tetila, o rei godo, e fez se senhor de Roma no anno de 552. Tambem bateu e fez perecer Teia, que succedêra a Tetila, como rei dos godos em 553. Logo em seguida teve

logar uma formidável invasão na Italia pelos Francos, cujos exercitos inundaram aquelle paiz; mas aquelles invasores foram derrotados por Narses, com prodigiosa mortandade no anno de 554. A Italia ficou então sendo provincia do imperio oriental, ou Bysantino, estabelecendo-se um governo sob a denominação de exarchado, do qual o eunucho Narses, que se distinguira por seus brilhantes feitos d'armas, talentos militares e insigne valentia, era o primeiro exarcha. A longa e sanguinolenta serie de reiteradas invasões e derrotas, de saques, depredações e carnificina que, desde o reinado de Honorio, no occidente, até áquelle de Justiniano no oriente, por espaço de quasi cento e cincoenta annos, desolou a Italia e enchem volumes d'história d'aquelles calamitosos tempos, mereciam antes ser entregues ao eterno esquecimento que lembrar factos de tanto horror a não ser que um relance passageiro sirva para nos demonstrar como cahiu o imperio romano e como as nações do norte estabeleceram o seu dominio sobre as ruinas d'aquelle colosso. No meio, porem, de tão revoltantes scenas, a historia d'aquelles tempos apresenta-nos alguns grandes e extraordinarios caracteres, que merecem logar na memoria da posteridade; especialmente o imperador Justiniano e seus celebres generaes Belisario e Narses. A fortuna parece haver favorecido Justiniano d'uma maneira singular. Elle deveu a sua elevação a seu tio, Justino, filho de gente obscura da Dacia ao norte do Danubio, que com outros dous homens rusticos, abandonando a lavoura e mal aprevisionados, dirigiram-se para Constantinopla em busca de fortuna n'aquella capital, então centro do movimento do mundo e o theatro mais adequado para o desenvolvimento do genio. Não ha, talvez, nada na historia da humanidade mais agradável e mais digno d'attenção como é considerar as singulares vicissitudes que caracterizam as vidas d'alguns personagens extraordinarios e que parecem destinados pela Providencia a desempenharem algum papel de primeira ordem. Justino, tão depressa chegou a Constantinopla, em rasão das suas forças phisicas e estatura foi

admittido no corpo de guardas do imperador Leão. Nos dous reinados immediatos, Justino, de pobre e obscuro passou a ser rico e grande. Tendo-se distinguido na guerra contra os persas, seu merecimento obteve-lhe successivos postos d'acesso militar até que foi nomeado Senador e commandante da guarda imperial. Estava nesta vantajosa posição quando, morrendo o imperador Anastacio, aproveitou a occasião de se elevar á soberania do imperio do Oriente valendo-se da sua posição e influencia militar, contando então 68 annos d'idade.

Justino á semelhança de Theodorico rei d'Italia era completamente analphabeto; e não deixa de ser um facto singular que dous soberanos contemporaneos dos mais poderosos fossem destituídos de instrucção. Justino tirou seu sobrinho Justiniano do mesmo obscurantismo em que fora creado. Deste modo foi subitamente este joven elevado e reconhecido herdeiro presumptivo do imperio. Recebeu uma excellente educação litteraria em Constantinopla, e com todas as vantagens em seu favor subio ao throno imperial por morte de seu tio no anno de 527. Pela conquista da Italia e da Africa deu ao imperio do Oriente um esplendor e extensão que até então não tivera desde a sua separação do império occidental; e tornou-se distincto por seu consumado tacto politico e legislativo durante um longo reinado de trinta e oito annos, apresentando um exemplo de continuada prosperidade que talvez se não encontre outra na historia.

Varios imperadores romanos como Claudio, Probo, Aureliano, Deoclefiano, Maximino, Galerio e outros d'humilde condição tinham chegado a elevar-se ao imperio do mundo; mas a sua elevação tinha sido, ou o premio de provado merito, ou a consequencia de grandes crimes. Aquelles imperadores tinham gasto a sua mocidade nos perigos e sacrificios da guerra, alguns, em posição subalterna, não tiveram nunca occasião de se educarem para occupar o elevado cargo para que depois foram chamados. O mesmo se pode dizer d'alguns imperadores do Oriente depois de Justiniano, como

Basilio o Macedoniano.

Temos igualmente visto no ultimo seculo Nadir Shah, geralmente conhecido por Kouli-Khan que de chefe de salteadores, fez-se rei da Persia, conquistou o imperio do Mogol e tornou-se rival do poder Ottomano. Nunhum dos felizes aventureiros aqui citados tiveram educação liberal, vida ditosa, e reinado glorioso, como Justiniano.

A fortuna juntou-lhe a estrada de flôres desde a mocidade, e sem esforço algum, sem azares e legalmente, do estado mais humilde subio ao apogeo da grandeza humana, tornando-se distincto durante uma longa vida. A gloria de curta duração e tão custosamente obtida dos outros imperadores deveu-se a merito militar, mas a bôa fortuna de Justiniano antecipou a sua celebridade.

Para o tornar um completo typo de felicidade, dêra-lhe a natureza genio, vigorosa intelligencia, constituição robusta e uma saude perfeita.

Alguns escriptores ha que procuram denegrir a sua reputação, mas estes eram inimigos do christianismo, com os quaes não era favorito, e elle não só se distinguio em devoção e zelo pela religião, edificando a soberba cathedral de Santa Sophia, como tambem na qualidade de strenuo defensor das doutrinas da egreja.

Parece mesmo que a unica mancha no caracter de Justiniano era de ser beato. Os seus mais declarados inimigos concordam no seu merecimento como philosopho, politico, legislador, e homem versado nas letras e artes. Legou um nobre monumento no seu codigo, tido como fonte da jurisprudencia moderna com quanto modificada, conforme as exigencias do tempo. O magnifico templo de Santa Sophia, hoje mesquita mahometana, e do qual elle fôra um dos principaes architectos, attesta a sua pericia em architectura. Deveu seus conhecimentos a um estudo aturado, ajudado de talento natural. Era sobrio na dieta e homem de pouco repouso. Depois de dormir uma hora, erguia-se frequentemente para se entregar ao estudo até de manhã. Uma grande in-

telligência esmeradamente cultivada, uma actividade d'espírito, uma saúde vigorosa no decurso d'uma longa vida fizeram com que fossem vastos os seus conhecimentos. O seu tacto politico manifestou-se no modo porque dirigia a guerra, e na escolha de seus generaes a cuja habilidade consummada se deveu serem os reinos Godo e Vandallo da Italia e d'Africa annexados ao imperio Bysantino que carecia tão somente da Hespanha, França e Gran-Bretanha para lhe dar aquella grandeza que o imperio romano indiviso adquirira quando no zenith do seu esplendor.

Belizario e Narses são caracteres pouco menos notaveis, ou distinctos na historia. Erão ambos d'origem obscura e creados mediocrementemente. Ambos elevaram-se e se distinguiram pela sua coragem nas crises mais sérias, dando uma incontestavel prova do discernimento de Justiniano em lhes descobrir tanto merecimento occupando logares tão secundarios. Temse-nos entretido com um conto ridiculo d'haver sido Belizario privado de vista e reduzido á pobreza em rasão da confiscação das propriedades, ficando obrigado a pedir esmola.

O que ha de verdade é que Belizario sendo accusado de conspirar contra o imperador fôra encarcerado; mas verificando-se estar innocente foi absolvido; com quanto Justiniano lhe confiscasse a maior parte da sua immensa propriedade.

No reinado de Justiniano, o imperio do Oriente, então no zenith da sua gloria experimentou, como tambem a maior parte do globo, calamidades de natureza physica impossiveis d'evitar. Tremores de terra espantosos tiveram logar quasi todos os annos em todo o imperio; mas a maior fatalidade n'este reinado foi a peste que primeiro se manifestou nas visinhanças de Peluso, no Egypto, uma cidade situada nas margens do Nilo. Este terrivel contagio estendeu-se á maior parte da Azia, Africa e Europa, e poucos foram os logares que lhe escaparam. Por espaço de tres mezes de cinco a dez mil pessoas morriam diariamente em Constantinopla; muitas cidades do Oriente foram igualmente desimadas e em alguns logares da Italia as cercas apodreceram nas terras. Esta epidemia manifestou-se

no decimo quinto anno do reinado de Justiniano e foi de tão longa duração que só se extinguiu no fim de cincoenta e dous annos.

A sujeição da Italia e Africa, com quanto engrandecesse o poder de Justiniano e estendesse o seu imperio, foi um acontecimento que influio menos sobre os destinos dos tempos que lhe succederam, que as emprezas de natureza commercial e que datam d'este reinado. Os effeitos da primeira depressa se apagaram, aquelles das segundas teem sido permanentes; elles sobreviveram ao imperio, e ainda se fazem sentir na moderna Europa. Desde o periodo em que Roma, tendo attingido o zenith de seu poder e grandeza, começou a dissipar por meio do luxo as riquezas que adquirira pelas armas, a seda era um d'aquelles artigos de despeza faustuosa que contribuiu, mais que tudo, talvez, para passar para as partes orientaes d'Azia, as riquezas accumuladas nos saques de todos esses paizes entre o Euphrates e as columnas d'Hercules. A seda constituiria, havia já muito tempo, uma muito consideravel parte do trafico entre Roma e India pelo porto d'Alexandria durante o periodo mais florescente do imperio. Nos ultimos tempos, quando a cidade imperial foi preza das nações septentrionaes, e que o imperio oriental estava fraca e vacillante, os Persas tinhão, por varios meios, cortado frequentemente a communição entre o Oriente e o Occidente, e, até certo ponto, feito monopolio do commercio da seda. A Usbec Tartara, situada quasi no centro da Azia, é um paiz, que, com quanto pouco conhecido aos Europeos, tem sido ha muito notado pelo espirito industrial e mercantil de seus habitantes, como tambem pela fertilidãde de seu solo. Foi aqui que, em outros tempos, Zinghis Khan fundou um imperio, que depois Tamerlão reviveu e igualou áquelle da antiga Roma em extensão de territorio.

Aqui, tambem, em epocha muito anterior, commerciava-se com ambos os paizes orientaes e occidentaes da Azia.

No reinado de Justiniano e nos tempos que o precederam, as caravanas de Samarcand traziam sedas da China, que eram

geralmente compradas por negociantes persas, concorrentes ás feiras nas fronteiras dos dous imperios, e que abasteciam Roma deste valioso artigo de luxo. Com quanto fosse uma mercadoria que comportava um grande valor em pequeno volume, o que deveria diminuir as despesas do transporte, a jornada das caravanas era longa e perigosa atravez os immensos desertos que se estendem desde o Jaxarte até ás fronteiras da China, e nos quaes as hordas nomadas teem sempre considerado o viajante como objecto de legal rapina.

A's vezes, para escaparem ás hordas Tartaras, as caravanas da seda tomavam um caminho mais ao sul, e atravessando as montanhas do Thibet, desciam pelo Indo, e esperavam nos portos de Guzerat ou de Malabar a chegada das frotas annuaes procedentes do mar vermelho e do golpho Persico. Mas a fadiga e perda de tempo em atravessar aquelles caminhos pouco frequentados não eram menos intoleraveis que os perigos do deserto e aquelles que uma vez os experimentasse, raras vezes repetião a experiencia. Comtudo, o oceano abria-se á communicação geral.

Os chins valião-se d'esta vantagem e estabeleceram uma navegação para os estreitos de Malacca; e provavelmente estendiam a sua derrota até á ilha de Sumatra. D'aqui, a distancia em linha recta a Ceylão orça por 300 leguas, e alguns authores quèrem que elles navegaram até lá.

Os chins e os navegadores indios, favorecidos pela monção, talvez atravessassem aquelle grande espaço de mar; porém é certo que os mercadores de sedas, reunindo nas suas viagens o aloes, o cravinho da India, a noz moscada, e outras especiarias, mantinham nos portos de Malacca, ou n'aquelles das já mencionadas ilhas, francas e proveitosas relações com as nações circumvisinhas do már vermelho e golpho persico. A proximidade em que estavam os persas dos mercados da India dava-lhes uma decidida vantagem sobre os subditos de Justiniano, e facilitavam-lhes o monopólio.

Havia muito que a seda se tornára um objecto de luxo, e do mesmo modo que esgotára as riquezas de Roma, esgotou

agora Constantinopla. Sommas immensas eram enviadas annualmente para fóra do imperio em troca de manufacturas estrangeiras, sem o minimo beneficio para a industria do paiz; e uma consideravel parte dos lucros d'este commercio cahia nas mãos dos persas, inimigos implacaveis de Constantinopla. Fosse qual fosse o modo de fazer este commercio, é certo que a importação d'um artigo tão despendioso e em tão grande escala, deveria forçosamente empobrecer o imperio.—Justiniano tinha querido, desde muito, fazer romano este lucrativo commercio, mas obstaculos invenciveis tinham-se anteposto aos seus projectos.

Aquellas difficuldades, porém, que toda a diplomacia do imperador não teve força para vencer, foram superadas pela apprehendedora sagacidade de dous monges persas, que, na qualidade de missionarios, tinham residido havia muito tempo na China.—No meio das suas occupações religiosas, tinham podido descobrir e estudar a maneira de manufacturar a seda n'aquelle paiz, tinham visto milhões de bichos de seda, e qual o seu tratamento. Conheceram a impossibilidade d'importar um insecto tão delicado e tão ephemero de tal distancia; mas imaginaram que os ovos podiam ser conservados, e por este meio reproduzir-se o bicho.—Sabendo quão agradavel seria na côrte de Constantinopla a realisação d'esta empreza, chegaram depois de longa jornada á capital do imperio romano; e tendo revelado ao imperador o seu intento, foram animados a progredir n'elle pela liberalidade de suas dadas e esplendor de suas promessas.

Os dous monges, tendo regressado á China, e escondendo as ovas do bicho de seda n'um canudo de canna, enganaram um povo ciumento do seu commercio, entrando triumphantes em Constantinopla com as riquezas do Oriente, conquista maior que todas aquellas de Justiniano, ou do seu celebre general, Belisario.—Sob a direcção dos monges foram as ovas desenvolvidas a calor artificial; os bichos foram sustentados com a folha da amoreira, e com os cuidados empregados propagaram-se em larga escala. A experiencia e o estudo de-

pressa corrigem defeitos inevitaveis nos primeiros ensaios; e em pouco tempo os subditos de Justiniano egualavam os chins no tratamento dos bichos e na manufactura da seda.— De Constantinopla passou este importante insecto para o sul da Europa, e o seu producto é hoje manufacturado em toda a parte do mundo. D'este modo, e devido a uma circumstancia singular nos annos do commercio, que se julga ter occorrido no anno de 552, a moderna Europa gosa, a preço modico, um dos objectos de mais luxo e despeza da antiguidade, limitado á China, e cujo valor em Roma era tal que se vendia a peso d'ouro.

Em quanto o reinado de Justiniano constituia o mais brilhante periodo da historia do imperio Bysantino, a Europa apresentava um notavel contraste com a esplendida grandeza de Constantinopla.—A Italia nadava em sangue por causa das guerras dos godos, o reino de França não se achava consolidado, os francos, e os borgonhezes etc., mas suas muitas contendas fizeram da França e da Alemanha um campo de carnificina e devastação, e a Inglaterra era o theatro de continuada guerra entre os bretões e os saxonios, que estabeleceram a sua heptarchia n'este paiz durante o reinado de Justiniano. Poucas são as noções que temos dos costumes d'aquelles tempos tumultuosos, mas póde-se affoutamente dizer que eram elles barbaros, guerreiros, e supersticiosos.

As artes e sciencias estavam quasi extinctas, e a propria litteratura entre as nações do norte, cuja vocação era para a emigração e conquista; tornando-se objecto de desprezo todo aquelle que amásse a paz e a civilisação.

O imperio Bysantino era a parte unica do mundo conhecido que se podesse dizer com propriedade civilisada; e Constantinopla, o centro de tudo que era grande e de merito na litteratura e nas artes. Cada estudo destinado a servir d'embelezamento ao espirito humano, e desenvolvimento das faculdades intellectuaes, estava em completo abandono e provavelmente se teria perdido inteiramente no Occidente, a não

o haver os monges conservado, tanto quanto lhes era possível. do naufragio universal.

Pouco depois da morte de Justiniano o imperio oriental começou a declinar d'esplendor e em seguida aos reinados de Justino 2.<sup>o</sup> e de Tiberio, que preencheram o intervallo entre a morte de Justiniano, acontecida no anno de 565, até que succedeu Mauricio em 582, um espirito faccioso e de revolta principiou a fermentar em Constantinopla, que finalmente acabou em despotismo e na morte de Mauricio, elegendo-se então Phocas, o Centurião em 602.—Phocas por seu turno foi deposto e mandado matar por Heraclio, cujo reinado foi celebre por uma contenda das mais renhidas, conhecida na historia, e que foi entretida longos annos entre o imperio do oriente e a Persia; sendo as suas consequencias fataes para esta e quasi tambem para o primeiro d'estes poderosos imperios. Esta guerra entre os imperios bysantino e persico é notavel pela obstinação com que foi sustentada e pelos esforços extraordinarios dos contendentes; e mais memoravel ainda como prelude d'uma serie d'acontecimentos imprevisitos, mas que deverião espantar o mundo. Alludimos á fundação do mahometanismo.

No começo da guerra, Chosroes, monarcha persa, tinha invadido os dominios bysantinos, conquistado a Syria e a Palestina, e saqueado Jerusalem.

Pouco depois accrescentou ás suas conquistas o Egypto e a Asia Menor.

Por espaço de doze annos, de 610 a 622, o imperio do oriente, apresentou um quadro de desastres sem exemplo. Em todo este tempo as provincias desde os confins do Adriatico até aos suburbios de Constantinopla, foram assaltados pelo Khan dos Avars, que havia subjugado os hunos, e residia na real villa d'Attila na grande planicie da Hungria. O exercito persa esteve, dez annos, acampado em Calcedonia, hoje Scutari, sobre as margens do Bosphoro, exactamente em frente de Constantinopla. A consternação geral era tal que o imperador esteve para sair da cidade e passar-se, lèvan-

do consigo os thesouros do palacio imperial, para Carthago, quando o patriarcha lhe embargou a fuga, e conduzindo-o ao altar da egreja de Santa Sophia, fel-o jurar que viveria e morreria com o seu povo.

Heraclio tendo-se obrigado por este solemne juramento a defender a sua patria, deu um passo arrojado, mas perigoso. transportando-se com um exercito ao coração dos dominios persas pelo már Euxino; e entregando seus filhos ao cuidado e protecção do povo, dirigiu-se primeiro ás partes meridionaes da Azia menor, aonde derrotou completamente os persas, e regressou a Constantinopla, a fim de preparar nova expedição contra o territorio persa.

Deixando a authoridade militar e civil em mãos competentes, e dando poderes descripcionistas ao patriarcha e ao senado para defender ou entregar a cidade, conforme as circunstancias exigissem, o imperador, com um sequito escolhido, fez-se de vela em Constantinopla para a Trebisonda, onde reunio todo o exercito, e marchou sobre o Tauro na Media.

Em toda a parte extinguiu o fogo sacro e destruiu os templos dos Magos, demolindo as estatuas de Chosroes, arrasando a cidade d'Ormia, e libertou 500,000 captivos. Conduziu então seus exercitos victoriosos ás cidades de Casbin e Ispalhan, e derrotou totalmente as numerosas forças da Persia. Choroos esgotou a força do seu reino, e dividio as suas levas em tres formidaveis exercitos; o primeiro marchou contra Heraclio, o segundo para obstar á junção d'este com seu irmão Theodoro, e o terceiro destinado a operar contra Constantinopla, marchou para a Calcedonia. Do lado Europeu, os Avars, com um exercito de 80,000 homens, sitiaram aquella cidade, que se achava completamente cercada, e por espaço de dez dias successivos a atacaram sem resultado. Heraclio fez alliança com os turcos, que, por esta occasião figuram na historia pela primeira vez, e obteve d'elles um reforço de 40,000 homens de cavallo.

Tendo reunido e passado revista ao exercito alliado, deu

batalha campal nas margens do Tigris, no proprio sitio onde se presume existira Nineve. N'aquella batalha foi morto o commandante em chefe dos persas, e todo o seu exercito debaratado. Heraclio, fez prodigios de valor, segundo se diz, matando com a sua propria mão tres chefes notaveis do exercito inimigo.

Então assollou a Asyria, e penetrou até ao Dastagardo, residencia real de Chosroes, logar de magnificencia sem igual, que saqueou e incendiou, levando a devastação e a morte ao coração dos dominios da Persia. Tão continuados desastres provôcaram uma revolta geral da parte dos persas, contra Chosroes, que sendo deposto, Siroes, seu filho foi proclamado rei. Siroes mandou então matar o pae e deoito irmãos, e fez a paz com Heraclio, em consequencia do que foram restituídas as antigas fronteiras dos imperios bysantino e persa.

As nações do norte, que haviam subjogado o imperio Romano, estavam ainda em estado desassocegado, e a Europa continuava a apresentar um aspecto repugnante de barbarismo e anarchia; em quanto que Constantinopla triumphára apoz uma guerra feliz que ameaçára nada menos que o aniquilamento do imperio bysantino. Era este o aspecto politico do mundo, quando aquelle imperio esteve para ser assaltado por perigos de magnitude igual ou superior ainda áquelle a que acabava de subtrahir-se pelos mais desesperados esforços: e o oriente pouco lhe faltou para apresentar scenas d'horror semelhantes áquellas com que o occidente se familiarisára no decurso de dois seculos; cuja causa, porem, fôra de natureza mais extraordinaria e inesperada. Um phenomeno politico, religioso, e moral appareceu no mundo, que, depois da propagação e estabelecimento do Christianismo tem exercido uma influencia maior e mais duradoura nas idéas e condições da humanidade que outro algum acontecimento registado pela historia. No anno de 599, pouco mais ou menos, Mahomed, arabe, natural da cidade de Mecca situada não distante da costa oriental do mar vermelho, assumindo o caracter de

propheta enviado pelo Altissimo, encarregado da missão extraordinaria de levar seus compatriotas a aberrarem o zabaismo e a idolatria, e da conversão do genero humano, tinha com estas pretensões chamado contra si a malversação de uma parte de seus concidadãos, em consequencia do que foi obrigado a fugir com alguns parentes e apóstolos de Mecca para Medina no anno do senhor de 622. N'esta cidade, á sua qualidade de Phropheta juntou a de militar e tendo feito muitos proselytos e reunido um bando de homens destemidos cuja coragem animou com promessas d'um paraizo cheio de delicias sensuaes, especialmente para aquelles que fossem victimas da sua causa, atacou e tomou d'assalto Mecca, subjugando, uns apoz outros, todas as tribus Arabes.

Apreciando-se devidamente o character d'este homem extraordinario, o espirito mais acanhado e mais dado a prejuizos não pode deixar de fazer justiça ao seu tacto politico e particular talento para conhecer os homens. Elle soube tirar partido da natural tendencia sensual dos Arabes e dos povos dos paizes vizinhos; e inventou um paraizo apropriado ao seu gosto e nas circumstancias de lhe ganhar proselytos.

Não desconhecia as propensões humanas, e embalou as massas com esperanças fagueiras de facilmente obter isso mesmo a que o geral da humanidade aspira, e sobre estes principios fundou o seu systema religioso, inspirando deste modo os seus compatriotas de coragem para levar á execução seus planos de conquista.

Considerando a voluptuoza disposição dos povos d'aquelle paiz, elle permittio a polygamia; mas expressamente prohibio o uzo do vinho, e bebidas espirituosas, a que naturalmente não erão propensos e cuja privação lhes não era sensível.

Diz-se que Mahomed adoptára esta abstenção do vinho pela experiencia das funestas consequencias da embriaguez, tendo sido em certa occasião, surprehendido pelo inimigo, e em imminente perigo de vêr aniquilada a sua tropa, n'uma occasião em que ella estava entregue á embriaguez. Fosse, ou não, este o motivo verdadeiro que o levou a prohibir as bebidas espiri-

tuozas, parece fóra de duvida que Mahomed reputava a embriaguez um dos vicios que mais degradava a humanidade e indispunha o homem para as grandes emprezas. Descriminando com agudeza d'espírito entre as tendencias impostas pela natureza e aquellas adquiridas por habito, deu as maximas largas á primeira, mas nenhuma á segunda. O seu systema de religião parece bazear-se n'um estudo de varias circumstancias e na apreciação das tendencias, prejuizos, e idéas da humanidade.

Notou que a crença em um só Deos era a crença dos Judeus e dos Christãos e q' ella triumphára de todos os differentes systemas de paganismo estabelecidos entre os antigos. Com quanto Mahomed fosse completamente analfabeto havia, por meio d'um longo trato com os christãos da Palestina, e especialmente pelos conhecimentos obtidos na convivencia com o monge, Sergio, seu coadjutor, podido iniciar-se nos preceitos da religião christã, nas circumstancias da sua propagação e estabelecimento, e seu recente triumpho sobre o paganismo.

Podia, provavelmente, tambem considerar a unidade do Ente Supremo uma doutrina tão rasoavel que não podia, por fim de tudo, deixar de prevalescer contra todos os systemas de polythesimo e idolatria; e por consequencia que religião alguma podia sem aquelle principio capital estabelecer-se no mundo. Compreendeu tambem que os christãos, com quanto divididos em seitas differentes, e d'uma moralidade pouco austera, tinham uma tal veneração pelo nome de Christo, que com poucos proselytos devia contar entre elles, se pretendesse negar completamente a sua divina missão. Por tanto, reconheceu a divina authoridade de Jesus Christo, mas regeitou o principio da divindade da sua pessoa.

Este ultimo não podia elle de facto admittir, por que o seu reconhecimento seria incompativel com o seu plano de se inculcar primeiro propheta. Partindo d'estes principios, Mahomed declarou-se o maior dos prophetas do Altissimo; mandou prégar a unidade da natureza Divina, e o verdadeiro culto do Ente Supremo.

Depois de haver associado um numero consideravel de proselytos e achar-se sufficientemente preparado para tomar a offensiva, proclamou a sua missão divina, que o authorisava a usar de meios compulsorios, quando os persuasorios não fôsses sufficientes para triumphar a sua propaganda. As ordenações que sobre esse assumpto publicou, inforçavam que elle, e seus partidarios ficis, se achavam investidos do direito de fazarem valer a força armada, em ordem a compellir a humanidade inteira a abraçar as doutrinas do alcorão, que elle declarava publicamente ter-lhe sido transmittido do céu pelo anjo Gabriel; e que, no caso de recusa, sendo judeus ou christãos, ser-lhes-hia permittido o livre exercicio da sua religião, sob condição de pagarem tributo.

Aos pagãos não concedeu elle o direito d'escolha, e não lhes deixou outra alternativa senão converterem-se ou morrerem. Tornando-se vencedoras as armas de Mahomed, a Arabia inteira foi depressa subjugada; mas apesar d'entrar em guerra com o imperio oriental, tres annos aproximadamente antes da sua morte, que occorreu na idade de 64 annos, 632 annos da era christã, pouco se estendeu alem das fronteiras da Arabia. Seu successor, Abubekkar, começou a guerra contra a Persia, que ainda se não restabelecera da desordem em que a deixára a sua terrivel contenda com o imperio do oriente no reinado de Chosroes, e que tão fatal foi áquelle príncipe e aos seus estados.

Abubekkar morreu no anno 634, depois do curto reinado de dois annos, succedendo-lhe Omar, em cujo reinado de dez annos, fizeram-se consideraveis conquistas no imperio bysantino. A Syria foi conquistada por Caled e Abu Obeida, general d'Omar; e Amrú, outro general seu, apoderou-se do Egypto no anno do Senhor de 638. Estes golpes foram fataes ao exercito oriental, que jámais recuperou seu antigo poder e esplendor. A perda do Egypto não podia deixar de ser severamente sentida pelo povo de Constantinopla, por isso que aquelle paiz fôra sempre considerado o celleiro da capital: e toda a Syria estando em poder do inimigo, abria ca-

minho á Azia menor, e deixou todas as provincias do imperio bysantino na Azia, expostas á invasão.

Os acontecimentos occorridos no reinado de Heraclio apresentam provas visiveis da incerteza da politica, e quanto é limitada a esphera da previsão humana. O imperio bysantino julgou-se livre de perigo, pelo triumpho adquirido sobre um inimigo implacavel, poderoso e por muito tempo victorioso, e que ameaçara o seu anniquilamento; e de seu lado a Persia, reduzida e enfraquecida como estava, não parecia, pelo menos nos primeiros tempos nas circumstancias de lhe dar sérios motivos de recio. N'este prospero estado de cousas, Constantinopla julgava haver attingido, a todos os respeito, o supra summum de segurança e felicidade politica pela sujeição da sua grande e perigosa rival, mas esta depressão da Persia foi um grande passo para o engrandecimento do imperio Saraceno. O assignalado successo de Heraclio contra Chosroes, enfraquecendo e esgotando as forças da monarchia Persa fez com que caísse em poder dos cáliphas mahometanos; que, com a aquisição de tão vasto territorio tornaram-se mais formidaveis ao imperio do Oriente do que nunca os Persas tinham sido. Se não fora a guerra entre Heraclio e Chosroes e que esgotou os recursos entre os imperios persa e bysantino nunca os sarracenos se terião tornado tão poderosos. Conservando-se a monarchia Persa no goso de seu poder e grandeza como antes da desastroza guerra, teria contrabalançado o poder do Cálipha que deste modo se teria tornado menos formidavel ao imperio do oriente. Quando Heraclio, por quasi inexcediveis esforços, destruiu inteiramente o poder da Persia, podia conjecturar-se com muito boas probabilidades, que o imperio de Constantinopla estava livre de seu mais forte e perigoso inimigo, e que nada mais tinha a temer do lado Asiatico; quando, contra toda a expectativa, a quêda da Persia deu força a um poder nascente, que muitas vezes ameaçou a subversão do imperio do oriente, e que de facto lhe estreitou seus dominios.

Quasi ninguem ignora o que se diz da destruição da famo-

bibliotheca d'Alexandria, attribuida a Amru, depois da tomada d'aquella cidade: ha porem razões para duvidar da sua authenticidade. Eutychio, patriarcha d'Alexandria, que escreveu circumstanciadamente sobre a conquista sarracena não falla da conflagração da bibliotheca; e alguns authores modernos dizem que Abulpharagio, que escreveu seis centos annos depois d'aquelle acontecimento, e a duzentas leguas do sitio aonde teve logar, é o unico author d'essa historia. E' com tudo impossivel saber de que documentos se serviu quando escreveu; e o silencio d'Eutychio, que era mais antigo que Abulpharagio, com quanto nos faça vacillar sobre o facto, não invalida de todo o testemunho do primeiro. Um author póde ás vezes, por mero esquecimento, ou pouco caso, ou outra circumstancia qualquer, omittir um ou outro facto importante, que nem por isso deixou d'existir. A authenticidade do incendio da bibliotheca d'Alexandria não se pode pois affirmar nem negar, porem é certo que esta celebre collecção de sciencia tinha diminuido muito antes d'aquelle tempo. Nos reinados dos Ptolomeus, ha quem lhe dê 500,000 volumes e outros 700,000. Era n'aquella época o maior deposito de litteratura existente no mundo, e provavelmente encerrava vastos conhecimentos dos antigos Egypcios. Hoje é impossivel investigar as causas da sua decadencia, mas é certo que muitos volumes de sciencia antiga perderam-se no tempo da guerra Alexandriaca por Cezar, e não poderam ser restaurados.

O calipha Omar morreu 644 annos depois de Christo; e no tempo d'Ottomano, seu successor, a conquista da Persia foi ultimado por Caled. N'este reinado Abdallah, um dos generaes d'Ottomano, invadio as provincias Africanas ainda sujeitas a Constantinopla; e aquella parte d'Africa que antigamente estivera sob o dominio dos Romanos, e mais tarde o imperio bysantino e que se extendia desde o Egypto até o Atlantico, e desde o Mediterraneo até o gram deserto, cahio em poder dos caliphas Mahometanos no anno do Senhor de 709. A invasão d'Hespanha, por Tarik general de Muza, que go-

vernou na Africa na qualidade de Vice-Rei, pelo Calipha Welid, teve logar em 710, e antes do fim de 713 levou-se a effeito a conquista de todo o reino, á excepção d'algumas partes montanhosas do lado do noroeste, para onde alguns chefes hespanhoes se retiraram com seus partidarios e valentemente sustentaram a sua independencia.

A historia do mundo não tinha, anteriormente a este periodo, podido recordar uma tão extraordinaria serie de conquistas como aquellas feitas pelos califhas mahometanos, que, no espaço d'oitenta annos depois da morte de Mahomed, haviam-se assenhoriado da Persia, da Syria, do Egypto, de todos os paizes septentrionaes d' Africa, do reino de Hespanha, extendendo seu imperio desde o oceano indico ao oceano atlantico. As conquistas d'Alexandre tinham sido, de facto, mais rapidas e quasi tão extensas, mas muito menos notaveis e extraordinarias no seu genero.

As circumstancias politicas e militares dos gregos, que subjugaram o imperio persa, differiam largamente d'aquellas dos arabes, ou saracenos. Alexandre, á testa dos exercitos alliados da Macedonia e da Grecia, como já se tem dito, tinha a seu favor a disciplina, a tactica militar, e um equipamento até então nunca visto. Mas os arabes, surgindo de seus aridos desertos, nem eram numerosos nem disciplinados. Os gregos tinham fama de longa data, sobre todas as nações do mundo, de superioridade nas armas, e os macedonios tinham, pelos talentos e exforços do seu rei, guerreiro e estadista, Philippe, adquirido uma reputação de disciplina e tactica, egual, senão mesmo superior aos proprios gregos.

Mas os sarracenos do deserto e tribus selvagens das diferentes partes da Arabia, nunca tinham sido classificados de povos guerreiros. Não apresentavam empreza bellica de que se podessem vangloriar. O seu paiz não tinha nome nos annaes da guerra. A sua historia não recordava conquistas. A que causa pois attribuir o progresso rapido e irresistivel das suas armas? E' esta uma pergunta que o intelligente leitor

naturalmente faz, mas descendo á analyse do estado das cousas d'aquelle tempo, vê-se-ha que duas notaveis causas produziram este phenomeno. Em razão da ruinoza contenda, tanto tempo sustentada entre Heraclio e Chosroes, com uma pertinacia sem paralelo na historia das nações, a monarchia Persa foi lançada n'um estado de fraqueza e anarchia; e o imperio bysantino, com quanto ultimamente vencedor, tinha, por muitos annos, vacillado ás bordas do abysmo, e, depois da feliz terminação da guerra, achou seus recursos exauridos totalmente em consequencia dos grandes esforços feitos. D'este modo estes dous poderosos imperios, que sustentavam a balança da politica no oriente, tinham sido abatidos e ficado á mercê de qualquer novo e inesperado inimigo. A Persia caio nas mãos do caliphado, e o imperio do oriente achou-se impotente, e destituido d'energia para impedir o progresso d'um invasor desesperado e energico.

O estado enfraquecido dos imperios bysantino e persa, n'esta critica conjunctura, foi a grande causa politica que facilitou o progresso dos cáliphas sarracenos nas suas conquistas e propaganda da sua religião. O enthusiasmo com que Mahomed soube inspirar seus partidarios, foi a causa essencial e activa do successo rapido das suas armas, e constitue uma circumstancia interessante na historia da humanidade.

Numerosos factos são citados dos surprehendentes effeitos do zelo religioso sobre o espirito, mas tornam-se conspícuos e notaveis, quando nações e communidades inteiras são animadas d'este sentimento. O enthusiasmo militar e religioso, póde em certos casos produzir effeitos nobres e louvaveis, e acordar no homem impulso para acções as mais gloriosas; mas por outro lado o demasiado zelo é excessivamente perigoso, e geralmente causa do desassocego da humanidade. O enthusiasmo dos conquistadores sarracenos é, talvez, o facto mais notavel d'esta natureza recordado na historia. Tinha por base seus principios religiosos. O systema que Mahomed estabeleceu era particularmente calculado a excitar este sentimento; e póde ser tido como

chefe d'obra em politica, superior a tudo que até então concebêra homem algum d'estado.

Lisongeando as esperanças e as tendencias de seus partidistas com a idéa d'um paraíso de delicias sensuaes; paraíso accommodado á comprehensão e adequado aos sentimentos naturaes do homem, e promettendo a todos aquelles que abraçassem e sustentassem a sua causa, uma entrada immediata n'este céo de felicidades, inspirou-lhes o mais poderoso estímulo de coragem e dedicação. Ao mesmo tempo que inculcava a doutrina de predestinação absoluta, ou de inevitavel fatalidade, elle destruía aquelle primeiro e mais poderoso motivo de cobardia, persuadindo-os que a pusillanidade não lhes podia prolongar a vida e que a maior precaução contra o perigo não retardava a aproximação da morte. Estes principios serviram de base áquelle fervor que tornou invenciveis os Arabes do deserto, em quanto que o exaustado estado dos já mencionados imperios deixava francos seus dominios á invasão de seus conquistadores. Por espaço de quarenta e dois annos que vão desde a conquista da Hespanha á revolta d'aquelle paiz e que completou a tripla divisão do cályphado, o imperio sarraceno, flôresceu na plenitude de poder d'uma monarchia indivisa. A sêde de conquista socegou, como sempre acontece, principalmente nas nações que devem o seu engrandecimento á conquista e do saque e a ambição cedeu logar ao desejo do goso. Esta mudança é natural; a experiencia mostranos que isto sempre foi, e a razão diz-nos que sempre será. Entre individuos pôdem haver excepções, devido a naturaes tendencias ou excentricidade de character; mas em respeito a commuidades, a grande machina social move-se á vontade das maiorias; e em todas as nações a maioria obra em conformidade com as propensões da natureza humana.

O systema politico do cályphado era o monarchico absoluto. A authoridade dos cályphas era, indubitavelmente, tão despótica como qualquer outra que tenha existido, porque o poder supremo, tanto espirital, como temporal residia na

pessoa do monarca, que era ao mesmo tempo, rei e summo pontifice da religião mahometana, e por consequencia possuia toda aquella authoridade que pôde dár ao homem poder e influencia sobre o seu semelhante. Não vêmos, porem, que os cáliphas exercessem a sua authoridade com injustiça, ou crueldade. Eram os interpretes da lei, mas não a sua fonte. O Aleorão era a lei universal e obrigatoria que deveria dirigir a conducta do soberano e do vassallo. Examinando os principios politicos e religiosos do cáliphado parece que o governo, com quanto despotico era d'uma natureza essencialmente patriarchal. O cálipha não se considerava tão sómente chefe d'uma grande e poderosa nação mas tambem primeiro ministro da religião e pai dos fieis. Se o desvio d'estes principios da parte dos cáliphas, ou o exercicio d'algun acto tyrannico, deu causa á revolta das provincias e ao desmembramento do seu imperio, é objecto do qual a historia nos não fornece informações certas; porque possuímos apenas poucos traços conspicuos da historia do cáliphado, e pouco sabemos das intrigas politicas e circumstancias domesticas d'aquelle imperio. O que sabemos ao certo, é, que depois da revolta do Egypto, os dominios do cáliphado, na Hespanha, seguiram o exemplo, e uma tripla divisão do imperio teve logar no anno de 755, quarenta e dous annos depois das ultimas conquistas saraccuas. Os tres cáliphados distinctos, comtudo, floresceram por espaço de 180 annos : mas pelo meado do decimo seculo, o cáliphado do Oriente, do qual era Bagdad, sobre o Tygre, séde do governo, baqueou e o seu poder temporal foi completamente aniquilado pela revolta de suas provincias promovida por chefes facciosos. Depois d'este periodo não possuiram mais que um titulo vão e a sua jurisdicção não passava dos negocios religiosos ; até que finalmente, expirou seu poder espiritual tambem.

A historia do cáliphado é mui pouco conhecida, nem existem documentos authenticos que lancem um raio de luz sobre este campo, e cumpre aqui notar uma circumstancia digna de recordação que o prova. Quando os portuguezes, sob Vasco

da Gama, dobraram o cabo da Bôa Esperança, e exploraram as costas d'Africa e da India, acharam tanto a costa oriental d'Africa como do Malabar em poder de povos que professavam a religião mahometana, fallando o arabe e dando evidentes provas de serem d'origem arabe; e não tendo os habitos e costumes dos mahometanos do Hindostão, evidentemente formavam uma raça á parte. Descobertas subsequentes tem demonstrado que o estado das differentes ilhas no már indiatico era, como quasi até hoje, identico áquelle da costa do Malabar.

As costas de quasi todas aquellas ilhas eram possuidas por mahometanos, fallando um arabe viciado, e fóra de duvida, de origem arabe: em quanto que o interior era povoado por pagãos de tez diversa, e fallando lingua differente. Se esta emigração teve logar, devido ao genio emprehendedor e aventureiro dos arabes, nos tempos prosperos do cáliphado ou se as costas d'Africa, da India e das ilhas orientaes se colonisaram por emigrados que abandonaram o seu paiz quando o cáliphado cahio em anarchia, e fez-se preza da tyramia de usurpadores e inimigos estrangeiros, é uma questão que documento algum historico nos vem illucidar.

Depois d'esta revista da origem do Islamismo, das rapidas conquistas dos primeiros cáliphas, successores de Mahomed e das suas causas, não será fóra de logar voltarmos a attenção sobre o genio e habitos dos arabes, estado da sua litteratura e sciencia no tempo do cáliphado.

## DECIMA NONA CARTA

Depois do engrandecimento do cáliphado, cessou a sêde de conquista e enfraqueceu o impulso do fervor. Esta transformação trouxe outra não menos importante e interessante. Os arabes até então analfabetos e despresadores dos estudos, começaram a cultivar as sciencias, mórmente a philosophia natural, a chimica etc. illustrando-se com o estudo.

da litteratura. Estes estudos, com tudo, tomaram, ao que parece, um curso differente áquelle seguido pelos gregos e romanos. Nos seus estudos scientificos e litterarios, o seu gosto fôï provavelmente determinado pelos seus principios religiosos, diametralmente em opposição áquelles dos gregos e romanos e todas as mais nações do paganismo da antiguidade. A mythologia pagã era um systema esplendido e variado, calculado a deslumbrar o espirito pelo bello e romantico de seus principios e formas, e proporcionava um vasto campo para o estudo da estatuaria, esculptura, architectura e pintura.

A sua religião prohibia aos Arabes a cultura das artes imitativas; sendo expressamente vedado pelo alcorão fazer uso da representação de qualquer vivente. A natureza dera aos arabes uma imaginação viva e poetica; mas a sua poesia era diversa á poesia dos gregos, e d'outras nações que tinham tomado por modelo o estylo grego. Incompativel com o rigor de seus principios religiosos, não podião aceitar o machinismo mythologico de deuses e heroes, com que os pagãos embellezavam seus poemas, e que os christãos, menos escripturales e menos entusiastas não hesitaram adoptar julgando não haver n'isso perigo, extinto como estava o paganismo; com quanto seja certo que durante os primeiros tres ou quatro seculos, os christãos não serião menos escripturales que os mahometanos a este respeito; e que antes do paganismo estar completamente abolido, christão algum fezia invocudo Apollo, ou as Muzas, ou decorado seus poemas com a intervenção de deuzes e semideuzes. O gosto, as idéas, os habitos dos homens modellam-se conforme as circumstancias. A poesia dos arabes semelhava-se áquella dos hebreus; e em lugar da mythologia pagã, embellezavam seus poemas com allusões aos grandes e sumptuosos objectos da natureza.

Este fôra sempre o gosto dos orientaes, e quem prestar attenção ás brilliantes imagens semeadas na escriptura sagrada, mormente nas Prophecias e nos Psalmos, que outra cousa não são que composições poeticas, confessará que contem mais

naturalidade, mais instrucção e interesse que não nos dos gregos que não offerrecem mais que um scenario ficticio, phantasmagoria de representações illusorias.

O systema politico do cáliplado influio, não pouco, na litteratura dos arabes. A eloquencia oratória dos gregos e romanos, que, entre elles, era o ponto principal d'uma educação litteraria, era inutil, e por consequencia não estava em moda entre um povo que vivia sob o governo despotico d'um monarchia, em cuja pessoa se reunia a authoridade espirital e temporal; que era o supremo interprete da lei, assim como era o supremo juiz. Esta forma de governo explica o abandono do estudo de rethorica entre os sarracenos, que pouca necessidade tinham de fallar em publico. Os seus principaes estudos litterarios eram a historia e a poesia, com alguns commentos sobre o alcorão; mas os seus estudos theologicos eram circumscriptos a um campo estreito, por que o cálipla em virtude do seu officio de summo pontifice e supremo arbitro em negocios espirituaes e temporaes, era juiz de tudo quanto se escrevia em materia religiosa, e a sua sancção ou desapprovação decidia a sorte de cada obra. Em philosophia natural, porem, em medicina, em chimica, os arabes fizeram algumas descobertas uteis. Adiantaram-se igualmente na algebra; e a elles devemos as figuras arithmeticas, ou caracteres hoje em uso, e que incomparavelmente são de maior conveniencia e mais adaptados aos calculos numericos, que, antes da invenção das cifras pelos arabes, se usavam nas operações arithmeticas.

O que podémos obter sobre os habitos sociaes dos arabes, das vagas informações que nos offerree a historia, parece que eram polidos e humanos, ao menos comparativamente com os Europeos d'aquellas epochas; e que no auge da flôrescencia do seu imperio nunca se entregaram aos excessos do luxo, que dominava na maior parte das primeiras e mais poderosas nações.

Em quanto a commercio n'aquellas remotas idades, podemos, em termos geraes, dizer que estava de todo nas mãos

do cáliphado e do imperio bysantino, ambos situados no centro do continente, e senhores de todos os canaes de comunicação entre a parte oriental e occidental do globo. Antes do engrandecimento do cáliphado, o imperio do oriente dispunha do commercio do mundo; e Constantinopla e Alexandria eram os grandes mercados de todo o commercio. Depois que os cáliphas conquistaram o Egypto e a Syria; a comunicação entre Constantinopla e o Oriente estava inteiramente interceptada, fazia-se, por tanto, necessario explorar outro caminho para a India, e uma nova via de comunicação para o Oriente, abriu-se pelo már negro, depois por terra até o már caspio.

Por esta longa e fastidiosa derrota se fazia o transporte para Constantinopla das ricas mercadorias da India. Os arabes, senhores do Egypto disfructavam uma situação magnifica para o commercio do Oriente; e, com o fim d'abrirem a comunicação entre o mar vermelho e o Mediterraneo, canalizaram o Nilo até áquelle mar. Este canal passava pela cidade do Cairo, edificada pelos sarracenos; porem, á maneira d'outros canaes abertos para aquelle effeito por diversos reis do Egypto, cré-se que nunca preencheram perfeitamente o projectado fim. No entanto, o Egypto pela sua posição central entre a parte oriental e occidental do continente, possuindo vantagens superiores a qualquer outro paiz, continuou sob o imperio dos cáliphas a entreter um consideravel commercio. Em quanto que a Europa, não restaurada ainda do abalo que soffrêra com a quêda do imperio romano, e o estabelecimento de tantos reinos e principados sobre as suas ruinas, apresentava em toda a parte um estado de barbarismo e anarchia, o cáliphado, florescente de litteratura e sciencia occupava o primeiro lugar na politica do mundo.

O imperio bysantino, com quanto perseguido pelos cáliphas, repellia vigorosamente as suas aggressões, e não só apresentava uma attitudo respeitavel ao inimigo, mas sustentava as apparencias de poder e grandeza; e durante todo o tempo da duração do imperio sarraceno foi seu unico rival e

seu mais temido inimigo. Constantinopla foi, effectivamente, o baluarte do christianismo contra o poder exorbitante do cáliphado.

Durante a contenda entre os dous poderes, os sarracenos por duas vezes pozeram cerco á capital. Da primeira vez foi bloqueada do lado do Proponto pela esquadra sarracena de 668 a 675 da era christã. O segundo cerco de Constantinopla tornou-se notavel pela descoberta do fogo grego, facto importante na historia militar. Consistia em uma composição bituminosa, que ardia com incrível intensidade debaixo d'agua e só podia ser apagada com urina ou arêa. Foi invenção de Calínio, engenheiro de Hierapolis, no Egypto; e por muito tempo ignorada fóra de Constantinopla, onde a reputavam um thesouro do estado.

Com o andar do tempo foi devulgado o segredo aos sarracenos e outras nações circunvisinhas e os cruzados experimentaram seus effectos destruidores. Das informações d'aquelles que voltavam das guerras da cruzada sabe-se que o modo empregado era expellil-o por meio de grandes tubos de metal á semelhança das descargas d'artilheria moderna.

Esteve em uso entre os gregos e sarracenos até que foi substituido pela polvora; mas parece que o segredo nunca foi divulgado ás nações occidentaes. N'este memoravel cêrco passaram os sarracenos o Hellesponto, e, com um numeroso exercito, atacaram a cidade pelo lado da terra, bloqueando-a ao mesmo tempo com uma formidavel esquadra composta de mil e oito centas embarcações que foram totalmente destruidas e Constantinopla salva pela recente invenção do fogo grego no anno de 716. O inimigo foi obrigado a levantar o cêrco, com enormissimas perdas e depois de concluir uma paz desvantajosa.

A historia da igreja christã não offerece n'estes tempos carregados e tumultuarios, um aspecto agradável. O progresso do mahometanismo foi um acontecimento não menos desfavoravel ao christianismo, que fatal ao poderio e brilho do imperio do oriente; por isso que depois constituíram o imperio

dos cáliphas á excepção da Arabia e da Persia. Para contrabalançar esta perda a orthodoxia tinha triumphado do arianismo e presenciado o seu aniquilamento com a conquista do reino vandalo d'Africa; pouco depois do que, Becaredo, rei dos ksigodos, na Hespanha, com a sua gente abjurou o arianismo, e abraçou a doutrina orthodoxa. Já dissémos que depois do reinado de Theodosio o Grande, a doutrina orthodoxa da Santissima Trindade foi dogma de fé em todo o imperio romano, sendo o arianismo, a crença das mais nações que haviam abraçado o christianismo; mas durante o tempo que vae da queda do imperio do occidente, todas as nações que se haviam construido sobre as suas ruinas tinham adoptado a sua religião, entre os quaes foram os ultimos os visigodos da Hespanha, tendo abjurado o arianismo no anno de 586, conformando-se com as doutrinas da igreja catholica, como aquella estabelecida e definida pelos decretos dos concilios geraes de Nicca e Constantinopla. Desde esta epocha a doutrina orthodoxa da Santissima Trindade, e da divindade de Christo passaram a ser dogma de todo o orbe catholico. Muitos principios secundarios e ordenações, não observadas nos primeiros tempos da igreja foram-se gradualmente introduzindo. Entre estas instituições modernas, a mais notavel, em consequencia da divisão que causou na igreja, foi a introdução das imagens, ponto que em todos os tempos da igreja tinha trazido divididas as opiniões, a propriedade, ou impropriedade do qual e que está subordinado a circumstancias especiaes, tem sido objecto de discussão da maior importancia.

A introdução d'imagens nas igrejas teve origem sem duvida na real ou supposta conveniencia de fazer representar os objectos ausentes por symbolos visiveis, como meio d'instruir aquelles que pela sua ignorancia eram incapazes de os conceber com o simples exercicio das faculdades intellectuaes. Nas idades anteriores á invenção da imprensa, o povo em todos os paizes era extremamente ignorante, e escaços os meios d'adquirir conhecimentos.

Foi, e será sempre um cargo difficil imbuir a instrucção

aonde não ha outras idéas alem d'aquellas suggeridas por objectos familiares. E' reconhecida a difficuldade de fixar idéas abstractas em espiritos incultos. Se, por estas considerações pedemos ajuizar imparcialmente do procedimento d'aquelles primitivos mestres da igreja, cujo officio era guiar o espirito humano nos negocios importantes da religião e explicar os mysterios do christianismo a um povo rude e ignorante, a difficuldade que necessariamente tinham d'arrostar explica a conveniencia da adopção dos symbolos ou representantes visiveis de Christo e dos Santos, como meio facil de lhes recordar os soffrimentos e a santidade d'aquelles gloriosos personagens arrebatados á sua vista. Eis, sem duvida o que originalmente se pertendeu não obstante degenerar em algumas partes em abuzo pela astucia do clero ou fanatismo do povo. Os adversarios d'imagens, comtudo, guerreavam vehementemente a sua presença nos templos com fundamento de que era um retrocesso para a idolatria; mas nos nossos dias a igreja, sem excepção, repelle toda a idéa d'adoração d'quelles representantes visiveis, e só admitte a de simples veneração. Nos templos do Oriente são as imagens substituidas pela pintura. Se na preferencia do colorido para a symbolisação da divindade ha mais sanctidade ou menos criminalidade do que na escolha de materias mais duraveis em bronze ou em marmore é ponto que deixamos ao theologo profundo decidir. A igreja romana admitte uma e outra forma nos seus templos, como meio de chamar mais a attenção das massas menos instruidas; concorrendo tambem para o seu embellezamento interno. Esta igreja tolera a veneração por aquelles symbolos, que todavia degenera ás vezes em uma apparente idolatria reprovada pela parte illustrada dos catholicos.

As contendas sobre este ponto entram aqui tão somente sob um ponto de vista historico, mas convem dizer que ponto algum foi mais debatido, chegando a produzir o primeiro scisma entre as igrejas grega e latina, acabando na sua final separação.

A igreja christã, tinha, desde a extincção da Arianismo, no

sexto seculo, gozado tranquillidade e união.

A disputa sobre a admissão ou não admissão das imagens teve logar no anno de 720, no reinado de Leão, o Isaureano que se distingue na historia como o primeiro dos imparadores iconoclastas ou destruidores d'imagens. Como a contenda não podesse ser resolvida amigavelmente, reunio-se um concilio em Constantinopla em 754 composto de 388 prelados do imperio oriental. Neste concilio todos os symbolos, á excepção d'aquelle da eucharistia, foram condemnados como hereticos e mandados destruir. Este debate, contudo, entre os protogonistas e adversarios das imagens não foi só o primeiro passo para a separação da igreja latina da grega, mas em grande parte a causa immediata da separação da Italia do imperio do Oriente, que se revoltou no decimo anno do reinado de Leão o iconoclasta; dando logar ao estabelecimento d'uma nova republica romana, que, não podendo manter a sua independencia contra os Lombardos, foi socorrida por Pepino, rei de França, cujo filho e successor, Carlos Magno, recebeu do Papa Adriano 4.º o titulo e dignidade d'imperador dos romanos o que deu origem ao novo imperio do Occidente, hoje chamado imperio Germanico, ou em phrase diplomatica, imperio romano.

Os decretos do concilio de Constantinopla, contudo, não sustentaram por muito tempo a sua authoridade.

Irene, donzella Atheniense, cuja formosura e dotes naturaes tinham elevado ao throno imperial, começou, de combinação com seu filho Constantino 6.º, a reinar em Constantinopla no anno de 780.

Esta imperatriz, d'uma ambição tão desmedida que, estranhia ás affecções maternas, a ponto de mandar tirar os olhos a seu filho Constantino para que fosse imperante unica no Oriente, inclinava-se fortemente á restauração das imagens. O segundo concilio de Niceia conhecido pelo setimo concilio de Constantinopla restaurou as imagens em 787. Esta contenda de que já originára o scisma temporariamente aplanou o caminho para a completa separação das duas igrejas do Oriente e

Occidente que jámais se congraçaram cordealmente. A igreja do Oriente havia de facto restaurado as imagens ; mas Constantinopla não restituira á Sé de Roma os estados da Calabria e a diocese Illyriana, de que se haviam apossado os imperadores e patriarchas iconoclastas durante a contenda.

Nas eras carregadas e tenebrosas que sobrevieram á destruição do imperio romano, cousa alguma quasi succedeu na historia da Europa digna d'attenção. Podemos notar que os franceses, nação habitando primitivamente as margens oppostas do Rheno, tinham já no anno 400 começado a invadir a Gallia, estabelecendo-se n'aquella provincia sob a raça Merovingiana de reis. Clovis, primeiro rei christão da França, havendo por meio de conquista annexado o reino gothico de Toulouse á sua monarchia no anno de 508 estabeleceu a capital dos seus dominios em Paris, e por sua morte dividio-os entre seus quatro filhos. Depois d'isto a monarchia franceza foi alternativamente unida e dividida, entre os descendentes de Clovis; mas a feição saliente da historia da França é o exorbitante poder que se arrogaram os ministros chamados mordomos do palacio. Os monarchas cahiram n'uma especie de turpor, abandonaram os negocios publicos, e entregaram a sua direcção inteiramente ao cuidado d'aquelles officiaes. Pepino d'Heristal, assim chamado por derivar o seu nome do seu palacio d'Heristal, sobre as margens do Meuse, tendo-se engrandecido á custa do seu soberano, adquirira uma authoridade illimitada, e só lhe faltava o titulo de rei, em quanto que o monarcha era uma pura nullidade. Carlos Martel, affamado pela assignalada derrota dos Saracenos no anno de 732, succedeu a seu pae no cargo de mordomo mór do palacio, que aquelles ambiciosos ministros haviam conseguido tornar hereditario e morrendo em 741, foi succedido por seu filho Pepino, depois rei de França. Tendo Pepino feito enclausurar seu soberano n'um mosteiro, subio ao throno, succedendo-lhe por sua morte seu filho Carlos Magno, cujo reinado feliz e governo energico constitue uma epocha na historia da Europa.

Tendo subjugado a Lombardia ao norte da Italia, como tambem a melhor parte da Germania e, pela sua conquista da Italia, libertado Roma, foi coroado imperador dos romanos, pelo papa Adriano 4.º no anno de 800; e sendo Carlos Magno rei de França, reinou sobre a Germania e a Italia como imperador dos romanos. D'aqui vemos, a um tempo, a origem tanto do imperio germanico ou romano-como do poder temporal dos papas.

Carlos Magno é um vulto distincto nos annaes da Europa. Viveu nos tempos mais barbaros da ignorancia gotlica, e contava já 40 annos antes que apprendesse a escrever, prova convincente do estado inculto d'aquelles tempos. Mas elle animou a litteratura e deu a mão aos sabios aonde quer que os encontrava. Fundou a universidade de Paris, e muitos outros seminarios de litteratura em differentes pontos dos seus extensos dominios, e fez quanto a seu alcance estava para a restauração das letras; porem a nuvem que obscurecia então o intellecto humano era demasiadamente densa para ser dissipada e alguns homens de genio e erudição que, pelos seus conhecimentos litterarios se distinguiram n'aquella epocha, não foram mais que metéoros passageiros, brilhando por um momento no meio das trevas e desaparecendo. Carlos Magno, fez quanto um principe podia fazer, n'uma epocha de barbarismo; mas as circumstancias geraes da Europa contrabalançaram seus esforços. O reinado, portanto d'este principe não passou d'um clarão transitorio; depois do que, as trevas que obscurecião a atmospheria litteraria serraram-se de novo.

O estado do mundo durante o espaço de quatro seculos, tinha sido deploravel. A Europa n'um estado d'anarchia e barbarismo; e o imperio do oriente apenas apresentando signaes de civilisação, por algum tempo florecente, mas depois cercado na metade de seus dominios pela conquista dos cáliphas mahometanos. Os quatro seculos que decorrem da morte de Theodozio o grande ao reinado de Carlos Magno, pode certamente ser tido como o periodo mais calamitoso na historia da humanidade, pela effusão de sangue como não consta em ou-

tros tempos antigos e modernos. No reinado de Carlos Magno o mundo tomára um aspecto mais socegado do que até então. Todo o mundo conhecido, a esse tempo, dividia-se em tres grandes potentados; o imperio do Oriente ou Constantinopla; o caliphado, que, com quanto então fraccionado, pode pela homogeniedade de habitos, religião e origem, reputar se uma nação; e o imperio do occidente de Carlos Magno. De todos estes tres imperios o caliphado sobresaia em conhecimentos litterarios; e Constantinopla, com quanto decaida a esse respeito, desde os tempos de Nazianzeno e San Chrisostomo ainda conservavam o segundo logar na hierarchia litteraria defferindo pouco de seus vizinhos arabes. A Europa fazia progressos no mesmo sentido mas a que uma conjunção de circumstancias desfavoraveis fez abortar. As condições politicas e sociaes da Europa erão taes a esse tempo que todas as tentativas para a restauração da litteratura eram mallogradas.

No primeiro seculo depois da morte de Carlos Magno, a Europa começou a cair no mesmo estado d'anarchia politica. Aquelle principe, seguindo os exemplos perniciosos de Constantino e Theodosio, em dividir o imperio romano, partilhou o imperio entre seus filhos. Em pouco menos d'um seculo a familia de Carlos Magno desapareceu e os nobres, cujo poder tinha sido muito sopeado pelas mãos vigorosas d'aquelle imperador, tornaram-se independentes nos reinados de seus successores mais fracos e começaram a opprimir tyrannicamente o povo.

Qualquer que fosse d'antes a condição das massas, tornou-se agora insupportavel. O systema feudal foi primeiro completamente estabelecido na França e na Germania sob os impotentes successores de Carlos Magno, a nobreza d'aquelles paizes assumiram um poder pouco inferior ao do soberano, nos seus respectivos districtos, reduzindo o rei ao goso do titulo, mas sendo elles que de facto exercião a authoridade real. Somos levados a crer que o systema feudal existia já desde tempos immemoriaes, mais ou menos, entre quasi todas as nações do norte; mas como este, á maneira de todos os

outros systemas politicos é susceptivel de modificações, não sabemos em que escala existia, quaes os regulamentos a que estava subordinado, e a que mudanças esteve sujeito entre um povo inculto, durante tantos seculos. Não temos a minima noção da sua historia até ao tempo das invasões que fizeram no territorio romano; cumprindo notar que os seus costumes e instituições passaram por consideraveis ainda que graduaes modificações pela adopção dos costumes romanos, religião romana etc. conservando com tudo os caracteristicos mais proeminentes dos costumes gothicos. Depois da extincção da raça de Carlos Magno o systema feudal attingio o auge da sua grandeza. A usurpação de Hugo Capeto enraizou o seu poder na França, mediante a confirmação de privilegios feita por aquelle principe aos nobres. Na Germania e na Italia dava-se o mesmo: os nobres aproveitando-se da fraqueza dos imperadores e das continuadas desavenças entre elles e os papas, tornaram-se senhores independentes, reconhecendo tão somente um feudo nominal ao imperante, como chefe commum a quem obedecião ou não conforme seus caprichos ou interesses. Muitos prelados do imperio seguião o mesmo principio e fazião-se soberanos nas suas respectivas diocezes; e algumas cidades e villas com essês exemplos constituiram-se em republicas independentes. D'estas contendas, e d'este estadofluctuante da anthoridade soberana nasceram os pequenos principados da Italia. D'aqui tambem a constituição germanica, que consistiô em um numero d'estados ecclesiasticos e temporaes, e de soberanias, individualmente independentes, mas unidos em uma confederação politica sob um só chefe. Tal, como algumas ligeiras differenças, era o estado da França até o reinado de Luiz onze, que foi o primeiro a cercear o exorbitante poder da nobreza; e cujas medidas foram seguidas, até aniquilar a sua perigosa independencia, na energica, posto que sanguinaria administração do cardeal de Richelieu no meado do seculo 17. Na Polonia existia o mesmo systema até os nossos dias na sua plenitude e com todos os seus horrores, até que uma parte con-

sideravel d'esse desgraçado povo foi libertado d'esse jugo oppressor, por aquillo a que se deu absurdamente o nome de extincção da liberdade da Polonia, pelos tres poderes que a partilharam entre si. Nada mais absurdo que chamar aquella partilha a perda de liberdade, porque é fora de duvida que aquellas partes da Polonia que pertenceram á Austria, á Russia e á Prussia gosam uma liberdade sob aquelles governos que nunca havião gozado nos tempos do seu governo feudal.

Estudando o estado da Europa nas idades medias, não se pode imaginar um quadro mais revoltante.

Reis, cujo poder era apenas nominal e cuja posição era precaria e incerta. Nobres em guerra contínua uns com os outros, ou em revolta contra seu soberano. O povo opprimido, tratado como animaes e á mercê dos grandes. O paiz abundava de castellos, viveiros de revoltas, receptaculos de ladrões e pilhagens, e focos de motins e debauché. Esses que teem profundado os annaes da idade media que digão se ha aqui exaggeração; ou se é possível sobrecarregar o quadro d'aquelles tempos de desordem e infelicidade. Parece-nos que o systema feudal na Inglaterra não chegou nunca áquelle estado d'independencia da coroa como aconteceu em outros paizes mas em quanto a oppressão do povo não lhe ficava atraz; e a historia diz-nos que no começo do reinado de Henrique 2.<sup>o</sup>, existia para cima de mil castellos fortificados n'este paiz. Comparêmos, por um momento o estado moderno da Europa com aquelle da idade media. E' ingavel que nos ultimos tempos as guerras hão sido frequentes. Paz perpetua é, talvez, incompativel com a imperfeita natureza da humanidade; mas as calamidades da guerra não menos são deploraveis. No systema moderno da Europa, a sorte das armas restringe-se a poucos potentados; e as operações da guerra são conduzidas por uma classe que se dedica exclusivamente ao estudo da arte militar. Aquellas localidades apenas que são theatro da guerra soffrem as calamidades inherentes, e estas mesmas são consideravelmente modificadas pela humanidade que distingue as raças d'hoje comparativamente com as atro-

idades da antinguidade. A tranquillidade das outras partes do paiz continua sem perturbação e as outras classes da sociedade que não fazem da guerra profissão, gozam no meio d'ella a segurança e doçuras da paz.

Para a generalidade da nação, os effeitos da guerra fazem-se sentir pelo augmento de contribuições ou pela diminuição do commercio. Nos seculos onze e doze, depois que se dividio o imperio de Carlos Magno em muitos estados independentes e adversos, assumindo os mais poderosos chefes a realeza, a sua revolta foi seguida pela debellação da anarchia. O senhor de cada castello arrogava-se os foros de soberano, e desdenhando da auctoridade das leis, appellava para a sorte das armas. Todo o paisano era soldado, e cada aldea uma fortaleza; cada campo era banhado de sangue, e cada valle e cada bosque eram theatros de assassinatos e rapina. Tal era o estado deploravel da sociedade, n'esta quarta parte do globo na idade media

Apreciem pois as gerações presentes a tranquillidade e segurança que hoje disfructam, desconhecidas não só nos tempos do feudalismo mas mesmo nos apregoados governos republicanos da Grecia e Roma.

Em quanto o estado politico e social da Europa era como aqui se descreve, o estado do caliphado não offerencia um quadro mais animador. No decimo seculo o imperio sarraceno retalhado á maneira d'aquelle de Carlos Magno pela revolta de chefes facciosos, em um numero de estados independentes teve finalmente uma sorte semelhante á de Roma antiga; por que o imperio dos turcos, e d'outras nações barbaras da Azia do norte q' derrubando o seu poder, adoptaram a sua religião do mesmo modo que Roma quando foi preza das nações septentrionaes da Europa, que, desfazendo o machinismo politico, conservaram e abraçaram a sua religião.

Com a quéda do caliphado morreu a litteratura arabe do mesmo modo que havião decahido as artes e letras de Roma com a invasão dos barbaros do norte, em monoscabo de tudo quanto tendia a illustrar o espirito. O imperio do Oriente era

então a séle d'esse resto de litteratura ficára; e Constantino-  
pla ficou sendo o centro da sciencia, e commercio, das artes  
e civilisação até ao tempo em que cahio sob o dominio Otto-  
mano.

## VIGESIMA CARTA

O estado politico e social da Europa conservou-se sem  
alteração por muitos seculos, depois da fundação dos prin-  
cipaes reinos em que finalmente se dividio, nada offerecen-  
do de notavel alem d'aquelles acontecimentos politicos  
communs a todas as nações em meia civilisação, e sob um  
regimen de governo sem estabilidade.

Uma novidade porem, com visos do romantico, começou a  
mar as attenções pelo anno 1096. N'aquelles tempos o costume  
de romarias ao Santo Sepulchro em Jerusalem tornou-se tão  
geral que, côrea de trinta annos anteriores, o arcebispo de  
Metz, com os bispos d'Utrecht, de Bamberg e de Ratis-  
bona, e alguns sete mil companheiros, tinham ido em ro-  
maria a Jerusalem render homenagem ao Redemptor. Sob o  
eulto imperio dos cáliphas, aquellas romarias eram favoreci-  
das, e tanto individuo como propriedade encontravam pro-  
tecção da parte do governo. Aquelles principes mahometa-  
nos, obedecendo aos principios de boa politica, conheciam  
as vantagens que vinham aos seus dominios d'esta concor-  
rencia annual d'estrangeiros, muitos dos quaes eram pessoas  
distinctas. Porém os barbaros que haviam derrubado o cálipha-  
do, não só vexavam os peregrinos com impostos pesadissi-  
mos, mas juntavam a isto o insulto. Um Pedro, eremita,  
que tinha visitado o Santo Sepulchro, homem fogôso e de  
zelo ardente, indignado com as extorsões e vexames a que  
os peregrinos estavam expostos, prégo no seu regresso a  
cruzada para recuperar da mão dos infieis a Terra Santa.

Este agitador teve a felicidade de merecer ao papa a ap-  
provação do seu projecto: e como estivesse no gosto da epe-

cha, os príncipes e nobres da Europa promptamente abraçaram a idéa.

O mais romantico espectáculo de zelo religioso, e ardor militar, manifestou-se em toda a Europa subsistindo, com alguns pequenos intervallos, por espaço de quasi duzentos annos, desde a expedição da cruzada em 1095, até á perda d'Acra e de toda a Palestina em 1291. A historia da cruzada é digna de lêr-se, por isso que apresenta-nos a exaltação das paixões humanas no maximo ponto pela religião e ardor militar d'aquelles tempos; e descreve-nos nas mais vivas côres, as terriveis calamidades que um mal entendido zelo pôde trazer á humanidade.

Os annaes do mundo talvez não offerecem casos d'ardôr religioso tão frenetico e de tão lamentaveis effeitos como aquellas contendidas entre a cruz e o alcorão; mórmente os cêrcos de Antiochia, de Jerusalem e d'Acra. Nunca as chammas do zelo arderam com mais exterminadôra furia, nem se desenvolveu nunca maior heroismo e valor, levado ao desespero de parte a parte. Os historiadores divergem sobre a mortandade, como sempre acontece; mas o que é incontestavel é que aquellas memoraveis guerras podem citar-se como padrões de sanguinolenta ferocidade e horror. Legiões sem conta armavam-se na Inglaterra, na França, na Alemanha, nos Paizes-baixos, na Italia etc., e animados por um fanatismo religioso pozeram-se a caminho para exterminar as populações da Syria e da Palestina. A princeza Anna Commena, filha do imperador Aleixo Commeno, descrevendo aquelles exercitos do Occidente, alguns dos quaes ella vira na sua passagem por Constantinopla, diz-nos que parecia que a Europa se deslocava para cair sobre a Azia. E com tudo aquelles inauditos esforços não produziram os effeitos esperados, não deixando todavia de ser um facto notavel e que n'aquelles tempos era olhado como de bom agouro, o da entrada de Godefroi, conde de Bologna, em Jerusalem, em sexta feira santa, ás tres horas da tarde, dia e hora da paixão de Christo, depois de um desesperadissimo assalto, atravessando rios

de sangue de setenta mil mahometanos. Este memoravel acontecimento teve logar em 1099, e Godefroi, como bem merecera por seu heroico valor, foi em plena reuniao dos chefes guerreiros proclamado rei da Cidade Santa e seus districtos circunvisinhos. A curta duracao d'este reino christao de Jerusalem em razao da sua conquista por Saladino em 1187 ministra-nos uma prova evidente de que ao todo Poderoso, Deus de paz e misericordia, não lhe são agradaveis estes holocaustos de sangue humano.

Um dos mais extraordinarios acontecimentos occorridos no decurso d'aquellas guerras, religiosas no nome, mas na realidade, romanticas, foi a tomada da cidade de Constantinopla pelos latinos, que fez cair o imperio do Oriente nas mãos de um bando de aventureiros italianos, francezes e flamengos.

O imperador, Isaac Angelo, tendo sido desthronado, e privado da vista por seu deshumano irmão, seu filho Aleixo, adollescente, ainda escapou-se para a Italia, e encontrou um grupo de barões francezes e flamengos, que andavam n'uma d'estas empresas das crusadas, e que tinham vindo a Veneza, áquelle tempo a primeira potencia maritima da Europa, aonde haviam contractado com a republica os navios necessarios para poderem levar a effeito seus planos. O joven Aleixo entrou em negociações com os francezes e venezianos, e assignaram um tractado, pelo qual se comprometteram a collocar de novo seu pae no throno imperial do Oriente; compromettendo-se elle pela sua parte a unir as igrejas latina e grega. Os francezes e os venezianos, dando outro rumo á sua esquadrilla, cujo destino primitivo fôra contra as costas da Syria e do Egypto, navegaram pelo Hellesponto acima até Constantinopla, romperam a cadêa do porto, e atacaram a cidade por mar e por terra. Os assaltantes quando estavam já a entrar na cidade, o usurpador Aleixo evadio-se. Isaac Angelo, e seu filho, o joven Aleixo, foram acclamados imperadores; pelo que cessaram as hostilidades; mas tão depressa foi sabido do clero, e principalmente dos monges, as

condições estabelecidas pelos aliados e aceitas por Aleixo, a idéa d'união com a sé de Roma foi reprovada, e o povo excitado a pegar em armas. Esta insurreição geral foi também atizada por Aleixo Mourzouste, da família dos Ducas, que assumiu o sceptro, prendeu o imperador Isaac, e fez perecer o joven Aleixo.

Interrompida d'este modo a legitima successão do império grego, os francezes e os venezianos recomeçaram a guerra. Depois d'um cerco de mais de tres mezes, atacaram a cidade pelo lado do porto; e, não obstante a superioridade numerica, levaram-na d'assalto no anno 1204, cerea d'oitto centos e oitenta annos depois da sua fundação. Tendo sido a cidade entregue ao saque pelos latinos, avaliou-se o roubo em 400,000 marcos, quasi equivalente a 800,000 libras sterlinas, somma enorme, excedente ao quadruplo da receita publica annual de qualquer estado da Europa n'aquelles tempos. Esta massa enorme de riquezas foi a maior encontrada até então em cidade alguma conquistada; e, como bem diz Villehardouin, cavalleiro da Champagne na sua descripção d'aquelles feitos—«Aquelles indigentes conquistadores acharam-se repentinamente opulentos cidadãos.» Balderico tambem, na sua epistola ao papa Innocencio 3.º diz que nunca preza alguma fôra feita de tão grande valor. A pilhagem particular suppõe-se exceder mesmo ao saque official, apesar das penas d'excommunhão e de morte mesmo decretadas contra aquelles que a praticassem. Na distribuição publica, a cada soldado d'infanteria era dado um quinhão, dois a um de cavallaria, quatro a cada cavalleiro e aos barões e principes, em relação ás suas cathogorias. A Bonifacio, marquez de Monserrate, coube em quinhão o reino de Macedonia, na divisão territorial. Henrique Doudolo, Doge de Veneza, que commandava os venezianos, não obstante ter perto de noventa annos e ser quasi cego foi um dos primeiros a escalar as muralhas no assalto geral. Os venezianos ficaram com a maior parte das costas maritimas, conjunctamente com tres outavas partes da cidade de

Constantinopla. Balderico, conde de Flandres, foi eleito imperador com um quarto do imperio na partilha. O resto dividio-se em feudos pelos cavalleiros, (knights) e barões conforme o systema feudal que então existia nos paizes occidentaes da Europa, sob o senhorio do imperador.

Villehardouin suppõe que Constantinopla possuia n'aquelle tempo 400,000 homens em armas, mas por todos os dados que temos semelhante numero é grandemente exagerado. Mr. le Beau (*Histoire du bas Empire*) suppõe que esta capital continha ao tempo que foi tomada pelos latinos um milhão d'habitantes e ao presente quatro centos mil, calculo este o mais rasoavel.

Depois d'este desastre, os gregos fundaram estados independentes em Nice, na Trebisonda e no Epiro. Os latinos não foram bem succedidos nos negocios da sua nova aquisição. As dissensões que predominavam entre os barões expunham seus dominios aos ataques dos gregos, que continuamente ganhavam terreno. Os bulgaros revoltaram-se, e o imperador Balderico de Flandres, sendo batido e feito prisioneiro por elles, morreu no captivo, succedendo-lhe seu irmão Henrique em 1206. Bonifacio, Marquez de Monserrate, foi no mesmo anno morto pelos Bulgaros. Henrique de Flandres é apresentado como um principe sabio e valente, apto tanto para governar em tempo de paz como de guerra. Era egualmente dotado de sentimentos liberaes, tolerante em principios, e reprimio a perseguição que o delegado do papa fazia aos gregos sysmaticos. Depois da sua morte, em 1216, o imperio latino de Constantinopla declinou gradualmente; e tão excessivas eram as exigencias do estado, que Balderico 2.<sup>o</sup>, derradeiro imperador da dynastia latina, empenhou a corôa d'espinhos, que se diz ser aquella que pozeram sobre a fronte de Christo, aos venezianos, de quem a remio San-Luiz, Rei de França, que tambem comprou a Balderico uns fragmentos da cruz, a lança com que feriram o Senhor, a vara de Moizes, e outras reliquias em grande veneração n'aquelles tempos, e que depositou na santa capella de Paris em 1225. Os gregos da

Azia, ganhando constantemente terreno, Miguel Paleologo, tendo usurpado o imperio grego de Nicea, seu general Alexo Strategopulo, com uma força pouco consideravel surprehendeu e reconquistou Constantinopla em 1261, e d'este modo, no fim de 57 annos aquella metropoli voltou ao dominio dos gregos, mas uma parte consideravel da cidade tinha sido destruida por tres grandes incendios, que tiveram logar por occasião do cêrcio feito pelos latinos, e nunca mais Constantinopla recuperou seu antigo esplendor, nem o imperio oriental sua primitiva grandeza e poder.

A historia das cruzadas, com quanto apresente um espectáculo lastimoso de fanatismo e mortandade, descobre tambem um adiantamento consideravel nas sciencias. Em consequencia d'aquellas guerras destruidoras, causa da morte de tantos Europeus na Palestina, os habitantes dos paizes ao occidente adquiriram noções a respeito da parte oriental que não tinham, especialmente do imperio Grego, ou Constantinopolitano. Os conhecimentos geographicos dos europeus melhoraram, a sua esphera politica alargou-se, e introduziram-se os rudimentos de varias artes e sciencias desconhecidas no occidente. Um dos effeitos mais importantes das cruzadas foi o cerceamento do poder e numero dos nobres facciosos, que muito concorreu para a abolição do feudalismo. Muitos nobres a fim de arranjarem dinheiro para aquellas expedições religiosas dispozeram dos seus estados; e muitos pequenos principes venderam seus principados ao soberano, como por exemplo Roberto, duque da Normandia, que fez venda do seu ducado a seu irmão Guilherme, vindo assim a ser annexado á corôa d'Inglaterra. Estas vendas lançaram muitos dos principaes chefes na dependencia do throno. Muitos, tambem dos nobres facciosos foram aniquilados n'estas empresas romanescas e morrendo alguns d'elles sem successão, devolve-ram seus feudos á corôa. As cruzadas, em fim, contribuíram muito para enfraquecer e derrubar o systema, feudal e pouco depois de cessar o fanatismo pelas cruzadas, começou a Europa a apresentar um aspecto mais agradavel. O poder

dos soberanos adquirio mais estabilidade e promulgaram-se leis mais benignas e favoraveis ao povo. Os principes da Europa, conhecendo seus proprios interesses adoptavam invariavelmente os meios de diminuir o poderoso poder dos nobres, elevando a burguezia até certo ponto na escala politica. De todas as medidas tomadas pelos principes europeus, para o complemento d'este grande proposito, nenhum mais efficaz que a dadiva da constituição e privilegios a cidades e villas, cujos habitantes ficaram libertos do dominio feudal, e que, a pouco e pouco deu logar á emancipação a toda a massa da população. A abolição, porem, do feudalismo, foi obra do tempo, e não se realisou de todo senão no fim d'alguns seculos. O seu progresso foi lento, e não obstante os esforços de muitos principes da Europa nada se conseguiria sem o melhoramento da civilisação, e o augmento das transacções commerciaes. Os privilegios das cidades livres proporcionaram ás suas populações os meios de alargar o seu commercio, e a explorar differentes canaes para a sua ramificação; e assim augmentou a riqueza publica e a importancia das classes plebeias. Os rendeiros em vez de pagar as rendas em especie começaram a pagar a dinheiro, e os senhorios não tardaram a achar esta forma de pagamento mais commodo, e habilitou os nobres a viverem com mais commodidades e elegancia; ao passo que o povo estava mais independente dos barões e mais sujeito á corôa. De facto, a abolição do feudalismo foi um bem para todas as classes sem excepção dos proprios senhores feudaes, mas não foi simultaneamente em todos os paizes. Na Hungria ainda continuou a subsistir em 1785, com quanto a illustrada Maria Theresza o tivésse subordinado a leis humanitarias em 1764: a abolição total só se effectuou na Hungria, sob o reinado de José 2.<sup>o</sup>, e na Bohemia em 1781. Ainda existe mais modificado na Polonia e na Russia, com quanto a immortal Catherina 2.<sup>a</sup>, cuja memoria será sempre venerada, pelas suas leis e regulamentos, esforços continuados pelo melhoramento do imperio a seu cargo, e felicidade de seus subditos fez

quanto poude em tão curto espaço de tempo, para a liberdade dos povos. O commercio internacional e a civilisação produziram a pouco e pouco seus effeitos reciprocos, mas em quanto os povos não estiverem civilisados não estão nas circumstancias de gosar a liberdade; e até mesmo seria perigoso dár-lha. A natureza humana é sempre propensa ao abuso, e não se julgue que por isso que temos dito do systema feudal que a humanidade fôsse mais depravada antigamente do que hoje, nem que os senhores feudaes se comprazessem em tyranisar os povos. A mutabilidade das circumstancias é que produz a mudança d'habitros, d'idéas, e costumes da sociedade. Muitos dos antigos nobres da Europa eram homens de grandes virtudes, como o são hoje em dia. Muitos dos barões da Inglaterra, de quem descende a nobreza d'este paiz, ennobreciam a sua patria e a humanidade, não menos distinctos por sua bravura que por suas virtudes. Da sua piedade e zelo pelo bem publico existem innumera-veis monumentos. As desordens d'aquelles tempos provinham da instabilidade social, e as circumstancias especiaes que então predominavam. O systema feudal estava, talvez, tão apropriado á ordem de cousas d'então, como outro qualquer tempo em rasão da necessidade d'um jugo de ferro, para conter as naturaes tendencias barbaras d'um povo ignorante, e era consequencia necessaria da escacez de numerario, e a impossibilidade em que se estava de pagar as rendas senão com o producto das terras. Tão depressa começou o commercio a florir, e a crescer a prosperidade publica, esta necessidade cessou d'existir, e o regimen a que déra causa depressa desapareceu.

Desde o reinado de Carlos Magno, a historia, tanto ecclesiastica como politica da Europa está subordinada ao espirito proprio do seu tempo; e até á reforma nada apresenta de notavel, a não ser o progresso gradual da egreja; que, á semelhança do systema feudal, póde ser olhada como consequencia necessaria das circumstancias da epocha, e do estado da civilisação dos povos. Deve notar-se que das differentes na-

ções do norte que vieram estabelecer-se sobre as ruínas de império romano, algumas eram pagãs e aquellas que haviam previamente abraçado a religião christã, tinham apenas obscuras noções das suas doutrinas. Alem de que eram baldos de litteratura, e sem as qualidades precisas para tempos de paz e administração regular: o clero era a unica classe apta para presidir aos tribunaes, ou para tomar assento nos conselhos d'estado, de modo que póde-se bem afirmar que a Europa houve a sua religião, conhecimentos e leis do clero romano.

Estas circunstancias deram a esta classe uma extraordinaria influencia, e que ella soube aproveitar. A elevação de Carlos Magno á dignidade imperial deu um accrescimo de poder á Igreja. Como aquelle principe recebeu o diadema por influencia do bispo de Roma, entendeu que lhe cumpria engrandecer a influencia e poder da Santa Sé. Nos tempos de discordia e anarchia que seguiram o desmembramento do imperio de Carlos Magno, prelados e fidalgos, não perderam occasião alguma de se engrandecerem.

As contendas pelo poder entre os ecclesiasticos, semelhantes a todas d'igual natureza entre o resto da humanidade, deram lugar a muitos interesses oppostos, que produziram scismas perigosos na igreja. A contenda a respeito d'imagens deixára uma animosidade entre as igrejas do oriente e do occidente, que nunca devêra subsistir entre christãos. Photio, arcebispo de Constantinopla, homem de extraordinaria habilidade e applicação, distincto por seus volumosos escriptos, cheios d'erudição, era inimigo declarado da Sé Romana e resolveu romper de todo com a Igreja latina. Occupou a cadeira archiepiscopal de Constantinopla por espaço de 29 annos desde 857 até 886; e em todo esse tempo levaram, elle e o papa a fulminar um contra o outro excommunhões e anathemas. Depois da morte de Phocio estabeleceu-se uma especie de armisticio entre as igrejas grega e latina; mas em 1054 os delegados do papa excommungaram o patriarcha, e toda a igreja de Constantinopla. Aquelles mutuos anathe-

mas eram certamente em desharmonia com o espirito genuino do christianismo, e com o amor prégado por Jesus Christo, que veiu ao mundo abençoar e não amaldiçoar a humanidade. No ultimo quartel do seculo treze, o imperador, Miguel Paleologo, a fim d'evitar a cruzada que os latinos meditavam contra Constantinopla, entrou em negociações com o papa, e ultimou uma concordata entre a igreja grega e a latina; mas por sua morte, em 1282, esta união dissolveu-se.

O imperador, Manoel Paleologo, vendo o imperio acercado por todos os lados pelos Turcos, visitou Londres e Paris em 1400, no reinado de Henrique 4.º de Inglaterra e de Carlos 6.º da França, a demandar apoio, mas as circumstancias d'aquelles paizes não lhes permittiam enviar forças para a manutenção do imperio do Oriente. Este principe diligenciou igualmente estreitar relações com a Santa Sé, mas sem resultado permanente. Porem, João Paleologo, seu filho e successor, concluiu um tratado de paz em Florença, com o papa Eugenio 4.º, mas as corporações em peso dos monges e clerigos de Constantinopla o reprovaram formalmente. Por espaço de quasi seis seculos desde o tempo do patriarcha Phocio, até á extincção do imperio grego uma inimisade inveterada existiu da parte do clero e povo de Constantinopla contra a igreja latina. Quando tinha logar uma reconciliação temporaria, era sempre ficticia e promovida pela cõrte imperial com as vistas de obter auxilio das nações occidentaes, quando ameaçado de perigo. João Paleologo havia, anterior á sua morte, renunciado á união que fizéra com a Sé de Roma, vendo a indisposição do povo. Comtudo, seu filho e successor, Constantino, renovou-a quando temeu um cerco projectado pelos turcos. Um cardeal delegado, de Roma, foi admittido em Constantinopla, mas quando elle celebrou missa na cathedral de Santa Sophia, o clero reputou o templo profanado, e deixou de o frequentar; e Pranza confessa que o proprio imperador, com os poucos que assignaram o tratado com a Santa Sé, não estavam de bõa fé, e que os

monges, e toda a cidade de Constantinopla, deram as maiores demonstrações de fanatismo e indisposição contra a igreja latina.

O scisma e irreconciliavel indisposição entre as duas igrejas attribuem diversos escriptores a differentes causas; querem alguns que fôsse a causa necessaria da divisão do imperio e diversidade de lingua. Não se pôde, porem, presumir que a differença de lingua contribuisse só por si para uma differença de religião.

Os differentes idiomas das nações europeas, que seguiam a igreja latina não influíam sobre os seus principios religiosos. Permaneceram longo tempo unidas á Sé de Roma e não foi esta circumstancia que deu logar á reforma: á divisão do imperio mais facilmente. A divisão da Europa em tantos reinados e estados não produziu, porem, esses effeitos; todos unanimemente submeteram-se aos dictames da igreja mãi, sujeição coéva á authoridade do pontifice romano e por consequencia natural e voluntaria.

A igreja grega, pelo contrario, considerou a supremacia dos bispos de Roma uma usurpação, á qual nunca de bôa mente se ponde submeter. Desde a fundação do christianismo a séde do imperio passou de Roma, e Constantinopla ficou sendo capital. Não era, por tanto, nada provavel que os patriarchas da metropoli se quizessem curvar á authoridade do bispo de Roma, cidade que estivéra longo tempo em poder d'aquelles que o povo de Constantinopla denominava barbaros, e sob este ponto de vista, teve para si, que se a igreja precisava d'um chefe visível, o patriarcha de Constantinopla tinha mais direito a esse titulo do que não o bispo de Roma; e por consequente não admira que os arcebispos e o clero de Constantinopla preferissem renunciar toda a communicação com a igreja latina, a submeterem-se á suprema authoridade da Sé romana. Esta é que parece ser a causa real do scisma entre as duas igrejas, servindo a divergencia de certas doutrinas secundarias, instituições de disciplina e questões theologicas muito apenas de pretexto para assoprar a cham-

na da discordia e alargar a brecha.

No seio da igreja latina as discordias ecclesiasticas tinham quasi produzido os mesmos effectos. Durante o longo periodo de quarenta annos desde 1378 até 1418, contava-se dous pontifices, um em Roma e outro em Avignon: A França, Saboia, Scellia, Aragão, Castella, Navarra e a Escocia adheriram á Sé de Avignon; a Italia, Alemanha, Portugal e os paizes baixos, e os reinos do norte, encostaram-se á Sé de Roma. Este scisma perigoso acabou com a deposição dos dous ante papas, e com a eleição de Martinho 5.<sup>o</sup> ao pontificado reunido no concilio de Constança em 1418.

O extraordinario engrandecimento da igreja foi a consequencia necessaria das circumstancias especiaes da idade media. N'estes tempos esclarecidos nada peor nem mais repulsivo do que esta usurpação espiritual á primeira vista; mas considerando as cousas desapaixonadamente, e o estado da humanidade nas epochas de que tratamos veremos que não só estava em harmonia com as circumstancias d'então, como mesmo mais aleyuado ao estado da Europa. Para o bem geral da sociedade é necessario que o poder esteja depositado nas mãos d'um de seus membros; e se considerarmos quam poucos, n'aquellas idades obscuras, possuam os conhecimentos precisos para bem dirigir os negocios do estado, devemos confessar que o clero era a unica classe nas circumstancias para tão importante encargo. D'aqui a sua extraordinaria influencia e não é da natureza humana renunciar uma authoridade que lhe veio naturalmente ter ás mãos. Attendendo ao estado barbaro e inculto dos povos d'aquelle tempo, concorreu sem duvida para a tranquillidade publica o facto de estar o poder investido nas mãos d'homens que pela sua especial posição eram os unicos a impor respeito ao povo; foi talvez necessario á propria existencia do christianismo durante tantos seculos de ignorancia e barbaridade. Os actos da Divina Providencia são imprescriptiveis, e muito alem da nossa comprehensão; e quaesquer incidentes que, aos menos illustrados pareçam contradictorios na direcção moral e physica do globo, não se

pode negar que no todo reina uma harmonia perfeita.

Depois que cessou o zelo pelas cruzadas, a Europa começou a tomar uma face mais tranquilla. A litteratura fez progressos lentos mas regulares e nas sciencias nota-se melhoramentos. Alguns homens d'extrordinario genio e erudição appareceram em diferentes periodos e brilharam deslumbrantemente no meio das trevas universaes. Entre estes o illustre frade Rogerio Bacon fez honra á nação ingleza, e á universidade de Paris aonde completou os seus estudos. Pedro Lambert, Abelard, e outros de grande merecimento, foram successivamente ornamentos d'aquella universidade que n'aquelles tempos fôra, segundo parece, o primeiro seminario e centro da litteratura europea. Tarde, porem, produziram os esforços d'aquelles sabios qualquer mudança sensivel no aspecto litterario da Europa. As densas trevas não se dissiparam facilmente.

Em todo este tenebroso periodo, e, depois da extincção do caliphado, Constantinopla com quanto em continuada declinação era o ponto onde se concentrava a sabedoria e sciencia do mundo. O decimo seculo que foi um dos mais obscuros periodos da ignorancia gothica nos paizes do occidente, constituiu a mais florescente era da litteratura bysantina, sob os reinados de Leão o philosopho e de seu filho Constantino Porphyrogenito. O primeiro compilou um tratado bem elaborado de tactica, e o ultimo uma longa e minuciosa descripção do imperio em relação ao seu estado geographico e politico, o ceremonial da corte e outros muitos particulares. Neste *administratio imperii* de Constantino Porphyrogenito, encontramos a primeira noção a respeito dos russos. O imperio russo alargava-se desde o mar negro ao Baltico; Kiow no Uktraine, e Novagorod no norte, eram as capitães do imperio e os dous centros de seu commercio, Era então poderoso e florescente, mas depois cahio em poder dos tartaros, ficando então eclipsado. Devemos aqui notar que os russos abraçaram o christianismo pelo anno 988, reinando o Gran-duque Wladimir: e como lhes viesse a religião de Constantinopla e não de Roma como acontecera ás nações occidentaes da Europa, nun-

ea se submeteram á authoridade do Papa nem fizeram causa commum com a igreja latina. No reinado do Gran-duque Wladimir, um bando de aventureiros russos alistou-se no serviço do imperador grego e foi empregado sob a denominação de Varangianos, e não é menos notavel que outro bando d'aventureiros inglezes, fugidos ao tempo da conquista entrasse no serviço do imperio bysantino. O tempo que estes corpos militares se conservaram no imperio grego é desconhecido, mas é sabido que ambos fizeram um papel conspicuo na famosa batalla de Durazzo, quando o imperador Alcixo Commeno foi batido pelo normando Roberto Guiscard, duque d'Apulea em 1081.

Os repetidos esforços d'individuos de consummada erudição e talento, que de tempos a tempos, derramam um raio de luz sobre a crassa ignorancia da Europa, começou finalmente a dissipar as nuvens que por tanto tempo obscureceram o hemispherio da litteratura. Aquelles homens illustres que tinham por seus aturados estudos conseguido dissipar a ignorancia d'aquelles tempos, tinham quasi sem excepção alguma saído d'entre o clero, particularmente dos monges, que nos seus retiros monasticos disfructavam um descanso que a anarchia que reinava nas idades medias tinha geralmente negado ao clero secular. A' proporção que os governos adquirião força e que a civilisação começava a ganhar terreno começavam a prosperar os esforços dos que promoviam a litteratura.

Varias circumstancias favoraveis concorreram para mudar os habitos e o gosto da Eurapa. Constantinopla, durante o periodo do barbarismo europeo, tinha sido não só a séde das sciencias como tambem de riqueza, commercio e esplendor.

Os cruzados que visitavam aquella metropoli admiravam-se das suas riquezas, magnificencia, commercio e população que não podiam deixar de os impressionar profundamente comparada com a mesquinha apparencia de Londres, Paris, e outras capitaes europeas, cujas ruas, áquelle tempo, eram estreitas, tortuosas e irregulares; e cujas casas á excepção das d'alguns maioraes, eram construidas de madeiras, destituidas

de chamminés, sendo esta utilissima parte da architectura introduzida em Londres em 1160.

Durante a idade media os castellos dos poderosos barões construidos de pedra não passavam d'enormes massas sem elegancia e destinados mais para defeza do que para commodidade e ornamentação. Porem a epocha das cruzadas ou aquella que lhe succedeu parece haver introduzido na Europa um novo e mais refinado gosto d'architectura como se pode vêr nas antigas cathedraes.

O estylo d'architectura introduzido então, demasiadamente carregado e sombrio para casas d'habitação, presta-se admiravelmente para os templos, já pela valentia de construcção, e já pelo respeito que inspira a solemnidade de que se reveste e que não tem as ordens gregas sem duvida mais graciosas; e caracteriza o povo da idade media naturalmente sombrio, bravo e romantico. Constantinopla tinha sempre sustentado um grau de esplendor, superior a tudo quanto se conhecia nos mediocramente civilizados paizes da Europa. O palacio imperial foi, por onze seculos, a admiração dos viajantes. Estava situado entre o Hyppodrome e o magnifico templo de Santa Sophia; e os seus jardins de plataforma em plataforma chegavam até ás praias do Proponto. O edificio primitivo construido por Constantino devia rivalisar com a residencia imperial da antiga Roma que assentava sobre o Monte Palatino; e posteriormente os seus successores augmentaram a sua magnificencia. No seculo treze, Lintprand, bispo de Cremona, embaixador do imperador Otho perante Niephoro Phocas faz menção d'elle n'estes termos: «O palacio imperial de Constantinopla excede, não só em belleza e magnificencia, mas em valentia de construcção todos os palacios e castellos que tenho visto». Depois d'esse periodo os imperadores da dynastia Commeniana continuaram a embellezal-a e não admira por consequencia que se encontre tantos elogios nos escriptos de quantos escreveram n'aquelles tempos. Depois da conquista latina, a pilhagem da cidade e dos incendios que tiveram lugar, recobrou seu antigo esplendor; e a grandeza do imperio,

bem como o brilho e opulencia da capital declinaram rapidamente.

Durante os tempos da declinação do imperio do Oriente, em quanto a ignorancia, e barbarismo, a superstição e a anarchia feudal prevalesciam nos paizes occidentaes da Europa. Quasi toda a Azia andava agitada, sentindo-se seus effeitos nas partes mais remotas d'aquelle extenso continente. A historia d'aquellas nações, ou tribus que habitavam as vastas regiões do norte da Azia, é pouco conhecida; e não obstante as profundas investigações d'alguns modernos e sabios historiadores nada authenticamente se tem podido descobrir, a não ser alguns factos salientes como são aquellas emigrações e conquistas extraordinarias que produziram as revoluções nos paizes meridionaes cuja historia é mais conhecida. Aquellas regiões immensas que se alargam por sobre o norte da Azia e parte do norte da Europa, desde o ponto do Oceano Pacifico, chamado pelos modernos descobridores o Archipelago Septentrional até o mar Baltico; e desde os mares Caspio e Euxino e fronteiras da Persia, India e China até os extremos limites habitados do norte, eram pelos antigos comprehendidos sob a denominação geral de Scythia e os seus povos scythios. Os russos, que desde o seculo nono, ou talvez desde o seculo quinto nos quaes se edificaram as cidades de Kiof, na Ukania, e Norogorod, tendo feito um progresso gradual em civilisação, augmentando rapidamente nos tempos posteriores são d'origem Scythia, e o seu imperio estende-se sobre a maior parte da antiga Scythia, cujas differentes nações e tribus uniram sob um vasto systema politico. Do estado antigo d'aquelles grandes paizes, da original população, e das imigrações, cruzamentos, guerras, e revoluções que tiveram logar entre aquellas tribus nomadas, comprehendidos antigamente sob a geral denominação de scythios, e ultimamente de tartaros, pouco ou nada sabemos, nada nos dizendo a historia com character de verdade. Em certos periodos as suas emigrações e conquistas figuram conspicuamente nos annaes politicos da humanidade, e originaram revoluções, cujos effeitos foram ex-

tensos e duradouros. Os turcos, que fizeram tão distincto papel nos seculos quinze. deseseis e deseseite, e cujo imperio é ainda tão extenso e populoso, são d'origem Tartara; assim como tambem os mouros da India.

A mais notavel occorrença na historia dos antigos scythios que se transmittio ao conhecimento da posteridade é a grande invasão d'aquelles povos nos paizes meridionaes, que segundo as conjecturas dos melhores escriptores teve logar no reinado de Josias, rei de Judá. O periodo exacto d'esta emigração e conquista não se pode saber ao certo, nem tão pouco até que ponto estenderam as suas conquistas. Assevera-se geralmente que elles dominariam a Azia Menor por espaço de vinte annos, opprimindo extraordinariamente os Medas e Babilonios. Se, porem, é certo que o dominio Scythia acabou um anno ou dous antes de começar o reinado de Nabochodonozor, a conjectura de Sir Walter Raleigh não é nada improva-vel, e consiste em que depois de enfraquecido seu poder e que muitos d'elles tinham regressado ás suas terras nativas do norte, muitos de seus bandos guerreiros se alistaram ao serviço d'aquelle principe e contribuíram consideravelmente para aquella serie de victorias que tanto engrandeceram o imperio Babilonico. Esta opinião acha-se corroborada tambem pelas tradições das nações do norte, seguindo o estandarte de Nabochodonozor e que se não pode entender com os babilonicos, assyrios e outros subditos naturaes d'aquelle monarcha.

Os periodos mais notaveis da historia dos tartaros, descendentes dos antigos Scythas, são aquelles que se distinguem pelas conquistas de Zinghis Khan, e seus successores, no seculo treze; e por aquellas de Tamerlam nos fins do seculo quatorze e começo do seculo quinze. Zinglis Khan começou a sua carreira conquistadora em 1206 e tendo subjugado uma parte da China, Persia etc. morreu em 1227. Seus successores durante o periodo que váe desse tempo a 1272 conquistaram toda a China, Persia e Azia Menor; e penetraram até Neustão na Austria que limitou a sua invasão pelo lado occidental. Tamerlam, que, á semelhança de Zinglis Khan, era

da tribu Mogul, a mais celebre e entrepida das nações Tartaras, começou a reinar pelo anno 1370, e morreu na idade de 63 em 1405, em cujo periodo conquistou a Persia, a Turquia, a maior parte da Russia, uma consideravel parte do Hindostão, e a Syria; deu saque a Aleppo, Bagdad e Damasco; conquistou a Azia Menor e aprisionou Bajazeto, imperador dos turcos na batalha d'Angora; depois do que voltou para Samareand, capital do seu imperio, e tendo projectado uma expedição contra a China, morreu no camiho.

D'este modo parece que os invasores do norte foram tão turbulentos na Azia como na Europa e deram logar a revoluções não menos importantes, com quanto menos conhecidas pelo pouco que se sabe d'aquellas nações, mas que mudaram a face da Azia, e que se fazem lembradas em rasão de haverem revirado o antigo imperio Hindoo da India, tornando a-quelle paiz, desde esse tempo, um theatro de anarchia.

O imperio Mogol dos Tartaros floresceu extraordinariamente por espaço de dous seculos. No tempo de Tamerlão era Samareand a capital; mas ignora-se aonde era a séde do imperio no reinado de Zinglis Khan e de seus successores.

A opinião de Mr. Pallas, que, pelos soberbos mausoleos suppõe ter assentado a capital do imperio tartaro entre os rios Yaik e Irtish, ao sul de Tobolski nos parece a mais bem fundada e o sabio Muller da academia de Moskow concorda tambem com aquelle escriptor. Lançando os olhos sobre o Continente Aziatico e contemplando as antigas, opulentas e grandes nações da sua parte oriental, surprehende-nos termos tão limitados conhecimentos. Porem, assim é: uma linha de perpetua e completa separação parece ter sido traçada entre a parte oriental e occidental da Azia. Os nossos historiadores menção alguma fazem dos negocios dos indios e dos chins cuja religião, costumes, e constituições differem tanto dos povos occidentaes, antigos e modernos, como se uma barreira insuperavel tivesse cortado entre elles toda a communicação: e até á descoberta da passagem pelo Cabo da Boa Esperança a mesma geographia das partes orientaes da Azia era tão obs-

eura como a sua historia ; circumstancia que teremos occasião de notar com mais particularidade no decurso das nossas considerações sobre as variabilidades da humanidade.

Se arredarmos a vista das revoluções que trouxeram a Azia em continuadas e violentas commoções, resultado das conquistas dos tartaros, e dirigirmos a attenção para o imperio grego ou constantinopolitano, temos a lamentar um estado de decadencia, effeito da falta total d'energia. Constantinopla, que por tantos seculos resistira a todos os ataques, e que desafiára os esforços hostis dos godos, dos hunos, dos avars e dos sarracenos, tinha-se exposto por suas dissidencias internas, e pelos crimes de seus chefes, á pillagem dos crusados, e o imperio cahira nas mãos d'um bando d'aventureiros francezes e italianos.

Apoz aquelle severo golpe, com quanto o imperio se restabelecesse e a capital fosse reconquistada pelos gregos, o primeiro estava muito enfraquecido para poder de novo ostentar a sua antiga grandeza e opulencia.

El de facto o imperio byzantino desde a extincção da dynastia commeniana pelo barbaro mas, talvez, bem merecido assassinato do imperador Audronico, ultimo d'aquella raça, apresentára o quadro d'um poder decahido e exausto de recursos, d'um governo sem vigor, e d'um povo sem virtudes, signaes inequivocos d'um estado na declinação. Pouco depois de Bajazeto subir ao throno ottomano, pelo começo do seculo quinze, o imperio grego estava tão cercado a ponto de se achar reduzido a um pequeno territorio entre o Proponto e o mar negro, não contando mais que mil e quinhentas milhas quadradas e pouco maior que qualquer provincia d'outros paizes; e mesmo assim este pequeno ponto, restos melancolicos do mais poderoso imperio do mundo, era theatro de crimes e facções politicas que duraram por espaço de 50 annos até 1453 quando Constantinopla, apoz um cerco de 53 dias, foi tomada pelos turcos sob o commando de Mahomet 2.<sup>o</sup> As forças militares que atacaram a celebre metropoli são apreciadas differentemente pelos historiadores, como quasi sempre

acontece n'estas occasiões. Philepho dá ao exercito turco 60:000 homens d'infanteria e de cavallaria 20:000. Esta cifra acha-se augmentada por Ducas Chalcondyles e Leonardo de Chias, que lhe dão 300:000; mas Phranza, que foi testemunha occular diz-nos que os turcos montavam a 258:000 homens. Fossem quacs fossem as forças inimigas é certo que a gente em armas para a defeza da cidade era em numero insignificante, e prova a degeneração d'aquelle raça que ainda arrogava a si o titulo de romanos, e ennobrecia a estreita lingua de terra que occupava com o pomposo nome d'imperio. Phranza escreve que se não pode alistar para cima de 4,970 voluntarios e incluindo os alliados italianos as forças defensoras não excediam a oito mil homens.

O imperador Constantino Paleologo sustentou uma defeza heroica; e quando a cidade fôra levada d'assalto, depois de haver nobre mas imprudentemente recusado uma capitulação em termos muito vantajosos, cahio heroicamente na brecha por onde o inimigo penetrou na praça. Phranza descreve patheticamente a horrivel scena que se seguiu. A população e a propriedade foi posta por Mahomet á disposição do exercito; e o povo aterrado tendo-se refugiado na cathedral de Santa Sophia, e outros asylos, foi arrastado para as ruas e sem distincção de sexo ou cathegoria, acorrentado e vendido como escravos, facto que horrorisa a humanidade e que estabelece um contraste entre as inauditas barbaridades nas guerras da antiguidade e os males muito minorados das nações civilizadas dos nossos tempos. Tal foi a horrivel catastrophe de Constantinopla, outr'ora a capital, e por muito tempo a unica lembrança existente do imperio romano. D'este modo, assim como fôra séde d'aquelle imperio passou a sel-o do imperio ottomano em 1453 até hoje.

O imperio grego de Constantinopla andava tão tremido e eram tão evidentes os signaes da sua extincção, que ninguem podia duvidar da sua sorte imminente. Muitos homens de letras e outros, entenderam ser uma necessidade procurar asylo mais seguro em outros paizes, a fim de não se verem en-

volvidos nas ruínas do seu que não só parecia inevitavel, mas muito proximo; porque a existencia do imperio grego, pelo conjuncto de differentes causas prolongou-se mais do que razoavelmente se podia suppor; e o seu aniquilamento teria tido logar 50 annos mais cedo, a não serem as victorias de Tamerlam que frustraram os planos de Bajazeto.

Entre os litteratos de Constantinopla que se dissimularam por entre os latinos, conta-se Leo Pilato que foi o primeiro professor grego em Florença, e o primeiro que introduzio o gosto pela lingua grega no occidente pelo anno de 1360. Manoel Chrysolorio estabeleceu este estudo solidamente na Italia, e depressa ficou sendo um ramo d'educação entre os italianos. Alguns illustres protectores da litteratura começaram a apparecer entre os principes e primeiros homens da Europa, especialmente na Italia. Cosmo e Lorenzo de Medicis foram no seculo quinze, os protectores das sciencias e artes; e não menos vigorosos e efficazes foram os esforços empregados pelo pontifice Nicoláo 5.<sup>o</sup> para a restauração das lettras em Roma, rivalisando com os Medicis em Florença.

Estâmos agora, depois d'uma viagem fatigante, em que temos atravessado caminhos asperos por entre as trevas da ignorancia e do vandalismo, entrando em plena civilização, litteratura e commercio, o que excede infinitamente as mais brilhantes epochas da antiguidade.

## VIGESIMA PRIMEIRA CARTA

O periodo em que entramos agora é infinitamente mais agradável e interessante comparativamente com aquelle que acabamos d'atravessar: trasborda de grandes acontecimentos que são outras tantas epochas memoraveis nos negocios humanos. Definira-se a posição das differentes nações da Europa na balança politica; e não se veem poderosos imperios engrandecendo-se exhorbitantemente, e absorvendo os estados

visinhos como em antigas eras. Os mais notaveis acontecimentos d'estes ultimos tempos contrastam com aquelles da antiguidade mas não são menos recreativos. O renascimento das artes, sciencias e lettras e seu rapido progresso, a invenção e aperfeiçoamento d'artefactos, a exploração do globo, a descoberta de paizes até então desconhecidos, a extensão do commercio, e o progresso da civilisação com todos os seus melhoramentos e commodidades, caracterisam eminentemente o periodo que finda pelo meado do seculo quinze, era em que a renascença das lettras e bellas artes se desenvolveu tornando-se notavel por um facto memoravel na historia. Foi este a invenção da arte typographica, unico meio que podia descobrir-se para arrancar a grande massa da humanidade d'aquelle profundo abysmo d'ignorancia em que mesmo nas eras mais illustradas estivera immersa. Esta descoberta fez grande falta nas idades florescentes da litteratura grega e romana, quando, como já se tem dito, ninguem que não fósse d'alta jerarchia e riqueza podia aspirar a conhecimentos litterarios. Tal tinha de ser a sorte de todas as nações, a não ser a invenção da imprensa, que reduzio os livros a uma centesima parte do seu antigo valor, facilitando e diffundindo a sabedoria por entre o povo.

Sabemos de boa fonte que pelo anno de 1215, a condessa d'Anjou deu duzentos carneiros, cinco quartéis de trigo, e igual quantidade de cevada, por um volume de sermões, tal era a carestia de livros n'aquelles tempos; e com quanto seja muito possivel que tivessem abuzado da condessa, é Mr. Gibbon que no-lo diz que o valor de copias manuscriptas da Biblia, para o uso dos monges e do clero, orçava por quatro centas e quinhentas coróas, em Paris, que segundo o valor relativo do dinheiro n'aquelle tempo comparado com o de nossos dias pôde calcular-se sem exaggeração equivalerem outras tantas libras sterlinas. Estes manuscriptos eram em pergaminho, e sem duvida executados com primor; mas, admittindo mesmo que tivesse havido exaggeração e avaliando pelo minimo, livros n'aquelle tempo deverião custar cem vezes mais do custo actual. A difficuldade d'acquisição de conhecimentos em rasão

da escacez e careza de livros causára necessariamente uma falta de mestres, e estas difficuldades accumuladas apresentavam tropeços invenciveis á diffusão da litteratura : de modo que por maior que fôsse o gosto pelas lettras, as vantagens limitavam-se aos grandes e opulentos, e aos monges que tinham á sua disposição as livrarias de seus conventos. Os authores da arte typographica contribuíram mais para o melhoramento da sociedade e para a civilização em geral, que todas as phylosophias especulativas da antiguidade e todas as intrigas dos theologos dos tempos modernos, e, se forem aquilatados conforme seu valor intrinseco, e apreciado o seu merito em relação ao proveito que trouxeram á humanidade, devem seus nomes preferir aos de Cezar e Alexandre, e d'outros conquistadores celebres na historia como dizinaadores da humanidade. Se alguma vez os bemfeitores da raça humana mereceram que se lhes erigissem estatuas em seu louvor, são certamente estes homens. Abaixo do Christianismo facto algum ha tão importante.

A' descoberta d'esta excellente quão util arte seguiu outro acontecimento não menos interessante e importante, com quanto de natureza diversa. Foi o descobrimento da America que operou uma mudança completa no systema politico e commercial da Europa. A descoberta das propriedades da agulha de marear, no principio do seculo quatorze, por um natural ou habitante de Amalfi, cidade mercantil do reino de Napoles, tornára comparativamente segura, commoda e abreviada a navegação do alto mar, evitando um sem numero de contrariedades, perigos e demoras inevitaveis nas viagens longas. D'ahi por diante continuados melhoramentos se fizeram na arte maritima, principalmente por parte dos venezianos, genovezes e outros povos italianos. Os portuguezes depressa hobrearam com as potencias maritimas da Italia e a situação da Hespanha não permittia que esta nação ficasse muito tempo na retaguarda. Os portuguezes, comtudo, conceberam primeiro que todos o plano das descobertas distantes. Os monarchas de Portugal, vendo o seu reino pesar pouco na

balança da Europa, e frustradas todas as esperanças d'engrandecimento no Continente, pela natureza de seus domínios que se limitavam a uma tira estreita de terra na costa do Atlantico, comecberam o nobre designio de doarem seu reino e povo com riquezas e importancia, promovendo o espirito da descoberta e do commercio. Já no anno de 1412 D. João 1.º, rei de Portugal apromptou uma armada para este fim.

Muitas outras empresas de differente natureza foram successivamente tentadas, e dirigindo-se sempre para o sul, os portuguezes fizeram descobertas progressivas na costa d'África, e finalmente alcançaram a sua extremidade; mas os ventos tempestuosos e pessimo tempo impediram-nos de dobrar aquelle promontorio que, por esse motivo, denominaram o Cabo das Tormentas, e que depois tomou o nome mais auspicioso de Cabo da Boa Esperança. Este promontorio mais avançado do Continente africano foi descoberto por Bartholomeu Dias, no reinado de D. João 2.º, que ao passo que as suas frotas exploravam a costa occidental d'África, emprehenderam a descoberta e commercio das partes orientaes d'aquelle continente, enviando uma embaixada ao imperador d'Abyssinia, pelo anno de 1486. Quando os reis de Portugal, inspirados pela ambição do poder e engrandecimento, sentimento infinitamente mais rasoavel e mais digno do coração d'um monarcha do que o desejo extravagante e eriminoso de gloria que caracteriza a maior parte dos sanguinolentos heroes d'aquellas eras, andavam no affan das explorações longinquas de partes desconhecidas do globo, abrindo assim novos canaes de riqueza publica, Christovam Colombo, natural de Genova concebeu o projecto mais arrojado até então emprehendido pelo homem. O commercio da India fóra, em todas as idades, considerado objecto de primeira ordem e importancia, e sempre chamára, mui particularmente a attenção do mundo mercantil. Os tyrios e os egypcios, como tambem os judeus no tempo de Salomão, não eram estranhos a este trafico. O mar vermelho e o golpho persico, foram os canaes por onde o commercio indio se effectuava na maior parte; e a Syria e o Egypto, paizes, que pela

sua posição geographica, formavam o centro de communicação entre as partes orientaes e occidentaes do globo. No tempo da prosperidade de Tyro, esta cidade rivalisava com o Egypto no trafico com o oriente: mais tarde, porém, os egypcios apoderaram-se da maior parte d'elle. A posição central do Egypto é particularmente adequada ao commercio da India; e se aquelle paiz tivesse a necessaria actividade e tacto commercial, e um povo comprehendedor, poderia ainda hoje, como já em tempos remotos o fizera, monopolisar o commercio do oriente. Sob a dynastia dos Ptolomeus, e mesmo depois da sua extineção, e a redução do reino a provincia romana, o Egypto continuou a ser o centro commercial do oriente e do occidente; e Alexandria era o grande emporio do trafico indiatico. O trafico com o oriente era feito pelos mercadores Egypcios e Arabes; e as mercadorias da India importadas de Musiris, mercado para aquelle commercio, nas costas do Malabar, entravam no Egypto pela Alexandria, por canaes que communicavam, senão de todo, em parte, o Mar Vermelho e o Nilo, ou então por terra, o que não era difficil, attendendo a que a distancia transponha-se em tres ou quatro dias de jornada, e a que a mercadoria fazia pouco volume. Alexandria manteve esta posição eminente no mundo commercial, pelo estabelecimento do reino Grego do Egypto, por Ptolomeu Lagos, pelo anno de 310 antes de Christo, até á sua conquista por Amrou, tenentado Cálipha Omar, em 638 depois de Christo, abrangendo um periodo de cêrea de 948 annos; e, anterior á construcção de Constantinopla, fôra sempre tida, tanto em extensão, população, magnificencia, e riqueza, como a segunda cidade do imperio romano. Depois da sua sujeição aos Sarracenos, os desgostos e revoluções differentes que sobreviveram, prejudicaram extraordinariamente seu commercio. As frequentes guerras entre o imperio do oriente e o Cáliphado obrigaramos negociantes de Constantinopla a abrirem um meio de communicação, novo mas commoço para o commercio da India pelo mar negro, em lugar de o fazerem por terra entre aquelle mar e o Caspio, e mais tarde pelo rio O-

xus para o qual os commerciantes Indios traziam suas mercadorias.

Este meio, porém, de transporte difficuloso e demorado, não podia deixar de augmentar o valor das mercadorias da India em Constantinopla, e o commercio do oriente voltou finalmente á sua antiga estrada natural. Os sarracenos tinham genio commercial e os cáliphas animavam as emprezas commerciaes, mas durante o estado flôrescente do cáliphado, a Europa conserváva-se sem commercio e quasi sem civilisação. As commoções intestinas que dividiram em dois o imperio dos cáliphas, e agitaram particularmente o Egypto com varias e frequentes revoluções, obstaram a que aquelle paiz tomasse a ascendencia commercial para que parecia destinado. Tão depressa, porém, os estados Italianos começaram a sair da anarchia e barbarismo das idades gothicas, começaram a commerciar com o Egypto. Os venezianos e os genovezes, particularmente, dirigindo as suas vistas espirituosamente para os negocios maritimos e commerciaes, depressa deram consideração ao commercio do Egypto e da India.

A Alexandria tornou-se mais um vez o emporio do commercio oriental, e os venezianos e os genovezes, pelo monopolio d'aquelle trafico, attingiram um estado d'opulencia e grandeza que assombrou o mundo. As outras nações da Europa, emergindo gradualmente do barbarismo para a civilisação começaram a seguir aquelles exemplos e sem duvida desejariam descobrir os meios de partilharem d'aquelle commercio que elevára e déra tamanha importancia aos, até ali, insignificantes estados de Veneza e Genova. Foram os Portuguezes os primeiros, porém, que conceberam a idéa de rivalizar com os Italianos no seu lucrativo trafico, abrindo algum outro canal de communicação com a India. Fôra este o grande objecto de todas as viagens de descoberta que se haviam emprehendido nos fins do seculo 15. Mas em quanto os Portuguezes avançavam gradualmente sul, costeando o continente Africano, Colombo emprehendeu a viagem á In-

dia atravez o Atlantico. E' para notar que este grande projecto se fundára n'um erro dos geographos d'aquella idade e das idades precedentes, em relação á situação da India e d'outros paizes orientaes da Azia. Os geographos da Grecia e de Roma não tinham nunca podido obter noticias exactas sobre a posição d'aquelles paizes, nem podia esperar-se na idade media. Marino Tyrio faz o paiz dos Seres ou a China a 225 graus leste do primeiro meridiano, atravessando as Canarias ou illas Afortunadas. Ptolomeu, que flôresceu no segundo seculo da era christã, reduzio a longitude da China a 180 graus; mas a verdadeira longitude da fronteira occidental da China, hoje é sabido estar a 105 graus leste das Canarias.

Alguns aventureiros da idade media, especialmente Benjamin, Judeu de Tudela, na Navarra, pelo anno de 1160, e Marco Polo, de nobreza veneziana em 1265, haviam penetrado até ás extremidades orientaes da Azia; mas segundo parece estes aventureiros emprehendedores eram destituídos dos necessarios conhecimentos mathematicos, faltando-lhes os instrumentos indispensaveis para determinar a longitude dos logares que visitaram. Tinham igualmente formado opiniões erroneas quanto á extensão e posição geographica dos paizes orientaes da Azia, collocando-os mais a leste do que realmente ficam. Aristoteles, muitos tempos antes, cahio no mesmo erro, e julgou que a India não demorava longe dos estreitos de Gibraltar.

Aristoteles, de Coelo, Livro 2.º, artigo 14 e Seneca haviam abraçado as mesmas idéas, e com tanto ardor, que chegaram a affirmar que, com vento favoravel era possivel passar da Hespanha á India em poucos dias. Colombo estudára profundamente a navegação e cosmographia, adquirindo conhecimentos senão superiores, ao menos iguaes a qualquer pessoa erudita dos seus tempos, mas deixando-se impressionar pelas opiniões reinantes e pelas absurdas posições de diferentes paizes, segundo os imperfeitissimos mappas geographicos de então, imaginou não muito demorada a viagem á

India, seguindo sempre para o Oeste.

Via pelo mesmo prisma d'aquelles tempos e as suas conclusões não eram más com quanto fundadas em principios erroneos. Se fóra nos tempos de Colombo conhecida a geographia dos paizes orientaes como actualmente é, nem elle nem outro qualquer explorador teria concebido a idéa de atravessar o Atlantico para ganhar a India; porque a viagem por mui longa deveria inevitavelmente ser fatal a quem a intentásse. Suppõe-se geralmente que Colombo entretinha suas esperanças de encontrar n'aquellas regiões do globo immensas porções de terra, mas isto não passa de conjectura, por isso que o grande fim do navegador era encontrar alguns paizes mais avançados da Azia, que elle supponha estender-se muito para leste e por consequencia não distarem muito das costas occidentaes da Europa e Africa. De facto esta opinião prevalecia tão universalmente, que quando se avistou terra, Colombo imaginou ser uma parte da India, até que a miseria e estado selvagem dos habitantes o convenceu do contrario. Em todas as successivas descobertas das differentes ilhas e paizes do continente Americano, subsistiam as mesmas idéas; e passára-se muito tempo antes que os Europeus podessem resolver se a America era na realidade um outro continente, ou meramente uma continuação do continente Aziatico.

Apreciando o caracter de Colombo, não podêmos hesitar em o pronunciar um dos primeiros entre os homens. Era fóra de duvida dotado de grande capacidade para conceber, e grande coragem para executar.—Uma constancia que contratempo algum podia fatigar; um animo que perigó algum podia abater; e uma tranquillidade d'espírito, que nenhunas difficuldades desconcertavam, taes eram os caracteristicos máis notaveis d'este grande homem. Se compararmos os seus feitos com as façanhas da maior parte dos heroes da historia, forçoso ó conceder-lhe a preeminencia. As suas empresas eram talladas para o melhoramento da sciencia e da extensão do commercio, e não para a extincção da humanidade. Elle

explorávã e não despovoávã o globo. Se dos seus descobrimentos vieram consequencias nocivas á humanidade, nem elle as podia prever nem obstar. Quando estabelecemos um parallello entre as emprezas de Colombo e aquellas dos nossos modernos navegadores, devêmos confessar imparcialmente que elle occupa o primeiro lugar no rol. Aquelles que o succederam andaram nas suas pizadas. Nenhum como elle se entregou aos mares d'um novo mundo; nenhum se aventurou a atravessar o oceano immenso, cujos limites eram desconhecidos. A navegação atravez o Oceano Pacifico pelos Hespanhoes foi de grande arrojo; mas a esse tempo já se conheciam as latitudes de Acapulco e de Manilha, e consequentemente, a distancia das ilhas orientaes á costa occidental do Mexico era ponto determinado por meio de observações astronomicas. Estes principios fixos faltavam a Colombo. Os conhecimentos geographicos d'aquelle tempo tinham limites muito estreitos e tudo além d'aquelle pequeno circulo não passava de vã conjectura. A arte da navegação estava ainda n'um estado imperfeito e sem de modo algum querer cercear a gloria dos modernos descobridores, para quem todo o elogio é pouco. diga-se com verdade que attendendo aos conhecimentos nauticos e geographicos da actualidade, a differença d'equipamentos e aprestes de toda a ordem, empreza alguma tem o character arrojado e aventureiro da empreza de Colombo; a quem a posteridade deve a descoberta d'um novo mundo, a creação d'um novo systema commercial e politico, como tambem uma infinidade de novos habitos e arranjos em todas as ordens da sociedade.

Depois de oito annos de fastidiosas petições sempre baldadas ás differentes potencias da Europa, pelas quaes na maior parte fôra o seu projecto considerado romantico e extravagante, toda a força que pôde, depois de continuadas contrariedades e demoras, obter da corté de Hespanha, foi de tres pequenos navios, tripulados com apenas noventa homens, na maior parte marinheiros, e o resto de cavalheiros de genio emprehendedor; comtudo, dotado d'animo superior a todo e qual-

quer obstaculo, emprehendeu, com esta insignificante força, a passagem do vasto e nunca navegado Atlantico cujos limites eram desconhecidos, manifestando um exemplo de resolução decedida sem igual. Os particulares d'esta interessante expedição são conhecidos de todos, e constitue um assumpto importante na historia moderna.

Depois do regresso de Colombo do descobrimento do novo mundo, começaram a apparecer novos acontecimentos, abriu-se novo campo para se exercitar o espirito emprehendedor, primeiro na Hespanha, e depois por toda a Europa. Aventureros audazes sahiram da Hespanha para este theatro d'especulações. Estabeleceram-se colonias: colonisaram-se as ilhas d'Hespaniola, Cuba e outras; e finalmente Fernando Cortez conquistou o Mexico, depois d'uma serie d'aventuras successivas inigualadas na historia e mesmo no romance. A conquista do Mexico terminou pela tomada da metropole, depois d'um cerco de setenta e cinco dias no anno de 1521; e doze annos o Peru cahio nas mãos de Francisco Pizarro e Diogo Almagro, de combinação com Fernando Lughnes, ecclesiastico, a quem pertencia recrutar gente e arranjar munições. A conquista do Peru, com quanto contrariada no seu começo por inumeras difficuldades, e acompanhada de grandes desastres levou-se a effeito com menos difficuldade e perigo que não a do Mexico; mas as desavenças que nasceram entre os proprios conquistadores estiveram para lhes ser fatal. Seguiu-se a guerra civil, na qual sendo Almagro feito prisioneiro, foi mandado matar por Pizarro; tres annos depois foi o mesmo Pizarro assassinado no seu palacio por Almagro filho; e no decurso d'um anno, o joven Almagro foi aprisionado por Vasco de Castro, e decapitado em Cusco, em 1542. Nunes Vela foi derrotado e morto por Gonçalo Pizarro, em 1546; e este ultimo, irmão de Francisco Pizarro, o conquistador, e que desempenhára um importante papel na conquista do Peru, como tambem nas guerras civis que succederam, sendo abandonado pelos seus soldados, foi feito prisioneiro, e conjunctamente com o valente Francisco Carjoval sentenciados á

morte em 1548, por Pedro de la Gasca, ecclesiastico mandado da Hespanha para subjugar os rebeldes do Peru, e governar aquelle paiz na qualidade de vice-rei. Assim as principaes pessoas envolvidas na conquista do Peru cahiram ás mãos uns dos outros, ou em batallia, ou no cadafalso, ou por conspiração e assassinio. E' digno de notar-se que as personagens que reprehenderam esta importante conquista, todas sem excepção, passavam de sessenta annos d'idade, ao tempo do começo d'esta tão arriscada empreza e cujo bom successo póde-se comparar áquella dos macedonios e dos gregos, que, sob Alexandre, conquistaram a Persia. Os hespanhoes que conquistaram o Peru, á semelhança dos conquistadores macedonios, accumularam immensa riqueza e poder; mas, como elles, envolveram-se em guerras civis que lhes amarguraram o resto de seus dias, acabando na sua ruina. A empreza arrojada e perigosa a que se entregaram os conquistadores do Peru em uma quadra tão avançada da vida é uma prova da avareza e ambição que actuaram sobre os primeiros aventureiros do novo mundo, como tambem d'aquella febre ardente e aventureira que mui particularmente caracterizou o decimo quinto seculo, e para o qual muito concorreu a descoberta da America. A idade que a succedeu e da passagem do Cabo da Boa Esperança póde, com justa razão, chamar-se a idade das emprezas e aventuras; estas duas descobertas reanimaram os espiritos d'homens de fortuna arruinados, e acordou em quasi toda a Europa o espirito da especulação, e tanto que um imperio maior que a metade da Europa e contendo mais ouro e prata que todo o resto do mundo, fôra, antes do meado do decimo sexto seculo, annexado á corôa de Hespanha, devido aos esforços de particulares que, a expensas proprias, e sem auxilio do governo, importaram para o territorio Hespanhol capitaes enormes. Foi d'este modo que Carlos 5.<sup>o</sup>, que reunia os titulos de imperador d'Alemanha, rei de Hespanha, e soberano dos Paizes Baixos, como igualmente d'uma grande parte da Italia, tornou-se, pela conquista do Mexico, do Peru, e dos outros pai-

zes da America Hespanhola, senhor de riquezas e dominios mais extensos que monarcha algum d'antes possuira, sem despende um scitil de seus cofres, até que as colonias se achavam nas condições necessarias para reembolsar o estado da despeza feita pelo governo em armadas e tropas na sua defeza.

As privações soffridas pelos primeiros aventureiros hespanhoes, as difficuldades arrostadas, a firmeza manifestada, a coragem persistente e o indomavel espirito emprehendedor que caracterizaram aquelles homens desesperados quasi que não tem parallelo na historia. Alguns, porem, adquiriram riquezas enormes. Dos hespanhoes que conquistaram o Peru, nenhum era praça assalariada com quanto alguns receberam sommas adiantadas para as primeiras despezas. Na partilha do resgate do Inca cada soldado d'infanteria recebeu 4,000 pesos, somma que correspondia a outras tantas libras sterlingas da moeda actual; cada soldado de cavallaria 8,000 pesos, e os officiaes proporcionalmente; e diz-nos Herrera que o saque da cidade de Cusco importou em 4,000 pesos por cabeça. Alem d'esta preza immensa, o paiz foi todo retalhado pelos conquistadores tornando-se cada hespanhol senhor de propriedade em relação á sua jerarchia.

O descobrimento d'um novo mundo estimulou por diversas formas a Europa inteira. A colonisação da America abria campo á industria pacifica, como já tinha offerecido pasto á cobiça e conquista.

A colonisação pelos hespanhoes e sancionado pelo seu governo, segundo o abbade Raynal, era regulada pelo seguinte modo. Na distribuição de terras entre os conquistadores da America, cada infante recebeu 5,000 pés quadrados para construcções, 1,885 toezas quadradas para jardim, 7,543 toezas quadradas para pomar, 94,288 para trigo, e 1,448 para milho, alem do chão necessario para a creação de dez porcos, vinte cabras, cem carneiros, vinte bois, e cinco cavallos. O quinhão de cada homem de cavallaria andava pelo dobro do terreno dado para construcções e o quintuplo do resto. As ci-

dades foram construídas por indivíduos activos e opulentos, sujeitos a condições e restrições impostas pela corte que lhes conferia certos privilégios, como também aquelles que fixavam a sua residência e a quem se concedia terrenos em relação aos fundadores. As demais terras indivisas d'aquelles immensos territorios ficaram na pacifica posse dos naturaes do paiz, que se reuniram em povoações e eram governados pelos seus caciques, segundo as leis coloniaes promulgadas pelo concelho das Indias na Hespanha, sob a authoridade da corte. As outras nações que estabeleceram colonias nas ilhas, ou no continente americano, adoptaram pouco mais ou menos os mesmos principios geraes, com algumas modificações, segundo as circumstancias especiaes. No decurso do tempo numerosas colonias se tinham estabelecido em differentes partes do novo mundo.

A historia da descoberta, conquista e colonisação da America tem um interesse particular. Desenvolve o progresso gradual da cultura e commercio de paizes d'antes não cultivados e cobertos de pantanos intransitaveis e florestas impenetraveis. A colonisação é um processo que em todos os tempos tivera logar em todos os pontos do globo; e os desertos da America representavam o que succedera já no velho mundo. A historia antiga nada nos diz em relação aos trabalhos Herculeos em transformar uma immensa charneca n'um paraizo terrestre, pelo processo de *drenagem* (esgoto) e cultura; ou ao muito insinua que no reinado de certos principes alguns pantanos se esgotaram etc. Se os sacerdotes do Egipto tivessem legado um relatorio exacto do processo seguido na drenagem, tornando habitavel aquelle paiz que antes dos diques do Nilo, levantados pelo trabalho e industria do homem, não passava d'um immenso pantano, sobre o qual aquelle rio extendia, sem opposição alguma, suas aguas, terião feito um serviço de muito mais proveito e mais digno da nossa gratidão do que todos esses contos allegoricos e legendas embustieras em que instruíram os gregos. Todos os particulares relativos ás primeiras populações e primeira cultura dos differentes paizes do velho continente estão envolvidos em perpetuo esquecimento; e é tão so-

mente na historia do novo mundo que se nos proporciona occasião de presenciarmos estas scenas; Mr. L'Abbe Raynal na sua «Revista Philosophica» da colonisação Europea descreve d'um modo explicito e circunstanciado as particularidades do estabelecimento das differentes colonias. O descobrimento d'America offerece novidades á consideração do naturalista e do philosopho.

No novo mundo quasi tudo differia da Europa: aves, animaes, arvores e plantas, totalmente differentes do que se via na Europa, chamavam a attenção de quem visitava o novo continente; e a natureza humana ahi se exhibia com modificações de que o velho mundo não offerecia paralelo. Paiz algum conhecido dos europeos apresenta o homem no seu estado primitivo. A natureza n'este sentido só se podia contemplar na America. As idéas d'estes homens selvagens differia como se pode imaginar d'aquellas dos habitantes dos paizes civilizados e os primeiros descobridores que nada tinham de philosophos, attribuiram a sua falta de comprehensão em relação ás regras porque se dirigia a sociedade, e suas idéas de nações civilizadas, a um defeito natural de capacidade, sem considerarem que o seu estado de incivilisação lhes não proporcionava os meios de firmar outras idéas que não fossem as impostas por objectos familiares. Isto notava-se particularmente quando se tratava de os instruir na religião christã. Abraçavam promptamente esta religião e seguiam-na, mas via-se perfeitamente que não comprehendiam as suas doutrinas. As forças do seu entendimento eram tão limitadas, as suas observações e reflexões circunscreviam-se a um circulo tão estreito que pareciam incapazes de formarem idéas abstractas, e não possuíam mesmo os termos para as exprimir. Para espiritos n'este estado, as sublimes doutrinas do christianismo eram incompreensíveis.

Poucos, por consequencia, dos naturaes da America foram julgados pelos ecclesiasticos hespanhoes dignos de gosarem os privilegios dos sacramentos da igreja. Um synodo convocado em Lima, pronunciou os Americanos incapazes de

se lhes administrar a Eucharistia; e decretou consequentemente a sua exclusão d'aquelle privilegio. O soberano Pontifice, Paulo 3.<sup>o</sup> resolveu porem, com melhor bom senso e liberalidade d'opinião, na sua famoza Bulla de 1537, declarando os Americanos criaturas racionaes, intitulados aos direitos da natureza humana e aos beneficios da sociedade em commum com todos, e nos termos de gozarem os beneficios dos sacramentos, e de receberem mesmo ordens sacras. Porem ainda hoje poucos são os Indios a quem ellas se conferem, e menos ainda occupam posições elevadas na igreja.

A peor de todas as consequencias do descobrimento da America foi a introdução da escravatura preta. Os primeiros aventureiros Hespanhoes tratavam os habitantes do paiz recentemente descoberto como animaes de carga, impondo-lhes trabalhos incompativeis com as suas delicadas constituições. Os naturaes d'aquellas partes da America conquistadas pelos hespanhoes, habitavam paizes aonde a fertilidade do sólo produzia espontaneamente tudo que lhes era mister para a sua existencia, e a natural benignidade do clima excluia a necessidade de vestimenta. N'este estado os Americanos, alheios ás necessidades e commodidades da vida civilizada, não estavam affeitos á actividade nem de corpo nem d'intelligencia.

Esta habitual indolencia e o calor do clima enfraquecia-os e tornava-os totalmente incapazes para o trabalho. A differença de força muscular e constituição entre os naturaes da America comprehendidos na zona torrida, comparada com a dos europeus era tal, que um hespanhol desempenhava o mesmo trabalho e exigia a mesma quantidade de alimento dada a cinco ou seis indios; e os americanos admiravam-se das quantidades consumidas pelos hespanhoes, que é o povo mais sobrio da Europa, como tambem do trabalho, que eram capazes de fazer. Homens acostumados a esta indolencia e simplicidade de diéta, eram totalmente inhabeis para supportar os trabalhos do campo, e das minas que os colonisadores lhes impunham.

Incapazes de soffrer o pesado cargo com que seus conquistadores os opprimiam, milhares d'estes infelizes encontravam na morte um doce allivio a seus males. Hespaniola, Cuba e outras ilhas, estavam sendo despovoadas antes que a côrte de Hespanha tivésse conhecimento d'aquelles factos e provesse de remedio. A tyrannia d'estes homens sem principios indignou e commoveu alguns benevolos hespanhoes, tanto leigos como ecclesiasticos, testemunhas d'aquellas scenas de horror. Entre estes amigos<sup>3</sup> da humanidade nunca pode ser esquecido o nome do padre Bartholomeu de las Casas. Este humano ecclesiastico, cuja coragem nada podia domar, e cuja firmeza vencia todos os obstaculos, presenciára indignado os vexames soffridos pelos pobres naturaes das mãos dos colonisadores, e elevou a sua voz protestando contra semelhante deshumanidade e oppressão. Passando da America para a Hespanha, procurou por todos os modos possiveis commover a côrte em favor de seus semelhantes opprimidos. Este homem benevolo, cujo nome será sempre objecto de veneração, empregou todos os meios para acordar a indignação da côrte de Hespanha e de Roma contra aquelles algozes da humanidade. Por seu lado, os colonisadores não dormiam. Apresentavam os naturaes como uma raça inferior de seres nascidos para a escravidão e incapazes de comprehenderem os destinos do christianismo. Esta degradação dos americanos foi porem rejeitada e condemnada pelas decisões de Roma e Hespanha, aonde a indignação publica se pronunciou contra a deshumanidade<sup>3</sup> dos tyrannos colonisadores. O padre de las Casas e outros homens humanitarios eram incansaveis nos seus esforços; e deleita vêr os ecclesiasticos hespanhoes do seculo desesais saírem a campo como advogados e defensores dos direitos inabalaveis e naturaes da humanidade. A côrte de Hespanha tomou um acalorado interesse na causa da oppressão e resolveu adoptar medidas para a sua repressão. Os colonisadores pela sua parte, vendo que a sua causa perdia terreno de dia para dia, e temendo os anathemas da egreja, como tambem a indignação da mãe patria, entrincheiram-se

n'um campo novo, que suppunham e de facto veio a ser inexpugnável. Representaram sobre a necessidade de braços para a cultura da terra e trabalho das minas sem o que teriam de as abandonar, ficando sem effeito todas as vantagens da descoberta e conquista d'este riquíssimo paiz; e apresentaram os indigenas como uma raça indolente, a quem nenhum salario, ou recompensa tinha poder para os impellir a fazer o mais pequeno trabalho util. Esta representação não era destituida de fundamento. O seu viver indolente tornára-os inhábéis e pouco dispostos para qualquer genero de trabalho. Desacostumados, como sempre foram, ao luxo da vida civilisada, na ignorancia do que lhes convinha, não imaginavam que merecesse a pena a sua aquisição, e admiravam-se que os europeus trabalhassem para si, ou que outros se votassem ao trabalho para a posse de objectos dispensaveis á sua sustentação.

Ouro e prata eram artigos de nenhum valor para elles; não se tinham nunca servido d'estes metaes, a não ser alguns bocados que achavam, e que usavam como ornamento; e não podiam conceber o que induzia os hespanhoes a revolver as entranhas da terra, e a estabelecer um systema de trabalhos arduos na aquisição d'aquelles metaes, que lhes pareciam de pouco ou nenhum merecimento, e sem o que podiam passar perfeitamente. E' claro pois que com este modo de pensar não havia lueros que os estimulassem a trabalhar, por que é um principio invariavel da natureza humana não trabalhar para a posse d'um objecto, reputado sem valor. Este argumento, por tanto, dos colonisadores era irrespondivel.

O projecto de sacar enormes riquezas do novo mundo não se podia pôr de parte. Eram necessarios braços para a cultura do sólo e para o trabalho das minas. Os naturaes não queriam trabalhar pagando-se-lhes; era preciso portanto compelli-los. Estas circumstancias excluïam a possibilidade da sua emancipação. Os esforços dos amigos da humanidade abortaram: prevaleceu a séde do—ouro—mas não deixaram com tudo de produzir alguns beneficios. A côrte de

Hespanha estudou seriamente os meios de melhorar a sorte dos Americanos; e formaram-se varios planos e adoptaram-se diversas medidas para este fim. Todo e qualquer regulamento com relação aos negocios coloniaes era favoravel á causa dos opprimidos. Como fôra impossivel tirar vantagens das minas, e os naturaes não quizessem trabalhar por paga, circumstancia que obrigava a recorrer a meios coereivos, foi determinado, que ficassem libertos da oppressão tyranica de seus senhores, e obrigados a trabalhar por turnos, recebendo salarios certos nos dias em que se empregavam. Este era de facto o meio mais rasoavel de triumphar gradualmente da indolencia habitual e enraizado tedio ao trabalho, fazendo d'elles membros uteis á sociedade. No Peru um setimo, e no Mexico um vigesimo quinto da população podia ser chamado a um tempo para o trabalho das minas situadas na área de dez leguas das suas moradas, e n'estas levas de gente os salarios eram 620 por dia, que parece ser uma remuneração condigna, attento o valor do ouro e prata n'um paiz abundante n'estes metaes.

Não obstante estas medidas humanitarias adoptadas pela côrte de Hespanha, os advogados da liberdade não estavam satisfeitos; e o padre de las Casas, cujo character sobresaia pela firmeza e zelo com que defendia a sua causa favorita, decidiu-se a empregar outros meios para conseguir a emancipação completa dos naturaes do novo mundo, e no seu louvavel afan, originou infelizmente o desesperado expediente da escravatura negra, alliviando d'este modo os males da America á custa da raça Africana.

A historia falla á razão e ao sentimento, apresentando-lhe o revoltante espectaculo da escravatura em larga escala entre as nações da antiguidade. Temos, n'um quadro geral do systema social de Roma, sob os governos da republica e do imperio, presenciado o rigoroso tratamento dos escravos nas idades da primitiva, e notado com prazer o seu melhoramento nos ultimos tempos dos imperadores.

Esta feliz mudança na sorte dos escravos proveio, como já

se notou, de varias causas; e a instituição do christianismo finalmente acrescentou a sua influencia benigna para suavisar a condição d'aquelles infelizes, collocados n'aquelle estado de abjecção e desgraça. A religião christã foi, na verdade, particularmente destinada a produzir este effeito. Ensinando que escravo e senhor tem um dia de comparecer sem distincção perante o tribunal do Imparcial Julgador da humanidade inteira, aconselhava ao primeiro paciencia para soffrer a sua sorte, em quanto que inspirava ao segundo sentimentos de humanidade para com aquelles que a Providencia submettêra á sua authoridade. E com quanto o systema da escravatura não fôsse completamente abolido com a fundação do christianismo, as suas durezas foram consideravelmente suavizadas; christão algum, digno do nome, podia tratar seus escravos com crueldade, ou desnecessario rigor.

Os Turcos e outros povos, que supplantaram o imperio dos Cáliphas, renovaram o systema de reduzir á escravidão seus prisioneiros de guerra; e o mesmo em represalia faziam os cruzados. Depois do enthusiasmo febril das guerras religiosas, e á proporção que o espirito humano se esclarecia, a religião ficou sendo comprehendida melhor, melhor practicada, e á proporção que o commercio e a civilisação espalhavam a riqueza por todas as classes, a escravatura foi gradualmente desaparecendo, e o proprio systema feudal, por um conjuncto de circumstancias abolido em algumas partes da Europa. E' porem um facto para lamentar que a abolição da escravatura na Europa fôsse seguida da sua instituição na America. Acabamos de vêr como varias causas differentes concorreram para tornar inevitavel este resultado.

Na vida o mal anda associado ao bem e a criatura na sua fragilidade não comprehende os designios da Providencia, que na sua infinita sabedoria tem permittido aquellas scenas de horror. A escravidão é uma taça amarga, mas quantos não tem bebido d'ella, a que naturalmente dá logar a perguntarmos:—Com que direito exerce o homem acção despotica sobre o seu semelhante? Para os christãos é esta questão da

maior importancia e sériedade, que devem ás suas consciencias, por isso que crêem no juizo final.

A instituição da escravatura foi determinada por uma combinação de circumstancias que a tornou necessaria. O padre de las Casas, o cardeal Ximenes, e outros illustres advogados da liberdade Americana, tinham inquestionavelmente as melhores tenções quando planejaram e promoveram a escravatura preta.

Se os naturaes da America tivessem abraçado o trabalho voluntariamente mediante uma recompensa pecuniaria, a humanidade e a justiça da córte da Hespanha tel-os-hia igualado aos trabalhadores europeos, e nunca teria lembrado importar escravos d'África; mas a sua invencível repugnancia para o trabalho não abrandava e os meios coercivos empregados para os obrigar a trabalhar viria a dár n'um exterminio geral da raça. Os authores do projecto da escravatura preta, homens indubitavelmente humanitarios e bem intencionados, imaginaram que arrancando d'África aquelles que escravos já eram, prisioneiros nas guerras que frequentemente tinham logar entre as tribus selvagens d'aquelle continente, ou aquelles julgados como malfeitos e sentenciados á morte, fariam d'elles homens uteis á sociedade.

E' provavel que calculassem mesmo que escravos importados d'um paiz distante, e comprados caros deveriam esperar melhor tratamento, por isso que eram os seus senhores os primeiros interessados em lhes conservar a vida e a saude, o que não acontecia com os malaventurados naturaes d'America que para os colonisadores não tinham valor algum. Acrescia tambem que o negro não tinha aquella grande aversão ao trabalho que caracterisava os habitantes do novo mundo, e que as suas robustas constituições os tornavam aptos para supportar as fadigas que ameaçava exterminar os oriundos da America. E' natural que fossem estas as considerações que influiram sobre o animo dos authores do projecto da escravatura Africana, e sufficientemente evidenciam a rectidão das sus intenções. As consequencias, é certo, foram uma vergonha para

a humanidade, mas não era possível prevê-las. O homem é susceptível de errar; e muitos vêem-se em circumstancias tão extraordinárias que a mais leve falta commettida produz as mais fataes consequencias, ou para si mesmos, ou para outros; se contudo compulsarmos a historia da humanidade facilmente reconheceremos que muitos homens se tem visto collocados em situações semelhantes ás que deram origem á escravidão d'África.

Mr. l'Abbé Raynal, calculou a importação na America de negros em oito a nove milhões, e que, ao tempo que escreveu, não restava milhão e meio. Se este calculo é verdadeiro, offerece-nos um quadro de devastação da especie humana de que a historia nos fornece poucos exemplos, e que se deve attribuir a uma infinidade de maus tratos de eterna vergonha para a humanidade. Imputar esta mortandade á mudança de clima, não, porque os paizes d'onde se tiravam os negros ficam na zona torrida, com clima igual ao das colonias Americanas; e, á excepção da Batavia, poucos paizes ha no globo mais insalubres e quentes que a Negrolandia e a Guinea. Esta singular e atterradora mortandade dos infelizes Africanos, póde, sem duvida, attribuir-se á violenta separação de seu paiz e parentes, e áquelle abatimento de espirito filho da escravidão.

Aquelle horrivel trafico, offensivo ao christianismo, detestavel aos olhos de Deus, e que o devia ser aos do homem, até ao ultimo quartel do decimo oitavo seculo, não mereceu aquella attenção, nem incorreu n'aquella censura como era d'esperar dos principios moderados e dos preceitos evangelicos que então reinavam na sociedade. A primeira tentativa para a sua abolição começou entre os Quakers (a) da America; e na Gran-Bretanha esta mesma sociedade humanitaria collocouse na vanguarda d'esta santa causa, apresentando no parlamento Inglez uma representação em favor dos opprimidos Africanos. A causa tornou-se depressa popular, publicaram-se

(a) Seita religiosa que differe em muitos pontos da reigião protestante, adoptada pelo Estado. Esta communidade distingue-se per sua pureza de costumes e acções humanitarias.

varios escriptos sobre este assumpto de que se occuparam algumas das mais distinctas peñas do Reino. Muitos ecclesiasticos de grande saber tornaram-se advogados d'ella no pulpito, e as duas Universidades e algumas das principaes cidades e corporações da Inglaterra dirigiram á legislatura suas petições.

Mr. Pitt, Mr. Wilberforce, e Sir William Dolben, foram os primeiros senadores Britannicos que advogaram a causa dos negros perante o parlamento, no dia 9 de Maio de 1788. Durante a sessão, lavraram-se varias actas tendentes a minorar os soffrimentos dos escravos nas viagens. Desde então a abolição da escravatura preta tornou-se o principal assumpto entre os philantropos da Gran-Bretanha, e em quasi todas as sessões do parlamento promulgavam-se leis sobre este objecto. A causa dos infelizes Africanos foi esposada e defendida eloquentemente por todos aquelles grandes oradores Pitt, Burke, Fox, Wilberforce, alem d'outros demasiadamente numerosos para d'elles fazer menção, e Mr. Fox, tomou tanto a peito esta medida que declarou que, se depois de serviços de quarenta annos no parlamento, tivésse a felicidade de obter a abolição de tão abominavel trafico, retirar-se-hia da vida publica satisfeito. Consigne-se com honroso louvor os nomes d'estes campeões da justiça, religião e humanidade.

Mas se por um lado a medida foi valentemente sustentada, por outro foi longa e velementemente combatida. Os defensores dos Africanos, porem, persistiram com um ardor que nada podia esfriar. As maiorias contra o projecto d'abolição foram gradualmente diminuindo, e em 1806 este projecto humanitario passou em ambas as casas do parlamento por grande maioria. O que restava era dirigir uma mensagem ao rei, pedindo-lhe para tomar as medidas convenientes e precisas, a fim d'obter, por tratados, a concorrência d'outras potencias e a execução dos regulamentos que se houvesse de confeccionar para aquelle effeito. Estas medidas foram propostas e na paz geral de 1814, a abolição da escravatura foi assignada por todos os poderes contractantes. Mas com quan-

to os respectivos governos condemnem este trafico anti-christão, alguns particulares de varios paizes com muito custo se resolveram abandonar um campo de que auferiam tantos lucros; e se não fôra o cruzeiro, é muito de suppôr que este trafico illicito continuaria com a mesma impunidade. E' para lamentar que a religião, a justiça e a humanidade exerçam tão fraca acção sobre a consciencia, quando esta se acha endurecida por considerações d'interesse.

Quando a escravatura occupava a attenção do senado e povo inglez, um novo phenomeno espantava o mundo—a constituição d'um imperio negro alem do Atlantico. Entre as commoções nascidas da revolução Franceza, a gente de côr na Hespaniola, a maior e a mais fertil das West Indias, expulsou os brancos, sob cujo jugo haviam gemido, e emancipando-se do poder da França, proclamou, depois d'uma luta sanguinolenta, uma republica independente, com o nome de Hayti, original denominação d'aquelle paiz antes do seu descobrimento por Colombo, Os haytianos têm completamente desmentido os argumentos d'aquelles que queriam apresentar os negros como uma raça inferior, abaixo da escaravelha geral da humanidade; porque o seu progresso na politica, no commercio, nas letras, e artes, promete dar-lhes um distincto logar entre as nações civilisadas.

E' ainda para lamentar que a abolição da escravatura não tenha produzido todos os seus beneficos effeitos e que apesar de tudo continúe, posto que clandestinamente, este trafico, mas devemos confiar que com o tempo as circumstancias da parte transatlantica do globo soffram uma mudança tal, que desapareçam todos os argumentos politicos ou commerciaes em favor da sua necessidade.

## VIGESIMA SEGUNDA CARTA

Passamos agora a analysar uma das mais notaveis consequencias do descobrimento d'America, isto é, a sua influencia

sobre os preços dos artigos de primeira necessidade nos diferentes paizes da Europa.

A descoberta d'America é um d'estes importantes acontecimentos de que resultou uma mudança completa e duradoura no systema dos negocios da humanidade. Tem-se já notado que este facto acordou o espirito das empresas, a que se seguiu o systema da colonisação que o mundo até então desconhecia; como tambem que deu origem a um novo systema de escravatura que a humanidade deplora, com quanto se não possa desde já realisar a sua completa abolição.

A agricultura Americana tornou baratas e abundantes um numero de conveniencias e commodidades da vida, d'antes excessivamente caras e escassas; e introduzio muitas outras inteiramente desconhecidas. A canna d'assucar cultivára-se de tempo immemorial em alguns logares da Azia e Africa; e o assucar foi um d'aquelles artigos de luxo, com o que o trafico do porto d'Alexandria supprio Roma e outras partes do imperio.

O assucar era conhecido aos romanos com o nome de «saccharum», mas era muito raro e carissimo, tanto que não servia senão como remedio ou nas mezas da opulencia. A cultura da canna importou-se na Sicilia pelo meado do seculo doze. Da Sicilia veio para as provincias meridionaes da Hespanha. D'ahi foi levada á Madeira e ás Canarias, e d'aquellas ilhas para a America, aonde o sólo e elima favoreceram de tal modo a sua producção, que ficou sendo um artigo permanente de commercio em varias colonias. O café, oriundo d'Abysinia, tinha sido mui remotamente transplantado para a Arabia, e, como a canna, constituiu um artigo de commercio na Alexandria, mas era pouco conhecido na Europa. Esta planta tambem se importou na America, aonde floresce perfeitamente; e os lucros provenientes d'estes dois artigos estimulando os colonisadores a uma cultura extensa, as quantidades trazidas para a Europa os tornou baratos e abundantes. O tabaco tambem se não conhecia n'estas partes do globo até que foi importado na Inglaterra pelo capitão Lane, que re-

conduzia algumas pessoas mandadas por Sir Walter Raleigh para estabelecerem uma feitoria na Virginia. Este artigo, á semelhança do assucar, tornou-se geral.

A introdução de muitos artigos de luxo, desconhecidos dos gregos e romanos, como tambem a generalisação d'outros, que, em razão da sua escacez e alto preço, podiam apenas apparecer nas mezas dos ricos e poderosos entre os antigos, não foi com tudo a alteração mais importante no systema commercial e social da Europa, devida ao descobrimento e colonisação do novo mundo. A vasta e continua importação de ouro e prata das minas Americanas na Europa, tornando aquelles metaes incomparavelmente mais baratos que d'antes eram, e diminuindo consequentemente seu valor, alteou os preços de toda a produção Europea, e em geral de toda a qualidade de propriedade. Este augmento extraordinario de valor da propriedade na Europa, devido ás entradas da riqueza Americana, em pouco dobrou e quadruplicou e em alguns casos chegou ao décuplo e constituia a feição mais saliente que distingue aquelle grande acontecimento. O augmento e generalisação de riquezas progredira tão vagarosamente na Europa, antes da inundação do ouro Americano, que ainda em 1531 quando a conquista do Peru não se completára, e que aquella do Mexico e da Terra Firme, e outros paizes ricos apenas se consolidava, tendo vindo por consequencia, ainda poucas riquezas para a Europa, as despezas feitas por occasião d'uma grande festa publica, que teve logar em Londres custou o seguinte:

	L	S	D
24 bois a	1,	6,	8
100 carneiros gordos a	0,	2,	10
51 bezerros a	0,	4,	8
gallinhas a	0,	0,	2
27 duzias de pombas (por duzia)	0,	0,	2
350 » de calhandras ( » )	0,	0,	5
miudezas omissas			

Henrique oitavo, e a rainha Catharina d'Aragão, honraram esta festividade com a sua presença, e o seu custo foi tão in-

significante que não o acreditaríamos se não conhecessemos as circumstancias especiaes d'aquelle tempo. Informa-nos o mesmo author que em 1536 os moinhos do Priorado de Birmondsey arrendaram-se por 6 libras eterlinas.

A circulação d'aquelles metaes preciosos em diferentes idades, e em diversas partes do globo, é um estudo curioso e interessante. Segundo parece usavam-se como intermedio de commercio já nos tempos de Abraham, e como artigos ornamentaes em epochas pouco mais remotas; e de facto, com quanto não tenhamos informações authenticas em relação a esta especialidade é muito provavel que servissem como tal antes que determinassem o valor dos objectos. Deprehendemos da historia sagrada que o ouro e a prata, bem como certas qualidades de pedras preciosas, abundavam no Egypto no tempo do egresso dos Israelitas; por isso que as valiosas offeras do povo para a construcção do tabernaculo, com todos os ricos materiaes de que o mesmo se compunha, como tambem da magnificencia dos paramentos do summo pontífice, e de todas as ceremonias religiosas, sahiram d'aquelles thezouros que elles tinham trazido d'aquelle paiz; nem mesmo se explica por outro modo a posse em que estavam os Israelitas de objectos de tanto valor. Expolio d'inimigos não, por que a guerra com os Medianitas foi a primeira e posterior á construcção do tabernaculo. Pelo commercio tambem não, porque em parte alguma consta, nem ha recordações d'actos commerciaes d'onde viessem aos Israelitas tamanha somma de materiaes valiosos em tão pouco tempo depois da sua entrada no deserto. Na sua conquista das terras de Canaan, houve consideravel espolio; mas não é senão no tempo de David que se vê uma prôfusão de riquezas que espanta em tão remoto periodo da antiguidade; e a abundancia de ouro e prata no reinado que succedeu de Salomão tem feito vacillar a muitos leitores iniciados na historia Judaica. A historia das guerras de David faz crer que consideraveis quantidades de ouro e prata foram por quaesquer meios introduzidos nos paizes situados entre o Euphrates e o mar do Levante, e é

de suppor que aquella accumulacão de riquezas foi em grande parte effeito do trafico conduzido pelos Tyrios e Egypticos com as partes orientaes e meridionaes do globo.

As relações commerciaes entre Salomão e os Tyrios produziram enormes riquezas; e parece que havia grande abundancia d'ouro e prata no Egypto, nas partes occidentaes da Asia d'este lado do Euphrates, e na Assyria e Chaldea, antes que a conquista de Sardes e de Babylonia tivessem transferido uma grande parte da sua riqueza para as mãos dos Persas, que anterior áquelle periodo parecem haver passado da pobreza e obscuridade á opulencia e poder. Nenhum documento historico, porem, existe que nos elucide sobre os meios pelos quaes entrou tantas riquezas n'aquelles paizes e nem a historia antiga ou moderna, sacra ou profana allude ao menos á existencia de minas n'aquellas ou em outras partes do mundo. N'este, como em muitos outros pontos, estâmos muito atrazados e a supposiçãõ melhor é que o ouro e a prata dos antigos vinham da Africa, aonde aquelles metaes, especialmente o ouro, abundam, tanto no interior como nas partes orientaes, sobretudo na Monomopata, Monceningi, e Sofala, que muitos suppõem ser a terra d'Ophir, para aonde se dirigiam as frotas de Salomão, em quanto outros, com menos bom fundamento julgam ser a ilha de Ceylon ou outras partes da India, ou ilhas orientaes. Quaesquer, porem, que fossem as partes da Africa ou da Asia aonde estes metaes se encontrassem, ha toda a probabilidade de que foram introduzidos no Egypto, e nas partes occidentaes da Asia, pelos negociantes Arabes, Egypticos e Tyrios. Os Egypticos principalmente podiam trazer uma consideravel parte d'essas riquezas nas suas caravanas que de tempos immemoriaes viajavam para a Ethiopia, sob cuja denominaçãõ se comprehendia todo o interior e sul d'Africa; assim, as caravanas da Ethiopia vinham ao Egypto. Nas idades florescentes da Grecia, o ouro e prata entraram abundantemente n'aquelle paiz, mormente depois da conquista da Persia por Alexandre, estendendo a circulaçãõ da riqueza d'aquelle imperio para o occidente. Em quanto isto se passava Roma era

extremamente pobre, e os seus cidadãos possuíam uma mui diminuta quantidade d'aquelles preciosos metaes, até que a conquista da Macedonia e dos reinos gregos da Asia fez affluir para aquella cidade as riquezas do oriente. Depois que os Godos e outras nações do norte começaram a invadir com bons resultados o império romano, o espolio das suas provincias deu-lhes a posse d'uma parte das suas riquezas, e o ouro e a prata, que até então lhes eram inteiramente desconhecidos, foram introduzidos entre elles depois d'aquellas guerras devastadoras. Depois da queda total do imperio occidental, as riquezas que Roma accumulára no decurso de tantos seculos de feliz rapina foram gradualmente dispersas por toda a Europa, e os metaes preciosos penetraram nas regiões do norte. A abundancia de ouro e prata que, como nos diz a historia, se expunha com profusão nos palacios e decorava o vestuario e armamento dos antigos parece fabuloso a nós modernos, e não sem alguma razão perguntâmos — que fim se deu a uma tal quantidade de metaes que aquelles paizes possuíam, por exemplo Jerusalem e Judah nos tempos antigos, e por que os não vemos na mesma profusão depois das descobertas das minas d'America? A resposta, porem, é facil. Antigamente o ouro e a prata não entravam na circulação como hoje acontece. N'aquelles tempos a riqueza circunscrevia-se a um circulo estreito. O Egypto e aquelle pequeno districto da Asia que se estende desde o Levante e o Archipelago Grego, até ao Euphrates, conjunctamente com a Assyria e a Chaldea, eram os unicos paizes de que a historia, quer sacra ou profana, faz menção de tamanha abundancia de ouro e prata. Estes metaes não circulavam fóra d'aquelles paizes e não passavam de certas mãos. Eram propriedade tão sómente dos principes e dos grandes.

O commercio não tinha n'aquelle tempo deitadas ramificações e por tanto não estavam dessiminados pelo povo. E' esta a razão por que se viam profusamente em certos e determinados logares e em poder de poucos individuos. Vêmos a sua importação nos dominios Israelitas pelas armadas de Salomão;

mas é muito provavel que este trafico fôra monopolisado pela corôa, e não obstante o extraordinario apparatus de opulencia em Jerusalem, não se supponha que tamanha quantidade de ouro e prata andava em circulaçãõ entre lavradores, negociantes e artistas como entre iguaes classes de muitos paizes europeus; nem que todo o ouro accumulado no reino de Salomão soffra comparaçãõ com o numerario circulante na Inglaterra e na França. A riqueza então junta n'um ponto do globo, espallhou-se depois por entre os persas, depois entre os gregos e carthaginenses e mais tarde entre os romanos; e finalmente por toda a Europa, aonde nenhum ouro e prata se dessemilhava até então. Os thezouros, que pareceram immensos quando concentrados n'um pequeno espaço, tornaram-se insignificantes n'esta grande subdivisãõ e esta circumstancia fez o ouro e a prata escassos em extremo quando tinham parecido d'antes tão abundante. O ouro era mesmo tão raro que foi só no decimo oitavo anno do reinado de Eduardo 3.º, 1345, que pela primeira vez se cunhou; nem mesmo prata se não em pequenas moedas.

Note-se tambem que nas transacções de compra e venda de propriedade a libra normanda era uma libra de peso em prata, segundo o bispo de Flectwood, Sir Roberto Atkins e outros; e Mr. Folke diz-nos que esta libra normanda equivalia a 14:860 moeda fraca (11:888 rs. fortes). Nos tempos dos reis normandos, antes de Eduardo 3.º, as unicas moedas n'este, e talvez em qualquer outro paiz da Europa, eram os Bysanthos de Constantinopla. A fluctuaçãõ do valor das moedas torna difficil ajuizar do valor da propriedade em outras eras; mas é evidente que os preços dos differentes artigos de producção europea augmentavam lentamente, e que o ouro e prata continuavam a ser escassos até á abertura das minas do novo mundo. A ostentaçãõ d'aquelles metaes em quanto se restringiam ao Egypto e outros paizes occidentaes da Asia e a sua escacez depois da sua dessiminação por tantas nações differentes, mostra que o producto das minas, aonde quer que existissem, não eram sufficientemente abundantes para que

podessem contrabalançar os effeitos da sua extensiva dessiminação, ou allás que o commercio não fora sufficientemente activo e florescente para crear uma importação de metaes dos paizes da sua producção. Ambas estas causas poderião ter concorrido para produzir a escacez do ouro e da prata por tanto tempo na Europa. Uma terceira causa podia ter contribuido para esta mingua, alem da dessiminação d'estes metaes e a insufficiencia da sua producção ou importação. Não se pode duvidar que grandes thesouros tivessem sido enterrados nos tempos d'aquellas guerras devastadoras, conquistas e violentas revoluções, que tão frequentemente agitavam o velho mundo; e por consequencia, uma parte consideravel do ouro e prata, d'antes tão abundantes nos primeiros tempos d'antiguidade, desapareceram por este meio.

O descobrimento da America, e a exploração das suas minas produziram um effeito magico sobre o systema social e commercial da Europa. A entrada das riquezas americanas na Hespanha e Portugal, que d'esse tempo em diante por innumerous canaes commerciaes, circulou rapidamente nos differentes paizes da Europa produzia uma depreciação immediata no valor do ouro e prata e um augmento relativo nas producções Europeas. A fim de ajuizar do augmento d'aquelles metaes na Europa, desde a exploração das minas da America, bastará notar que o dr. Robertson, historiador de credito e conhecido pela elegancia de seu estylo, diz-nos, que, segundo um calculo rasoavel, a quantidade de ouro e prata importada na Hespanha da America monta, termo medio annual, de 1492 a 1775 á somma de quatro milhões de libras esterlinas, que n'aquelle periodo importava em 1132,000,000 libras esterlinas; e que se levarmos em conta o que entrou clandestinamente, podemos reputar o valor dos metaes que a Hespanha importou das suas colonias em não menos que dous mil milhões de libras. O abbade Raynal tambem assevera que durante o periodo que decorre desde o descobrimento do Brazil até 1756, cem milhões de libras esterlinas, em ouro, entrou em Lisboa d'aquella colonia. Diz-nos o mesmo escriptor, dan-

do-nos um exemplo do giro d'aquelles metaes por meio do commercio, que não obstante esta importação de ouro em Portugal, o numerario em circulação n'este reino, segundo os mais seguros calculos, não excedia a 833,333 libras esterlinas, e que a divida nacional andava a esse tempo por 166,666 libras esterlinas. Não se pode rasoavelmente julgar estes calculos exactos; mas podem ser, e sem duvida são sufficientemente seguros para nos habilitar a fazer uma estimativa, aproximadamente verdadeira, não só das enormes quantias de ouro e prata trazidas da America, como tambem das forças da industria empregadas na agricultura, nas manufacturas e no commercio, para attrahir as riquezas de outros paizes; porque é fora de duvida que a maior parte dos thesouros vindos para a Hespanha e Portugal, param na Inglaterra, França e Hollanda. A imputação da riqueza americana para o velho mundo tem alterado o valor relativo do ouro e prata por isso que as minas eram mais ricas neste ultimo metal. Esta alteração, porem, influe mais n'aquelles paizes que tem relações commerciaes com a America. A proporção entre o valor do ouro e da prata, era segundo o Abbade Raynal, na antiga Grecia, na rasão d'um para treze. Em Roma, ao tempo da morte da republica, como um para dez; e sob o imperio de um para treze. Na Europa, na idade que precedeu immediatamente o descobrimento da America, como um para doze no Japão, e presentemente como um para oito. Na China, como um para dez. Na India, um para onze; e mais tarde um para doze; treze ou quatorze á medida que se avançava para o poente; e na Hespanha, e em todos os paizes da moderna Europa, na rasão de um para deseseis. Este valor relativo dos dois metaes tende a soffrer alterações á proporção que forem apparecendo minas d'ouro e desaparecendo as de prata. Quando as minas do Potosi foram primeiro exploradas a prata estava em relação com o minerio na rasão de cincoenta por cento; presentemente, porem, a mesma quantidade de minerio produz apenas dois por cento. As minas na America Hespanhola constituíão propriedade do descobridor. Concedia-se-lhe uma

determinada extensão de terreno, mas a exploração é objecto tão despendioso e tão incerto que muita gente tem sido arruinada n'estas empresas. A prata diminue consideravelmente em quanto que a descoberta das minas de ouro aagrenta. Para os fins do seculo passado foram encontradas quantidades tão avultadas d'aquelle metal em alguns logares da America hespanhola que surprehendeu aquelles mesmos acostumados ás ricas produções d'aquelles paizes. N'uma colina nas immedições de Pamplona, Nova Granada, um simples trabalhador juntava n'um só dia uma centena de pesos e um dos ultimos governadores de Santa Fé trouxe para a Hespanha uma pedra d'ouro puro avaliado em 740 libras esterlinas. Esta amostra, a maior encontrada nas minas do novo mundo, foi depositada no museu de curisiodades de Madrid. Em quanto a prata não temos conhecimento de minas de consideração d'este metal. As minas argentinas da Styria produzem uma quantidade que concorre muito para a riqueza da casa d'Austria; mas não tanto que produza sensivel augmento na circulação; e aquellas de Kongsberg, na Norwuega satisfazem muito apenas o costeiro. Estas circumstancias tomadas collectamente authorisam a julgar que se o augmento na importação do ouro venha a contrabalançar a diminuição da prata, virá no decurso do tempo a influir no seu valor comparativo sem alterar em nada o valor relativo da moeda em relação aos preços das necessidades da vida e dos varios artigos da propriedade e produção da Europa. A este respeito o descobrimento da America é uma causa primaria que opera no systema commercial com incessante actividade até aos nossos dias, e tem necessariamente d'exereer mais ou menos influencia para sempre; por que se fôra possivel chegar um periodo em que se esgotassem as minas auríferas e argentinas, as massas enormes já lançadas em circulação, tem dado tal impulso e actividade á navegação e commercio, que, segundo toda a probabilidade, não deixará jámais de actuar sobre as empresas e especulações mercantis que encontrarão sempre inumeros canaes de circulação.

Os effeitos da descoberta e colonisação d'America não são eminentemente notaveis e conspicuos no systema politico e commercial do mundo como tambem claramente perceptíveis no que respeita á religião. O christianismo soffrêra um grande desfalque de poderio e grande influencia em consequencia do progresso do Mahometanismo, e a perda d'aquelles ricos e extensos paizes que compunham o imperio dos cálifas. Em compensação d'estas perdas todas as nações septentrionaes da Europa converteram-se ao christianismo. Depois que os Turcos estabeleceram seu imperio na Asia, invadiram a Europa, e favorecidos pelas continuas desavenças entre os christãos e muito principalmente pela rivalidade inveterada entre a egreja grega e latina ganhavam gradualmente terreno; até que Constantinopla, baluarte inexpugnavel da Europa contra o poder do cálifado, cahiu em poder dos mahometanos então temiveis para toda a Europa. O poder e os interesses do christianismo soffreram, e foram consideravelmente cerceados com a perda do imperio do Oriente, e d'aquelles fertes e florescentes paizes, a Grecia e a Macedonea etc. que então passaram ao dominio Ottomano. O christianismo soffreu esta perda pelo meado do seculo quinze, tendo sido tomada Constantinopla em 1453; mas para os fins do mesmo seculo foi amplamente compensado com a descoberta d'America em 1492, e cinco annos depois com a passagem para a India pelo cabo da Bôa Esperança. Estes descobrimentos e a importação de riquezas conjunctamente com o augmento proporcional de poder deram ás nações christãs decidido predominio na escala politica do mundo; e o christianismo adquirio uma influencia que nunca até então possuíra. De facto, o genio emprehendedor d'estas nações, a sua superioridade, tanto nas artes como nas armas, sobre todos os demais povos do globo, a que accresciam outras circumstancias consideradas collectivamente parecem authorisarnos a esperar que a religião de Christo venha a ser a unica predominante em todo o mundo, e considerando as circumstancias phisicas e moraes da humanidade, um tal resultado ti-

nia menos d'extraordinario que a sua primeira propagação e estabelecimento.

Em quanto os hespanhoes se empregavam em projectos de descobertas, conquistas e de colonisação no novo mundo, os portuguezes não desenvolviam menos energia no mesmo campo com quasi igual importancia. Cinco annos depois da descoberta d'America por Colombo, Vasco da Gama dobrou o Cabo da Bôa Esperança, explorou a costa oriental da Africa e aportou á costa occidental da península Indiatca, chamada geralmente, a costa do Malabar. Depois d'aquella feliz viagem, os portuguezes estabeleceram varias feitorias em quasi toda a costa d'África, e fizeram ricas e extensas conquistas sob o commando do intrepido e celebre Affonso d'Albuquerque, que tomou a cidade de Goa e conquistou toda a costa do Malabar; como tambem Malacca e Ormuz, e emprehendeu algumas expedições pelo mar Vermelho dentro. Depois de haver desenvolvido um talento extraordinario, tanto na guerra como em materia d'administração, morreu em Goa em 1515, deixando os portuguezes senhores de todo o trafico da India e da Africa, e d'um imperio commercial sem paralelo nos annos dos tempos passados. Esta vasta extensão de dominio e commercio adquirida tão rapidamente, foi comtudo quasi tão rapidamente perdida depois do dominio dos Philippes em Portugal. O commercio da India e as colonias portuguezas mais importantes cahiram nas mãos dos hollandezes, e pouco mais ficou a Portugal que a sua cidade e ilha de Goa e alguns estabelecimentos na costa d'África.

Pouco depois d'estas grandes e importantes descobertas, outro facto de diferente natureza, mas não menos importante, começou a demonstrar-se na Europa.

O enorme poder da igreja, que havia tantos annos hia em augmento, começou a ser considerado em muitos paizes como um dominio usurpador das consciencias; e a immoralidade, como tambem o despotismo do clero, pediam uma reforma. Muitos ecclesiasticos e prelados da igreja estavam convencidos d'esta necessidade no que dizia respeito á disciplina,

e desejavam a reunião d'um grande concilio para regular a hierarchia, e acabar com aquelles abusos, que, pela imperfeição da natureza humana se insinuam quasi insensivelmente em todos os systemas religiosos, e em tudo concernente aos negocios humanos. A obra da reforma porem, não foi comprehendida, por que raras vezes vemos uma communitade religiosa ou politica reformar-se a si mesma em quanto a isso não é compellida por alguma causa imprevista. Esta negligencia na reforma de abusos, que gradualmente se propagam nos systemas religiosos e politicos, produz muitas vezes aquellas violentas reformas que trazem consigo consequencias fataes aos mesmos systemas e subversivas da ordem estabelecida das cousas. Foi o que aconteceu á egreja no seculo deseseis. A corte de Roma julgando-se na posse segura d'uma authoridade e poder illimitados, em lugar d'examinar e regular a disciplina da egreja e os seus abusos que facilmente se teriam corrigido, preferio esmagar toda a qualidade d'opposiçãõ por medidas arbitrarías; e a obra da reforma, que podia ter-se effectuado sem perturbar em nada a tranquillidade do christianismo, estava reservada a um Martinho Luthero, frade de genio arrojado e impetuoso, cuja violenta opposiçãõ á arbitrariedade da santa sé, combinada com o orgulho e teimosia da corte de Roma produzio uma divisãõ e traçou uma demarcação na egreja christã que, segundo todas as probabilidades, jámais desaparecerá.

A corte de Roma mantendo seus principios resolveu silenciar Luthero, impondo-lhe preceitos positivos, que elle, achando-se apoiado por um grande partido, corajosamente despresou e mais audaz se tornou á proporção que a santa sé procurava esmagal-o violentamente. Luthero, por muito tempo, manifestou desejos de submeter-se ás decisões d'um concilio geral e varios principes christãos imploraram ao papa a sua convocação, a fim de assegurar a tranquillidade da egreja e a sua unidade. Por motivos porem, desconhecidos, estas sollicitações foram desattendidas, e foi-se sempre deferindo a reunião do conselho, até que finalmente o papa, cedendo ás

instancias do imperador Carlos quinto, convocou o concilio de Trento em 1545, vinte oito annos depois que Lutero erguera o estandarte da opposição, intervallo sufficiente para o seu partido adquirir forças e obter o apoio de muitos principes germanicos e outros homens d'elevada posição, alem de muita gente de todas as classes da sociedade, inclusivamente ecclesiasticos que abraçaram as suas doutrinas e recuzaram-se a reconhecer a authoridade da santa sé.

Era já demasiadamente tarde para que os decretos d'um concilio sarasse as feridas abertas quando tão consideravel parte da egreja repudiára a authoridade papal. Se tivessem reunido um concilio geral no começo d'aquellas disputas, ter-se-hia, sem duvida, restabelecido a tranquillidade e harmonia da egreja sem difficuldade. Ha todas as razões para crer que se hoje se dessem desintelligencias na egreja a moderação e sentimentos liberaes da epocha illustrada em que vivemos abateria aquellas animosidades, que ao tempo da reforma nasceu entre os partidos oppostos, e tanto assim que quando na França se fez opposição á authoridade do papa as hostilidades contra Roma subiram a maior ponto e contudo fizeram-se concessões de parte a parte, reconciliando-se os partidos adversos. Se o mesmo espirito de moderação prevalecesse ao tempo da reforma, tinha-se indubitavelmente acabado com os abuzos sem se effectuar a separação da egreja. Mas as circumstancias da epocha actual são differentes d'aquellas de meado do seculo deseseis. N'aquelle tempo Roma julgava-se toda poderosa; mas presentemente conhece melhor a sua posição e que a sua influencia e poder dependem inteiramente dos principes catholicos; e o soberano pontifice tem hoje a convicção que, com quanto respeitem o seu poder espirital, nem todos se querem sujeitar ao seu poder temporal.

Os effeitos da reforma como aquelles de quasi todos os acontecimentos, tem um mixto do bem e do mal, mixto inherente ao actual estado da humanidade. D'outro lado, a teimosia dos partidos oppostos, que, em vez de obedecerem a sentimentos christãos de caridade, trabalhavam continuamente

para alargar a brecha e tornar irreparavel o mal atearam o fogo da animosidade, seguindo-se as mais horriveis consequencias. Considerações temporaes como quasi sempre acontece, acobertaram-se com pretextos espirituaes; e quaesquer que fossem as intenções d'alguns individuos de sentimentos pios e desinteressados d'um e outro lado, animados d'um zelo sincero por aquillo que criam ser a verdadeira religião de Christo, muitos outros em nome de Deus procediam de maneira mui diversa.

Os chefes da reforma estavam desejosos de sacudir o jugo de Roma, em quanto que a corte estava na resolução de empregar todos os meios para os reduzir á obediencia. D'este zelo desmedido seguiram-se consequencias de tenebrosa recordação. Roma não poupou anathemas e perseguições para sujeitar á sua authoridade aquelles que se lhe oppunham; e o partido reformista não perdia occasião para se desforçar logo que se achava com poder sufficiente.

Uma scena de perseguição manifestou-se em quasi toda a Europa, e os protestantes divididos em varias seitas, perseguiram-se mutuamente com uma animosidade igual á que desenvolviam contra a authoridade do Papa. As guerras religiosas da Alemanha e da França, como tambem a revolta da Inglaterra no reinado do infeliz Carlos 1.º, são provas tristissimas do fanatismo do decimo sexto e decimo setimo seculo e d'aquelle espirito de intolerancia contrario ao Christianismo e que actuava sobre as differentes seitas de Christãos.

Contemplando os effeitos da reforma sob outro ponto de vista, veremos que este notavel acontecimento, depois que as commoções a que deu origem diminuiram, contribuiu em não pequeno grau para o melhoramento da humanidade, não só libertando os espiritos d'uma authoridade ingovernavel anteriormente exercida por juizes espirituaes como tambem pelas controversias profundas que nasceram d'essas disputas religiosas; por isso que em toda a materia questionada o encontro de opiniões oppostas faz rebentar faiscas de genio que esclarecem com a sua claridade o espirito avido de conheci-

mentos. Diversas investigações sobre objectos complicadíssimos exercitando as funções mentaes amadurecem e robustecem a intelligencia. Quando uma questão se torna interessante pelas circumstancias que a reveste, a conversação e a leitura sobre aquelle objecto vem illucidar melhor a materia. Formam-se novas combinações e a esphera de conhecimentos alarga e as razões multiplicam-se. O olho vigilante da opposição sempre prompto á censura e á revelação das faltas dos adversarios concorreu para a morigeração do clero das differentes seitas religiosas. Foi uma necessidade que o clero de todas as denominações do christianismo regulasse o seu procedimento de modo que não compromettesse a sua posição, expondo-se ao desprezo e á censura de seus inimigos, circumspecção que sem duvida não teria observado se não fosse o receio da censura.

É um facto que talvez ninguem ponha em duvida que o clero de toda a egreja christã tornou-se em consequencia da divisão mais illustrado e mais devoto.

A differença d'opinião em materias religiosas é inevitavel. Aquelles que pouco reflectem poderão aceitar uma opinião qualquer e seguil-a e em geral a humanidade abraça doutrinas que se não pode bem dizer que acreditam, por isso que nunca as discutiu, nem diligenciou profundar a verdade d'ellas; mas não é de crer que a parte pensadora entretenha idéas em tudo semelhantes em materia complicada e abstracta e que não podemos subordinar ás faculdades. A divergencia portanto em assumptos religiosos, não produziria effeitos perniciosos, se os homens no exercicio livre da consciencia concedessem aos outros igual direito; mas é para lamentar que o espirito diabolico da intolerancia, e perseguição, seja a consequencia necessaria, e não n'esta ou n'aquella seita, mas em quasi todas. Aquelles que mais clamam contra a perseguição, quando victimas d'ella, são os que menos escrupulizam em a exercer contra os outros; e logo que tenho gonho força, acham sempre pretextos para impôr aos outros o que elles tanto lhes reprovavam. Mas por muito que o homem se illuda,

todos os pretextos para o avanço da gloria de Deos ou dos interesses da religião por meios intolerantes, são negativos.

O Senhor conhece a fraqueza e a incapacidade das suas creaturas, a natureza e alcance das suas forças intellectuaes, e a curteza da comprehensão humana, e contempla misericordioso as faltas provenientes d'um erro d'entendimento e não de más intenções. Deve pois o homem no seu orgulho arrancar das mãos do Creador a vara da justiça para exercer a crueldade e oppressão em nome do Deus de misericordia e amôr? Não devem esses usurpadores das divinas attribuições receiar os mais severos castigos? Riscaram-se felizmente esses dias de fanatismo religioso e as differentes seitas de christãos, discorrendo sobre um ou outro ponto e no ceremonial da egreja, estão todas d'acôrdo em liberdade de sentimento e tolerancia religiosa.

## VIGESIMA TERCEIRA CARTA

A nossa revista dos tempos passados está chegando a uma conclusão, e aproximámo-nos já dos nossos dias que, menos ferteis em acontecimentos extraordinarios, não são menos interessantes.

Desde o principio do mundo, periodo algum se tornou tão notavel por uma cadêa successiva d'acontecimentos importantes como é aquelle que se conta entre 1440 a 1560, que abrange a invenção typographica, a tomada de Constantino-  
pla, a descoberta d'America e da passagem para a India, a conquista do Mexico, do Peru, e d'outras partes do novo mundo, e da exploração das ricas minas d'aquelles paizes pelos hespanhoes; a conquista de Goa com a costa do Malabar, d'Ormus e Malacca pelos portuguezes; a que se seguiu o estabelecimento d'innumeraveis colonias no Occidente pelos primeiros, e no Oriente e na Costa d'Africa pelos ultimos; a reforma da religião; o engrandecimento da Casa d'Austria pela união de muitos estados europeus, sob o dominio de Car-

los 5.º com a posse e accumulaco de riquezas do novo mundo. A cada um d'estes notaveis acontecimentos seguiram-se consequencias que influiram d'um modo decisivo sobre as condioes da humanidade nos nossos dias, e continuaro a produzir seus effeitos em futuras eras. Podemos tambem accrescentar as descobertas e melhoramentos na navegao, commercio, philosophia, artes, sciencias e manufacturas que ento tiveram logar; e que com quanto de menos importancia em relao aos grandes factos que distinguem aquelle periodo sobre todos os outros, como a idade das empresas aventureiras, e dos melhoramentos, no tem deixado de actuar sobre o systema geral. A polvora fo a inveno d'um frade Alemo, anterior ao meado do seculo quatorze; o seu aperfeioamento, e as suas varias applicaoes foram obra d'um periodo mais recente; e foi so para os fins do decimo quinto seculo, principios do decimo sexto que as armas de fogo chegaram a certo grau de perfeio. Querem muitos que as primeiras armas de fogo fossem usadas pelas Inglezes, no tempo de Eduardo 3.º, na batalha de Cressy, mas no se acha esta noticia comprovada por facto algum authenticico, nem se sabe com mais certeza, aonde, ou em que tempo se empregou pela primeira vez o canho, com quanto ´ quasi fo de duvida que o uso da polvora era conhecida entre os indios e chins muitos seculos antes que fosse conhecida dos europeus. Esta descoberta, porem, ´ um objecto interessante e de consideravel importancia na historia militar, por isso que produzio uma mudana completa na arte da guerra e em todas as operaoes mitares. A inveno da polvora deu logar a uma grande opposio contra a introduco d'um material to destructivo; mas ´ certo que as batalhas e assaltos tem sido acompanhades de menos effuso de sangue desde ento, como se pde conhecer compulsando a historia.

Os acontecimentos occorridos desde o decimo sexto seculo, com quanto muitos tenham sido bastante interessantes no tem produzido effeitos de tamanha magnitude, nem exercido uma influencia sobre o systema geral dos negocios da huma-

nidade como aquelles anteriores. O tempo decorrido desde aquelle periodo apresenta uma linda perspectiva da extensão do commercio, da diffusão de riquezas, do adiantamento da civilisação, da declinação das perseguições religiosas, da introdução de sentimentos liberaes e humanitarios, do rapido progresso da sciencia e litteratura, e do avanço geral em cada ramo dos conhecimentos humanos. Este quadro geral de melhoramento são consequencias necessarias dos acontecimentos que tiveram logar nos seculos quinze e deseseis, e evidentemente demonstram a potencia d'aquellas causas, que então começaram a operar, e cuja influencia jámais se pode extinguir nem esgotar-se seus effeitos.

As transformações por que passaram as nações europeas, desde o meado do decimo sexto seculo, são fielmente descriptas por grande numero de historiadores com uma precisão de que não ha memoria na historia d'eras mais remotas. Como fallassemos no engrandecimento da casa d'Austria no começo do seculo deseseis, devemos tambem notar a declinação do ramo hespanhol d'aquella casa no ultimo quartel d'aquelle seculo, pela revolta dos Paizes Baixos que exaurio os recursos da Hespanha e deu origem a uma nova potencia maritima que teve uma longa duração. Fôra esta revolta a consequencia de medidas violentas e arbitrarías de Philippe 2.º. As sete provincias unidas deixaram de pertencer á corôa de Hespanha e converteram-se em republica hostil e o mais inveterado e incommodativo inimigo, como tambem rival perigoso do poder maritimo d'aquella monarchia. A força naval da Hespanha, a mais formidavel da Europa, recebeu tambem um golpe fatal na derrota da armada invencivel que Philippe destinava para invadir a Inglaterra em 1588.

O engrandecimento da França veio completar o abatimento da Hespanha, tornando-se aquella tão poderosa no tempo de Luiz 14.º a ponto de ameaçar a subjugação da Europa, e mirar á soberania universal. O equilibrio, porem, do poder das nações tem sido tão bem entendido e tão firmemente estabelecido nos ultimos dois seculos que é muito provavel que

assim continuarão os negocios politicos.

O engrandecimento da Russia e o progresso das artes, sciencias e civilisação n'aquelle imperio, como tambem no seu poder naval e militar, e importancia politica pelo genio e esforços do immortal Pedro, o Grande, seguido d'outros grandes monarchas seus successores, com especialidade Catharina 2.<sup>a</sup> constitue uma feição notavel na historia do seculo desoitto, e offerece uma agradavel perspectiva áquelles que se delectam na contemplação do progresso da civilisação e melhora-mento da especie humana.

A Europa não podia vêr, sem espanto, uma grande e elegante metropole, embellezada com magnificos edificios e a todos os respeitos propria para a residencia d'uma corte brilhante, erguer-se nos pantanos medonhos da Ingria e cobrirem-se as lamacentas margens do Neva de palacios esplendidos, convertendo-se em um paraizo terrestre. A cidade de San Petersburgo dá a medida da industria humana, e é um monumento eterno do genio emprehendedor de Pedro o Grande.

Entre os acontecimentos mais notaveis d'estes ultimos tempos, vêmos a creação de novos imperios alem do Atlantico, que sem duvida, igualavam em poder, extensão e população aquelles do velho mundo, sem mesmo exceptuar Roma. Depois da imperfeita colonisação das melhores partes d'America pelas nações europeas as colonias reconheceram a soberania da mãe patria, da qual estavam dependentes e estas como indenmissação monopolisavam o seu commercio e impunham-lhes aquellas restricções que julgavam necessarias.

As colonias não desconheciam as desvantagens da sua posição, mas não se achando com forças para reagir, submette-ram-se á authoridade do seu respectivo paiz. Tão depressa, porem, foram augmentando em população, riqueza e força, começaram a aspirar á sua independencia. Isto não era mais que a consequencia natural da oppressão, por que não era possivel que um continente vasto e fertil como o Americano permanecesse sempre sujeito á Europa, que virá a exceder em população assim como a excede em territorio. As colonias

Britannicas marcharam na vanguarda desta grande cauza. Depois de muitas divergencias e contendias com a mãe patria, declararam-se independentes, e apoiados pela França e pela Hespanha, foi a sua independencia finalmente reconhecida na paz geral de 1783 pela Gran Bretanha. As colonias Hespanholas, tanto do Mexico como da America do sul começaram em 1810 a manifestar disposições semelhantes para se revoltarem contra a Hespanha e estando este paiz exausto de recursos em razão da sua guerra com a França, proclamaram a sua independencia depois d'uma longa e sanguinolenta luta sem auxilio estrangeiro. O rico e extenso Brazil pelo mesmo tempo sacculio o jugo de Portugal e constituiu-se um imperio independente sob o governo de D. Pedro filho primogenito do Rei de Portugal, que assumio o titulo de Imperador.

Importantes revoluções geralmente produzem genios e revelam á energia nacional. O imperio anglo americano deve, em grande parte, a sua independencia aos dons politicos e militares do general Washington; e a America do Sul é devedora da sua ao general Dom Simão Bolivar. Estes dous caudilhos, um no norte, outro no sul do Novo Mundo mostraram-se iguaes em talento e dedicação civica aos maiores homens da Grecia ou de Roma nos seus tempos esplendidos.

O homem observador politico e philosophico facilmente conhecerá que a independencia da America do Norte e do Sul devem com o tempo produzir effeitos importantes d'um alcance muito superior a tudo quanto podemos imaginar.

Não se pode duvidar que os anglos americanos, com o andar do tempo deverão estender o seu poder sobre todo o continente desde o Atlantico até ao Oceano Pacifico e desde o Golpho do Mexico ás partes habitaveis mais longinquoas do norte; mas o que resta saber é se os seus immensos territorios continuarão a constituir uma vasta republica federal ou se se desconjunctará formando diversos estados hostis.

No velho mundo temos visto erguer-se imperios, florescer, declinar e finalmente extinguir-se—Monarchias teem-se tor-

nado em republicas e republicas em monarchias, e a America tem necessariamente de passar por ignaes commoções. No decurso d'alguns seculos a America tem de passar por novas phases. O deserto immenso do seu interior tem de ser cultivado e essas vastas regiões inhabitadas encher-se-hão de cidades e villas. Então a America será o que hoje é a Europa; e quem pode prever as revoluções porque tem de passar; que novas formas de governo a estabelecer e que novas republicas ou monarchias poderão nascer? Difficilmente porem podemos suppôr que o imperio americano do norte passados alguns seculos continuará unido n'um governo federal como presentemente.

Sem querer levar as conjecturas demasiadamente longe e regulando-nos simplesmente pela ordem natural das cousas e conjuncto de circumstancias moraes, é de crer que algumas consequencias devem necessariamente nascer do augmento enorme de população, extensão e grandeza crescente que os imperios americanos do Norte e do Sul estão tendo. Deixamos já dito que a importação do ouro e prata das minas do novo mundo, diminuindo o valor relativo d'aquelles metaes, padrão pela qual se afere o valor de toda a propriedade, actuou mais decididamente sobre o systema commercial do que outros quaesquer acontecimentos nos negocios humanos. A entrada de riquezas, producto das minas americanas, que dos portos de Lisboa e Cadiz circulou por toda a Europa e pela maior parte dos paizes aonde os europeos possuem colonias ou influencia, é uma causa activa actuando continuamente sobre o commercio nas suas numerosissimas ramificações e sobre o valor dos productos europeos e sua propriedade. A actividade d'este potente moter ha de,segundo todas as apparencias, continuar em quanto o mundo for mundo; muito embora soffra suas modificações. Quando se cobrir o continente americano desde o Oceano Atlantico até ao Pacifico, e desde o polo arctico até aos estreitos de Magalhães, ao Cabo Horn mesmo, d'uma população activa e industriosa, florescente nas artes e nas sciencias, no commercio e nas manufacturas, o seu trafi-

eo e circulação interna absorverá indubitavelmente a maior parte dos productos das minas até hoje descobertas, e quando isto acontecer a importação do ouro e prata na Europa diminuindo consideravelmente, a consequencia será um depreciamento gradual no valor da propriedade Europea, e não ser que outras cauzas, presentemente impossiveis de prever, venhão contrabalançar a influencia d'esta baixa no fluxo da riqueza americana para o velho mundo.

Outra circumstancia historica dos ultimos tempos é o augmento rapido e extraordinario da força naval da Gran-Bretanha desde o reinado da rainha Izabel, que foi quando d'insignificante que era, começou a adquirir importancia, até que atrahio a attenção e a admiração da Europa pelo triumpho completo que teve sobre a armada hespanhola. A marinha ingleza desde esse tempo foi sempre em progressivo augmento; mas foi só depois da paz d'Aix la Chapelle que se tornou formidavel a ponto de desafiar o poder naval unido de todo o mundo.

A natural consequencia d'esta superioridade naval é a soberania indisputavel dos mares, com estabelecimentos em todo o globo, e um commercio como não tem outra nação alguma. A maior parte do commercio para as Indias Orientaes e para a China está nas mãos dos inglezes e a companhia das Indias acha-se na possessão d'um territorio muito superior em dimensões ao reino unido da Gran-Bretanha, contendo cento e cinquenta mil milhas quadradas em Bengalla, Bahar, e Orissa e doze mil mais no districto de Benarez, de modo que o imperio da India contem cento e sessenta e duas mil milhas quadradas, trinta mil milhas quadradas mais que a Inglaterra e Irlanda; e a sua população monta a onze milhões; alem de varios estabelecimentos e sitios fortificados destacados e que não entram n'este calculo.

Mais tarde o acontecimnto mais notvel foi a revolução franceza que sendo dos nossos dias dispensa commentarios. Diremos tão somente que constitue um attentado extraordinario e sem precedentes na historia que teve por fim destruir a religião e o systema politico da Europa; terminando de um

modo não menos singular. Depois d'uma luta prolongada entre a infidelidade e as crenças estabelecidas, na qual a primeira teve por muito tempo a ascendencia, a contenda acabou no triumpho e restabelecimento do Christianismo, sobre bazes liberaes. Temos visto o começo e o fim de guerras que nasceram d'esta revolução; guerras que deixaram ensanguentadas as paginas da historia, que envolveram as nações em dividas como não ha exemplo, e como outros muitos acontecimentos demonstraram a instabilidade das cauzas humanas. Guerras algumas talvez tenham havido em que se dessem tantas e tão sanguinolentas batalhas, e que apresentem tantas vicissitudes em tão curto espaço. Os esforços da França não tem parallelo na historia das nações; e não obstante as victimas, as conquistas, e os triumphos de Roma, todos quantos conhecem a historia romana reconhecem necessariamente que as façanhas militares d'aquelle celebre povo nunca egualaram aquellas da França, nem produziram effeitos tão promptos em tão pouco tempo.

Em quanto a nação Franceza excitava a admiração da Europa, a Gran-Bretanha não menos se tornava notavel pelos gigantescos esforços que empregava para lhe fazer frente, tornando-se baluarte da Europa, manifestando ao mesmo tempo sentimentos liberaes e espirito de conciliação, na generosa protecção e apoio do clero perseguido d'um paiz estranho, e de differente communhão; circumstancia que lhe traz tanta gloria como mesmo seus brilhantes feitos d'armas por mar e por terra.

Depois da republica seguio-se o imperio sob o celebre Napoleão Bonaparte que, por seus talentos militares e extraordinaria felicidade fez-se chefe administrativo e militar sob o titulo de primeiro Consul; e pouco depois, por uma serie de bem combinados planos, elevou se á dignidade imperial e foi solemnemente coroado imperador dos francezes. Para descrever as campanhas d'este homem extraordinario seria mister volumes d'istoria e não é este o logar para commemorar detalhadamente as victorias esplendidas de Austerlitz, de Jena,

de Wagram e Friedland que pozeram a Europa inteira a seus pés. Basta observar n'esta revista geral, que no decurso d'estas guerras os exercitos francezes, ou sob o seu imperador, ou sob os seus generaes, entraram em triumpho em quasi todas as capitães da Europa, como por exemplo, Roma, Veneza, Napoles, Madrid, Lisboa, Berlin, Vianna, e Moscow. A expedição do imperador francez a Moscow é especialmente notavel como sendo o *Ne plus ultra* das suas conquistas, trincheira fatal que poz termo á sua carreira politica e successo militar, sem parallelo na historia, e que foi assignalado por uma mortandade sem exemplo nos tempos modernos.

Pelos fins de junho de 1812, o imperador dos francezes invadio os territorios russos á frente d'um exercito não inferior a trescentos mil homens no maior primor d'equipamento e disciplina. Depois de muitos sanguinolentos encontros e assignaladas victorias avançou sobre Moscow.

No dia 15 de setembro entrou n'aquella metropole, fixou o seu quartel general no Kremlin e assentou-se no throno dos Czars. Mas aquella cidade tendo sido incendiada, o invasor achou-se entre ruinas fumegantes. Napoleão offereceu então paz ao monarcha russo, que regeitou as suas propostas humilhantes. N'esta conjunctura conhecendo a impossibilidade de procurar abastecimentos para o inverno que se aproximava, começou o imperador francez a sua retirada, no dia 18 d'outubro, na qual achou-se exposto a incessantes ataques da parte dos exercitos russianos reunidos de todos os angulos do imperio. N'estes encontros sanguinolentos os francezes eram constantemente derrotados, e o inverno sobrevindo prematuramente e com uma severidade pouco vulgar mesmo n'aquelle clima inhospito, este immenso exercito invasor foi quasi aniquilado, apresentando um quadro de carnificina sem igual nos annaes dos povos desde a retirada de Xerxes da Grecia. Os victoriosos russos proseguiram nas suas victorias caminho de Allemanha; e os prussianos e mais alguns estados aproveitaram o ensejo para sacudirem o jugo do imperador francez.

Tendo Napoleão deixado na retaguarda os fragmentos das

suas destroçadas forças effectuou a sua retirada para Paris, fez esforços prodigiosos para reunir um novo exército, e logo que o conseguiu invadiu novamente a Allemanha e recommçou uma campanha activa e vigorosa.

Por algum tempo a fortuna mostrou-se-lhe duvidosa, até que finalmente a balança pendeu para o lado do imperador francez, e não obstante as suas immensas perdas na retirada de Moscow no anno precedente, o mundo presenciou, confundido, os exercitos da Russia e da Prussia em debandada adiante d'elle. Interromperam-se as hostilidades temporariamente por meio d'um armisticio a fim de negociar um tratado de paz; mas sendo julgadas inadmissiveis as propostas de Napoleão; seu sogro, o imperador d'Austria, que já anteriormente assumira a posição d'uma neutralidade armada, reuniu a grande confederação contra a França, como tambem tinham feito os reis da Suecia e da Baviera, a que a Dinamarca foi compellida a annuir. D'este modo todas as grandes potencias da Europa, apoiadas por enormes subsidios da Gran-Bretanha puzeram em campo as suas forças combinadas contra o imperador francez e a guerra recommçou com redobrado encarniçamento. As series d'operações militares desde esta critica conjunctura até ao fim da guerra pela destreza de combinações, rapidez de movimentos, carnificina e importancia de resultados, não tem parallelo na historia moderna nem mesmo dos tempos antigos. A sanguinolenta batalha de Leipsig dada em dous differentes dias, 16 e 18 d'outubro de 1813, na qual as tropas da Saxonia, passando em numero de quinze mil para os alliados, decidiram da sorte do imperador francez, que foi completamente derrotado com a perda de noventa mil homens mortos, feridos e prisioneiros, obrigando-o a evacuar precipitadamente a Allemanha como no anno anterior acontecêra na Russia. Foi immediatamente seguido pelos alliados, que, passando o Rheno em varios pontos, entraram na França.

Depois de tantos annos haver desempenhado o papel d'agressor, Napoleão vio-se d'esta vez atacado na séde e coração de seu poder, e durante uma activa campanha, o balan-

ço da fortuna parecia manter-se em equilibrio, até que a final conseguindo os alliados tomar posições entre o exercito francez e a capital, tomaram a deliberação de marchar com todas as suas forças, entre duzentos e tresentos mil homens e caíram sobre Paris. Teve então logar um sanguinolento encontro sobre as alturas de Mont-martré e Bellevue, no qual os alliados tiveram grande superioridade tanto em numero como em disciplina. Os francezes foram derrotados; Paris capitulou; Luiz 18.<sup>o</sup> foi chamado ao throno, e uma paz assignada. Napoleão foi obrigado a resignar a soberania. A ilha d'Elba foi-lhe pelos exercitos alliados, designada como residencia, com o titulo d'imperador, cortando-se honrosos subsidios aos differentes ramos da sua familia. N'este asylo pacifico devia julgar-se contente, se uma ambição desmedida, que o lançára da summidade da grandeza humana, o não tivesse aguilhoado, causando-lhe a sua ruina.

Premeditando nova tentativa para reganhar o poder, reunio mil e cem aventureiros desesperados, á frente dos quaes desembarcou na França, e o exercito, adherindo ao movimento, marchou sobre Paris sem disparar um tiro e foi novamente reconhecido imperador. Luiz 18.<sup>o</sup> com a sua familia e a corte, tendo previamente procurado refugio na Belgica, fixou a sua residencia em Ghent.

Em razão d'este inesperado acontecimento, a Europa inteira preparou-se de novo para a guerra. Uma poderosa força de Inglezes, Hanoverianos, e Belgas juntou-se nos Paizes Baixos, apoiada por um poderoso exercito prussiano, commandado pelo marchal de campo, o príncipe Blucher; em quanto que os grandes exercitos da Austria, Prussia, Baviera e Suecia estavam em marcha sobre a França. Napoleão para poder fazer frente a tão poderosas forças reunio um grande exercito e um formidavel trem d'artilheria e com elle lançou-se na Belgica, aonde derrotou completamente o exercito prussiano. Mas a celebre batalha de Waterloo em 18 de Junho de 1815 decidiu a sorte do imperador dos francezes, que em pessoa commandava o exercito, sendo derrotado pelos allia-

dos sob o duque de Wellington. Os destroços dos francezes foram perseguidos junto a Paris. Esta metropole rendeu-se por capitulação, e Napoleão depois d'assignar segunda abdição e andar errante algum tempo pela França entregou-se aos inglezes, embarcando para bordo d'um navio de guerra britannico para não caír em poder de seus inimigos continentaes.

Luiz 18.<sup>o</sup> subiu novamente o throno de seus antepassados e a paz restabeleceu-se na Europa.

Napoleão foi conduzido como prisioneiro d'estado para a ilha de Santa Helena, obstando assim a que perturbasse a tranquillidade do mundo.

Ahi permaneceu perto de seis annos até á sua morte, que teve lugar no dia 5 de março de 1821, contando então 52 annos d'idade, succumbindo a um ataque de figado, acompanhado d'um canero no estomago, molestia que levára o pae aos 36 annos.

A carreira politica e militar d'este homem extraordinario, que por tantos annos foi a admiração e o terror do mundo, fornece-nos amplissima materia para considerações. Subira elle da obscuridade e pobreza a uma altura de grandeza, poderio, e fama militar a que mortal algum jámais chegára. Devemos porem ter em attenção que nos tempos da sua maior prosperidade, no zenith da sua gloria, e quando junta-va louros sobre louros, o seu paiz escorria sangue por todos os poros; e os altisonos nomes de Marengo, Austerlitz, Jena, Friedland, e Wagram, não enchugaram as lagrimas das viuvvas e orphãos da França. A sua quéda foi mais estrepitosa que a sua ascenção, e offerece um exemplo das vicissitudes da fortuna de que a historia não apresenta parallelo na vida d'outro qualquer individuo. Demonstra salientemente, os effeitos d'uma desmedida ambição, e presumpção imprudente, que, com quanto apoiadas por um consummado talento militar, coróadas, por muitos annos, de fortuna sem igual, arrastaram-no finalmente para o abysmo, e depois de victorias esplendidas e d'um poder exorbitante, levaram-no a morrer captivo n'uma ilha longinqua.

Nunca guerras algumas comprehendidas pela Gram Bretanha chamaram mais a attenção publica e provocaram maior divergencia d'opinião, que os dois memoraveis conflictos com as colonias americanas e o governo revolucionario da França. Cada um foi por seu turno debatido no parlamento britannico com toda a subtiliza d'argumentação de que é susceptivel a razão humana, e com aquella energia e flôres d'estylo que a rhetorica pôde desenvolver. Burke, Pitt, Fox e Sheridan, com muitos outros oradores inglezes disputaram a palavra a Cicero e Demosthenes, e o resto dos oradores celebres da Grecia e Roma, cujos discursos tem sido considerados chefes d'obra, d'eloquencia, e primor de rhetorica.

Não foi, porem, tão somente no senado que aquelle importante assumpto se discutia. O espirito publico insinuava-se por todos os angulos do paiz e a agitação não conhecia limites. Em todos os paizes, e em todas as occasiões, o povo, com quanto não possua nem as habilitações nem as informações necessarias para que possa julgar dos actos d'aquelles que estão no poder, está sempre disposto a censurar as suas medidas e a attribuir cada mal politico a uma má administração. Os que condemnam os actos d'aquelles a quem estão confiados os destinos da nação deviam considerar sériamente nas difficuldades com que estão a braços, devido ás perpetuas vicissitudes dos negocios politicos que dependem d'uma serie de circumstancias tão complicadas e notaveis, ora augmentando, ora contrabalançando influencias d'uns e outros, a ponto de produzir consequencias impossiveis de prever.

A tendencia para os principios revolucionarios sempre crescente, e as conspirações traiçoeiras do partido jacobino no paiz, obrigou o governo inglez a romper com todas as communicações com uma nação aonde o systema revolucionario dominava absoluto. Consideradas bem as circumstancias politicas da Europa, n'aquella momentosa crize, a posição da Gram Bretanha tornára-se extremamente critica, e a imparcialidade candida, sem influencia de paixões ou preconceitos,

convirá que os seus ministros achavam-se n'uma posição sem precedente, difficil como não havia exemplo.

Aquelles sempre dispostos a censurar os actos dos outros nos negocios complicados, devem ter em vista que é absolutamente incerto se medidas differentes d'aquellas adoptadas teriam sido mais vantajosas. Vêmos as consequencias do que se fez, mas não se pôde avaliar as do que se deveria ter feito. A experiencia só é que as pôde demonstrar. Sabe-se quaes foram as consequencias da guerra com a França, mas é impossivel prever quaes ellas teriam sido se a Gran Bretanha tem optado pela neutralidade, por que se não experimentou, e por tanto a grande questão da conveniencia ou inconveniencia da guerra ficará sempre por decidir.

Não se pôde negar que a divida nacional do paiz cresceu desmedidamente em consequencia das despezas da guerra; e que as contribuições augmentaram em proporção ás exigencias nacionaes. Na theoria especulativa isto é um grande mal, mas, depois d'uma apreciação bem combinada, achar-se-ha que a realidade não é tão assustadora como parece á primeira vista,

A lei tributaria encontra uma opposição universal, mas é pouco comprehendida. Os desaffectedos e os ignorantes de todos os paizes a consideram um gravame, e as facções demagogicas e os cabeças de motim não fallam nunca em fazer das contribuições objecto de seus discursos, servindo-se da ignorancia das massas e mascarando seus proprios designios sinistros com o falso pretexto de reformar abusos. É inegavel que os tributos tem immediata influencia sobre os artigos de consumo, tanto de primeira necessidade como de luxo ou conveniencia; por que o valor total do consumo nacional é sempre augmentado pela somma aggregada do interesse da divida nacional, e da despeza annual. Este augmento do valor do consumo nacional é o effeito principal e mais prejudicial da lei tributaria. A idéa de que as contribuições pesadas empobrecem uma nação é um erro. Quaesquer que sejam os impostos levantados n'um paiz, se forem despendidos no pro-

ducto nacional não o podem empobrecer; produzem apenas uma circulação mais activa, porque o numerario levantado no paiz reflue para o mesmo paiz por mil differentes canaes. O producto d'uma nação e suas colonias fornecem em parte ou no todo os equipamentos militares se é em tempo de guerra e o abastecimento da população em tempo de paz. Os salarios do funcionalismo publico consomem-se no paiz, e as obras publicas e varias construcções empregam os seus artistas. A importação dos artigos que um paiz não produz concorre para estimular o commercio e crear mercados para a produção e manufacturas proprias, que as nações estrangeiras não receberião senão em retorno d'uma remessa proporcional ás suas.

Se os effeitos dos impostos são elevar os artigos de consumo como não se pode negar, as nações nem por isso são mais pobres nem o povo mais oprimido; porque o valor da produção, e o preço do trabalho estarão sempre em relação. Esta delineação do caso funda-se obvianente na razão, e a sua veracidade funda-se na experiencia; porque é um facto inquestionavel que apesar das grandes dividas nacionaes as classes medias e o povo não passam peor.

Observámos já e não póde escapar a ninguem que o influxo d'ouro e prata da America foi a principal causa e a primaria da extraordinaria subida que desde a descoberta d'aquelle continente tem havido nas produções da Europa, que, como é natural, augmentou em proporção á diminuição do valor do ouro e prata á medida que avultava no velho mundo. D'aqui é claro que se a quantidade de numerario em giro dobrasse na circulação, dobraria igualmente o valor da propriedade e vice-versa: a actividade do commercio não só se resente pela quantidade em circulação, mas tambem por qualquer cousa que o represente; e o credito estabelecido opera a este respeito do mesmo modo que o numerario circulante.

Nos paizes aonde a moeda é escassa e o commercio fraco, tudo é barato, o soldo do militar é pequeno e baixos os sala-

rios do artista e do operario; os salarios do funcionalismo são fracos e todas as verbas de despeza publica na mesma proporção.

Exemplificaremos esta hypothese, estabelecendo uma comparação entre a Inglaterra e a Russia. N'este paiz, segundo Mr. Cox, um dos modernos viajantes mais intelligentes e escriptor imparcial, a sua receita não póde estimar-se em mais de sete milhões de libras sterlingas. <sup>(a)</sup> Com este rendimento, que não chega a um quinto do rendimento annual da Gran Bretanha, a Russia tem em pé de guerra uma força de 400:000 homens de cavallaria e infantaria, alem das suas esquadras; e não só exerce uma influencia preponderante na balança politica da Europa, como conduz as suas operações de guerra e administração com energia e em grande escala, gastando sommas immensas na construcção de magnificos edificios e apresentando um espectaculo de esplendor publico nada inferior a qualquer das primeiras cõrtes da Europa, ficando-lhe ainda sufficiente para a remuneração do merito, promoção das artes e sciencias, e da litteratura e tudo o mais da dependencia dos governos. Se os productos agricolas, salarios do artista, do jornaleiro, do soldado etc. estivessem altos, ou, em outras palavras, se o numerario abundasse na Russia como na Inglaterra, o governo d'aquelle imperio seria obrigado a levantar os impostos cinco ou seis vezes mais do que na actualidade.

Tomando a Gran-Bretanha como exemplo da nenhuma inconveniência dos pesados tributos, é fóra de duvida que os seus grandes impostos é a consequencia necessaria da sua immensa riqueza, e que povo algum tem menos direito de queixa contra os seus impostos como é o povo inglez, porque nenhum outro está tanto no caso de os pagar; e tambem por que os inglezes em troca do dinheiro desembolsado para as despezas do estado gozam uma segurança individual e de propriedade desconhecida nos tempos antigos e, quando não su-

---

(a) Ao tempo que esta obra foi escripta.

perior, nunca inferior a qualquer outro governo d'estas eras. Cumpre tambem aqui notar que o subdito britannico alem da prerogativa que tem de se impôr as suas contribuições por meio de seus representantes, tem por assim dizer a regalia de fixar o seu quantitativo, porque á excepção das contribuições prediaes que são inevitaveis, os outros impostos, pelo facto de serem indirectos, podem ser diminuidos prescindindo-se de certas regalias ou objectos de luxo, o que não acontecia com o systema instituido pelos romanos e adoptado por muitos outros povos. E' ainda muito duvidoso se, paga a divida nacional e abolidos os impostos, o paiz seria mais rico. O valor dos productos nacionaes e da propriedade diminuiria e as classes pobres da sociedade nada lucrariam por isso que os salarios soffrerião uma baixa proporcional.

Parece, por tanto, que os fundos levantados pelo systema tributario, gastos que sejião nas produções do paiz, revertem ás nascentes d'onde foram derivados, e como aquella parte consumida em productos estrangeiros tende a dar grande vigor e actividade ao commercio, uma grande divida nacional, e o augmento de contribuições, que deve necessariamente ser a consequencia dos grandes juros, são males de muito menos consideração do que geralmente se representa. Podia talvez figurar-se-nos sob uma analyse miuda que o mal maior e o unico real e consideravel é actuar sobre a industria interna pela sua irresistivel tendencia a fazer subir os preços do trabalho em proporção á elevação dos preços dos artigos de primeira necessidade; porque é obvio que o industrial, que não pôde sustentar-se por menos d'um tanto por dia, não poderá reputar os seus artefactos pelo mesmo preço por que os pôde vender áquelle para quem uma somma menor seja sufficiente, suppondo mesmo que ambos comprem a materia prima pelo mesmo preço; e consequentemente quando as mercadorias são trazidas para o mercado, este ha de vender por menos do que aquelle, a não ser que o primeiro possa contrabalançar as suas desvantagens por uma mão d'obra superior; ou enfão que, possuidor de grande capital,

e extenso commercio possa negociar em escala que o interesse menor fique compensado pela superioridade do seu trafico.

Como circumstancias analogas devem operar d'um modo analogo sobre a industria d'um milhão de homens como sobre o trabalho d'um só individuo, as consequencias mais de temer dos elevados impostos são que a nação pesadamente tributada, pôde, em razão dos altos preços dos generos de primeira necessidade vêr-se na impossibilidade de desfazer-se dos seus artefactos nos mercados estrangeiros pelos mesmos preços por que o podem fazer outras nações aonde a vida é mais barata. Toda a vez que duas nações commerciaes, n'estas circumstancias rivalizam no mesmo genero de manufactura e exportam as mesmas especies de mercadorias, aquella cujos operarios não poderem sustentar-se senão por mais altos preços, não pôde compatir com a sua rival no mercado estrangeiro, a não ser que a qualidade superior da mercadoria ou a barateza de capital contrabalancem a desigualdade. Isto é o que succede com a Inglaterra; os seus operarios vencem maiores salarios do que em outros paizes, mas fazem mais e melhor trabalho, e por isso as suas manufacturas tem maior procura e são mais estimadas fóra. O seu commercio é tambem sustentado por um capital immenso e conduzido em uma escala maior do que não acontece em muitos outros paizes. E se por outro lado ella tem a vantagem de reputar melhor as suas mercadorias, a sua opulencia e extenso trafico habilita-a a pagar bem as commodidades que importa para seu proprio consumo.

Sob um ponto de vista politico como moral, os males da guerra estão longe de serem de pequena monta. A riqueza e a prosperidade d'um estado augmentam necessariamente á proporção que os seus subditos se exercem aproveitosamente; e as riquezas de cada commuidade cresce na razão do numero de seus membros uteis. Deve por tanto ser uma grande calamidade que desde as primeiras idades um tão consideravel numero de uteis subditos se não empregue senão no exterminio de seus semelhantes.

A' pèrda de trabalhos de utilidade em beneficio da communi-  
dade acresec az quantidades de mercadorias etc. frequen-  
tamente destruidos pelo inimigo, ou que se corrompem pelo  
tempo que estão em deposito.

Compulsando as ensanguentadas paginas da historia, o lei-  
tor não pôde deixar de lamentar os effeitos desastrosos d'a-  
quellas guerras que tantas vezes tem deso'ado os mais for-  
mosos paizes, e envolvido um sem numero de victimas nas  
maiores calamidades. Parece, porem, considerando as cir-  
cunstancias do mundo e as imperfeições da natureza humana  
que as frequentes hostilidades são males inseparaveis do esta-  
do presente da humanidade. Em certos estados e communi-  
dades existe uma authoridade legislativa que promulga leis e  
regulamentos tendentes a refrear as paixões desordenadas e a  
conciliar os interesses oppostos de seus membros, como ha  
tambem uma força executiva para impôr a sua obediencia, e  
é evidente que sem estes elementos não ha sociedade possível.  
Mas quando se levantam contendias entre nações, não ha tri-  
bunal na terra a que appellar. A decisão n'este caso é por  
meio das armas. A guerra por tanto pôde ser encabeçada  
n'aquellas mysteriosas disposições da P'rovidencia, por meio  
das quaes as más paixões da humanidade são castigadas por  
si mesmas.

O systema tributario é uma d'estas feições que distingue  
o systema politico moderno do antigo. N'este, tanto as des-  
pezas ordinarias como extraordinarias eram votadas no mo-  
mento d'urgencia, pezando por tanto sobre os subditos que  
não estavam preparados para satisfazer ás exigencias publicas.  
Muitas vezes reconhecia-se a impossibilidade de levantar os  
fundos necessarios, e não poucas vezes acontecia debandar  
um exercito nos momentos mais criticos, na vespera mesmo  
da victoria e conquista por falta de meios para a sua susten-  
tação. Os tributos nacionaes quando assim cobrados esta-  
vam sujeitos a serem arrestados pelo inimigo de que ha mui-  
tos factos na historia. Este e outros muitos males deixaram  
d'existir ou se modificaram muito com a adopção do syste-

ma da contribuição indirecta, estabelecendo um meio regular e suave, equiparando a receita do thezouro ás despesas publicas e providenciando para os casos extraordinarios, sem vexame nem exigencias exorbitantes e onerosas para a nação.

Como o systema de contribuições é proprio ao systema moderno de finanças, desconhecido dos antigos, assim a balança do poder, desde o extraordinario engrandecimento da casa d'Austria sob Carlos 5.<sup>o</sup> tem sido um dos pontos salientes no systema geral da politica europea e motivo para o derramamento de rios de sangue. Milhares, para não dizer milhões de creaturas humanas tem sido sacrificadas ao phantasma e mesmo alguns dos principaes poderes, parecem ter pouca influencia no systema politico; até hoje a Gran Bretanha, a França, a Austria e a Russia são as unicas que pezam na balança politica e que decidem da sorte do mundo, até que os dous imperios americanos adquirão no novo mundo aquella ascendencia que os outros poderes possuem no velho.

Como sejam aquelles os traços mais robustos no quadro politico do globo, assim o progresso rapido da civilisação e suas appendices constitue uma feição distincta no quadro da moderna sociedade. Vimos já como uma serie complicada de causas tem operado, atravez uma longa successão de idades, para o adiantamento ou retardamento da civilisação e melhoramento da especie humana. O poder da liberdade, o adiantamento dos conhecimentos, a descoberta ou melhoramento das artes, sciencias, e manufacturas, a extensão do commercio, a descoberta da America, e a importação de riquezas d'aquelle ponto do globo constitue um conjuncto de causas que, por operações reciprocas e combinadas, produziram a civilisação da moderna Europa.

Uma visivel e necessaria consequencia d'esta civilisação geral é a diffusão da riqueza e consequentemente do luxo entre o povo. A prevalencia do luxo entre todas as classes da Europa dos nossos dias, forneceu amplo motivo de discussão apra reformistas, moralistas e semi-politicos. Não é porem em

realidade mais que a necessaria consequencia do progresso da civilisação e a aq̃uisição de meios, em cooperação com aquelle principio universal da natureza humana que leva o homem a gozar aquillo que possui. Aquelles declamadores recordam-nos que o luxo causou a quẽda dos maiores imperios da antiguidade, e d'ahi querem inferir que os seus effeitos devem ser os mesmos sobre todas as nações da moderna Europa; mas não parece que fosse o luxo do povo, mas sim aquelle d'uma corte afeminada, que occasionou ou pelo menos apressou a quẽda das monarchias de Babylonia, Persia e d'outras nações. Aquelle luxo que se diffunde por um paiz todo, que se estende a todas as classes da sociedade, não tem aquella fatal tendencia, ao contrario, é o principal sustento do commercio e das manufacturas, e o grande estimulo da industria nacional e individual.

Ha igualmente uma outra differença essencial entre os governos e os systemas politicos dos antigos e dos modernos; os primeiros, pela maior parte, devem a sua opulencia como tambem o seu engrandecimento ás suas conquistas, e quando o entusiasmo militar, a que deviam a sua grandeza, se apagava, cahiam victimas do primeiro invasor barbaro. As nações da moderna Europa pelo contrario, devem a sua riqueza e a maior parte dos seus melhoramentos ao commercio; e se o luxo produz a degeneração d'um povo, cuja indole é inteiramente militar, elle excita a industria e acorda os brios n'uma nação commercial. Não é por tanto o luxo, mas sim o abandono e a indolencia que são prejudiciaes aos estados. O luxo e o esplendor d'uma corte não são incompativeis com os negocios publicos; nem o luxo individual destoa da administração particular. Os gritadores populares contra os vicios politicos e moraes da actualidade farião bem em considerar que, como o luxo não pode bem ser definido como outra cousa que não seja uma despeza extravagante, demasiadamente pesada para aquelle sobre quem recae a imputação, não é facil de terminar o que é luxo em differentes situações da vida; porque o que é luxo em um, em outro é muito apenas uma commodidade. O luxo começa sempre onde a commodidade acaba, mas a dif-

ficuldade está em lhe fixar a linha da demarcação.

Depois de contemplar o estado d'aquella parte do systema moral de que temos mais conhecimento e em que somos mais interessados, se extendermos as nossas observações mais longe e olharinos a natureza humana sob um ponto de vista mais largo, influenciada como ella é e modificada por systemas politicos e religiosos, theorias intellectuaes e habitos sociaes, com quanto vemos o christianismo de dia para dia adquirir diariamente mais aurea, em rasão do vasto imperio de Colombo, e poder sempre crescente da republica da America do Norte, como tambem pelo engrandecimento do imperio Russo, que se estende sobre todas as regiões do norte da Azia, como tambem pelas colonias da Gran-Bretanha e seus missionarios nas nações europeas; mesmo assim vemos a maior parte da Azia e quasi toda a Africa sob o poder do despotismo e influencia da superstição. Todas as regiões septentrionaes da Africa, o Egypto, a Arabia, os dominios turcos, a Persia, uma grande parte da India e a Tartaria, professam a religião Mahometana, em quanto que uma parte ainda maior dos indios e tartaros adhere á religião das Bhramanes e a da Lama do Thibet. Os habitantes dos vastos e populosos paizes da China, do Japão, da Turquia e da Cochim China seguem os varios systemas de Foe e de Confucio, ou então os de Thibet; e cada um d'estes systemas, estabelecidos n'estas nações do Oriente, se ramificam e se subdividem.

Os grandes paizes de Sião, Pegu, Ava etc. sitos ao nascente da bahia de Bengalla tem systemas propriamente seus, igualmente absurdos; e o vasto interior d'África e suas partes meridionaes á excepção do imperio da Abyssinia, aonde a religião compõe-se d'um mixto de judaismo e christianismo, e talvez d'algumas idéas mahometanas, estão immersas n'un barbarismo profundo. Pouco se sabe dos systemas politicos e religiosos estabelecidos em muitos dos paizes já mencionados. Pouco frequentados por viajantes intelligentes, a historia não nos offerece informações algumas sobre a origem e forma d'essas diferentes instituições. Sabe-se, porem, o suficiente

para se ver que depois d'uma longa serie de periodos, a humanidade sahio, ainda que vagarosamente, da ignorancia e do barbarismo; e que a radiante illuminação do christianismo, por em quanto, esclarece muito apenas uma pequena parte da raça humana.

Entre as numerosas questões historicas e moraes que se podem apresentar e que é impossivel resolver, podiamos perguntar porque é que existe tamanha differença entre os melhoramentos intellectuaes de differentes nações, e porque as artes e as sciencias, a litteratura e a civilisação, tem feito tanto progresso em alguns paizes, quando em outros estão ainda no berço. Os mais notaveis elos d'aquella grande cadeia de causas e effeitos que produziram esta distincção entre as nações, antigas e modernas, de cuja historia temos conhecimento, são até certo ponto visiveis. As circumstancias que deram origem ao nascimento, progresso e declinação das artes e sciencias e dos conhecimentos litterarios na Babylonia e no Egypto, como tambem entre os gregos e romanos, e o seu apparecimento entre os modernos europeus sobresaem sufficientemente d'entre a turba d'occorrencias moraes que enchem as paginas da historia, e pelos effeitos que hão produzido, tornam variadissimo o colorido do inconstante quadro da existencia humana. Da historia de muitas outras nações, contudo, nada sabemos absolutamente; mas algumas, segundo parece, não passaram nunca das artes necessarias; em algumas vemos que se attendeu só ao que era de pura conveniencia, em outras certo grau de luxo, mas com pequenos melhoramentos intellectuaes. Algumas nações, como por exemplo, os hindooes e os chinas, fizeram segundo se vê consideravel progresso no campo das sciencias e artes e no embellezamento da vida civilisada em remota epocha. E' fora de duvida que estas nações orientaes haviam feito não pequeno adiantamento n'aquellas cousas, antes mesmo que se descobrissem signaes de civilisação nas nações mais cultas da moderna Europa, e provavelmente antes que os proprios romanos e gregos tivessem feito progresso nos differentes conhecimentos; contudo nun-

ca os melhoramentos scientificos ou litterarios foram levados a tão alto grau entre as nações orientaes como entre os gregos e romanos e os modernos europeus ; pelo contrario, parecem ter ficado estacionarios n'aquelles paizes. A declinação da litteratura dos hindoos n'estes ultimos tempos, pode-se attribuir facilmente á circumstancia da subversão do seu poder e importancia politica, e á sua sujeição ao jugo dos invasores tartaros que estabeleceram a religião mahometana e o imperio Mogol da India e tornaram aquelle celebre paiz o theatro de revoluções e de crimes. E' difficil, porem, achar uma rasão satisfactoria para que o chinás depois de haver, em remotas epochas, feito progresso na sciencia e na litteratura superior á maior parte das nações occidentaes, parassem de todo nos melhoramentos começados, sem nada adiantarem no decurso de tantos seculos. E' um tanto difficil explicar este phenomeno ; se estivessemos mais ao facto da historia antiga e moderna d'aquelle povo, a difficuldade desappareceria, ou se aplanava. Os chinás, segundo os annaes d'aquella nação, escriptos pelos seus proprios historiadores, estiveram sempre menos expostos ás invasões estrangeiras, menos perseguidos por guerras de fora e menos agitados por commoções internas do que outra qualquer nação: em tão longo periodo d'existencia politica outra alguma passou portão poucas revoluções; porque a conquista tartara, uma das mais importantes revoluções porque atravessou a China, não foi mais que a transferencia da soberania d'uma familia para outra, e pouca ou nenhuma alteração produzio nas instituições nacionaes e na indole do povo, por isso que foram os tartaros que se cingiram a todos os respeitos, até mesmo no vestuario, aos costumes chinás no que deram provas d'um grande tacto politico.

Este golpe de vista sobre a historia da China traçado em vista das narrações de seus proprios escriptores, parece, considerando as circumstancias locais d'aquelle paiz, uma justa apreciação.

A China, em periodo distante, repleta d'habitantes e orga-

nisada com um systema politico regular, foi decididamente o imperio mais populoso e poderoso da Azia oriental. Separada por immensos desertos dos paizes occidentaes pouco tinha a receiar um ataque por aquelle lado. As nações do sul ou do su-oeste eram muito inferiores em forças e estavam na maior parte sob o poder, ou ao menos sob a influencia, do imperio chinéz. Pelo nascente confina com o mar, e por consequencia a fronteira do norte era o unico ponto vulneravel e d'onde a China podia temer-se d'uma invasão inimiga. Esta fronteira fora fortificada com aquella celebre muralha tão fallada, e que com quanto seja um monumento da industria da nação çineza não foi sufficiente para resistir aos assaltos dos tartaros, unico inimigo que o imperio podia receiar. A invasão e conquista d'aquelle paiz, pelos successores de Zinghis Khan, foi comtudo de natureza esteril e não parecê que produzisse uma revolução consideravel na indole, habitos, e geral estado do povo; e a ultima conquista tartara, como já se disse, não foi mais productiva que a primeira. Em tal estado de segurança local e estabilidade politica, reunindo as vantagens d'um sólo fertil e clima benigno, é para admirar que os chinas, tendo na antiguidade desenvolvido a actividade de sua indole nacional no progresso das artes, sciencias e philosophia como outra qualquer nação do seu tempo, tivesse chegado ao *ne plus ultra* das suas conquistas scientificas e litterarias, e que permanecessem até hoje no mesmo estado em que estavam ha seculos. As causas pois só as poderemos attribuir a um apego invencivel a systemas estabelecidos, usos e costumes que extingue o espirito d'investigação e o desejo de melhorar o seu estado. O Creador, preenchendo a immensidade do seu plano, povoou o globo de differentes ordens de seres, desde o homem, até ao ultimo insecto, e na sua infinita sabedoria, julgou melhor estabelecer uma differença de forças intellectuaes entre as diversas nações; mas nós que vemos a natureza humana modificada e influenciada por mil diversas circumstancias, não podemos comprehender a razão nem conceber em que grau podem as circumstancias

physisas operar sobre as faculdades mentaes dos habitantes de differentes climas.

Contemplando e comparando o estado presente e antigo da Italia e da Grecia, como tambem de todas as nações da moderna Europa, e reflexionando sobre a declinação da litteratura grega e do valor romano, como tambem do extraordinario progresso das, outr'ora nações barbaras da Europa, em todas as especies de melhoramentos intellectuaes, parecerá que as faculdades do homem são mais poderosamente influenciadas e o seu progresso na sciencia mais decididamente fixado por circumstancias physisas. Em respeito á força corporea e constituição, as causas physisas tem provavelmente uma influencia poderosa. Os habitantes dos paizes meridionaes são geralmente descriptos como inferiores em força e coragem áquelles dos paizes do norte; mas não obstante esta supposição, temos d'admittir um grande numero d'excepções; provavelmente na generalidade assim não aconteça, e estamos longe de poder dizer que os povos d'África e algumas partes da Azia meridional sejam inferiores a esse respeito aos europeus e aos aziaticos do norte. E' comtudo certo que os climas quentes abrandam as molas de vitalidade e tornam os habitantes menos dados a exercicios violentos tanto do corpo como do espirito.

A riqueza e a abundancia, filhas geralmente do sólo fertil e clima benigno das regiões do sul na supposição d'alguns dão aos seus naturaes esse amor pelo luxo, mas isto é um erro.

As nações do sul não vivem mais luxuosamente do que as do norte; o seu luxo, comtudo, é de differente natureza com um sainete de molleza e indolencia, dando margem a suppôr que por este motivo tem ellas sido tão frequentemente vencidas pelas do norte. Convem notar que as maiores imegrações da raça humana se tem feito do norte para o sul e que os povos d'estas regiões tem sido geralmente victimas dos seus conquistadores do norte; emquanto que o povo dos paizes mais quentes não tem nunca levado as suas conquistas muito para o norte. Nem os babilonios, nem os persas,

nem os serracenos, os mais meridionaes de todas as grandes nações victoriosas, penetraram nunca muito norte; mas devemos ter em vista que nada os induzia a levar as suas armas para aquellas regiões. As nações septentrionaes tinham muitas e fortes razões para immigrarem e procurar conquistas e riquezas nos paizes fertéis, risonhos e opulentos do sul; mas o povo d'estes paizes não experimentavam tentações que os induzissem a invadir as charnecas e pantanos das regiões frias: e esta é provavelmente a razão porque os povos do norte não eram conquistados pelos do sul e que poderá ter operado muito mais poderosamente a esse respeito do que a supposta inferioridade de força e coragem, e outras qualidades bellicas, dos differentes povos.

Se podessemos ver claramente toda a variedade de circumstancias que tem, durante successivas idades, mudado e determinado as condições das nações, encontraríamos talvez uma serie de causas moraes formando uma infinidade de combinações e operando uma diversidade infinita d'influencias, que tem determinado o grau de perfeição intellectual a que podem chegar, como tambem da posição que devem occupar na escala politica e que nenhuma differença physica essencial existe entre as differentes nações.

Lançando uma vista retrospectiva sobre as revoluções das idades passadas e contemplando a variada scena da existencia humana, surprehende-nos a maravilhosa exposição, e não podemos deixar de reflectir seriamente sobre a instabilidade das cousas do mundo. Quando se pensa na queda d'imperios e de conquistadores, na extincção de suas familias e na inefficacidade de seus projectos e feitos vê-se de quão curta duração é a ambição humana. Os reis, os heroes, e os conquistadores da antiguidade não existem já, e os seus nomes não são mais que uma palavra vã sem sentido. A sua posteridade ou se extinguiu, ou os seus descendentes confundem-se com as massas sem distincção. Muitos descendentes em linha recta dos mais celebres personagens da antiguidade encontram-se entre os pobres trabalhadores e artistas dos nossos dias, e em

quanto os seus progenitores dominaram a humanidade, os antecessores dos principes, os philosophos e os litteratos do moderno mundo levaram uma vida nomada e selvagem nos immensos escampados da Dinamarca, Norwuega, Suecia, Russia, Polonia e Allemanha, paizes que estavam n'um estado de barbarismo quando a Grecia e Roma estavam florescentes nas artes e nas armas, e no apogeo da sua gloria. Tão completamente revirado tem sido todo o poder humano, que um dos mais celebres escriptores do seculo passado diz, que se não encontra uma só familia, quer em Roma, quer em parte alguma da Italia, que com certeza possa provar a sua descendencia dos antigos romanos. Taes são as vicissitudes d'esta mutabilidade que apresenta o mundo moral.

O philosopho que lançar um golpe de vista sobre o passado da humanidade e que contemplar com reflexão, o complicado e interessante drama da sua existencia, no decurso das suas successivas e variadas scenas, desde as mais remotas datas historicas até aos nossos dias, notará sem difficuldade que circumstancias imperiosas regem os destinos das nações e dos individuos; que varias combinações de causas moraes e physicas, incalculavelmente numerosas, e extremamente complexas, determinam a condição politica, religiosa, intellectual e social da humanidade; que tudo concorre para o complemento d'um vasto e mysterioso plano; e que a historia dos negocios humanos e a historia da Divina Providencia, são essencialmente uma e a mesma.

Estas observações e reflexões sobre a historia da nossa especie são-vos offerecidas a vosso proprio pedido; e sem duvida reflectireis sobre as vicissitudes das cousas do mundo. Por muito elevada que seja a posição de qualquer individuo, por muito larga e notavel a sua esphera d'acção, a sua duração é extremamente curta. O decurso d'alguns annos põe termo a todas as distincções, trazendo ao mesmo nivel o grande e o pequeno, o rico e o pobre, o vencedor e o vencido. Deverieis vir por tanto a esta conclusão, que, como n'uma representação dramatica, pouco importa desempenhar

o papel de príncipe ou de servo, uma vez que, acabada a representação, fiquem todos iguaes. Do mesmo modo deve ser objecto de nenhuma importancia o papel que somos chamados a fazer no drama da vida, sendo a grande questão desempenhar bem a parte que nos foi distribuida.

FIM

---



## ORDEN DOS ASSUMPTOS

### CARTA PRIMEIRA

A curiosidade é inherente ao homem; importancia em lhe dar um curso regular. Necessidade da leitura e da conversação para adquirir conhecimentos. Diferença entre a poesia, romance, e historia; preferencia devida a esta ultima. Observações geraes sobre a natureza e aproveitamento da historia. Negligencia dos historiadores antigos, relativamente ás mais importantes materias. Progresso das artes, sciencias, litteratura e commercio etc. (1 a 6)

### CARTA SEGUNDA

Se o estudo de historia deixa impressões tendentes a inspirar um ardor guerreiro. As razões porque muitas vezes póde produzir aquelles effeitos sobre animos juvenis. (7 a 12)

### CARTA TERCEIRA

A vantagem de conhecimentos historicos para exterminar prejuizos mesquinhos e menos liberaes, pela exposição da influencia de systemas, e opiniões abraçadas. (12 a 14)

### CARTA QUARTA

Innumeraveis vantagens que resultam do estudo da historia; difficuldade em descriminar entre a verdade e a ficção; os meios a empregar para aquelle fim. Observações sobre os escriptos historicos dos gregos e romanos. Observações sobre

a historia ecclesiastica; circumstancias que se devem ter em conta na estimação da probabilidade de factos e authenticidade geral d'informações historicas. (14 a 18)

### CARTA QUINTA

Necessidade de conhecimentos de geographia e de chronologia na leitura d' historia ; erros geograficos mais facilmente emendados do que enganos historicos e más interpretações. Attenção á geographia e chronologia muito conducente á retentiva bem como á perfeita comprehensão das informações historicas. (19 a 22)

### CARTA SEXTA

Os conhecimentos de historia e geographia essenciaes n'uma educação liberal.—A reminiscencia dos detalhes minuciosos da historia, nem possivel nem necessaria; basta que uma perspectiva geral de historia se estampe no entendimento; grandes traços, factos notaveis e acontecimentos importantes de facil retenção. (22 a 23)

### CARTA SETIMA

Uma noção geral da historia do genero humano—primeiras idades; periodo fixado para datar o começo da historia profana. Revista geral da Escriptura Sagrada; conjecturas philosophicas sobre a criação; descripção mosaica da criação em perfeita harmonia com os principios conhecidos da philosophia natural; conformidade dos seis dias de trabalho na criação, segundo a exposição de Moizes, com aquelles principios, concisamente examinados e explicados. Os livros da Escriptura Sagrada considerados distinctamente; breves erros accidentaes na historia sacra não destroem a sua authenticidade geral e não colhem argumento solido contra a Divina Authoridade da religião christã. (23 a 30)

## CARTA OITAVA

Revista da historia sagrada continuada, e observações es-  
peciaes sobre a familia de Nabocodonozor. (31 a 38)

## CARTA NONA

Exame geral do genero humano durante o periodo que  
abrange a historia sagrada; estado da instrucção e commer-  
cio entre os Indios, Egypcios, Tyrios etc. Observações ge-  
raes sobre Egypcios e Babylonios; origem do Zabaismo ou  
adoração na Babylonia dos corpos celestes; origem da astro-  
logia na Babylonia; futilidade infundada d'aquella sciencia ;  
analogia com as idéas dos babylonios e menos conformida-  
de com a philosophia natural; sua extensa propagação e conti-  
nuada influencia sobre o espirito humano. Degeneração do  
Zabaismo em idolatria, obscuridade da historia dos assyrios  
e babylonios. Varias conjecturas sobre o espirito nacional dos  
babylonios. Descripção do observatorio e torre de Belus. Des-  
cripção de Babylonia. Vantagens provenientes do plano vas-  
to e rural de Babylonia. De\_eneração dos babylonios depois  
da morte de Nabocodonozor. Conquista de Babylonia por Cy-  
ro. Aspecto geral do mundo no tempo do imperio babyloni-  
co. Fundação de Roma. Estado primitivo de Roma. (38 a 60)

## CARTA DECIMA

Estado da monarchia persa. Invasão da Grecia por Dario  
Hytaspe; por Xerxes; retirada de Xerxes; derrota de Mar-  
donio em Platea. Subsequentes acontecimentos na Grecia e  
Persia; devoção e caracter de Philippe, rei de Macedonia, seus  
preparativos para a guerra da Persia, sua morte tragica.  
Observações sobre o aspecto geral e importancia das guerras  
entre os gregos e persas; caracter politico e militar d'Alexan-  
dre; dispõe-se para a guerra; fundação d'Alexandria; sua mor-  
te em Babylonia;—Observações geraes sobre o progresso das

artes, sciencias, litteratura etc. entre os persas, egypcios, hebraicos e gregos durante o periodo que decorre entre a conquista de Babylonia por Cyro e do imperio da Persia por Alexandre, estado de Roma durante aquelle tempo. Estado selvagem da Europa n'aquellas idades, reflexões geraes sobre a vicissitude dos acontecimentos e os admiraveis designios da Providencia. (60 a 77)

### CARTA UNDECIMA.

As consequencias da morte d'Alexandre; dissensões e tragica sorte dos generaes da Macedonia; efeitos da conquista da Persia considerados. Estabelecimento do reinado grego do Egypto por Ptolomeo Lagos; Alexandria feita capital; fundação da livraria Alexandrina por Ptolomeo Philadelpho; traducção da historia sagrada por sua ordem. Negocios dós Hebreus; fundação do reino Asmoneano pelos judeos; destruição d'aquella monarchia pelos romanos; seu restabelecimento na familia de Herodes o Grande; redução final da Judea a provincia romana. Gradual mas vagaroso adiantamento do poder romano; pequena extensão do territorio romano; costumes dos primeiros romanos; analyse do com portamento de Hanibal deixando de sitiar Roma em seguida á batalha de Cannas; rapido engrandecimento de Roma depois da conquista de Carthago; suas commoções internas provenientes dos partidos oppostos de patricios e plebeos, que acabaram com a extincção do systema republicano do seu governo. Fundação do governo imperial de Roma; aspecto geral d'aquelle imperio; estado deploravel de Roma sob o systema republicano; exame do que individamente se chamava liberdade romana; estado geral da sociedade entre os romanos; se Roma foi em algum tempo mais opulenta do que no reinado d'Augusto; progresso da sciencia e litteratura entre os romanos durante o governo republicano. Introducção do luxo aziatico em Roma. Considerações sobre os poderosos efeitos da eloquencia antiga e a causa da sua força no estimulo das paixões; estado da

escravatura entre os antigos, especialmente os romanos; causas da sua existencia e progressivo melhoramento d'aquella infeliz condição; causas d'aquelle melhoramento. Reflexões sobre a deshumanidade dos romanos para com os seus prisioneiros de guerra; estado do espirito humano em relação a idéas religiosas, antes da promulgação do christianismo; systema dos philosophos; opiuições populares dos philosophos sobre divindades intermediarias e subordinadas; uma futura vida; origem de Polytheismo, mythologia dos gregos e romanos; origem da idolatria; promulgação do christianismo; rasões da sua rejeição pelos indios; seu progresso entre os gentios; provas da sua authoridade divina dadas aos gentios d'aquelle tempo e idades posteriores na destruição total da cidade e templo de Jerusalem e final dispersão dos judeos. (68 a 120).

### CARTA DUODECIMA

Golpe de vista sobre o imperio romano; summario das occorrenças mais notaveis durante o governo imperial; seu systema politico mais pacifico que o do governo republicano; vantagens d'uma monarchia vasta; os seus subditos mais felizes do que os dos pequenos estados. O governo monarchico preferivel ao governo republicano; os romanos mais felizes sob o primeiro que o segundo. Invasão dos Quadi, Allemães e Godos no imperio; infausto reinado de Galliano; os barbaros rechassados e o imperio restituído ao seu antigo esplendor por Claudío, Probo, Aureliano etc. Divisão do imperio por Diocleciano, Maximiniano etc.; plano d'aquella divisão; elevação de Constantino á soberania indivisa. Revista da constituição romana sob o governo imperial; systema militar dos imperadores; soldo e privilegios dos soldados das legiões; creação do famoso corpo de guardas Pretorianas, seu soldo etc. numero e abolição final. Augmento do luxo e embellezamento da cidade de Roma no tempo dos imperadores; vestuario, divertimentos etc. dos romanos, declinação da litteratura romana durante aquelle periodo; melhoramento da con-

dição dos escravos sob o governo imperial.—Perseguição dos christãos no tempo dos imperios; investigação das causas reaes d'estas perseguições; desculpa dos imperadores; cessa a perseguição com a elevação de Constantino ao poder. (122 a 141)

### CARTA DECIMA TERCEIRA

O reinado de Constantino constitue um periodo importante e interessantissimo na historia do mundo; sua influencia nas idades posteriores; vista geral das occurrencias politicas e militares d'este reinado.—Investigação dos motivos que levaram Constantino a abraçar e estabelecer a religião christã; fundamento das suspeitas de Gibbon, examinado; analyse critica da authenticidade da visão de Constantino. (141 a 150)

### CARTA DECIMA QUARTA

Estado da religião no reinado de Constantino, origem da differença d'opinões entre os christãos.—Concilio de Nicea; perseguição dos arianos.—Construção de Constantinopla e remoção da séde do imperio; rasões d'esta mudança; situação de Constantinopla muito preferivel á de Roma; varias observações sobre a situação de Constantinopla em relação ás suas vantagens e desvantagens commerciaes; consequencias da remoção da residencia imperial examinadas; aquellas consequencias mal representadas por historiadores; infelicidade domestica de Constantino; reflexões sobre a infelicidade domestica de muitos que tem gosado de prosperidade na carreira publica. (150 a 163)

### CARTA DECIMA QUINTA

Inquerição critica do estado d'antiga Roma em relação á sua area, opulencia e população, numero de habitantes de Roma no reinado de Theodozio; observações sobre uma nota n'um tratado popular de geographia, comparação de

Babylonia, Roma e Londres em relação á sua area e população, Londres uma cidade commercial—Roma não commercial; observaões sobre a estimação da população de Constantinopla, Cairo, Pekin, Moskow e San Petersburgo como nos dão os nossos livros de geographia. (163 a 169)

### CARTA DECIMA SEXTA

Estado politico do imperio romano desde a morte de Constantino até á sua final subversão pelas nações do Norte; observaões sobre a morte de Juliano; admissão dos Godos no imperio por Valens; consequencias d'este passo; derrota e tragica morte de Valens; reinado de Theodozio; final divisão do imperio, consequencias d'aquella divisão: invasão das nações septentrionaes; saque de Roma por Alarico; reinado sanguinario d'Alarico; subversão total do imperio do Occidente; investigações das suas causas; estado das nações do norte meios pelos quaes a vasta população de nações civilizadas se sustenta; mostra-se como esses meios são carentes nos povos barbaros; conjecturas sobre o estado geral do imperio e da cidade imperial anterior á sua quéda. (169 a 182)

### CARTA DECIMA SETIMA

Estado da religião depois da morte de Constantino; o arianismo triumphou em Constantinopla e na maior parte do Oriente até ao reinado de Theodozio; concilio geral de Constantinopla; Gregerio Nazianzeno; João Chrysostomo; supressão no arianismo no imperio romano; abolição total do paganismo por Theodozio; o arianismo é a religião dos godos n'aquelle tempo; divizão do orbe christão em duas grandes seitas, orthodoxas e arianas.—Origem das instituições monasticas; suas vantagens e desvantagens consideradas sob o ponto de vista religioso e politico; probabilidade da sua próxima abolição em todos os paizes. Bellos effeitos das mesmas nas idades gothicas. (182 a 189)

## CARTA DECIMA OUTAVA

Estado da Europa depois da destruição do imperio; origem da monarchia franceza; estabelecem-se os saxonios na Bretanha; reino gothico da Italia; conquista da Italia por Belizario e Narses; reinado de Justiniano; sua prosperidade e caracter; comparação da sua fortuna com a de muitos outros dos mais florescentes príncipes; caracter de Belizario e de Narses; estado do imperio do oriente no tempo de Justiniano.—Introdução da seda na Europa vinda do Oriente.—Estado do imperio do Oriente depois da morte de Justiniano; guerra destruidora entre aquelle imperio e a Persia; factos notaveis d'aquella guerra —aspecto geral do reinado n'aquelle periodo.—Origem do mahometanismo; politica de Mahomet; plano e principios do seu systema; successos extraordinarios de Mahomet e dos seus successores em consequencia d'estarem exhaustos e debilitados os dous imperios de Constantino-*pla* e Persia pelos esforços mutuoz empregados um contra o outro; observações sobre a destruição da *bybliotheca* d'*Alexandria*; conquista dos califas mahometanos; seus feitos militares mais espantosos que os d'*Alexandre*; investigação das causas a que se devem attribuir; systema politico do imperio dos califas; varias conjecturas sobre o estabelecimento dos arabes na peninsula da India e Ilhas Orientaes. (190 a 213)

## CARTA DECIMA NONA

Desenho do genio e habitos dos arabes e sarracenos; progresso da sciencia e litteratura sob os califas; notavel differença entre a sua litteratura e estudos scientificos e aquelles dos gregos e romanos; commercio n'aquellas idades; aspecto geral do mundo; da Europa; do imperio do Oriente; do califado; guerras entre estes ultimos; invenção do fogo grego; seus effeitos; estado da egreja christã; conversão das nações arianas; introdução das imagens nas egrejas; causas a que se deve attribuir; suas consequencias; rompimento entre as egrejas grega e latina por este motivo; segundo concilio de

Constantinopla; vista da Europa durante aquelle periodo; elevação de Pepino e Carlos Magno; fundação do imperio germanico; esforços de Carlos Magno em favor da restauração da litteratura.—Desmembramento do imperio de Carlos Magno; rapido desenvolvimento do systema feudal; observações sobre este systema; origem da constituição germanica; desmembramento do califado; estado do imperio do Oriente; origem e frequencia das romarias a Jeruzalem. (213 a 227)

### CARTA VIGESIMA

Origem das cruzadas; revista d'aquellas guerras religiosas; conquista de Jeruzalem; fundação e quéda do imperio christão de Jeruzalem; tomada de Constantinopla e arrazamento d'aquelle imperio pelas cruzadas francezas e venezianas; immensa preza; fundação do imperio latino de Constantinopla e do imperio grego da Nicea; recuperação de Constantinopla pelos gregos e quéda do imperio latino; effeitos das cruzadas; progressiva abolição do systema feudal; observações geraes; poderio da egreja e da sé papal; animosidade entre a egreja latina e grega; diligencias para a sua reconciliação; investigação das causas d'aquella animosidade; grande scisma na egreja latina; procura-se saber a causa extraordinaria da elevação da egreja e do poder do papa; estado da Europa depois das cruzadas; estado do imperio do Oriente e da litteratura bysantina; primeiras noticias historicas do imperio russo; renascimento da litteratura e das artes na Europa; estado da cidade de Constantinopla, de Londres e d'outras capitães europeas; palacio imperial de Constantinopla; conquistas dos tartaros sob Gengis Khan e seus successores sob Tamerlan; decahimento do imperio de Constantinopla; tomada d'aquella cidade pelos turcos; effeitos da tomada de Constantinopla; sobre a litteratura europeas; introdução da lingua grega na Europa. (227 a 247)

### CARTA VIGESIMA PRIMEIRA

Progresso rapido da litteratura e artes na Europa; inven-

ção da imprensa; incalculaveis beneficios d'aquella descoberta; rapidos melhoramentos no commercio; viagens de descobrimento pelos Portuguezes; descobrimento da passagem para a India pelos Portuguezes; estado do commercio da India anterior áquelle acontecimento; descobrimento d'America; conquista do Mexico e Perú pelos hespanhões; observações geraes; origem da escravatura; effeitos salutaes do estabelecimento do christianismo sobre o systema d'escravatura entre os romanos; desapparecimento progressivo nas condições da escravatura negra, probabilidade do seu futuro acabamento; observações sobre a revolta de San Domingos. (247 a 269)

### CARTA VIGESIMA SEGUNDA

Consequencias importantes do descobrimento d'America; introdução de novos artigos de luxo; affluencia na Europa do ouro e prata da America e seus effeitos sobre o systema social e commercial; diminuto valor da propriedade europea anterior ao descobrimento do novo mundo; observações geraes sobre a circulação d'ouro e prata em differentes idades e paizes; investigação de varias questões curiosas e interessantes levantadas sobre este objecto. Effeitos dos descobrimentos d'America em relação á propagação do christianismo. Estabelecimentos feitos pelos portuguezes no Oriente sob o celebre general Albuquerque; vasto imperio commercial dos Portuguezes; sua elevação e queda; reforma de religião; suas causas, progresso e effeitos; as perseguições religiosas não se compadecem com a rasão e caridade christã; feliz dominio do espirito de liberdade religiosa. (269 a 285)

### CARTA VIGESIMA TERCEIRA

Progresso de melhoramentos geraes nos tempos modernos; observações sobre as consequencias da invenção da polvora; vista passageira sobre as transacções transcendentales nos modernos tempos; engrandecimento da casa d'Austria, sua depressão; revolta dos Paizes Baixos; fundação da republica de Batavia; armada hespanhola; engrandecimento da França

sob Luiz 14: civilisação e engrandecimento da Russia; revolta d'America; fundação da republica americana: observações sobre as consequencias remotas mas certas d'aquelle acontecimento; mudanças que forçosamente hão de produzir sobre os negocios do velho mundo; observações sobre o incremento rapido e extraordinario do commercio e poder naval da Gran Bretanha; sobre a revolução franceza e guerra que depois succedeu; esforços extraordinarios da França e Gran-Bretanha; differentes opinões e sua analyse sobre as vantagens d'aquella guerra; consequencias provaveis se a Gran-Bretanha se conserva neutral; posição difficil do gabinete britanico n'aquella conjunctura; inconsideração por parte d'aquelles que querem censurar as medidas dos seus superiores sem conhecimento de causa. Observações sobre a divida nacional e contribuições; a contribuição, objecto pouco comprehendido; os seus effeitos não são aquelles que geralmente se suppõe; exame da questão, até que ponto a divida nacional e pesadas contribuições tendem a empobrecer uma nação; effeitos reciprocos de riqueza nacional e contribuições pezadas entre si e sobre a sociedade; contribuições altas são consequencias necessaria de grande riqueza nacional; exemplificação do assumpto na comparação entre a Gran-Bretanha e a Russia; os subditos britannicos podem melhor pagar contribuições que os de qualquer outro paiz; influencia das contribuições sobre as manufacturas. Observações sobre as consequencias e tendencia da guerra; vantagens do systema tributario observações sobre a diffusão de opulencia e luxo nos tempos modernos; observações sobre a natureza e consequencias do que se chama luxo. Estado das nações d'Azia e Africa; investigação das causas porque algumas nações tem excedido outras em melhoramentos scientificos e litterarios e porque muitas se achão ainda no estado selvagem; observações especiaes acerca dos Indios e chinas concernentes a este importante ponto; inquerição geral se a differença que notamos no estado do espirito humano em differentes partes do mundo provem d'uma differença essencial nas especies.

7/11/62

AR 21939

mc mullin



Deacidified using the Bookkeeper process.  
Neutralizing agent: Magnesium Oxide  
Treatment Date: APR 2002

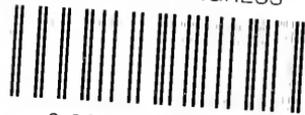
**Preservation Technologies**

**A WORLD LEADER IN PAPER PRESERVATION**

111 Thomson Park Drive  
Cranberry Township, PA 16066  
(724) 779-2111



LIBRARY OF CONGRESS



0 009 472 690 6